



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

ÉRICA CIBELLE DE SOUSA ARAÚJO

**“AQUI EM CAIANA TEM MUITAS PESSOAS NEGRAS E NA ÁFRICA TAMBÉM”:
A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA IDENTIDADE
DA CRIANÇA QUILOMBOLA DE CAIANA DOS CRIoulos-PB**

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

ÉRICA CIBELLE DE SOUSA ARAÚJO

**“AQUI EM CAIANA TEM MUITAS PESSOAS NEGRAS E NA ÁFRICA TAMBÉM”:
A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA IDENTIDADE
DA CRIANÇA QUILOMBOLA DE CAIANA DOS CRIoulos-PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, como parte das exigências para obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

Linha de Pesquisa: Ciências, Tecnologia e Formação Docente.

Orientadora: Dr^a Patrícia Cristina de Aragão.

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663a Araújo, Érica Cibelle de Sousa.

"Aqui em Caiana tem muitas pessoas negras e na África também" [manuscrito] : a representação da literatura afro-brasileira na identidade da criança quilombola de Caiana dos Crioulos - PB / Érica Cibelle de Sousa Araújo. - 2020.

348 p. : il. colorido.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Educação quilombola. 2. Identidade. 3. Representação da criança negra. 4. Literatura afro-brasileira. I. Título

21. ed. CDD 372.8

ÉRICA CIBELLE DE SOUSA ARAÚJO

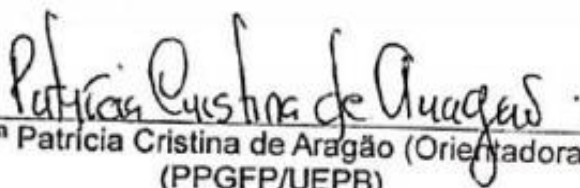
**"AQUI EM CAIANA TEM MUITAS PESSOAS NEGRAS E NA ÁFRICA
TAMBÉM": A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-
BRASILEIRA NA IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA DE
CAIANA DOS CRIoulos-PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Formação de Professores, da Universidade Estadual da
Paraíba, Campus I, como parte das exigências para obtenção
do grau de Mestre em Formação de Professores.

Linha de Pesquisa: Ciências, Tecnologia e Formação Docente.
Orientadora: Dr^a Patrícia Cristina de Aragão.

Aprovada em: 05 de Outubro 2020.

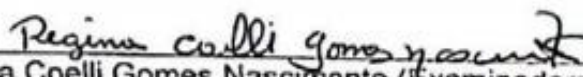
BANCA EXAMINADORA



Dr^a Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)
(PPGFP/UEPB)



Dr^a Robéria Nádia Araújo Nascimento (Examinadora interna)
(PPGFP/UEPB)



Dr^a Regina Coelli Gomes Nascimento (Examinadora externa)
(PPGH/UFCG)

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me dado forças para concluir, pois sem ele nada seria possível. A toda minha família: meus pais, irmãos, cunhadas, ao meu esposo, amigos e minha orientadora, que muito contribuíram para a realização deste trabalho e acreditaram em minha capacidade e competência.

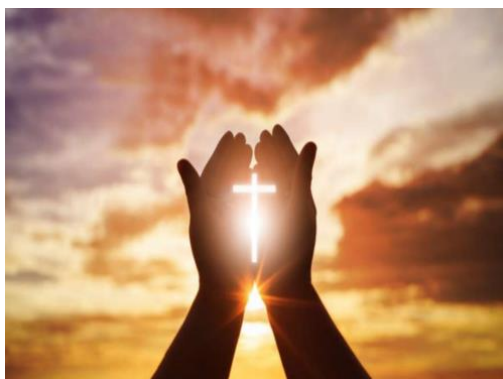
AGRADECIMENTOS

Durante toda minha trajetória acadêmica, sempre refleti até onde eu poderia ir com meus sonhos, diversos obstáculos foram surgindo, mas nenhum importante ao ponto de impedir a concretização dos meus ideais. Foram dias agitados, noites em claro e em cada uma delas ia construindo meus escritos, talvez o único momento o qual me sentia mais concentrada para escrever.

Foram diversas tentativas para chegar aonde estou, sete vezes ao total. Tudo isso em busca da concretude de ingressar em um mestrado em que pudesse desenvolver e pôr em prática todos os meus estudos e concepções. Confesso que não foi fácil, mas segui em frente. Hoje, Deus me deu forças para concluir mais esse capítulo do livro da minha história.

Por isso, neste momento tão especial e importante de minha vida, e com a realização deste sonho, o meu sentimento é de **GRATIDÃO**. A Deus, primeiramente, o maior orientador da minha vida. Ele nunca me abandonou nos momentos de necessidade e de bonança, sem a direção dada por Ele, a conclusão deste trabalho não seria possível. Foi a causa primordial de todas as coisas, por ter estado comigo em todos os momentos, dando-me força, coragem, serenidade e determinação. Foi Ele quem sempre presenciou minhas alegrias e lágrimas, fortaleceu-me a cada dia, a cada madrugada; a Ele, devo tudo que sou!

A toda minha família, meus pais, Erinaldo Onofre de Araújo e Elza de Sousa Silva Araújo. Vocês são minha base, devo-lhes quem sou, pois sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me ao longo de toda a minha trajetória. Aos meus irmãos, Erico Ricardo de Sousa Araújo, Eryck dos Santos Onofre, e, respectivamente, suas esposas Loraine Rhayssa Melo Silva Araújo e Rafaela Alves Barbosa Fernandes. Grata pela



irmandade, amizade e atenção dedicadas quando sempre precisei. Ao meu esposo, Roniery Agostinho da Silva, por todo amor, carinho, companheirismo, compreensão e paciência que teve comigo ao longo da minha trajetória e em todos os momentos.

Aos amigos que a vida me deu, em especial à Maria Elaine Almeida do Nascimento, além de amiga a tenho como irmã, agradeço pelo carinho, amizade e companheirismo de sempre, pelas palavras de apoio e incentivo. À outra pessoa que Deus colocou em meu caminho, Deise Cristina Gomes de Aquino, ex-diretora da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Enéas Cavalcante, na qual trabalho atualmente. Essa profissional que teve grande participação nessa trajetória. Grata pela compreensão e entendimento dos horários de trabalho, na conciliação dos meus estudos e, acima de tudo, pela amizade que construímos.



Aos amigos da turma 2018 que o Mestrado colocou em meu caminho. Foi através do laço de amizade criado que fomos seguindo em frente, ultrapassando todos os obstáculos encontrados durante o período do curso. Foram sentimentos e situações fantásticas que vivemos juntos, a união, o companheirismo, a sinceridade e a cumplicidade se fizeram presentes em todos nós. Poderia aqui citar alguns nomes, mas estaria sendo injusta, pois cada um de vocês contribuiu em minha vida de modo significativo. Contudo, levarei nas lembranças, em especial, Jaquicilene, Marcila, Marília, Tayse, Isabel, Lais, Leonilde e Neto.

Um agradecimento especial a duas pessoas da turma que se fizeram presentes em toda a trajetória do Mestrado. E também por termos em comum a mesma orientadora. Serão amigas que levarei para o resto da vida: Jaquicilene Ferreira da Silva Alves e Marcila de Almeida. Juntas, compartilhamos medos, angústias, alegrias, mas, principalmente, os sentimentos mais



sinceros que uma amizade pode oferecer, não deixamos em momento algum umas às outras, pois a cada momento difícil, fortalecíamos-nos através de palavras de incentivo, admiração, carinho, cumplicidade e companherismo.

Agradeço também a Danielle Ribeiro Soares, minha revisora textual altamente dedicada e competente, que não apenas acompanhou minha trajetória no Mestrado, mas também por ter tido toda paciência em receber meus materiais no momento em que mais tive dificuldade de concluir minha escrita, oferecendo seus conselhos, amizade e orientação, a quem confiei meu texto de olhos fechados.



Aos colaboradores da pesquisa da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva, em Caiana dos Crioulos, juntamente com a equipe de professores e funcionários; em especial, ao Gestor Escolar Irineu e Professor Diocélio pela abertura, aceitação, contribuições e confiança para poder realizar minha pesquisa na escola. Um agradecimento especial às crianças do 5º Ano, turma na qual desenvolvi o trabalho. Sem a excelente receptividade e participação de vocês, não conseguiria alcançar meus objetivos a partir das oficinas desenvolvidas.

Aproveito aqui para agradecer à ex-professora da escola e moradora da comunidade, Luciene, hoje também mestranda do Programa de Formação de Professores; pela grande ajuda com os materiais disponibilizados sobre Caiana dos Crioulos, nos aspectos do conhecimento da localidade, e por que dispôs de seu tempo para conversar sobre a escola, a fim de auxiliar em minha pesquisa.



A todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, em especial, aos professores: Patrícia Aragão, Fabíola Gonçalves, Antônio de Pádua, Roberto Faustino, Simone Dália, Robéria Nádia, João Bueno e André de Freitas, pela excelência da

qualidade técnica de cada um e por terem estado comprometidos com a nossa formação enquanto mestrandos. Um agradecimento especial à coordenação do PPGFP, por toda atenção e empenho de nos orientar e ajudar. A Bruno e Neide, bem como a Wellington da Xerox, proprietário de uma copiadora na UEPB, sempre fez mais que sua função, como todo carinho e comprometimento.

À Banca Examinadora, professoras: Dr^a Robéria Nádia Araújo Nascimento (Examinadora interna - PPGFP/UEPB) e Dr^a Regina Coelli Gomes Nascimento (Examinadora interna - PPGH/UFCG) pelas ricas e significativas contribuições com a pesquisa e pelos ensinamentos ao longo do desenvolvimento deste trabalho.



Além de todos aqui a que devo meus agradecimentos, há uma pessoa muito especial que deixei para falar por último, não por ter menos importância, jamais! Mas, sim, por ser uma pessoa abençoada e cheia de luz, a quem estimo, respeito e admiro e pelo fato de passarmos a ter um laço não apenas de orientanda e orientadora, mas também de amizade: Dr^a Patrícia Cristina de Aragão (PPGFP/UEPB). Agradeço não apenas por sempre me fazer pensar e questionar sobre o tema do meu trabalho, mas também pela sua dedicação e paciência durante o projeto; pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo, por sempre estar presente para indicar a direção correta que o trabalho deveria tomar e pela dedicação das inúmeras horas para sanar as minhas questões e me colocar na direção correta. Seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado final deste trabalho, assim como em minha vida.

Além do mais, sou grata pelos conselhos para a vida, por sempre me erguer nos momentos mais difíceis por que passei e pela compreensão nas vezes em que não atendia ao prazo por algum motivo pessoal.

São de professores humanos como você, Patrícia, que toda instituição precisa, para fazer a diferença positiva e significativa na educação, pois além de promover a aprendizagem diante dos conceitos e princípios técnicos, você ensina com amor e dedicação para a vida. Sou uma orientanda e pessoa de muita sorte, por isso agradeço ainda mais a Deus por ter colocado você em meu caminho.

Faltam-me adjetivos para descrevê-la! Por sua empatia e profissionalismo singular, aprendi que ser mestre não é apenas só mais um título, mas, sim, compreender e contribuir para uma educação diferenciada. Agradeço por sempre nos tratar de igual para igual, com suas palavras horizontais, referindo-se a nós como: “Colegas Docentes”, por ter confiado em mim e em meu trabalho e por termos andado de mãos dadas, sempre juntas.

A todos e todas que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação, meu respeito, carinho e admiração. Muito obrigada!



A Literatura Afro-brasileira é a arte de representar quem somos por meio das singularidades étnicas contidas em nós! (Érica Cibelle).

RESUMO

A utilização de textos literários em sala de aula proporciona o desenvolvimento da criatividade e raciocínio; colabora para a emancipação do sujeito, torna-o um cidadão consciente, reflexivo e amplia sua visão com relação a seu lugar no mundo. Esta pesquisa enfatiza a discussão sobre a identidade e a representação da criança negra na educação escolar quilombola a partir do uso da literatura afro-brasileira em sala de aula com uma turma de 5º ano. Como objetivo geral, investiga, no contexto da educação quilombola, como a criança negra e não-negra dos anos iniciais da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB, constrói sua representação identitária em relação ao seu pertencimento étnico, através dos textos literários afro-brasileiros. No aspecto metodológico, caracteriza-se como pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação em interface com a pesquisa bibliográfica e documental. Trabalha por meio da observação *in loco*, através de entrevista semiestruturada com professor da turma selecionada; questionário com alunos(as); desenvolvimento de oficinas literárias e um caderno pedagógico digital como produto educacional, contendo sugestões de atividades que servirão como aporte para o trabalho docente em escolas quilombolas que desejem abordar a questão da identidade étnica. Na perspectiva teórica, são abordados os conceitos de identidade em Hall (2004); de educação étnico-racial e quilombola sob os olhares de Silva (2007) e Gomes (2008); discussões de representação por meio de Chartier (1999); estudos sobre infância e literatura negra através de Munanga (1996), Santos (2008), Fernandes e Sousa (2016), entre outros. Utiliza também a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 e a Lei 10.639/2003, que versam sobre o assunto e problematizam as políticas educacionais que abordam a questão racial. Os resultados evidenciam que a construção da identidade quilombola da criança negra e não-negra ocorre por meio das representações que os textos literários afro-brasileiros proporcionaram, promovendo o despertar para um pensamento crítico e reflexivo perante as questões étnico raciais, bem como atitudes e valores que podem ser revistos por meio de ações educativas vivenciadas em coletividade, que levem as crianças a se reconhecerem em sua vida social, respeitando as diferenças, tornando visível a identidade negra da comunidade.

Palavras-chave: Educação Quilombola. Identidade. Representação. Literatura Afro-brasileira.

ABSTRACT

The use of literary texts in the classroom provides the development of creativity, reasoning, collaboration for the emancipation of an individual, helping them become conscious and reflective citizens in regards to their place in the world and with a broad view of it. This research emphasizes the discussion of the identity and representation of black children in quilombola school education, based on the use of Afro-Brazilian literature in a 5th grade classroom of elementary school, at Escola Firmo Santino in Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande - PB. The research investigated, within the quilombola education context, how black children and non-black children, at the previously- mentioned school, build their identity representation in relation to their ethnic belonging, through Afro-Brazilian literary texts, in a meaningful and pleasant way. Through a qualitative research of the action-research type in interface with the bibliographic and documentary research, we worked with on-site observation, using a semi-structured interview with the teacher of the selected class, a questionnaire with students from that same school. Literary workshops were developed and as an educational product a pedagogical notebook was made with suggestions for activities that can help teachers at quilombola schools in addressing ethnic identity. In the theoretical perspective, the concepts of identity are addressed in Hall (2004), ethnic-racial and quilombola education in Silva (2007) and Gomes (2008), the discussions of representation in Chartier (1999), studies on childhood and black literature, the discussion from Munanga (1996), Santos (2008), Fernandes; Sousa (2016), among others, as well as the Education Law (Lei de Diretrizes e Bases) 9394/96 and Law 10.639 / 2003 that deal with the subject, as well as the problematization of educational policies that address the racial issue. In the results, it is estimated that the construction of the identity of quilombola black and non-black children occurs through the representations that Afro-Brazilian literary texts will provide, which promotes the awakening to critical and reflective thinking in the face of racial ethnic issues, as well as attitudes and values that will be reviewed after their approach, through educational actions experienced collectively. Therefore, they start to recognize themselves in their social life, playing a unique role in this process, also proposing respect for differences and the visibility of the black identity of children in the community.

Keywords: Quilombola Education. Identity. Representation. Afro-Brazilian Literature.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM A INTRODUÇÃO	21
FIGURA 2 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE NEGRA	27
FIGURA 3 - ATIVIDADE DE UMA DAS CRIANÇAS	28
FIGURA 4 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O CAPÍTULO 1	37
FIGURA 5 - IDENTIFICAÇÃO DA COMUNIDADECAIANA DOS CRIoulos	40
FIGURA 6 - VISTA AÉREA DA ESTRADA QUE DÁ ACESSO À COMUNIDADE CAIANA DOS CRIoulos – ALAGOA GRANDE-PB	41
FIGURA 7- MAPA DO PERCURSO DA SAÍDA DE ALAGOA GRANDE	41
FIGURA 8 - MAPA DO PERCURSO DA SAÍDA DE ALAGOA GRANDE	42
FIGURA 9 - CASA DE FARINHA EM CAIANA DOS CRIoulos	42
FIGURA 10 - PAISAGEM NO PERÍODO DA SECA	43
FIGURA 11 - PAISAGEM NO PERÍODO DO INVERNO	43
FIGURA 12 - PRÉDIO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	44
FIGURA 13 - CRAS - CENTRO DE REFERÊNCIA	44
FIGURA 14 - CAPELA SANTA LUZIA.....	45
FIGURA 15 - RESTAURANTE RITA DE CHICÓ	45
FIGURA 16 - GRUPO CIRANDEIRAS DE CAIANA	46
FIGURA 17 - GRUPO COCO DE RODA.....	46
FIGURA 18 - ESCOLA FIRMO SANTINO DA SILVA, ALAGOA GRANDE - PB	47
FIGURA 19 - PLANTA/PROJETO DA ESTRUTURA DA ESCOLA F. S. DA SILVA	48
FIGURA 20 - ENTRADA DA ESCOLA COM VISTA PANORÂMICA PARA AS SALAS	48
FIGURA 21 - INTERIOR DE UMA DAS SALAS DE AULA.....	48
FIGURA 22 - POÇO ARTESIANO	49
FIGURA 23 - CISTERNA DE ABASTECIMENTO PARA AS TORNEIRAS	49
FIGURA 24 - COZINHA DA ESCOLA	49
FIGURA 25 - PÁTIO COBERTO DA ESCOLA	50
FIGURA 26 - ÁREA EXTERNA DAS SALAS.....	50
FIGURA 27 - MOMENTO DA PREPARAÇÃO DO SOLO	51
FIGURA 28 - PLANTIO DE MACAXEIRA E MILHO	51
FIGURA 29 - MAPA MERAMENTE ILUSTRATIVO DE CAIANA DOS CRIoulos....	53
FIGURA 30 - ATIVIDADE DE UMA DAS CRIANÇAS A RESPEITO DO MAPA DE SUA	

LOCALIZAÇÃO	53
FIGURA 31 - CAPA DO LIVRO O CABELO DE LELÊ	61
FIGURA 32- CAPA DO LIVRO MINHA MÃE É NEGRA SIM.....	61
FIGURA 33- CAPA DO LIVRO O MENINO MARROM	62
FIGURA 34 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O CAPÍTULO 2	63
FIGURA 35 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕE O TÓPICO 2.1	64
FIGURA 36 - IDEIA DE “QUILOMBO” FRIGORIFICADA E RESSEMANTIZADA	68
FIGURA 37 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O TÓPICO 2.2	74
FIGURA 38 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O CAPÍTULO 3.....	86
FIGURA 39 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O TÓPICO 3.1.....	87
FIGURA 40 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O TÓPICO 3.2	95
FIGURA 41 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O CAPÍTULO 4	110
FIGURA 42 – TRECHO DA PRODUÇÃO DE BINTOU.....	112
FIGURA 43 - UMA DAS ATIVIDADES DA OFICINA: DINÂMICA DO ESPELHO	115
FIGURA 44 - UMA DAS ATIVIDADES DA OFICINA: DINÂMICA DO ESPELHO	116
FIGURA 45 - TRECHO DA MÚSICA: ALMA NÃO TEM COR	116
FIGURA 46 - CAPA DO LIVRO: O CABELO DE LELÊ	118
FIGURA 47 - PÁGINA DO LIVRO O CABELO DE LELÊ	119
FIGURA 48 - PÁGINA DO LIVRO O CABELO DE LELÊ	120
FIGURA 49 - EXPOSIÇÃO EM DATASHOW DA OBRA O CABELO DE LELÊ	121
FIGURA 50 - MOMENTO DE UMAS DAS OBRAS O CABELO DE LELÊ	121
FIGURA 51 - TRECHO RETIRADO DA ATIVIDADE DE MENINO MARROM.....	122
FIGURA 52 - TRECHO RETIRADO DA ATIVIDADE DE OBAX.....	122
FIGURA 53 - TRECHO RETIRADO DA ATIVIDADE DE LELÊ	123
FIGURA 54 - ATIVIDADE DE MENINO MARROM	124
FIGURA 55 - ATIVIDADE DE LELÊ	124
FIGURA 56 - ATIVIDADE DE OBAX	125
FIGURA 57- ATIVIDADE DE MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA.....	125
FIGURA 58 - ATIVIDADE DE BINTOU.....	125
FIGURA 59 - MOMENTO DA CONSTRUÇÃO DO MAPA IMAGINÁRIO DA ÁFRICA	127
FIGURA 60 - MAPA IMAGINÁRIO DE YAKUBA.....	127
FIGURA 61 - MAPA IMAGINÁRIO DE MENINO MARROM.....	128
FIGURA 62 - MAPA IMAGINÁRIO DE YOMI.....	128

FIGURA 63 - MAPA IMAGINÁRIO DE BINTOU	128
FIGURA 64 - MAPA IMAGINÁRIO DE OBAX.....	129
FIGURA 65 – TRECHO DA PRODUÇÃO DE YAKUBA.....	130
FIGURA 66 - CAPA DO LIVRO: MINHA MÃE É NEGRA SIM!	131
FIGURA 67 - PÁGINA DO LIVRO: MINHA MÃE É NEGRA SIM!	132
FIGURA 68 - PÁGINA DO LIVRO: MINHA MÃE É NEGRA SIM!	132
FIGURA 69 - MOMENTO DAS ATIVIDADES DA OBRA: MINHA MÃE É NEGRA SIM!	133
FIGURA 70 - ATIVIDADE DE BINTOU.....	134
FIGURA 71 - ATIVIDADE DE MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA	134
FIGURA 72 - TRECHO DA PRODUÇÃO DE IFÁ	135
FIGURA 73- MOMENTO DA RODA DE CONVERSA	138
FIGURA 74 - CAPA DO LIVRO: O MENINO MARROM.....	138
FIGURA 75 - ATIVIDADE SOBRE A OBRA O MENINO MARROM	139
FIGURA 76 - ATIVIDADE SOBRE A OBRA O MENINO MARROM	140
FIGURA 77- ATIVIDADE DA ALUNA LELÊ.....	141
FIGURA 78 - ATIVIDADE DA ALUNA BINTOU	142
FIGURA 79 - ATIVIDADE DO ALUNO MENINO MARROM.....	142
FIGURA 80 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O TÓPICO 4.4	143
FIGURA 81 - CAPA E CONTRACAPA DO CADERNO PEDAGÓGICO DIGITAL.....	144
FIGURA 82 - SUMÁRIO DO CADERNO PEDAGÓGICO DIGITAL.....	145

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - MÉTODO DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	54
QUADRO 2 - DEMONSTRATIVO REFERENTE A DUAS QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO.....	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EDH – Educação em Direitos Humanos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

ONU - Organização das Nações Unidas

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE - Plano Nacional para a Educação em Direitos Humanos

PPP - Projeto Político-Pedagógico

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1.....	37
CAMINHOS DA PESQUISA: DELINEANDO O PERCURSO METODOLÓGICO....	37
1.1 A PESQUISA EM EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA ÉTNICO-RACIAL	37
1.2 ASPECTOS SÓCIO-ESPACIAIS DA PESQUISA: ESCOLA QUILOMBOLA EM CAIANA DOS CRIoulos, ALAGOA GRANDE-PB.....	39
1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: INSTRUMENTOS, PROCESSAMENTO DE COLETA DE DADOS E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS	58
1.4 REALIZAÇÃO DA PESQUISA <i>IN LOCO</i> : ESCOLA MUNICIPAL FIRMO SANTINO DA SILVA	59
CAPÍTULO 2.....	63
EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E O ENSINO FUNDAMENTAL: AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA MUNICIPAL FIRMO SANTINO DA SILVA.....	63
2.1 DE QUILOMBO A REMANESCENTES DE COMUNIDADES QUILOMBOLA: UMA CONCEPÇÃO FRIGORIFICADA SUPERADA	64
2.2. A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS: PARA ALÉM DE UMA IDENTIDADE NEGRA.....	74
CAPÍTULO 3.....	86
“LELÊ EM CAIANA DOS CRIoulos” : A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO MEDIADORA NO PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA.....	86
3.1 “O MEU CABELO E A MINHA COR”: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA.....	87
CAPÍTULO 4.....	110
AÇÕES EDUCATIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA. 110	
4.1“UMA VEZ LELÊ FOI EM CAIANA DOS CRIoulos”: OFICINA LITERÁRIA DA OBRA “O CABELO DE LELÊ” – VALÉRIA BELÉM.....	112

4.2 “AS COR DOS POVO BRANCO OU PRETO NÃO IMPORTA NADA PRA NINGUÉM”: OFICINA LITERÁRIA DA OBRA “MINHA MÃE É NEGRA SIM” – PATRÍCIA MARIA	130
4.3 “AS CORES FORMA MARRON?: OFICINA LITERÁRIA DA OBRA “O MENINO MARRON” – ZIRALDO ALVES PINTO	135
4.4 CADERNO PEDAGÓGICO DIGITAL	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
APÊNDICES	157
ANEXOS	332

INTRODUÇÃO

FIGURA 1 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM A INTRODUÇÃO



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

A representação da literatura afro-brasileira na identidade da criança quilombola, especialmente em Caiana dos Crioulos¹, é uma temática que muito me interessa enquanto pesquisadora, professora e moradora do município de Alagoa Grande-PB, no qual a comunidade fica localizada. O interesse partiu da necessidade de perceber como as crianças e adolescentes da comunidade, mesmo perante a inclusão das diretrizes e leis vigentes nas escolas, percebem-se e representam-se enquanto negros e negras. Como lidam com a construção e reafirmação de suas identidades por meio de histórias, personagens históricos ou até mesmo memórias de seus antepassados, contidas na literatura afro-brasileira.

Ao ter acesso à escola Firmo Santino da Silva, na comunidade de Caiana dos Crioulos, passei a investigar por meio de conversas informais com colegas docentes a respeito de trabalhos realizados na comunidade, em especial, na escola supracitada. Mediante isso, percebi a necessidade de um trabalho que buscasse o resgate das origens daquele alunado, a aceitação da sua cor e a valorização da sua cultura. Percebi que para lidar com esses fatores, a inclusão da literatura afro-brasileira na educação quilombola poderia contribuir para a afirmação desses.

Passei a buscar mais sobre a temática no intuito de realizar um trabalho de

¹ Comunidade remanescente quilombola, localizada na zona rural do município de Alagoa Grande, estado da Paraíba.

qualidade para que todos pudessem participar de modo igualitário, proporcionando não apenas uma reflexão para as crianças e adolescentes, mas também para o corpo docente da escola. Após organizar todo o projeto de recepção com o tema para as pessoas que fariam parte deste trabalho, passei à escolha da turma que mais se apropriaria da proposta, ou seja, qual alunado teria mais maturidade para lidar com a temática, a fim de ter, ao final, um trabalho significativo. Apresentei as intenções da pesquisa ao gestor da escola, que acreditou e confiou em minha trajetória enquanto docente, concedendo-me a autorização para que fosse realizada na escola.

Foi organizado um planejamento que pudesse atender à turma escolhida para a pesquisa – 5º Anodo Ensino Fundamental –, em suas necessidades e particularidades. Por isso, foi necessário partir da observação em torno da escola, entrevista com o docente da turma, o qual também permitiu a realização deste trabalho em sua turma.

Houve a aplicação de questionários com o alunado, que também concordou com a minha presença na sala, bem como o desenvolvimento de atividades com os discentes, para assim pôr em prática o que seria desenhado – um caderno pedagógico digital composto por ações/atividades/oficinas. Todo ele voltado a obras literárias afro-brasileiras.

Com relação à temática que será abordada neste estudo, sabemos que a história do negro precisa ser discutida e problematizada na educação escolar brasileira em decorrência da Lei 10.639/03. Essa historicidade atualmente é proposta nos conteúdos das disciplinas de História, Literatura e Artes, como está prescrita na Lei de Diretrizes e Bases Nacionais nº 9.394/96.

Compreendemos que a contribuição e o legado da herança do povo negro fazem parte da sociedade brasileira desde a chegada deles na condição de escravizados até hoje. Dessa forma, é essencial na educação escolar chamar a atenção às contribuições culturais e históricas do povo negro, no trabalho com crianças nos anos iniciais, devido à importância de se desenvolver ações pedagógicas nessa modalidade de ensino que versem sobre a inclusão dessa temática.

No contexto da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, localizada na área rural de Alagoa Grande-PB, especificamente na Escola Firmo Santino da Silva, a educação da criança negra, sendo gestada dentro dos princípios de uma proposta de educação para as relações étnico-raciais, contribui com a construção da identidade dessa criança e a literatura vem como um suporte metodológico para empreender uma

ação educativa que vise enfatizar esse pertencimento étnico-racial. Logo, é importante salientar que o professor, com seu papel de educador e incentivador de mentes críticas e reflexivas, é um mediador importantíssimo no processo de inclusão e construção étnico-racial.

Como professora e pedagoga na área da Educação, torna-se importante frisar que, durante toda minha trajetória estudantil e acadêmica, já exaltava o desejo da profissão. Isso mostra o quanto a vocação à docência contribui para a formação de professores e idealizadores de uma educação inclusiva, de qualidade, na perspectiva dos direitos humanos. Matriculada no Curso Normal do Magistério, na Escola Normal Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Melo, fui percebendo o quanto minhas atitudes e ações poderiam fazer a diferença na educação e na vida dos colegas ao meu redor.

Prevalecia a vontade de mudar algumas coisas na vida das pessoas, então percebi que como docente poderia fazer a diferença onde estivesse. Aos 18 anos, iniciei minha vida profissional e acadêmica, atuando numa escola da rede privada como auxiliar de sala. Também cursava o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia oferecido pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Durante todo o curso, participei de conferências, congressos, minicursos, palestras, cursos de extensão e monitoria. Tive um grande alicerce, em minha graduação, formado pelos professores. E isso foi fundamental para o meu envolvimento com as questões da didática e com a construção de um pensamento crítico e reflexivo perante os temas abordados.

Em 2009, enquadrei-me em um contrato pela Prefeitura Municipal de Alagoa Grande como coordenadora de Programas Federais (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI), orientadora pedagógica e professora de reforço durante 3 anos de minha trajetória. Em 2012, atuei como professora de Educação Básica – 1º Ano e fui convocada no Concurso Público em minha cidade, assumindo minha função no ano seguinte. Nesse período, já no final do curso, tive a oportunidade para me inscrever na monitoria para a disciplina de Literatura Infantil, na qual ingressei. A experiência despertou em mim uma grande paixão por textos literários, sendo de extrema importância para a continuação de minha formação. Essa vivência me rendeu frutos, como por exemplo, os trabalhos desenvolvidos ao término da graduação, as oficinas ministradas para professores do município no qual resido, vinculadas pela UFPB – Virtual, como também para professores em formação do Curso Normal de Magistério.

O desejo e necessidade de uma formação continuada me levou a ingressar em uma especialização em Gênero e Diversidade na Escola, oferecida pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB-Virtual). Pude expandir o conhecimento e adquirir mais experiências nesse processo de ensino-aprendizagem. Em 2013 e 2014, estive lotada na secretaria de uma escola – CAIC, assumindo a função de Agente Administrativo. Em 2015, tive a oportunidade de atuar como professora numa turma de Educação Infantil – Pré I, na Escola Municipal José Ferreira de Paiva e, em 2016 e 2017, em turmas do Maternal I de uma escola privada – Externato Dom Pedro II.

Tive que conciliar ainda com minha função administrativa pelo município, exercendo uma carga horária nos três turnos e desenvolvendo projetos de leitura com minhas turmas, principalmente voltados à literatura infantil, através da Maleta Viajante², enfocando a literatura afro-brasileira em seu cotidiano, por meio de um projeto com o livro *Menina Bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado. Propiciando diálogo sobre a identidade negra e não-negra e o respeito mútuo perante a diversidade. E apesar de meus alunos, nessa época, não serem ainda letrados, sempre acreditei que uma educação de qualidade começa desde cedo, nos primeiros anos em que são inseridos na escola.

Na especialização, adquiri conhecimentos acerca de questões voltadas a gênero, orientação sexual, diversidade e relações étnico-raciais, pesquisa e projetos, entre outros, os quais me proporcionaram uma gama de informações para corroborar com minha prática. Durante o período do curso nessa pós, participei de seminários a respeito e publicação de trabalhos na área. Ao término, tivemos que abordar um tema para a realização e defesa do Trabalho de Conclusão de Curso. A escolha partiu da disciplina “Elaboração de Projeto Pedagógico”, na qual, na posição de cursista, pude aprofundar estudos acerca de questões introduzidas na especialização que me interessaram, justamente porque tratavam de temas considerados tabus e/ou considerados “complexos” pelas escolas, portanto, sem maior abertura para serem trabalhados em sala de aula.

A partir das experiências vivenciadas enquanto estudante, principalmente

² A “Maleta Viajante” consistiu em uma proposta de leitura com obras literárias infantis voltadas às crianças, em que estas levavam uma pasta para casa contendo o livro e materiais escolares como grafite, borracha, lápis de pintar, cola, etc., assim a criança representa/ilustra, através de desenhos a leitura, em companhia do adulto que lhe auxiliou na leitura. A maleta se alterna entre todas as crianças da sala, para que todas tenham a oportunidade de levá-la para casa, propiciando assim, a participação da família na escola.

diante da escassez de conteúdos na disciplina de história em anos anteriores, na defasagem do ensino a partir da própria prática de alguns professores, como também em algumas escolas nas quais trabalhei, foi possível identificar a ausência da metodologia de contação de história de Literatura Afro-brasileira, que propiciasse nos alunos a construção de sua identidade, a valorização do outro e de si perante textos literários relacionados à temática. Logo, aprofundei meus conhecimentos na área para posteriormente transformá-los em um projeto de pesquisa e participar de seleções de mestrado. Todas essas experiências trouxeram para minha identidade docente um desejo de ir mais além em minhas pesquisas, pois, embora não tenha uma solução completa para atender a toda uma problemática educacional que vivemos hoje, sou mais uma que acredita numa educação melhor e de qualidade.

Pelo fato de estar, na época, com um projeto em mente e no papel, tratando sobre as questões étnico-raciais, currículo, papel do professor e identidade do aluno enfocando a literatura afro-brasileira, após a sétima tentativa, consegui a aprovação no Mestrado em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. O que me motivou para adentrar nesse mestrado foi o fato de ter uma linha de pesquisa em que eu pudesse aprofundar o meu trabalho e no estudo e pesquisa propiciasse uma visão crítica e reflexiva do tema, pois acredito que a prática docente pode fazer a diferença, principalmente, na escola quilombola por intermédio de textos literários afro-brasileiros, os quais garantam a construção significativa da identidade dos educandos dessa comunidade.

Mediante essas considerações iniciais, esta pesquisa tem como objeto de estudo perceber o que é ser/nascer quilombola diante da construção da identidade da criança de Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande-PB, na escola quilombola Firmo Santino da Silva³.

O trabalho com criança negra e não-negra, mediante a literatura afro-brasileira, mediado pela prática docente no contexto da escola quilombola, pode debater sobre a educação étnico-racial, o que se torna necessário o trabalho para a afirmação de uma etnia que tem sido negada.

Perante várias questões e vivências no âmbito educacional do município de

³ Firmo Santino da Silva foi uma liderança da comunidade quilombola, além do mestre da Bandinha de Pífano, uma das primeiras manifestações culturais. Também foi um homem influente na contribuição das tradições e crenças locais. É considerado, segundo moradores, o predecessor de Zumbi dos Palmares; é homenageado e imortalizado no nome da escola, sendo fundador da comunidade Caiana dos Crioulos, localizada na zona rural de Alagoa Grande-PB.

Alagoa Grande-PB, tornou-se perceptível a falta de preparação dos/as professores/as para trabalhar com essa comunidade, pois, muitas vezes, desconhecem a realidade e as características próprias do povo e seu lugar, precisando de um aporte apropriado para tratar de questões étnico-raciais, que, na maioria das vezes, só é abordada em sala de aula apenas em datas comemorativas.

A escolha por essa escola da comunidade quilombola deu-se pelo fato de atuar como professora em uma das escolas do município. Observando minha trajetória docente enquanto especialista em GDE – Gênero e Diversidade na Escola, bem como moradora e vizinha daquela comunidade, localizada na cidade a qual resido, Alagoa Grande-PB, enveredei-me pelo aprofundamento de estudos em perspectivas étnico-raciais e, especialmente, por realizar pesquisas na área, voltadas a temas sobre a questão afro-brasileira.

Confesso que não tinha o conhecimento que tenho hoje da comunidade. Cheguei a ir lá umas duas vezes, quando coordenava um Programa do Governo Federal, o PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Cheguei a levar as crianças para conhecer alguns pontos turísticos de lá: Casa de Farinha; Posto de Saúde e o CRAS – Centro de Referência da Assistência Social; também puderam assistir às danças do Grupo de Cirandeiros.

Após isso, só matinha o conhecimento através de apresentações que os grupos culturais faziam na cidade em datas comemorativas como: Emancipação Política e Caminhos do Frio.⁴ Hoje percebo o quanto a comunidade de Caiana dos Crioulos ainda tem a mostrar, através da população que nela habita, com suas crenças, culturas e ancestralidades. E isso me aproximou ainda mais de Caiana dos Crioulos, perante as informações coletadas antes e durante minha pesquisa.

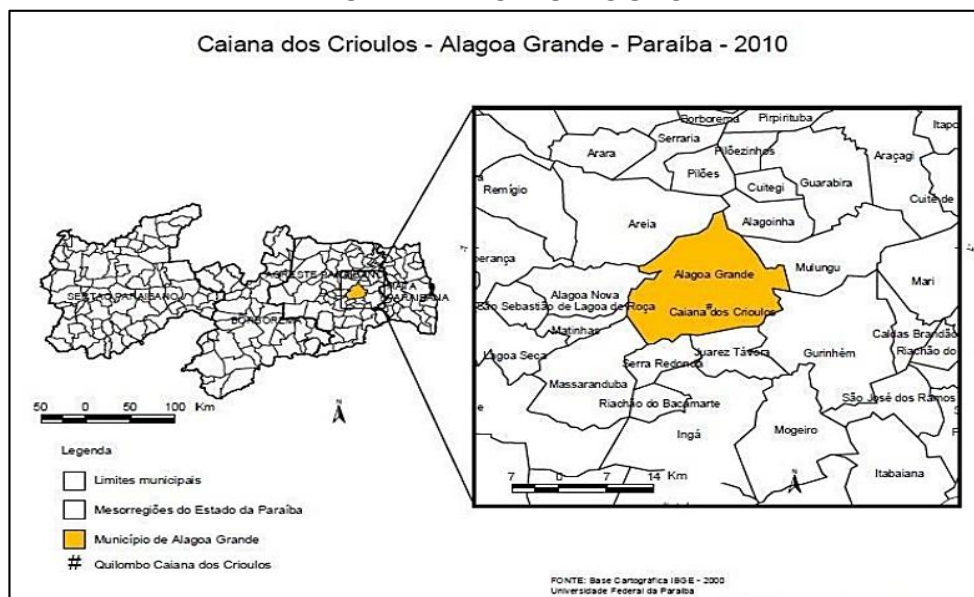
Caiana dos Crioulos é uma comunidade negra da zona rural do município de Alagoa Grande-PB, terra de “Jackson do Pandeiro⁵”, situada na Mesorregião do Agreste, na microrregião do Brejo Paraibano (ver Figura 2), distante a 12 km da sede do município. A comunidade é composta por duas áreas: Caiana do Agreste,

⁴ Evento cultural que acontece em algumas cidades do Brejo Paraibano: Areia, Pilões, Matinhas, Solânea, Serraria, Bananeiras, Remígio, Alagoa Nova, antes de chegar ao encerramento em Alagoa Grande.

⁵ José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, nasceu em Alagoa Grande, na Paraíba, em 31 de agosto de 1919. Vindo de uma família de artistas populares – a mãe era cantora de pastoril –, sua história reforça a influência da cultura negra na música nordestina. Jackson é considerado um dos maiores ritmistas da história da MPB. Em 54 anos de carreira, foi responsável, ao lado de Luiz Gonzaga, pela popularização nacional de canções nordestinas (A COR DA CULTURA, 2010).

miscigenada historicamente por negros e índios; e Caiana dos Crioulos, na qual os negros predominam.

FIGURA 2 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE NEGRA DE CAIANA DOS CRIoulos

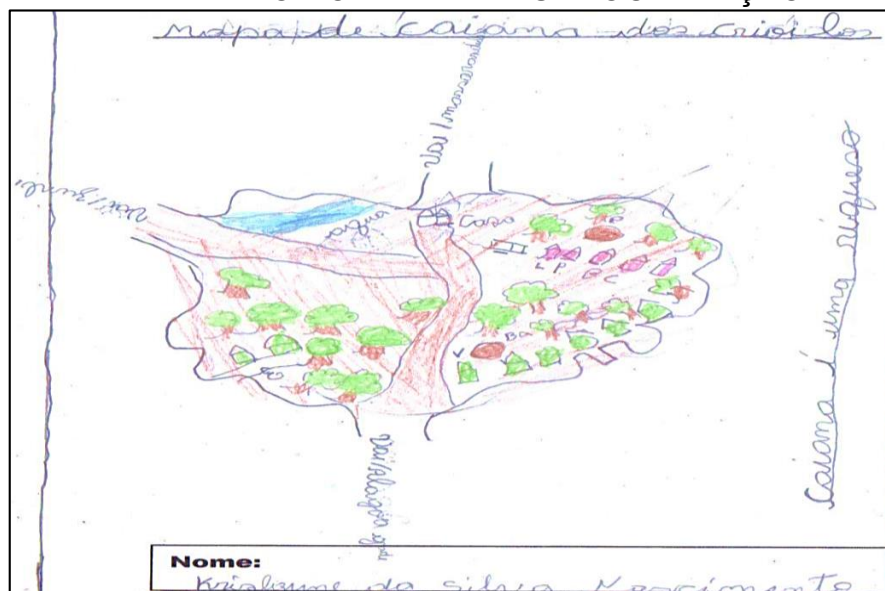


Fonte: Lima (apud SILVESTRE; MOREIRA 2010).

Em uma das atividades propostas para as crianças, foi pedido que, por meio do trabalho de conhecimento com o mapa-múndi do Continente Africano, construíssem o mapa da África da forma como aprenderam, bem como um mapa imaginário do quilombo de Caiana dos Crioulos, com as respectivas localidades as quais conheciam ou lugares que marcaram, de alguma forma, suas vidas dentro da comunidade, colocando uma frase que achavam importante para unir ambos os mapas.

Uma das atividades me chamou atenção pela noção que a criança teve em relação às suas localizações, principalmente, da territorialidade: ela mostrou um percurso em que sua residência fica localizada e alguns trajetos de outras localizações ao redor de Caiana dos Crioulos:

FIGURA 3 - ATIVIDADE DE UMA DAS CRIANÇAS A RESPEITO DO MAPA DE SUA LOCALIZAÇÃO



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Tal atividade permitiu que as crianças pudessem desenvolver seu senso e percepção de localização, territorialidade e espacialidade, demonstrada por meio de um mapa, utilizaram ainda a capacidade de raciocínio, criatividade e de pertencimento ao local.

O cenário de nossa pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva, criada em 27 de março de 2001, com início de suas atividades em 01/04/2001, ano de referência para integração da rede municipal de ensino em conformidade com o Sistema Federal de Educação. Localizada na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, na zona rural do município de Alagoa Grande, estado da Paraíba, tem capacidade para atender a 250 (duzentos e cinquenta) alunos.

Atualmente atende à demanda de 187 (cento e oitenta e sete) alunos, nos turnos manhã e tarde para a Educação Básica. Conta com a seguinte organização: nos níveis do Pré-Escolar I e II (Educação Infantil) e anos iniciais do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, pela manhã; e os anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano à tarde. Em relação ao corpo docente, conta com 06 (seis) professores no matutino e 07 (sete) no vespertino. Há 13 (treze) funcionários, dentre estes, o pessoal de apoio (agente administrativo, auxiliares de serviços gerais, vigilante e merendeira) e gestão escolar, totalizando 213 (duzentos e treze) pessoas que integram o ambiente.

A escola recebeu o nome de Firmo Santino, por ele ter sido considerado uma liderança na comunidade Caiana dos Crioulos na parte cultural. A instituição fica localizada numa comunidade rural de remanescente quilombola, em Caiana dos Crioulos, no município de Alagoa Grande-PB, situada na microrregião do brejo paraibano.

Dados atuais, segundo o Projeto Político Pedagógico de 2017, mostram que a escola que teve suas atividades iniciadas em 2001, demonstrou capacidade para atender 250 alunos(as) nos turnos manhã e tarde, acolhendo um público singular, de maioria negra, vindo de outras comunidades rurais vizinhas e não quilombolas, tais como: Caiana do Agreste, Paquevira, Serra do Balde e Sapé de Julião, o que nos aponta a importância da Escola Firmo Santino da Silva trabalhar na perspectiva da inclusão educativa de quilombola e não quilombola.

A escola é reconhecida e cadastrada junto ao MEC - Ministério da Educação e Cultura como instituição quilombola, aspecto identificado pela equipe de professores e gestão no acervo cultural afro-brasileiro da comunidade, visto que se torna necessário a inserção da história e cultura afro-brasileira e africana nas práticas pedagógicas, através de áreas como: História, Geografia, Literaturas, Línguas, Matemática, Ciências e Ensino Religioso, por meio de conteúdos e metodologias interdisciplinares.

Antes do prédio onde funciona a escola atualmente ser construído, as salas de aula funcionavam na casa de farinha e em cômodos de residências de pessoas da própria comunidade que alugavam os locais (garagens e salas) à prefeitura, para que o ensino funcionasse. Ainda nesse período, como a quantidade de alunos era vasta, o ensino passou a funcionar também num prédio conhecido como Santo Antônio⁶, cujo local só havia uma sala.

Quando se pensou em construir essa “escola”, arquitetaram apenas uma sala, um banheiro, uma cozinha e um quatinho, que seria a dispensa, mas que servia para o motorista dormir, já que o mesmo não era da comunidade e fazia a rota escolar para transportar os professores da cidade para a localidade. Nessa sala citada anteriormente, havia dois quadros de giz e ficavam dois professores – um deles era o responsável pela escola e respondia pelas informações, porém, ambos ensinavam.

Cada um tinha sua turma multisseriada na mesma sala, diga-se de passagem,

⁶ Atualmente funciona o prédio do CRAS – Centro de Referência da Assistência Social.

bem pequena, e colocavam suas turmas uma de costas para a outra e assim ministravam suas aulas. Como na época havia bastante crianças para estudar, e não havia mais local para alugar, então, elas pegavam umas cadeiras de madeira que ficavam armazenadas na dispensa e iam em direção a um pé de manga junto com o professor para que o mesmo pudesse ministrar sua aula. Com a construção e fundação do novo prédio, a comunidade passou a ser mais valorizada, pois diante do espaço mais amplo, diversas instituições quilombolas, bem como universidades, a exemplo da UEPB, passaram a visitar e realizar suas pesquisas seja de graduação, mestrado, doutorado a respeito da comunidade.

O terreno em que funciona a escola atualmente, segundo informações de moradores, foi comprado, na época, pelo Prefeito João Bosco Carneiro, *in memoriam*, no entanto, passou a ser construída, em 2001, pelo Prefeito Hildon Régis Navarro Filho, mais conhecido como “Bôda”, na gestão de 2000 a 2004. A comunidade Caiana dos Crioulos já era identificada como quilombola em 1998, quando se enviou a carta de identificação para o seu reconhecimento. No entanto, devido à lentidão do processo, só passou a ser reconhecida pela Fundação Cultural Palmares em meados de 2005. Todavia, antes disso ocorrer, já existia a Escola Firmo Santino da Silva, visto que em sua maioria é constituída por moradores negros, mas, poucos conhecem suas histórias e culturas, gerando, muitas vezes, a negação e o preconceito, também, por cerca de 120 famílias que sobrevivem da agricultura, criação de animais e da prestação de serviços do setor público municipal.

Sua principal marca está na cultura, por meio de grupos de capoeira, constituídos pelos jovens da comunidade; de ciranda e coco de roda, expressadas em manifestações artísticas por mulheres da própria comunidade, as chamadas “Cirandeiras de Caiana”⁷. As impressões sobre a comunidade foram as melhores possíveis, pelo fato da população ser composta por pessoas acolhedoras, que gostam de mostrar e enfatizar suas origens, crenças, costumes e pertencimento que propagam através da dança e da capoeira como meio de protagonizarem a resistência de um povo que tanto lutou para ter sua liberdade, principalmente, de expressão, de vez e de voz.

Diante do convívio com professores da comunidade e do acesso ao Projeto

⁷ Grupo de mulheres geralmente tocado por jovens da comunidade, filhos das cantadeiras-dançadeiras. Os instrumentos que acompanham o Coco-de-roda e a Ciranda, em Caiana, são: o bumbo, o triângulo e o ganzá. O grupo se apresenta em diversos lugares do Brasil, especialmente na Paraíba.

Político Pedagógico⁸ da Escola, percebemos que grande parte das crianças negras e não-negras não conhecem a sua própria origem, apenas associam a sua cor da pele ao pertencimento à comunidade remanescente quilombola. Mesmo existindo na comunidade grupos de coco de roda e ciranda, que levam, através da cultura e dança, um pouco de suas histórias, a escola passa a ter um papel importantíssimo na construção da identidade das crianças.

Por abordar com mais precisão a temática relacionada às questões étnico-raciais em seus conteúdos, visando à valorização da história e cultura afro-brasileira e africana na construção da identidade de seus educandos, o que percebemos é que os saberes escolares, na maioria das vezes, não contemplam essas questões de modo mais aprofundado, pelo fato de ter que cumprir os conteúdos escolares à risca, abordando essas questões apenas em datas comemorativas a exemplo da “Abolição da Escravatura”, comemorada em 13 de maio, e no “Dia da Consciência Negra”, celebrada em 20 de novembro.

Desse modo, é relevante debater sobre a educação étnico-racial não apenas em escolas da zona urbana, mas também da zona rural, neste caso, pelo fato de se tratar, especialmente, de uma escola quilombola que abrange crianças negras e não-negras, torna-se necessário e fundamental promover ações educativas que venham afirmar essa etnia que tem sido negada durante todo um percurso histórico brasileiro, não exclusivamente na Comunidade em Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande-PB, mas em outras comunidades afins, visto que Caiana foi uma comunidade que, durante muitos anos, tem resistido e lutado no contexto da realidade local pela sua afirmação identitária.

Diante do que percebi por meio de conversas com professores da Escola Firmo Santino da Silva, os profissionais da educação que trabalham na comunidade fazem uso da aplicabilidade da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira" dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio.

Segundo entrevista com o professor, questionou-se como são organizadas as atividades escolares na sua turma, em se tratando do planejamento, avaliação, etc.,

⁸ O Projeto Político Pedagógico da Escola Firmo Santino da Silva iniciou sua discussão em 2010. E só a partir de maio de 2012, ocorreu sua construção, perante a comprovação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus Guarabira, por intermédio da concretização do projeto de extensão e curso de formação: “Cidadania e identidades negras nas escolas: os conteúdos de história e cultura afro-brasileira no currículo escolar”.

diante disso, ele respondeu:

O planejamento é normal, se planeja, se executa os conteúdos, nós não temos um conteúdo quilombola, num é, porque muitas vezes as pessoas chegam lá: a escola quilombola era pra ter um conteúdo quilombola, mas eles não têm um conteúdo quilombola específico. É trabalhado de acordo com o que tá no PPP, as diretrizes quilombola né, então, você é quem corre atrás dos conteúdos. Nós temos lá os conteúdos, mas não tá inserido dentro do currículo. O conteúdo você que faz! Era pra tá inserido dentro da escola quilombola: nisso aqui se trabalha isso, isso e isso..., tá inserido em todas as séries, porque o livro didático que vem é o mesmo livro didático que vem pra rua, então, era pra vim inserido no livro didático, ele não tem. Aí você é que tem que fazer a adaptação se você se interessar, se quiser fazer! Aí você vai trabalhando a literatura, delineando pra essa parte (PROFESSOR - PESQUISA DE CAMPO, ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA, 2019).

Isso nos leva a perceber que mesmo diante da aplicabilidade das leis e diretrizes, muito ainda precisa ser feito para que seja seguido à risca, de forma funcional. O que acontece é que grande parte das políticas públicas vêm como algo obrigatório às escolas para trabalharem as questões étnico-raciais em comunidades quilombolas, porém, não lhes oferecem instrumentos necessários para serem abordadas essas questões. Desse modo, o professor tem que “se virar” para poder aplicar a lei da melhor forma possível em suas aulas.

Percebemos essas questões a partir da necessidade, enquanto professora/pedagoga, de investigar como uma criança negra e não-negra da escola mencionada, de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, se vê perante sua identidade e como as práticas educativas com a literatura pode propiciar essa visibilidade através de textos e obras literárias que incluem a representatividade da história e cultura do povo negro para essa criança.

A discussão sobre a educação quilombola no contexto das relações étnico-raciais e a literatura como meio pedagógico pode levar a criança a representar-se através das histórias contidas nas obras literárias afro-brasileiras. Por isso, a intenção de propor um caderno pedagógico digital contendo atividades e oficinas baseadas nessas obras para um aporte não só em questão de o aluno se autoafirmar enquanto quilombola, perante sua cor, mas também de os professores utilizarem em sua prática docente como algo inovador no que diz respeito à abordagem das relações étnico-raciais.

A proposta de inclusão do texto literário em sala de aula pode contribuir para a

afirmação da identidade da criança negra, pertencente ao quilombo, para que ela veja através dos textos literários possibilidades dessa afirmação. E no caso da criança que não é do quilombo, pode levá-la a entender que o pertencimento étnico e territorial deve pautar-se no respeito e alteridade do outro.

Perante todos estes aspectos, originou-se o desejo de observar e entender como as crianças negras e não-negras de uma turma do 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, inseridas na escola quilombola Firmo Santino da Silva, percebem-se e autorrepresentam-se, do ponto de vista étnico-racial, o seu universo contextual através de sua identidade e representações que constroem sobre si própria, tendo como aporte os textos literários infantis com conteúdos afro-brasileiros que envolvem personagens negros.

Torna-se necessário, no contexto escolar quilombola, o debate sobre as questões étnico-raciais de pertencimento histórico e cultural e afirmação de sua etnia, pondo em aplicação a Lei 10.639/03 como aporte para abordagem desses aspectos em escolas quilombolas para a construção da identidade dos educandos.

A partir do Projeto Político Pedagógico da escola⁹ em que propõe a reafirmação da identidade da criança negra e dentro dessas propostas em que se referencia a questão étnico-racial, é perceptível a falta de conhecimento sobre essas questões, gerando entre os alunos negros e não-negros um certo distanciamento no que diz respeito aos aspectos voltados a sua origem e sua comunidade, levando-os à negação, ao preconceito e à não-afirmação da sua identidade.

Por meio desse contexto, com o desenvolvimento desta pesquisa e o desejo de contribuir com a educação dessa comunidade remanescente quilombola – Caiana dos Crioulos, espera-se que as crianças passem a valorizar o outro, independente de gênero, cor e classe social, apropriando-se de valores como o respeito, levando-as a perceber suas heranças, desde seu cabelo até a cor de sua pele. A intenção é também promover uma discussão sobre os valores humanos, culturais e da diversidade. Mais que isso, um trabalho mútuo e significativo entre professores, alunos e comunidade para que possibilite a elaboração do saber e da identidade de um povo em sua localidade, proporcionando o reconhecimento, respeito, valorização e construção da

⁹ Passou a ser construído em maio de 2012 com a colaboração de professores da escola Firmo Santino da Silva e do Campus III da UEPB – Universidade Estadual da Paraíba, através do Departamento de História, com a proposta de construir um projeto que contemplasse a realidade da escola quilombola na inclusão dos conteúdos de história, da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar.

identidade étnico-racial quilombola por meio da mediação de textos e obras literárias afro-brasileiras.

Ressaltamos o desejo de contribuir para o contexto da história da educação da cidade de Alagoa Grande, mais precisamente em Caiana dos Crioulos, e dos estudos étnicos com essa discussão, propiciando melhor debate na formação docente acerca das questões étnico-raciais, a partir da realidade da comunidade. É preciso que sejam possibilitadas reflexões sobre a educação quilombola, tendo em vista que essa comunidade do quilombo faz parte da realidade alagoagrandense. Que haja um debate da comunidade de Caiana para a educação do município que vem reafirmando positivamente a trajetória desse povo, já que, durante muito tempo, passou por preconceito e resistência na sua existência.

No campo dos estudos étnicos articulados à educação escolar, a escolha desses sujeitos vem contribuir não só para os estudos sobre criança enquanto protagonista no processo histórico, social e cultural na comunidade em que habita, mas também com a construção de sua identidade, que apresenta um perfil infantil que muitas vezes é invisibilizado socialmente.

A pesquisa apresenta contribuições para a construção e afirmação identitária da criança negra e não-negra e na formação da prática docente para o contexto da história da educação quilombola e dos estudos étnicos-raciais nos anos iniciais do ensino fundamental, como também para o campo da educação e pesquisas em mestrados, trazendo novos olhares para a pós-graduação brasileira, a partir da temática explorada. Além disso, contribui para os estudos da escola no que diz respeito à utilização da literatura afro-brasileira e sua inclusão na sala de aula de uma escola quilombola, propiciando o desenvolvimento da representação identitária das crianças por meio de um recurso pedagógico que pode ser incluído no fazer docente.

É notável a importância da representação que a literatura afro-brasileira infere por meio de temas geradores, textos, e/ou obras literárias relacionadas às crianças. Esse fazer pedagógico, na compreensão de como está se processando no intelectual dos discentes, contribui para a educação quilombola no contexto da educação étnico-racial, uma vez que os textos e obras de temáticas afro-brasileiras poderão representar e despertar nessas crianças um pensamento crítico e reflexivo diante da realidade em que estão inseridas e atuar na construção de sua própria identidade enquanto quilombola.

Mediante os expostos, tem-se como questão-problema perceber como se dá a

construção da identidade da criança quilombola, bem como a afirmação de sua etnia na Escola Firmo Santino da Silva, localizada em Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande-PB? Como objetivo geral, procura:

- Investigar, no contexto da educação quilombola, como a criança negra e não negra dos anos iniciais da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB, constrói sua representação identitária em relação ao seu pertencimento étnico, através dos textos literários afro-brasileiros.

Quanto aos objetivos específicos, buscou-se:

- Discutir sobre a educação quilombola no contexto das relações étnico-raciais em interfaces dialógicas com as discussões acerca da identidade, representação e infância;
- Problematizar como a Literatura Afro-brasileira contribui, no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola quilombola, para a construção da identidade da criança negra e não-negra;
- Propor um caderno pedagógico digital através de ações com oficinas temáticas com a utilização de textos literários afro-brasileiros para crianças do 5º ano da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande – PB.

No campo metodológico, tratou-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação em interface com a pesquisa bibliográfica e documental, por meio da observação *in loco*, entrevista semiestruturada com o professor da turma selecionada e questionário com alunos e alunas do campo de pesquisa. Também foram desenvolvidas oficinas literárias e construído um caderno pedagógico digital com sugestões de atividades que servirão como base para o trabalho docente em escolas quilombolas.

Quanto à perspectiva teórica, tivemos contribuições nas discussões a partir dos conceitos de identidade em Hall (2004); de educação étnico-racial e quilombola sob os olhares de Silva (2007) e Gomes (2008); nas discussões de representação por meio de Chartier (1999); nos estudos sobre infância e literatura negra através de Munanga (1996), Santos (2008), Fernandes e Sousa (2016), entre outros. Recorremos também, a Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História, Cultura Afro-Brasileira e Africana que versam sobre o assunto.

Quanto à organização, esta dissertação é composta por quatro capítulos. No primeiro “Aspectos metodológicos da pesquisa”, são delineados aspectos voltados ao cenário da pesquisa, a comunidade, escola, colaboradores, instrumentos e trajetória, bem como os instrumentos de coletas de dados, enfatizando a natureza, o *lócus* e os participantes, por meio de uma revisão bibliográfica sobre a temática abordada e o uso de instrumentos que contribuem para a eficiência desta.

O segundo capítulo “Educação Quilombola e o Ensino Fundamental”, de caráter teórico, apresenta o conceito de quilombo perante sua constituição ao longo desses anos, baseado em lutas e resistências, além da discussão sobre a educação quilombola diante das políticas educacionais que subsidiam as relações étnico-raciais.

Já no terceiro capítulo, “Discussão da literatura afro-brasileira na construção da identidade da criança negra”, com caráter também teórico, faz um aporte à representatividade que as obras literárias afro-brasileiras propiciam para a identidade da criança negra do quilombo no âmbito da infância, por meio da formação leitora, da contribuição social e cultural na educação escolar.

O quarto capítulo apresenta os resultados obtidos na pesquisa a partir da apresentação do relato descritivo da aplicação e análise da entrevista com a professora e questionários com as crianças; bem como o desenvolvimento da proposta pedagógica na sala de aula. Ainda nesse mesmo capítulo, apresentam-se a composição e a aplicação do produto final em sala de aula como aporte para o trabalho dos professores, bem como para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, tratando da construção da identidade e pertencimento étnico-racial por meio da representação de textos e obras literárias afro-brasileiras.

Em se tratando do produto final, a produção para o mestrado consiste em um Caderno Pedagógico Digital composto de um planejamento de oficinas temáticas baseadas em obras literárias afro-brasileiras: “O Cabelo de Lelê”, de Valéria Belém; “O menino marrom”, de Ziraldo; e “Minha mãe é negra sim!”, de Patrícia Maria. Todo esse material está reunido no produto final, a fim de que os docentes da escola quilombola Firmo Santino da Silva, de Caiana dos Crioulos-PB, possam tomar como aporte pedagógico para abordar as questões étnico-raciais e de identidade de modo representativo, a fim de que possibilite às crianças a construção de suas identidades, bem como a aceitação e a afirmação de sua cor. O caderno traz atividades a serem trabalhadas nas oficinas no decorrer do ano letivo, envolvendo a inclusão da literatura afro-brasileira com textos temáticos para a construção da identidade quilombola.

CAPÍTULO 1

CAMINHOS DA PESQUISA: DELINEANDO O PERCURSO METODOLÓGICO

FIGURA 4 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O CAPÍTULO 1



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

A nuvem faz referência ao campo metodológico da pesquisa, desde o *lôcus* escolhido, por se tratar de uma escola localizada numa comunidade quilombola interligada à temática abordada. Faz referência ao tipo de pesquisa utilizada para obter os resultados, desde aos colaboradores até a análise do Projeto Político Pedagógico da escola, excelente fonte para o desenvolvimento não apenas deste capítulo, mas do trabalho como um todo. Neste capítulo, discutimos a trajetória da pesquisa em seus diferentes momentos, apresentando o percurso feito na coleta das informações e das reflexões construídas a partir dos dados obtidos junto aos colaboradores e as ações realizadas.

1.1 A PESQUISA EM EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA ÉTNICO-RACIAL

A pesquisa em educação, especialmente a quilombola, voltada ao contexto étnico-racial, permite-nos conjecturar sobre os estereótipos criados ao longo do tempo na historiografia da sociedade brasileira, ao tratar da história e cultura afro-brasileira. Tornam-se necessárias a criação e efetivação de propostas a serem desenvolvidas no campo educativo que preconizem o respeito e a valorização dos grupos étnicos que fazem parte do contexto educacional. Pesquisas dessa natureza trazem reflexões acerca da formação continuada dos professores, bem como da prática pedagógica

diária desses, para que possam trabalhar questões na sala de aula que visem o combate ao racismo, às desigualdades e aos preconceitos tão presentes na vida escolar das crianças. Nesse enfoque, é papel da escola realizar trabalhos de emancipação desses sujeitos, que na maioria das vezes são crianças negras.

Discutir sobre a temática da literatura afro-brasileira e a representação que os textos literários propiciam para a construção da identidade da criança, seja ela negra e não-negra, possibilita não apenas a afirmação da cor, do pertencimento étnico-racial, mas também da valorização do outro perante suas diferenças e singularidades.

Como abordagem metodológica, trabalhamos com uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, por meio de interpretação de fenômenos. O ambiente natural foi a fonte direta para a coleta de dados, neste caso, a escola quilombola Firmo Santino da Silva, na qual a pesquisadora passou a ser o instrumento-chave analisando seus dados indutivamente.

De natureza aplicada, com fins práticos, foi movida pela necessidade do conhecimento para aplicação imediata do resultado. Por isso, também se trata de uma pesquisa-ação, uma vez que possibilita ao pesquisador a compreensão dos participantes, na interação com estes, na situação investigada. Além de exploratória, na formulação de hipóteses e explicação destas, utilizou procedimentos bibliográficos, por meio da análise de materiais existentes sobre a temática.

Possui caráter etnográfico, porque se baseou num grupo de alunos de uma escola quilombola. Como instrumento de coleta, contou com registro em diário de campo para a análise e interpretação de fatos, já que esteve voltada a uma questão educacional, que objetivou desenvolver uma proposta intervencionista no contexto da Educação Básica.

Segundo Deslandes *et al.* (1994), um trabalho como esse permite a produção de conhecimentos e dá possibilidade de problematizar e discutir sobre a realidade. Já segundo Minayo *et al.* (1994), este tipo de pesquisa possibilita um labor artesanal que se não prescinde da criatividade e se realiza, basicamente, por uma linguagem constituída em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem essa que se constrói com um ritmo próprio e particular. Portanto, aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos sujeitos, nos significados e nas representações, quando trazemos, por exemplo, a literatura afro-brasileira como elemento primordial em questão, para trabalhar no contexto da Educação Quilombola, em especial, na Escola Firmo Santino da Silva, na Comunidade de Caiana dos

Crioulos, em Alagoa Grande-PB, os com alunos do 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Por meio de uma pesquisa-ação, pelo fato de o pesquisador atuar em seu *lócus* de pesquisa, neste caso, na Comunidade Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande-PB, e na relação com o professor e alunos da turma “Esperança de Caiana”¹⁰, do 5º Ano, da Escola Firmo Santino da Silva. Assim, realizamos uma intervenção direta na sala de aula, pois, enquanto pesquisadora, buscamos modos e formas, através de nossos planejamentos e ações pedagógicas, no contexto da coleta de dados, de intervir naquela realidade visando à solução de uma problemática. Desse modo, a pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação:

[...] procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta (ENGEL, 2000, p.182).

Houve a intervenção direta com os alunos, enquanto a pesquisadora sistematizou a ação por meio de sua intervenção e planejamento, bem como na coleta de seus resultados. A pesquisa com educação quilombola teve grande significado em minha trajetória enquanto docente, pesquisadora e moradora do local em que a comunidade está inserida, visto que foi a partir daí que tive a oportunidade de conhecer um pouco mais da comunidade quilombola que sempre esteve tão próxima a mim, mas que antes se tornava distante pela falta de conhecimento sobre a mesma. Hoje tenho o conhecimento não apenas da territorialidade da comunidade, mas também das pessoas que nela habitam, em se tratando dos costumes, identidade e pertencimento de um povo. No próximo tópico, daremos continuidade à discussão sobre as características num contexto socioespacial da Escola Firmo Santino da Silva, no que diz respeito à territorialidade do local.

1.2 ASPECTOS SÓCIO-ESPACIAIS DA PESQUISA: ESCOLA QUILOMBOLA EM CAIANA DOS CRIoulos, ALAGOA GRANDE-PB

Reconhecida territorialmente como remanescente de quilombola, a Escola Firmo Santino da Silva obteve a aprovação de identificação e certificação pela

¹⁰ Nomenclatura fantasia criada para referenciar a turma do 5º Ano na qual se realizou a pesquisa.

Fundação Cultural Palmares (FCP), em 1998¹¹. Localizada na comunidade de Caiana dos Crioulos, esta constituída por aproximadamente 120 famílias que vivem da agricultura, criação de animais e do serviço público municipal. Sua principal marca está na cultura, pois, é como expressam suas resistências, lutas e vitórias de um povo, por meio da Ciranda e Coco de Roda, representadas pelo grupo de “Cirandeiras de Caiana”. A figura a seguir expõe a chegada à comunidade Caiana dos Crioulos, referenciada pela placa:

FIGURA 5 - IDENTIFICAÇÃO DA COMUNIDADECAIANA DOS CRIoulos



Fonte: Arquivo pessoal de Luciene Tavares (2015).

Caiana dos Crioulos é bastante conhecida pelos traços históricos e culturais. Várias instituições, como a UEPB, por exemplo, vêm até a comunidade para realizar pesquisas e representá-las em monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado, documentários, entre outros. Isso porque Caiana apresenta uma riqueza territorial vasta que desperta aos olhos de quem a vê e passa a conhecer. Esta imagem, tirada de uma vista aérea por meio de um drone, mostra o percurso da estrada de Caiana dos Crioulos:

¹¹ Cf. RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO. Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB. In: PAIVA, Ricardo de; SOUZA, Vânia R. Fialho de P.; e (Pesquisadores). **Projeto Mapeamento e Identificação das Áreas Remanescentes de quilombos**. Convênio Fundação Cultural Palmares/ UFAL. Recife, junho de 1998.

FIGURA 6 - VISTA AÉREA DA ESTRADA QUE DÁ ACESSO À COMUNIDADE CAIANA DOS CRIoulos – ALAGOA GRANDE-PB

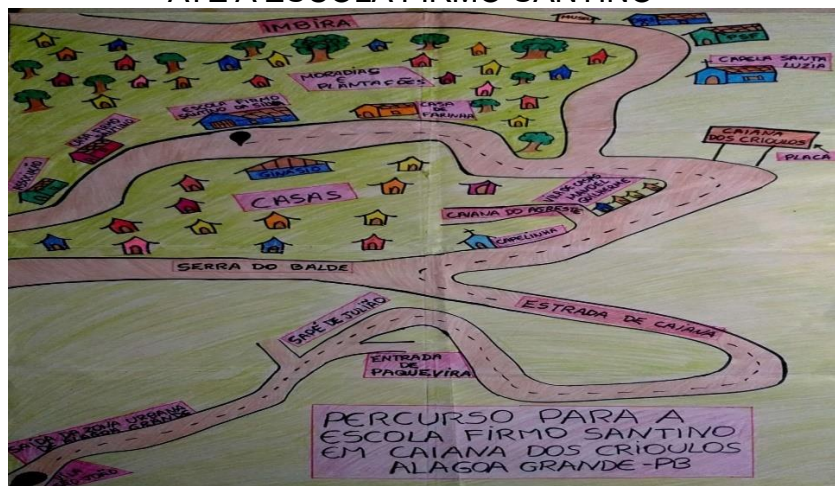


Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana (2019).

Localizada a cerca de 14 km do centro de Alagoa Grande, para termos acesso à comunidade de Caiana dos Crioulos, saímos realizando o percurso pelo centro da cidade, passando pelas Ruas Olinda, Enéas Cavalcante, Vila Nova e Vila São João (final da cidade para dar acesso à Caiana dos Crioulos). Iniciamos um trajeto de estrada de barro vermelho ao longo desse percurso, passamos por algumas propriedades rurais privadas como Cerâmica, por exemplo, bem como assentamentos e comunidades vizinhas.

A estrada é caracterizada por ladeiras que, em dias chuvosos, dificultam o acesso das pessoas tanto de ida, quanto de volta à comunidade. Passamos pelas entradas de comunidades como: Sapé de Julião, Paquevira, Serra do Balde, Caiana do Agreste e Imbira, como mostra a imagem a seguir:

FIGURA 7- MAPA DO PERCURSO DA SAÍDA DE ALAGOA GRANDE ATÉ A ESCOLA FIRMO SANTINO



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Na entrada da comunidade, percebe-se a estrada que passa por casas de moradores. Essas casas, há aproximadamente dez anos, eram construídas de taipa e, só após esse período, passaram a ser de alvenaria perante as atividades de reforma nos seios familiares, o que demonstra uma qualidade de vida melhor.

FIGURA 8 - MAPA DO PERCURSO DA SAÍDA DE ALAGOA GRANDE ATÉ A ESCOLA FIRMO SANTINO



Fonte: Souza (2014).

A comunidade dispõe ainda de alguns lugares históricos que fazem parte da herança social, cultural e histórica de um povo, que resgata a identidade social da população local a exemplo da Casa de Farinha Comunitária (Figura 9), construída pelos próprios moradores da comunidade e fundada há aproximadamente 40 anos, a qual funciona até hoje na produção de farinha, tapiocas, beijús, entre outros.

FIGURA 9 - CASA DE FARINHA EM CAIANA DOS CRIoulos



Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana (2017).

Além da Casa de Farinha, durante o percurso, passamos também pelas paisagens da localização das casas no período da seca (Figura 10) e do inverno

(Figura 11), respectivamente. Estes lugares demonstram as riquezas nos períodos quente e frio da época, transcendendo a beleza em todas as estações.

FIGURA 10 - PAISAGEM NO PERÍODO DA SECA



Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana (2018).

FIGURA 11 - PAISAGEM NO PERÍODO DO INVERNO



Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana (2019).

Mais adiante, temos o Prédio da Associação de Moradores (Figura 12), onde funciona atualmente o Salão Comunitário¹². São realizadas reuniões quinzenais aos domingos para discussões de problemas e contextos gerais da comunidade em se tratando da saúde da população, infraestrutura e questões étnico-raciais, na tentativa de solucioná-los da melhor forma. Há ainda o Museu Quilombola, onde encontramos objetos que representam a comunidade de Caiana dos Crioulos, por meio de artesanatos, fotografias, estatuetas, todos confeccionados por pessoas do artesanato

¹² Esse prédio foi financiado pelo Banco do Brasil e, na época de seu funcionamento, em 2008, outros quilombos, assim como Caiana dos Crioulos, receberam uma verba para obter o lugar para o funcionamento como tal.

da própria comunidade.

FIGURA 12 - PRÉDIO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES



Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana (2017).

Continuando nosso percurso, temos um posto do PSF (Programa de Saúde da Família), o qual realiza consultas médicas duas vezes por semana, com um CRAS - Centro de Referência da Assistência Social (Figura 13), para o atendimento sociofamiliar e manutenção de vínculo das famílias, com grupos de convivência e atividades socioeducativas para crianças, mulheres e idosos.

FIGURA 13 - CRAS - CENTRO DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL



Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana (2017).

Ainda no percurso, além de Igreja Evangélica Assembleia de Deus, com cultos aos domingos, segundo os moradores da comunidade, temos a Capela Santa Luzia (Figura 14), local em que os fiéis participam de missas realizadas por padres da cidade no primeiro e terceiro domingo de cada mês.

FIGURA 14 - CAPELA SANTA LUZIA



Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana (2017).

Além desses locais, considerados marcas da comunidade e pontos turísticos para quem chega a visitá-la, Caiana dos Crioulos mantém uma preservação afro que abrange suas danças – Cirandas e Coco de Roda, músicas, artesanatos e comida local, tudo produzido pela população para apresentações culturais em eventos tanto na cidade, como a Emancipação Política e Rota Cultural do Caminhos do Frio, quanto na comunidade no “Vivenciando Caiana”¹³, o qual conta com a presença de visitantes de diversas regiões e comunidades quilombolas, para prestigiarem a riqueza de Caiana dos Crioulos, seus pontos turísticos, fazendo movimentar o turismo e a geração de renda.

FIGURA 15 - RESTAURANTE RITA DE CHICÓ



Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana (2019).

¹³ Fundado em 2016 por lideranças da comunidade, o evento é desenvolvido quatro vezes ao ano, com o objetivo de expor a cultura local por meio das tradições e costumes de um povo quilombola.

FIGURA 16 - GRUPO CIRANDEIRAS DE CAIANA



Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana (2019).

FIGURA 17 - GRUPO COCO DE RODA



Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana (2019).

A relação desses espaços e eventos com a escola é de pertencimento local, racial e identitário. Toda a população passa a valorizar ainda mais seu habitat e isso vem transcendendo na educação quilombola, na busca pelos seus ideais e valores étnico-raciais, além de reforçar o reconhecimento da comunidade, a exemplo da inclusão de sua cultura e resgate da identidade no âmbito escolar, não deixa que as suas raízes sejam perdidas.

No que se refere à Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva (Figura 18), percebemos, diante do mapa referenciado anteriormente, que o prédio fica próximo à Casa de Farinha, ao lado do Ginásio. A escola atende ao alunado não apenas de Caiana dos Crioulos, mas também de comunidades vizinhas. A instituição recebeu esse nome devido ao ilustre Firmo Santino, forte liderança da época.

FIGURA 18 - ESCOLA FIRMO SANTINO DA SILVA, ALAGOA GRANDE - PB



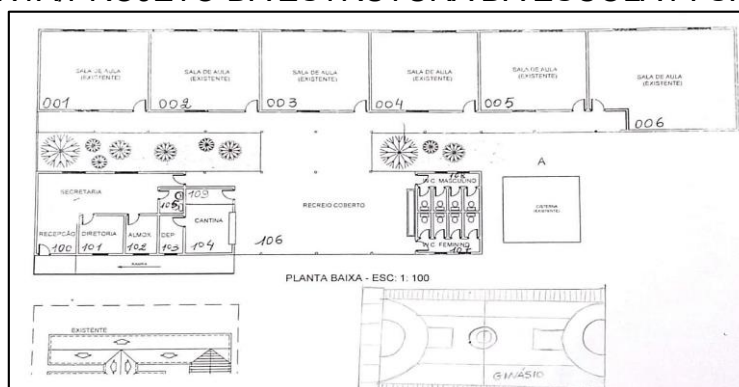
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

As professoras, de forma geral, realizam o trabalho por meio da inclusão da cultura afro-brasileira, seguindo a Lei 10.639/2003. Buscam enfatizar a África e seus elementos (pinturas, danças, personagens, etc.), bem como as tradições e costumes locais como apresentações culturais envolvendo a Ciranda, o Coco de Roda e a Capoeira.

A escolha dessa escola foi motivada pelo fato de atuar como docente na zona urbana do município de Alagoa Grande. Todavia, preferimos optar por uma abordagem diferenciada, que estivesse mais relacionada à cultura afro e às questões étnicas. Não é que a escola urbana não evidencie essa temática, porém, é diferente lidar com essa questão com quem vive imerso nessa realidade.

Assim, escolhemos a escola Firmo Santino, visto se tratar de uma escola quilombola, cuja intenção foi propor uma prática que contribuísse com a escola e com a comunidade na qual está inserida e, ainda, com o seu corpo docente. A escola possui prédio próprio. Conta com um sistema de abastecimento de água por meio de cisterna, esgotamento sanitário por meio de fossa rudimentar comum e a destilação do lixo ocorre pela queima e aterro. Suas dependências físicas são: 01 (um) almoxarifado, banheiros adequados tanto para a as crianças da Educação Infantil, quanto para as do Ensino Fundamental, 01(um) banheiro para funcionários, 01 (uma) cozinha, 01 (uma) despensa, 01 (um) pátio coberto e 01 (um) descoberto, 01 (uma) quadra de esportes coberta (ginásio), 01 (uma) sala da diretoria, 01 (uma) sala de leitura, 01 (uma) sala dos professores, 01 (uma) secretaria, 06 (seis) salas de aula e rampas de acesso. Vejamos essa organização da estrutura física na disposição a seguir:

FIGURA 19 - PLANTA/PROJETO DA ESTRUTURA DA ESCOLA F. S. DA SILVA



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

A escola, em seu interior, apresenta traços rebuscados da África, personagens históricos africanos e brasileiros, como é o caso de Firmo Santino da Silva – ilustre liderança quilombola –, quadros de pinturas afro, retratando o negro de modo positivo em sua trajetória de luta e resistência. Nas salas de aulas, contêm cartazes de trabalhos relacionados à cultura afro, atividades e frases sobre a inclusão da Lei 10.639, como também de outras áreas do conhecimento: linguagem oral, matemática, entre outras.

FIGURA 20 - ENTRADA DA ESCOLA COM VISTA PANORÂMICA PARA AS SALAS



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 21 - INTERIOR DE UMA DAS SALAS DE AULA



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Para o abastecimento de água, a escola conta com um poço artesiano e uma cisterna, que bombeia, por meio da encanação interna e externa, para a caixa da escola, garantindo assim o fornecimento.

FIGURA 22 - POÇO ARTESIANO



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 23 - CISTERNA DE ABASTECIMENTO PARA AS TORNEIRAS



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

As imagens a seguir referem-se à cozinha e pátio interno da escola. Nesses espaços, são preparadas as merendas diárias dos alunos. Os momentos de acolhimento inicial das aulas, reuniões e palestras também ocorrem nesse espaço.

FIGURA 24 - COZINHA DA ESCOLA



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 25 - PÁTIO COBERTO DA ESCOLA



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Uma das coisas que percebi e registrei em meu Diário de Campo foi a forma cuidadosa de todos da escola em relação às plantas. Eles acreditam que é partindo do cuidado que se tem no âmbito escolar, que se passar a cultivar o hábito também no seio familiar.

FIGURA 26 - ÁREA EXTERNA DAS SALAS



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Um fato que me chamou atenção foi que, após uma palestra ministrada pelo Secretário de agricultura, sobre plantações e importância destas para a comunidade, todos os alunos seguiram com ele para realizarem a preparação do solo para receber várias mudas de árvores frutíferas com o objetivo de fazer sombra para os animais e a própria população. Após isso, algumas crianças escolheram parte dessas mudas para realizarem o plantio próximo a sua casa. Também deveriam tomar os cuidados necessários para garantir o crescimento de plantas na área. Isso mostra o quanto eles prezam pela natureza, pois é dela que suas famílias tiram o sustento, como mostrará a Figura 28, com plantações de macaxeira e milho para utilização na merenda da escola.

FIGURA 27 - MOMENTO DA PREPARAÇÃO DO SOLO PARA O PLANTIO DE MUDAS FRUTÍFERAS



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 28 - PLANTIO DE MACAXEIRA E MILHO



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Atendida pelo acompanhamento de uma nutricionista e pedagoga, a Escola Firmo Santino da Silva possui um Conselho Escolar e um Projeto Político Pedagógico, além de materiais pedagógicos para a Educação do Campo e relações étnico-raciais. Há também vários recursos que auxiliam no processo de ensino, a exemplo de equipamentos tecnológicos como impressora, TV, Som, Computadores, Notebook e DVD.

A construção do PPP da escola partiu de uma iniciativa da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus Guarabira, através do Departamento de História, em maio de 2012, e está em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais nº 9.394/1996, em seu art. 12 § I, art. 13 § I e no seu art. 14 § I e II, bem como com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, de acordo com o art. 1º § I § II e das diretrizes quilombola de 2018, além do apoio técnico pedagógico de acordo com o art. 2º e § I § II.

Essas discussões tiveram início em 2010 com a realização de Projetos de

Extensão relacionados à “Cidadania e identidades negras nas escolas: os conteúdos de história e cultura afro-brasileira no currículo escolar”, bem como por intermédio de cursos promovidos pelo Departamento de História, voltados para o Ensino Superior. Foram realizadas no intuito de construir um projeto que contemplasse a realidade da escola e lhe possibilitasse inserir no currículo escolar os conteúdos de história, cultura afro-brasileira e africana.

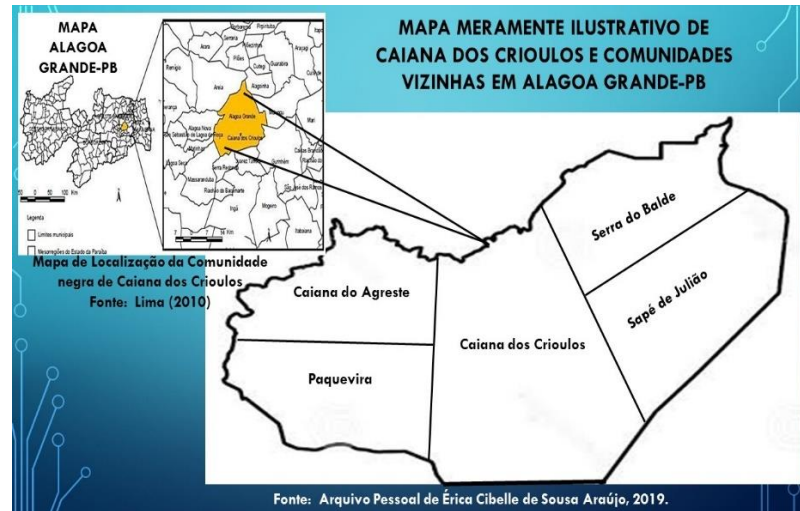
No que se refere à escola que faz parte da composição da pesquisa - Firmo Santino da Silva, ao observar seu Projeto Político Pedagógico, percebemos que em seus escritos as escolas quilombolas só eram consideradas de fato “quilombolas” pelo Censo Escolar, por estarem situadas em terras identificadas pela comunidade.

Até o ano de 2005, essa escola não era considerada quilombola, depois das políticas educacionais afirmativas, houve uma reformatação, em que a comunidade passou a identificar-se como quilombola e a escola como tal, não vista mais, somente, como uma escola da zona rural.

Tais escolas podem receber não apenas crianças das comunidades, mas também de comunidades rurais vizinhas, como é o caso da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos, localizada em Alagoa Grande na Paraíba. A escola recebe crianças tanto desta, como de outras próximas, como é o caso Caiana do Agreste, Paquevira, Serra do Balde e Sapé de Julião que, apesar de rurais, não são quilombolas.

Sendo assim, a denominação “em área de quilombo”, para o cadastro e preenchimento de dados no Censo Escolar, cabe ao(à) gestor(a) da escola, diante do reconhecimento étnico, cultural, político e econômico em que a comunidade está localizada. Nesse caso, é de responsabilidade desse(a) e da Secretaria de Educação do Município a implementação dessas escolas, para assim serem percebidas como tal.

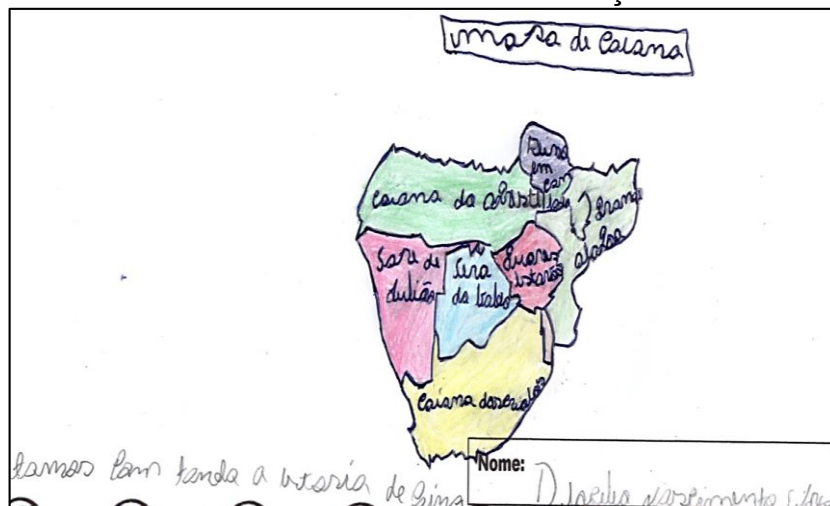
FIGURA 29 - MAPA MERAMENTE ILUSTRATIVO DE CAIANA DOS CRIoulos E COMUNIDADES VIZINHAS EM ALAGOA GRANDE - PB



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Na atividade a seguir, a criança produziu o mapa de Caiana dos Crioulos, baseando-se no formato do mapa da África exposto na aula, dividindo por localizações vizinhas de Caiana dos Crioulos, onde se encontram Sapé de Julião, Caiana do Agreste, Serra do Balde e a cidade de Alagoa Grande:

FIGURA 30 - ATIVIDADE DE UMA DAS CRIANÇAS A RESPEITO DO MAPA DE SUA LOCALIZAÇÃO



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Entre as turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental da escola, a escolhida para o desenvolvimento da pesquisa foi o 5º Ano, pelo fato do corpo discente está na faixa etária entre 10 a 17 anos e apresentarem uma certa maturidade quanto ao posicionamento diante de algumas questões como discriminação e preconceito racial.

Diante disso, poderíamos tratar de informações da temática afro-brasileira, principalmente por serem quilombolas e estarem em fase de transição para os anos finais do Ensino Fundamental, já que essa modalidade requer mais o conhecimento e percepção crítica dos alunos em diversos conteúdos e temas abordados.

A pesquisa contou com a participação dessa turma composta por 10 (dez) alunos e alunas do turno da manhã e o professor regente. No decorrer do trabalho, utilizamos as obras abordadas nas oficinas – “O cabelo de Lelê”, “Minha mãe é negra sim” e “O menino marrom”, assim, procurei nomear os sujeitos da pesquisa com nomes fictícios de personagens das leituras trabalhadas, bem como de outras obras afro-brasileiras como por exemplo: Menina bonita do laço de fita, Bintou, Obax, Galanga, Ifá, Eno, Yakuba, Yomi, Lelê e Menino Marrom para os alunos, assim como, Zumbi dos Palmares para o professor. A seguir, explicarei o motivo pelo qual me levou a referenciar cada um deles com os personagens das histórias de literatura negra:

QUADRO 1 - MÉTODO DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA¹⁴

SUJEITOS DA PESQUISA	PERSONAGEM	OBRAS
PROFESSOR	Zumbi dos Palmares	Utilizei essa nomenclatura para o professor pelo fato de Zumbi dos Palmares ter sido um dos principais representantes de resistência negra, trazendo como referência a vida do sujeito da pesquisa como um guerreiro na luta pela educação de qualidade.
ALUNO 1	Menina bonita do laço de fita	Da obra “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado, trata-se da história de uma linda menina negra, com olhos de jabuticaba e cabelos trançados com fitas que, através de suas heranças familiares, consegue mostrar para o coelhinho, o qual fica encantado, suas raízes étnicas, trazendo referência ao sujeito da pesquisa.
ALUNO 2	Menino Marrom	Da obra “O menino marrom”, de Ziraldo, relata a história de dois amigos, o menino marrom e o menino cor-de-rosa, que nunca compreenderam quais eram suas diferenças, ao ponto que descobrem, perante a curiosidade de ambos (qualidade positiva da criança referenciada), que não havia diferença alguma entre eles, independentemente da cor da pele.
		Da obra “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém, essa personagem foi escolhida para referenciar a criança pelo fato de assemelhar-se fisicamente com a

¹⁴ Para fins de preservação da identidade dos colaboradores, utilizamos nomes fictícios de personagens existentes nas obras da literatura afro-brasileira, utilizadas durante as oficinas.

ALUNO 3	Lelê	personagem e de se tratar de uma menina que, a princípio, não gostava muito de seu cabelo, por ter dificuldade para manejá-lo, assim como por não saber a origem dele, até que descobre, através dos livros, que os fios contam a história da África a real beleza deles perante pessoas que moram nesse país, passando a se reconhecer e valorizar-se conforme realmente é.
ALUNO 4	Bintou	Da obra “As tranças de Bintou”, de Sylviane Anna Diouf, conta a história de uma menina negra que tinha apenas quatro birotos na cabeça e que sonhava em ter grandes tranças. Logo, em conversa com seus familiares mais velhos, aprende a amar seu cabelo, bem como a si mesma do jeito que é. Há uma forte distinção com o sujeito da pesquisa em aceitar e valorizar suas características.
ALUNO 5	Galanga	Da obra “A História do Rei Galanga”, de Geranilde Costa, conta a história desse rei africano quando teve seu reino invadido pelos portugueses sendo trazido para o Brasil como escravo, junto com a família e moradores do povoado. A obra traz a desmitificação da África, apresentando-a com suas riquezas e belezas. Retrata o sujeito da pesquisa no sentido da braveza com que o Rei defendia seu povo, assemelhando com as características físicas e pessoais do mesmo.
ALUNO 6	Ifá	Da obra “Ifá, o Adivinho” de Reginaldo Prandi, além de apresentar toda a riqueza do universo africano que se tornou parte da diversidade brasileira, Ifá era um adivinho que jogava búzios para desvendar o destino de quem lhe consultava, na intenção de ajudá-los a livrar-se principalmente da morte. Esse espírito em ajudar o outro torna-se uma forte característica para o sujeito da pesquisa, eis o motivo que foi referenciado com o nome do personagem.
ALUNO 7	Obax	Da obra “Obax”, de André Neves, além de apresentar em suas ilustrações os costumes das comunidades locais, relata a história de uma menina sensível, de poucos amigos, que percorria a Savana Africana utilizando-se de sua imaginação. O que ela mais gostava era contar histórias, traço marcante do sujeito da pesquisa, principalmente de suas aventuras, provando que realmente as viveu.
ALUNO 8	Eno	Da obra “Minha mãe é negra sim!”, de Patrícia Santana, conta a história do menino Eno que se vê em situações de racismo na escola pela professora, ao retratar sua mãe, negra, em uma atividade. Isso o leva a entristecer-se, mas, ao mesmo tempo, levanta a curiosidade em saber de sua origem quando tem uma aula do seu avô sobre racismo e o que as pessoas negras enfrentam para serem aceitas na sociedade. Esse personagem representa o sujeito da pesquisa diante da curiosidade que apresenta perante situações em descobrir algo que retrate suas origens.
		Da obra “A jornada do pequeno senhor tartaruga”, de Inge Bergh & Inge Misschaert, relata a história de Yomi, uma criança que se encontra adoentada que, a caminho

ALUNO 9	Yomi	do hospital, um trajeto longo a ser seguido, pede para sua mãe contar-lhe sua história preferida do senhor tartaruga rumo ao céu. Yomi se utiliza de sua imaginação para criar todo um cenário do que ouvia.
ALUNO 10	Yakuba	Da obra “Yakuba”, de Thierry Dedieu, um conto africano que retrata a história de um jovem que está prestes a se tornar guerreiro, mas, para isso, terá de enfrentar um leão na floresta, só que a fera está ferida e ele fica sem saber o que fazer diante do que encontra. A essência dessa obra é de escolhas que definem nossa presença no mundo, assim como dos dilemas éticos que enfrentamos no dia a dia.

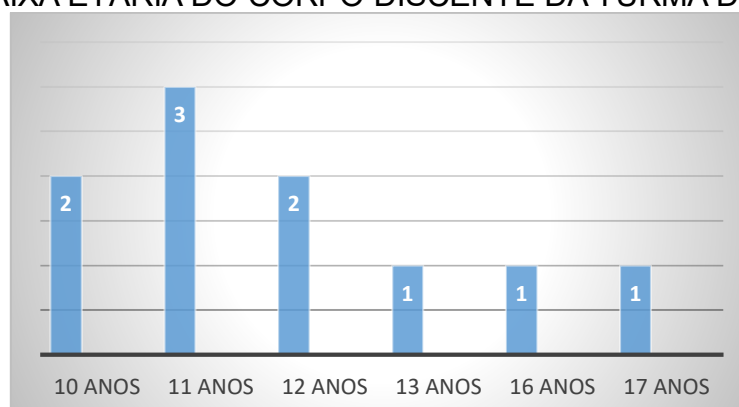
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A relação que tive com essas crianças e adolescentes no início de 2018, quando fui à escola para realizar uma entrevista de sondagem relacionada a questões étnico-raciais, com as turmas de 4º e 5º Ano, foi a de proximidade e conhecimento com as crianças e adolescentes dessas turmas. Como já estávamos ao término do ano letivo, não deu tempo de realizar a pesquisa em uma dessas turmas, no entanto, já em 2019, aproveitei que os alunos do ano anterior (4º Ano) estavam no 5º Ano e como já havia me familiarizado com eles, tornou-se mais fácil esse contato.

Com relação ao perfil da turma, percebi que uma boa parte é bem participativa nas atividades, outra não. Há aqueles que preferem ficar calados. Achei que fosse por timidez ou algo do tipo, mas não, percebi uma falta de interesse, talvez, um dos motivos da repetência de alguns.

No entanto, nenhum(a) deles(as) deixou de participar das atividades desenvolvidas nas oficinas. Das dez crianças e adolescentes da turma, seis são moradoras da comunidade de Caiana dos Crioulos. As demais, duas são de Caiana de Massaranduba, um do Sítio Imbira e outra de Caiana do Agreste. Já com relação à faixa etária, o gráfico a seguir nos passa essa informação mais claramente:

GRÁFICO 1 - FAIXA ETÁRIA DO CORPO DISCENTE DA TURMA DO 5º ANO



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Diante do gráfico, percebemos que há alunos fora da faixa etária na série. Segundo informações da própria escola, deve-se à repetência por vários anos na mesma série, por falta de interesse em estudar.

Já o professor regente, reside no centro da cidade de Alagoa Grande-PB, tem 55 anos e é licenciado em História, com Pós-Graduação em Ciências da Religião. Além de ter 22 anos de atuação como docente, só na Escola Firmo Santino da Silva, exerce sua docência há 18 anos. Considera-se branco e afirma que:

Eu fui o primeiro professor a ir pra Caiana dos Crioulos formado, até então os professores lá eram chamados 'professores leigos', [...]. Até então não existia PPP, (Entrevistadora: Mas você fez parte da construção do PPP?). Ah, a gente ta lá, faz parte sim! (ZUMBI DOS PALMARES 2019, PESQUISA DE CAMPO, ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA).

Quanto ao professor da turma, já havia tido o prazer de conhecê-lo em encontros pedagógicos promovidos pela Secretaria de Educação, mas, nunca havíamos trabalhado juntos, até descobrir que era o professor regente da turma, o qual me deu total apoio e abertura para a realização da minha pesquisa.

A escola é de suma importância para a comunidade, pois é o local em que as crianças passam a conhecer um pouco mais de suas histórias, seus antepassados e heranças históricas de um povo que luta até hoje, com muita perseverança e resistência pelos seus direitos, garantindo assim o pertencimento comunitário.

O papel da escola, juntamente com os professores, é o de apropriar-se do saber escolar que leva ao conhecimento da cultura da própria comunidade, educando para a vida, valorizando assim a história e o fazer cultural da Comunidade de Caiana dos Crioulos.

Para nossa pesquisa, esse fazer cultural foi de grande aporte no que diz respeito ao levantamento de dados que contribuíram posteriormente para o fazer docente pedagógico da escola, a partir do material pedagógico que a pesquisa deixa como fruto para ser usufruído. A seguir, discutiremos os instrumentos de coleta de dados, o processamento e a análise desses.

1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: INSTRUMENTOS, PROCESSAMENTO DE COLETA DE DADOS E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

A pesquisa desenvolveu-se a partir de algumas etapas de estudo e análise de diferentes fontes bibliográficas e documentais, essenciais para compreensão de nosso objeto de estudo. Desses documentos, foram selecionados os principais aportes que regem a inclusão da Cultura Afro Brasileira em sala de aula como conteúdo curricular, bem como de textos e obras literárias afro-brasileiras para atingir o nosso objetivo com os alunos que é a construção da identidade por meio desses recursos.

Para a realização da coleta do *corpus*, estabeleceu-se contato com a Escola Firmo Santino da Silva, a fim de coletarmos as autorizações necessárias à concretização da pesquisa na escola. Realizou-se entrevista semiestruturada com o professor da turma do 5º Ano, por meio de gravação de voz, com o intuito de perceber sua visão sobre as questões étnico-raciais, já que este tem o conhecimento maior sobre seus alunos.

Partimos de questões abertas, na tentativa de perceber o gosto das crianças pela leitura de textos e obras literárias, em especial, àquelas que remetiam a um contexto quilombola, cujo objetivo residiu em entender como elas se percebem enquanto sua etnia e como criança moradora daquela comunidade.

Essa etapa foi necessária para diagnosticarmos a visão de ambas as partes, quanto às questões étnico-raciais dentro da escola remanescente quilombola, levando em consideração a construção da identidade da criança negra por meio da representação da literatura afro-brasileira nas práticas educativas.

Em toda a trajetória como docente, foi perceptível ouvir das crianças sobre o gosto pela literatura, alguns se interessam mais pelos contos infantis, outras por poesia e ainda há aqueles que não apresentam gosto qualquer, como foi o caso de alguns alunos que apresentaram esses diálogos no momento das observações feitas em sala da turma em foco. Para tentar direcionar a pesquisa, na tentativa de buscar elementos que subsidiassem o desenvolvimento desta, foi necessário utilizarmos de alguns instrumentos de coleta de dados, a exemplo do questionário, uma vez que possibilita medir com melhor exatidão aquilo que se deseja. Conforme Leite (2008):

Todo questionário deve ter natureza impessoal, a fim de assegurar uniformidade na avaliação de uma situação para outra. Possui a vantagem de os respondentes sentirem-se mais confiantes, em face do anonimato, o que possibilita coletar informações e respostas mais reais (LEITE, 2008, p. 109).

A aplicação teve a intenção de perceber como é realizado o trabalho pedagógico por meio da literatura afro-brasileira em sala de aula, por meio de indagações aos alunos e alunas da turma, em resposta ao questionário. Outro instrumento de coleta de dados, citado anteriormente, foi a entrevista semiestruturada com o professor regente da turma, cujo objetivo residiu em obter informações do entrevistado acerca da temática voltada à Literatura Afro-Brasileira. Segundo Leite (2008), a entrevista:

Não é apenas uma conversa sistemática, precisa, com objetivos predeterminados. É um diálogo orientado para um objetivo definido: recolher, através do interrogatório do informante, dados à pesquisa (LEITE, 2008, p.104).

A pesquisa ainda contou com o aporte dos textos de literatura afro-brasileira, o Projeto Político Pedagógico da escola, diário de campo¹⁵, importante instrumento que permitiu fazer anotações, gravações, fotografias e filmagem. Estas autorizadas a partir da assinatura dos termos de uso de imagens, áudios e vídeos, além de documentos acerca da temática étnico-racial em se tratando das leis que ancoraram esse estudo, diretrizes e parâmetros curriculares nacionais, pelo fato de contribuírem para uma reflexão entre o campo pesquisado e os estudos teóricos, no viés das políticas públicas.

Por meio desses dados coletados, fundamentados nas discussões durante o trabalho com os textos literários afro-brasileiros, serão analisados os materiais produzidos pelas crianças, haja vista a possibilidade de ter gerado representações identitárias em torno das questões étnico-raciais, bem como o pertencimento local e afirmação de sua cor.

1.4 REALIZAÇÃO DA PESQUISA *IN LOCO*: ESCOLA MUNICIPAL FIRMO SANTINO DA SILVA

No decorrer de nossa pesquisa, utilizamos aportes teóricos que serviram de

¹⁵ Um documento pessoal-profissional no qual o estudante [profissional] fundamenta o conhecimento teórico-prático, relacionando com a realidade vivenciada no cotidiano profissional, através do relato de suas experiências e sua participação na vida social (LEWGOY; SCAVONI, 2002).

base para a construção de conceitos considerados importantes e essenciais para análise dos resultados apresentados. Inicialmente, tivemos um embasamento e reflexão acerca das leis referentes à Cultura afro-brasileira e/ou Cultura Africana: a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais nº 9394, de 20 de Dezembro de 1996, em seu Art. 26-A, a qual trata da obrigatoriedade do estudo dos conteúdos relacionados à História e Cultura Afro-Brasileira e indígena no âmbito de todo o currículo escolar; a Lei nº 10.639 de 2003, que altera a anterior, estabelecendo, portanto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.

Nesse viés, trouxemos o conceito de identidade (HALL, 2004; SILVA, 2000) por meio de um diálogo acerca do contexto da identidade cultural e social; de educação étnico-racial e quilombola, sob os olhares de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2007) e Nilma Lino Gomes (2008), que discorrem acerca dos processos de ensinar e aprender em meio às relações étnico-raciais no contexto da educação quilombola; visando às crianças pertencentes àquela comunidade, trouxemos as discussões de representação, por meio de Roger Chartier (1999); e ainda os estudos sobre infância, na percepção de Rita de Cássia Marchi e Manuel Jacinto Sarmento (2017); e como aporte da literatura negra, recorreremos à Zilá Bernd (1988), que trata da compreensão e incorporação da experiência do negro no texto literário, reconhecendo-o como sujeito de sua enunciação, de sua maneira de viver, sentir e de ver o mundo.

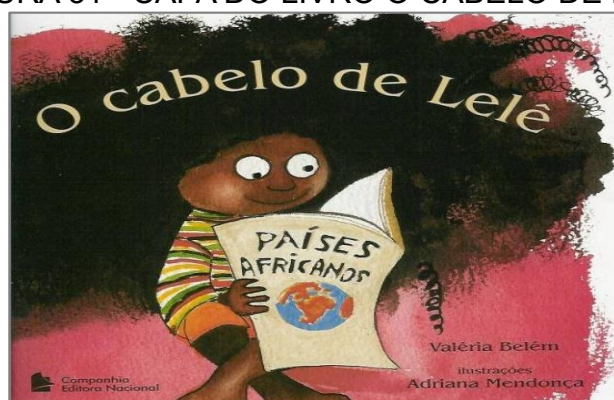
Após o processo de coleta de dados, foi realizada uma pesquisa feita na biblioteca da escola, na qual houve a catalogação dos títulos de literatura¹⁶ que remetiam à questão étnico-racial. A partir disso, a pesquisa passou a ser desenvolvida por meio de oficinas e ações educativo-pedagógicas, cujo intuito foi possibilitar a percepção de como as crianças da escola se posicionavam com relação a sua etnia e identidade e como se referiam a si próprias na comunidade. E isso se deu a partir da utilização de obras literárias afro-brasileiras e por intermédio do trabalho docente, os quais contribuíram com a construção desse processo de (re)criação e (re)afirmação

¹⁶ Coleções de livros didáticos e obras literárias afro-brasileiras como: “Jonas e as cores”, de Regina Berlim; “África em cores”, de Ana Cristina Lemos; “Caulos, o céu azul de Giotto”, da Coleção Rocco Pequenos Leitores; “A princesa Anastácia”, de Elma; “Meus contos africanos”, de Nelson Mandela; “Só um minutinho”, tradução de Ana Maria Machado; “De grão em grão, o sucesso vem na mão”, de Katie Smith Milway, dentre outros.

das histórias dessas crianças.

A intervenção didática foi realizada no período de 03 a 21 de junho de 2019, por meio de oficinas que abordaram três obras literárias afro-brasileiras com uma turma do 5º Ano. Vale ressaltar que o professor regente da turma nos deixou à vontade para a realização de todo o trabalho. Ainda neste tópico, traremos uma prévia de cada oficina. Vale destacar que cada uma delas será objeto de nossas análises no capítulo 4, dedicado a essa questão. A primeira oficina, com duração de 03 (três) encontros, teve o objetivo de levar o alunado a respeitar as diferenças a partir da cor da pele e do cabelo, reconhecendo seu pertencimento étnico e características herdadas dos seus ancestrais. A oficina abordou a obra literária O CABELO DE LELÊ, de Valéria Belém.

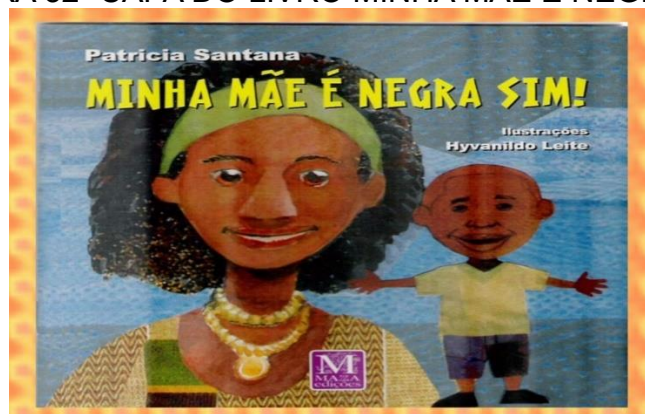
FIGURA 31 - CAPA DO LIVRO O CABELO DE LELÊ



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

A segunda oficina foi com a obra MINHA MÃE É NEGRA SIM, de Patrícia Maria de Souza Santana. Com duração de 03 (três) encontros, teve como objetivo o reconhecimento e a valorização da herança, da ancestralidade, da cultura africana e afrodescendente como formadora da nossa cultura.

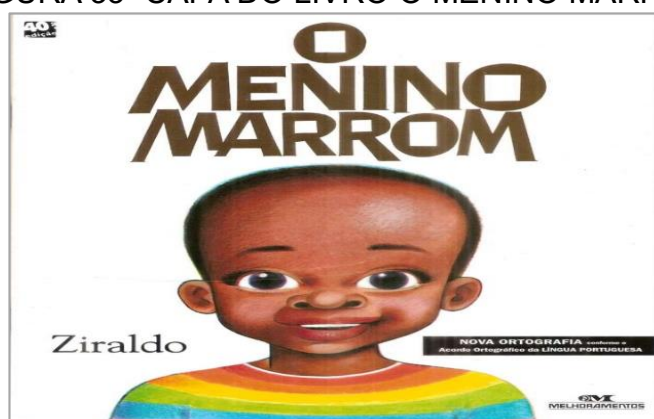
FIGURA 32- CAPA DO LIVRO MINHA MÃE É NEGRA SIM



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

A terceira e última oficina se deu por meio da obra literária O MENINO MARRON, de Ziraldo Alves Pinto. Com duração de 03 (três) encontros, teve o intuito de conscientizar o alunado para o respeito às diferenças e à diversidade étnico-cultural.

FIGURA 33- CAPA DO LIVRO O MENINO MARRON



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Como produto didático, criamos um caderno pedagógico digital, o qual detalha nossas ações, bem como as atividades desenvolvidas durante cada uma das três oficinas. Esse material poderá ser conferido mais detalhadamente nos apêndices.

Vale destacar que toda essa experiência de nossa intervenção, enquanto pesquisadora e posteriormente como professora na turma, foi registrada em um diário de campo, o qual permitiu o registro de todas as vivências do dia a dia, quando ia à escola e/ou voltava dela. Foi um dos instrumentos de suma importância para que pudesse anotar todos os fatos, sensações, desafios e êxitos.

Claro que nem tudo ocorreu da forma como havia sido planejada. E refiro-me à participação absoluta dos alunos na realização das atividades; os dias de chuva que impediam o ônibus de levar os professores para Caiana dos Crioulos; entre tantos outros desafios enfrentados. Contudo, mesmo através desses obstáculos, tentei utilizá-los como uma forma de superar cada encontro naquela turma, preparando sempre algo de melhor para eles, a fim de obter resultados significativos.

No próximo capítulo, traremos postulados teóricos que discorrem a respeito da educação quilombola e das relações étnico-raciais.

CAPÍTULO 2

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E O ENSINO FUNDAMENTAL: AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA MUNICIPAL FIRMO SANTINO DA SILVA

FIGURA 34 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O CAPÍTULO 2



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

A nuvem acima nos apresenta palavras-chave referentes a conceitos que permearam toda a pesquisa e que neste capítulo nos dão aporte para direcionarmos significativamente nossa leitura e reflexões.

Neste capítulo, nossa perspectiva é discutir a importância da temática étnico-racial no contexto da Educação Quilombola e a representação da cultura afro-brasileira no espaço educativo mediados pela literatura, mostrando os desafios de educar e ensinar, mediado pela questão étnico-racial na perspectiva do povo negro e a contribuição social e cultural desse povo para a educação escolar.

Nossa proposta é empreender o debate a partir das discussões sobre a identidade negra, em especial, a quilombola, bem como o conceito de quilombo, embasando-se nas lutas e resistências para sua constituição, referenciando a educação e chamando a atenção para as reflexões teóricas e políticas educacionais, diante das diretrizes e legislações que regem o ensino e a educação numa escola quilombola para a inclusão das relações étnico-raciais.

2.1 DE QUILOMBO A REMANESCENTES DE COMUNIDADES QUILOMBOLA: UMA CONCEPÇÃO FRIGORIFICADA SUPERADA

FIGURA 35 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕE O TÓPICO 2.1



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

Antes de adentrarmos no contexto que remete à educação quilombola e às políticas educacionais, precisamos refletir acerca do conceito de quilombo, o que é, como foi constituído e como se forma uma comunidade quilombola, para assim podermos entender a formação desse povo e articular tal discussão ao campo da educação. Falar de “quilombos” ou “quilombolas” no cenário atual político é tratar de lutas políticas e, assim, refletir cientificamente sob um processo de construção. Segundo Leite (2000):

Na tradição popular no Brasil, há muitas variações no significado da palavra quilombo, ora a um lugar, ora a um povo que vive neste lugar, ora a manifestações populares, ou ao local de uma prática condenada pela sociedade, ou a um conflito, ou a uma relação social, ou ainda a um sistema econômico (LEITE, 2000, p. 336).

Essa imensidão de significados sobre quilombo nos remete à reflexão de pensamentos entre vários estudiosos que simbolizam a representação do conceito de quilombo no que diz respeito à historicidade, partindo da descoberta, lutas e reivindicação de povos na formação social diversa.

O termo “quilombo”, portanto, permeou um longo período de tempo, desde a época do Brasil Colônia, seguindo pelo Império, denotando as fugas de escravos na época da escravidão até chegar à República, passando por mudanças, sendo visto de modo legal e positivo perante as normas legais. Remetia a antigas comunidades de escravos fugitivos constituídas no século XVIII e que se reuniam para ocupar terras

e ir em busca de melhores condições de vida.

Segundo Arruti (2017), essas comunidades cresceram em regiões distantes dos centros urbanos por meio de comunidades heterogêneas, com negros, índios, mestiços e também homens e mulheres brancos que viviam em situação de pobreza e miséria. Após a Constituição Federal de 1988, passaram a ter o direito à terra, à educação e à consolidação da sua própria cultura. Munanga (1996) faz um comparativo entre os quilombos brasileiros e africanos:

Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos [...]. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade: negros, índios e brancos, prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar (MUNANGA, 1996, p. 30).

Os quilombos brasileiros estavam relacionados com os africanos pelo fato de lutarem pelo mesmo bem comum: a liberdade, desenvolvendo formas de resistência contra a escravidão e valorização da sua cultura e religiosidade.

Segundo Almeida (1999), em uma crítica ao Conselho Ultramarino em relação ao conceito de “quilombo”, àquela definição dada remete-se a cinco elementos: 1) a fuga; 2) uma quantidade mínima de fugidos; 3) o isolamento geográfico, em locais de difícil acesso e mais próximos de uma “natureza selvagem” que da chamada civilização; 4) moradia habitual, referida no termo “rancho”; 5) autoconsumo e capacidade de reprodução, simbolizados na imagem do pilão de arroz. Ele remete ainda ao fato de que na comunidade quilombola há autonomia, de acordo com as pesquisas etnográficas que se destinam a esse agrupamento populacional.

Contudo, Almeida (1999) considera que o quilombo é muito mais que isso, porque é lugar de reivindicação, de posse de terra, uma espécie de “dívida” da nação brasileira com os povos afro-brasileiros em consequência da escravidão, é significado de luta e liberdade. Ademais, há outras definições para os remanescentes de quilombo por meio da identificação de “terras de preto” ou “território negro”, perante às condições e os meios nos quais viviam.

Entretanto, as expressões relativas à “identidade étnica” e à “territorialidade” estão voltadas a um sentimento de pertencimento e a um grupo ou a uma terra nas comunidades negras. Ser quilombola e ter essa identidade, nasce de grandes lutas,

vitórias e liberdade. Essa originalidade passa a ser colocada numa relação de diferença de classes diante da subalternidade nas relações de poder.

Para Santos (2008), historicamente, o maior quilombo considerado na diáspora negro-africana foi o Quilombo dos Palmares, tendo Zumbi como referência, além de liderança sob a dominação dos brancos, emergiu contra o pacto pela Coroa Portuguesa. Uma comunidade quilombola tem a maioria de sua população negra, cuja referência apresenta mais de 200 anos de existência, na qual seus primeiros habitantes foram descendentes de negros africanos. Durante muitos anos, a expressão mais utilizada para designar essa comunidade era “mocambo”, mas hoje, por conta da legislação, passou a ganhar o termo de “quilombo” (SANTOS, 2008).

Arruti (2017) coloca que a geração de renda dessas comunidades remanescentes quilombolas atualmente passou a ser da agricultura familiar ao extrativismo. Elas desenvolvem o plantio e criação de animais para sua subsistência. Desse modo, passaram de uma formação histórica repressiva da época colonialista e imperialista para um povo que lutou contra o capital e a dominação das elites agrárias.

Segundo Hasenbalg (1992), a interpretação a respeito do quilombo tornou-se abundante, ampliando-se nas mais diversas manifestações populares, em vários espaços: na literatura, música, cinema e até mesmo no carnaval. Por isso, passou a ter o reconhecimento ainda mais exaltado e legitimado perante a legalidade e proteção dos seus direitos territoriais, como também na preservação de sua identidade e cultura.

O que se falou na Constituição de 1988 com relação aos “remanescentes das comunidades dos quilombos”, com o passar dos anos, foi tendo diversas interpretações e a ideia advinda da demanda social, cidadania e inclusão desses povos, de certa forma, passou a ter uma visão restritiva, frigorificada, ou seja, cristalizada, numa ideia fossilizada, em fase de desaparecimento, como mostra o Art. 68: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (LEITE, 2000, p. 341).

A ideia de remanescente e de quilombo passou a ser restritiva no sentido dessas expressões não corresponderem aos grupos pertencentes, e sim, a uma visão identitária construída politicamente. A partir daí, o dispositivo constitucional não se referia às comunidades negras rurais e urbanas de um modo geral, já que essas não eram contempladas pela lei perante os seus direitos, mas apenas aos remanescentes

de quilombos.

Após uma reunião ocorrida no Rio de Janeiro, em outubro de 1994, pela Associação Brasileira de Antologia (ABA), convocada pelo Ministério Público, passou a ser elaborado um novo conceito de “remanescente de quilombo”. Este sendo, dessa vez, reinterpretado. Vinha desfazer a ideia de “isolamento” de grupos, principalmente, dos negros no Brasil. Trouxe uma visão contemporânea, partindo das experiências históricas da formação social e populacional brasileira, como também a questão agrária de todas as comunidades negras rurais.

Os sentidos do termo “negro” no quilombo vinham trazendo um olhar ambíguo, tanto no sentido voltado à marginalização, segregação, em que a imagem do negro era desqualificada e depreciada, quanto num olhar perspectivo, de poder aglutinador, representando uma identidade social. Logo, percebemos que não o poder, titulação e/ou o direito à terra que identificaria os sujeitos, mas sim, sua condição de membro no grupo, na participação da vida coletiva. Para retratar esse pensamento, o historiador Treccani (2006, apud FIABANI, 2007) defende que:

o termo ‘quilombo’ deixa de ser considerado unicamente como uma categoria histórica ou uma definição jurídico-formal, para se transformar nas mãos de centenas de comunidades rurais e urbanas, em instrumento de luta pelo reconhecimento de direitos territoriais (TRECCANI, 2006, p.14, apud FIABANI, 2007, p.7).

Abrimos uma discussão sobre a ideia de ressemantização do termo “quilombo”, isso é, modificada, não conivente mais no século XXI, por conta da pós Constituição de 1988. Essa ideia vem manifestar os princípios de justiça, cidadania e igualdade, que foram renegados aos afrodescendentes, ressignificando para “quilombos contemporâneos” aquelas comunidades negras rurais; e “remanescentes de quilombos” para os originários antigos “quilombos”, para a preservação de sua historicidade e resistência.

O quilombo ressemantizado diz respeito a um rompimento com ideias frigorificadas, impondo-se como um coletivo étnico, enfatizando a busca pelos direitos constitucionais e territoriais. Os remanescentes de quilombo passam a ser autorreconhecidos como atores sociais do processo de construção identitária de lutas e resistências, diferindo-se ao que transcorria o regime escravocrata¹⁷.

¹⁷ Vinculados à criminalidade, à marginalidade e ao banditismo (MARCOS; GOMES, 2013).

FIGURA 36 - IDEIA DE “QUILOMBO” FRIGORIFICADA E RESSEMANTIZADA



Fonte: Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/quilombos-sustentaveis-luta-para-preservar-memoria-afro-brasileira/>. Acesso em: 16 de outubro de 2019.

Com o efeito advindos dos movimentos sociais dos próprios quilombolas, o termo “quilombo” passou a representar constitucionalmente uma nova concepção, voltado não apenas a um passado lembrado, mas a um direito reconhecido por lei, como afirma Almeida (1996):

O quilombo como possibilidade de ser, constitui numa forma mais que simbólica de negar o sistema escravocrata. É um ritual de passagem para a cidadania, para que se possa usufruir das liberdades civis. Aqui começa o exercício de redefinir a sematologia, de repor o significado, frigorificado no senso comum (ALMEIDA, 1996, p. 17).

Os quilombos têm sido historicamente lugares de resistência contra a escravidão. Atualmente, nas práticas concernentes às comunidades quilombolas, percebe-se a ressignificação dos valores referentes à religiosidade, cultura, política, economia e sociedade. Contudo, outros grupos quilombolas e não-quilombolas, tais como: posseiros, camponeses e trabalhadores rurais passaram a reivindicar seus direitos não somente com relação à terra, mas também às políticas públicas que os amparasse. Conforme Arruti (2017), o quilombo ultrapassa o sentido da localização geográfica e de suas dimensões econômicas para uma unidade viva, de autonomia e produção material e simbólica.

O'dwyer (2002) afirma que:

[...] Contemporaneamente, portanto, o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea [...]. Consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na

consolidação de um território próprio [...] (O'DWYER, 2002, p.18).

O termo “quilombo” vem tratar, além dos contextos arqueológicos por meio de grupos isolados, de questões voltadas a toda singularidade e características de um povo que luta através de sua resistência.

Almeida (2000, apud O'DWYER, 2002, p. 22), aborda que os “remanescentes de quilombo ou quilombola” são considerados grupos autorreconhecidos, movimentados por organizações sociais, sindicais, religiosas, etc.; e, ao mesmo tempo, reconhecidos pela indissociabilidade entre identidade e território; processos sociais e políticos específicos, que permitem aos grupos uma autonomia; territorialidade específica, direcionada pelo vetor étnico no qual grupos sociais específicos buscam afirmação étnica e política em face de sua trajetória.

A partir de nossa reflexão sobre o que é uma comunidade quilombola e/ou remanescente de quilombo, faz-se necessário pensar a educação no contexto dessa comunidade, que é o foco de nossa análise. Neste estudo, a educação quilombola é pensada a partir dos aspectos da inclusão, das questões étnico-raciais em sala de aula, com as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. Por isso, a necessidade de ressaltarmos a trajetória histórica própria pela qual vivenciamos.

Partindo da realidade da escola Firmo Santino da Silva, da comunidade Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande-PB, no que se refere ao ensino e à educação no quilombo, aproximadamente na década de 90, as comunidades quilombolas ficaram ausentes de uma educação escolar, pois não havia escolas nessas territorialidades. Observa-se que grande parte dos professores eram leigos, perpassavam apenas os conhecimentos adquiridos de sua base inicial – história de seus ancestrais, aspectos do dia a dia na família, agricultura, economia e cultura. E era assim que os discentes recebiam a construção desse seu saber.

Em entrevista realizada com o professor regente da turma do 5º ano, este relatou que foi o primeiro docente a ir para Caiana dos Crioulos, formada, até então, por “professores leigos”, sem muita instrução educacional e informativa para atuar numa comunidade quilombola. Segundo ele, para ser professor de uma escola quilombola:

Tem muito diferencial. É fazer parte de uma comunidade afrodescendente, está inserido, é você adquirir, ao mesmo tempo, se inserir dentro dessa africanidade, é você conhecer a África, dentro do Brasil, uma vez que o Brasil é formado pelas três etnias né, nós é que não tínhamos esse conhecimento, de raças, de etnias, de povo, a

gente só via a nação branca, mas aí quando você passa a estudar, a ter conhecimento você vai ver que é tão negro quanto à pessoa que é preta, num é, a diferença de negro: a raça; de preto: cor. Então assim, eu hoje sou afrodescendente (ZUMBI DOS PALMARES, 2019 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA).

Esse “diferencial”, citado pelo nosso entrevistado, é que, numa escola pública da zona urbana, não se tem o mesmo trabalho como ocorre na escola do quilombo. Para ele:

Não tem! Pelo contrário, deveria ter! A escola quilombola já é a lei, já é o celeiro, inclusive, todos os trabalhos acadêmicos que são realizados lá, é uma fonte de pesquisa, agora, deveria ser mais viável se fossem aplicados na escola da rua, tá entendendo?! Então, todas as faculdades, elas fazem trabalho lá, de pesquisa e aplica aos alunos de lá, eu acho... (que o achismo hoje, tomou conta do mundo), mas eu acho que deveria ser o contrário, que houvesse a pesquisa lá, por exemplo, nessa sua pesquisa, nesse seu trabalho, deveria ser feito lá pra você conhecer, agora você deveria aplicar essas aulas aqui, numa escola da rua, já pra os alunos tomarem conhecimento, porque lá eles já sabem, já são a lei, são a cultura, eles não estudam a cultura. Eu não vejo por esse lado sabe, é meu ponto de vista! Eu não viria eles estudando a cultura, que não há necessidade, não é que não se trabalhe, nós trabalhamos eles, entende o que tô dizendo? Ele já é a cultura, ele é o negro, ele é a ciranda, o coco de roda, ele é a dança, ele é isso! Então, os daqui da rua é, você não vê ninguém fazendo esse trabalho aqui não! Eu acho que teria que mudar. A faculdade, a própria direção, os coordenadores desses cursos, eles deveriam direcionar pra as escolas brancas mesmo (No meu ponto de vista, né). Em Caiana, eles já são, nós já somos, aqui é que precisa disso, as escolas da rua é que precisam! Se você pergunta: Se trabalha o étnico-racial aqui na cidade, a lei 10.639 de 2003, tá sendo trabalhada aqui? Não é interessante! Eles são a lei! O negro já é a lei! Caiana já é a lei! (ZUMBI DOS PALMARES, 2019 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA).

A fala do professor revela a necessidade de realizar um trabalho como esse nas escolas da zona urbana. É que nas escolas da cidade, como se refere, as crianças ficam presas apenas à realidade que lhes convém, seja de sua comunidade escolar, seus familiares, amigos, seja como sobrevivem. Tudo voltado ao que está ao seu redor. Então, o que falta é pôr em prática as leis e diretrizes relacionadas a questões étnico-raciais e quilombolas nessas escolas, para que não apenas as crianças, mas também os professores tenham acesso e conhecimento de algo que está tão próximo a eles e que muitas vezes não valorizam.

Segundo aponta, a criança negra e não-negra de uma escola quilombola já vive, nesse espaço, os seus direitos, seu pertencimento étnico-racial. Ela é protagonista do seu espaço, porém, as crianças da cidade desconhecem esses

direitos que também são seus, independente ou não de serem moradoras de comunidades quilombolas, até porque a Lei 10.639/03 está para toda a educação.

Em observância ao Projeto Político da Escola, entre o período de fundação da em 2001 até a atualidade, percebeu-se que a maioria dos professores que lecionaram na escola de Caiana, muitas vezes não eram do quilombo¹⁸ e levavam o ensino conforme o currículo escolar educacional desenvolvido fora da comunidade. Fugiam da realidade daquele povo, pelo fato de não terem relação de pertencimento com a comunidade e seus conhecimentos de cultura e costumes.

Quando o professor de um quilombo trabalha na realidade em que vive, ele passa a compreender a resiliência do povo negro, entende a superação daquele povo perante as dificuldades encontradas num período de lutas e resistências. Assim, consegue perpassar para o aluno a história do negro não somente se tratando do sofrimento pelo qual passou, mas também de suas trajetórias de lutas e vitórias. A Escola Firmo Santino da Silva não foi reconhecida como um “favor político”, mas como uma conquista gerada de movimentos que possibilitaram o reconhecimento do povo negro na comunidade Caiana dos Crioulos.

O que percebemos é que deve haver um investimento desde a licenciatura, pois o(a) professor(a) deve ter uma formação inicial acerca da educação quilombola e não apenas continuada para o Ensino Fundamental e Médio. É interessante que haja um reconhecimento da realidade local e um diálogo com outros espaços e instituições educacionais, adaptando e flexibilizando sua prática pedagógica e, a partir daí, empreender uma ação nos currículos por meio de um trabalho coletivo com outras comunidades vizinhas.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, constam as metas e ações a serem trabalhadas no currículo escolar, sempre visando à adequação e qualidade dos serviços oferecidos às crianças no espaço físico, nas práticas de leituras e produções textuais, na pesquisa, ação, conhecimento, respeito, aceitação e valorização com a diversidade. Todavia, quando vemos na realidade, o próprio poder público deixa de investir nesses aspectos. Em indagação ao professor a respeito do desenvolvimento de ações pedagógicas com a temática negra em sala de aula, ele relata que:

¹⁸ De 2015 até 2019, observou-se que nas turmas de 5º Ano apenas uma professora, moradora da comunidade remanescente quilombola de Caiana dos Crioulos, não foi regente da turma, e que fez parte nesse período da docência; já os/as demais, eram da zona urbana.

Sim, a gente trabalha... eu me apego muito à cultura de lá mesmo, através da ciranda, perpassando para os alunos a cultura natural deles, pra que eles não se envergonhem, porque se você me perguntar, tem alunos que ensinei aos pais e tô ensinando aos filhos, então, assim, o aluno de 20 nos atrás, de 18 anos atrás, de 20, 22 anos, era totalmente diferente dos de hoje. Ode hoje ele quer o funk, ele quer toda essa modernização que tem dentro da música, dos gêneros musicais. Até porque a televisão levou pra todo o espaço né! Aí o que é que acontece, eu tento trabalhar a cultura local: das ervas medicinais, das danças, músicas, histórias, lendas, isso a gente vai inserindo gradativamente no plano, numa aula semanal, dentro da disciplina de história. No 5º Ano, eu vou inserindo gradativamente, dentro da disciplina do currículo de história, porque o professor polivalente ensina a todas as disciplinas. Até às vezes o livro traz a questão da formação, um assunto relacionado ao negro, então você traz no geral, dentro do Brasil, então você faz um recorte e já traz pra cultura local, mostrando a eles a importância da cultura deles, para eles continuarem perpassando essa cultura, não morrer, não se envergonhar, a gente trabalha isso, eu trabalho essa questão, pra que ele não se envergonhe de ser negro, da cor preta e da cultura deles. Porque eles aprenderam que ser preto era feio, que o coco de roda era feio, que a ciranda é feia, que eles são iguais. A gente passa vídeo, aula dialogada, por exemplo: se quiserem vim na rua, no Armazém Paraíba, se empoderem entrem, porque é uma loja pra todo mundo, não é pra branco, nem pra negro, é pra todo mundo! Então, você não tem vergonha de entrar num restaurante chique porque sou negro, e além de negro, pobre! Então eu trabalho essa autoestima. As minhas aulas relacionadas ao afro no geral, sempre terminam na autoestima deles, não me preocupo em se preocuparem muito na legislação, a gente cita a lei, mostra o que tem na lei, mas eu me apego à questão da autoestima deles, de se empoderarem, por serem negros, sem ter preconceito de outras raças (ZUMBI DOS PALMARES, 2019 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA).

Mediante a criação de políticas públicas de teor afirmativo, a educação escolar quilombola foi implantada após várias conferências¹⁹ em conselhos, para ser sancionada. No entanto, do que adianta a criação de determinadas leis se as comunidades não tinham o direito à educação em sua própria localidade? Não estamos aqui tratando apenas de aspectos normativos, institucionais e burocráticos, mas sim, de todo um processo histórico vivido pelos quilombos por meio de lutas e resistência aos quais passaram na conquista pelos seus direitos.

A educação no quilombo consiste em conhecimentos herdados dos ancestrais

¹⁹ Alusão às Conferências realizadas pela Coordenação Geral para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombola (CONAQ) para implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola: Conferência Nacional de Educação (CONAE, 2010) e ao acordo firmado no I Seminário Nacional de Educação Quilombola realizado em novembro de 2010.

que remetam a todo cotidiano e realidade da comunidade. Desenvolve-se pelos sujeitos em suas práticas diárias, na família, no trabalho, nas manifestações e tradições culturais. Conforme Brandão (1981, p.10), “a educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. Toda forma de educação está posta para ser praticada, produzida e reproduzida pelos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Quilombola na Educação Básica (2012):

os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser construídos a partir de valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definindo nos projetos político-pedagógicos (BRASIL, 2012, p. 34).

A partir daí, ocorre a reafirmação dos valores simbólicos que dizem respeito ao que vem passado de geração a geração, permitindo, dessa forma, o resgate da singularidade de um povo, bem como a identidade cultural e tradicional. É fato que a educação escolar quilombola requer um currículo baseado nas dimensões culturais, políticas e econômicas da realidade da comunidade. Não se trata de negar os saberes presentes nos currículos escolares, mas, viabilizar reflexões no entrelace desses conhecimentos para o fortalecimento de uma cultura na busca de contemplar as necessidades do povo quilombola.

Diante disso, percebemos a importância da inserção da escola numa comunidade quilombola. Não estamos retratando a negação da educação para essa população, mas sim, enfatizando o reconhecimento da diversidade existente na comunidade, tendo no currículo escolar temas relacionados à cultura e singularidades étnico-raciais de cada um:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural (BRASIL, 2011, p. 21).

A educação escolar quilombola representa uma política voltada para a garantia do acesso, permanência e sucesso no desempenho dos alunos, por meio de um

ensino de qualidade que abrange toda a historicidade de seus ancestrais, tornando-se necessária e eficiente a seu povo. Se no campo teórico a educação quilombola foi pensada nessa perspectiva conforme abordamos, em relação às políticas educacionais para a comunidade quilombola, ela pode ser pensada em alguns aspectos voltados às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola de 2012; à Lei de Diretrizes e Bases Nacionais de 1996; à Constituição Federal de 1988; e à Lei 10.639/2003, entre outros documentos.

Na próxima sessão, faremos uma discussão a respeito da Educação Quilombola e as políticas educacionais que abarcam as relações e questões étnico-raciais para a construção da identidade negra e não-negra por meio da literatura. Também discorreremos sobre a importância da formação continuada docente e intercâmbio da escola nesse processo.

2.2. A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS: PARA ALÉM DE UMA IDENTIDADE NEGRA

FIGURA 37 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O TÓPICO 2.2



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

A nuvem faz referência às políticas educacionais que regem a educação quilombola. As palavras-chave, sucintamente, preveem o que teremos a seguir neste tópico.

É importante compreendermos que por mais que as legislações tenham seu caráter afirmativo, elas são a própria LDB – Lei de Diretrizes e Bases Nacionais 9394/96 nas alterações dos artigos 26-A e inclusão do 79-B. Dizem respeito tanto a parcela da populacional negra, como também a todos os brasileiros.

Não se trata de uma legislação que priorize apenas o povo negro,

exclusivamente, mas a todos os brasileiros. Tudo isso é fruto dos movimentos sociais ao protagonismo de sujeitos sociais concretos. É por meio das políticas educacionais que vão chegando aos sujeitos e, estes, passam a compreender seu lugar de fala e de história na sociedade.

A Educação Escolar Quilombola, localizada dentro do território quilombola, é uma demanda histórica pelo movimento social negro. É considerada como ação afirmativa, que questiona e indaga o currículo para colocar em prática políticas que corrigem as desigualdades históricas que recaem sobre os grupos étnicos sociais e raciais do país.

Uma modalidade dentro da Educação Básica traz para a educação a visão de como tem que se organizar e se planejar para atender aos grupos étnico-raciais, por meio da memória coletiva, marcos civilizatórios, das práticas culturais, formas tecnológicas de trabalho e festividades de um povo. Uma escola quilombola, por ser oriunda de uma educação diferenciada, compreende as escolas quilombolas de um modo geral e atendem aos estudantes advindos de territórios quilombolas.

Com base nisso, a dificuldade de selecionar conteúdos curriculares da área de Literatura relativos à Cultura afro-brasileira e/ou Cultura Africana é que nos leva a refletir sobre o que diz a LDB nº 9394/96, em seu Art. 26-A, sobre a obrigatoriedade do estudo dos conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira e indígena no âmbito de todo o currículo escolar em instituições de ensino fundamental e de ensino médio, sejam públicas e/ou privadas que têm um grande destaque nas áreas de educação artística e de literatura e histórias brasileiras:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008). § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (REDAÇÃO DADA PELA LEI Nº 11.645, DE 2008).

Mediante o documento, os conteúdos passaram a caracterizar a formação da população brasileira, seus grupos étnicos, suas lutas indígenas e africanas, bem como sua história como um todo, suas heranças culturais e contribuições significativas na

área social, econômica e política, pertinente à história do Brasil.

Em 2003, tivemos a obrigatoriedade da inclusão no ensino da “História e da Cultura Afro-Brasileira, por meio da Lei nº 10.639, no ensino educacional, juntamente com a criação de secretarias que contribuíram para a implementação de políticas voltadas à população negra, como foi o caso da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR.

A Secretaria foi criada em 2003 pela medida provisória nº 111, convertida na Lei nº 10.678, que nasceu do reconhecimento das lutas históricas do movimento negro brasileiro, com o intuito de coordenar o Programa Brasil Quilombola e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI, criada posteriormente em 2004 para a implementação da Lei nº 10.639/2003, em articulação com os sistemas e políticas educacionais nas áreas de alfabetização e educação de jovens e adultos; educação ambiental; educação em direitos humanos; educação especial; do campo; escolar indígena; quilombola e educação para as relações étnico-raciais.

Desse modo, o artigo que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional passou a ser acrescido pela Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e conferir outras orientações, tais como, a validação acrescida dos seguintes Artigos 26-A, 79-A e 79-B. Além dos estudos citados anteriormente, também se incluiu o estudo da História da África e dos Africanos e o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”:

Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B: Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira; § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil; § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras; § 3º (VETADO); Art. 79-A. (VETADO); Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’; Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República (BRASIL, 1996, LEI Nº10.639/03, ART. 26-A).

Passou a vigorar a inclusão de assuntos relativos à Cultura Afro-Brasileira e/ou Cultura Africana em alguns dos componentes curriculares e a leitura da literatura afro-brasileira contribuiu na discussão do desenvolvimento da igualdade étnico-racial em ambientes educativos, por meio da formação e prática do professor em sala de aula e na construção da identidade do educando.

Trabalhar a Literatura afro-brasileira em sala de aula traz algumas motivações para a prática docente e aprendizagem do aluno, como por exemplo: estratégias de como abordá-la; a escolha das obras literárias para promover a leitura de modo que desperte na criança negra e não-negra o sentimento de valorização e afirmação étnico-racial.

Essas motivações devem estar presentes nos cursos de formação de professores, em todas as modalidades, instigando o redesenho de princípios e práticas para lidar com assuntos antes silenciados ou tratados de maneira danosa ou perversa (SANTOS, *et al.* 2005). Com isso, percebemos que não apenas a comunidade passou a ter um diferencial, mas também o ensino, principalmente, após a legitimação e reconhecimento de Caiana como remanescente de quilombo.

Ao inserir a literatura afro-brasileira em sala de aula da Educação Quilombola, o professor está sendo o mediador para inclusão da proposta da Lei 10.639/03, a qual requisita que o texto literário seja implementado em sala obrigatoriamente na discussão da história e cultura afro-brasileira e, no caso da literatura, ela vem discutindo a história e cultura afro-brasileira e africana e o povo negro como representação étnico-racial.

Para que a lei seja implementada no contexto da Educação Quilombola, o professor no ambiente de uma sala de aula quilombola pode utilizar inúmeros recursos didáticos e linguagem. Nesse sentido, apresentamos a possibilidade da literatura como ambiente educacional na aprendizagem dos saberes afro-brasileiros a partir das histórias narradas no texto literário.

Entendemos que há a necessidade de formação continuada para que os docentes possam, em seu fazer pedagógico, contemplar estudos e reflexões acerca das questões sobre a Cultura Afro-Brasileira e Africana pelos caminhos da Literatura em sala de aula, seguindo estudiosos que abordam tal questão, bem como as Leis que implicam esse trabalho, para a construção da identidade do indivíduo.

Para Erikson (1972), o senso de identidade é desenvolvido durante todo ciclo de vida, no qual cada indivíduo passa por períodos de desenvolvimento distintos.

Portanto, a construção da identidade é pessoal e social, acontecendo de forma interativa, através de trocas entre o indivíduo e o meio no qual está inserido.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, criadas em 2012, contribuíram para que a formação e informação do docente no que diz respeito ao ensino voltado à cultura negra fossem concebidas nas escolas quilombolas²⁰. Logo após, foi criado o Plano Nacional de Implementação dessas diretrizes, contendo ações educacionais a serem trabalhadas em comunidades remanescentes quilombolas.

Após várias reuniões municipais, estaduais e federais da educação, foi na Conferência Nacional da Educação, em 2010, que se congregaram para a constituição de um capítulo voltado à Educação Quilombola e aos direitos dessa população. Desse modo, quanto à Educação Quilombola temos:

- a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional.
- b) Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meio ambiente e a geografia local.
- c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo.
- d) Garantir a participação de representantes quilombolas na composição dos conselhos referentes à educação, nos três entes federados.
- e) Instituir um programa específico de licenciatura para quilombolas, para garantir a valorização e a preservação cultural dessas comunidades étnicas.
- f) Garantir aos professores/as quilombolas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização.
- g) Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas, a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.
- h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja

²⁰ Na página 21 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, o documento faz menção à Educação Quilombola, referenciando que 'o ensino de História Afro-Brasileira abrangerá, entre outros conteúdos, iniciativas e organizações negras, incluindo a história dos quilombos, a começar pelo de Palmares, e de remanescentes de quilombos, que têm contribuído para o desenvolvimento de comunidades, bairros, localidades, municípios, regiões (exemplos: associações negras recreativas, culturais, educativas, artísticas, de assistência, de pesquisa, irmandades religiosas, grupos do Movimento Negro). Será dado destaque a acontecimentos e realizações próprios de cada região e localidade' (BRASIL, 2004, p. 21).

exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas (BRASIL, 2011, p. 9).

Diante desse pressuposto, as Diretrizes vêm contemplar algumas atribuições que perfazem todo o ensino básico atendendo Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação Especial, a Educação Profissional e Técnica de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos e a Educação a Distância:

§1º A Educação Escolar quilombola na Educação Básica:

I- Organiza precipuaemente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e se alimentando:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas remisscentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo país;
- h) da territorialidade.

II- Compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades, a saber:

Educação infantil, Ensino fundamental, Ensino Médio, educação do Campo, educação Especial, Educação profissional Técnica e Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Educação a Distância.

III- destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica (BRASIL, 2012, p. 479).

Entre as várias demandas, no que diz respeito às atribuições das diretrizes, a educação quilombola vem determinar que se torna necessária a construção do PPP de forma participativa, envolvendo todos da escola, revelando os compromissos e intenções com a realidade local, histórica, política, sociocultural e econômica.

Com relação à formação dos professores e gestores, estes devem incluir em seus estudos os conceitos de memória, oralidade, corporeidade, ancestralidade e participar ativamente com as lideranças da comunidade para que possam fluir um trabalho que beneficie a todos.

Conforme o próprio PPP da escola Firmo Santino da Silva, como a comunidade de Caiana dos Crioulos possui uma cultura fundamentada no repertório afro-brasileiro, passou-se a ter um diálogo entre a escola e a comunidade, possibilitando o conhecimento de suas heranças históricas não só para os alunos, mas também para os professores, no repasse dos saberes docentes. A partir daí, os conteúdos escolares ensinados passaram a contemplar toda a realidade do povo quilombola, valorizando

e respeitando as questões étnico-raciais, permitindo que escola e comunidade construam novos saberes, práticas e assentimento da cultura local, elevando assim a autoestima das crianças e jovens negros e não-negros, por meio da convivência e aceitação das diferenças.

Com isso, as comunidades quilombola passaram a ter lugar de destaque na educação para o reconhecimento e legitimidade de sua cultura e, principalmente, dos seus direitos, por meio de ações e políticas públicas que passaram a definir a Educação Escolar Quilombola como uma modalidade na educação, através dos seguintes termos:

Art. 41. A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem como nas demais, deve ser reconhecida e valorizada a diversidade cultural (BRASIL, 2010, p.13).

A escola deve se constituir como um espaço de diálogo entre a realidade local e o conhecimento escolar para a valorização do território, aliado a uma ação educativa como uma parceria família, escola e comunidade, articulados à diversidade e igualdade.

Ainda a respeito da garantia dos sistemas de ensino, sejam estaduais ou municipais, o MEC possui ações, por meio do Plano de Ações Articuladas (PAR), para incluir nas escolas localizadas em Comunidades Remanescentes de Quilombos as demandas relacionadas à formação de professores/as, à infraestrutura e aquisição de materiais didáticos específicos. Entre algumas ações, destacamos estas que mais estão relacionadas aos anos iniciais do Ensino Fundamental:

- a) Apoiar a capacitação de gestores (as) locais para o adequado atendimento da educação nas comunidades remanescentes de quilombos, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola;
- b) Mapear as condições estruturais e práticas pedagógicas das escolas localizadas em comunidades remanescentes de quilombos e sobre o grau de inserção das crianças, jovens e adultos no sistema escolar;
- c) Garantir direito à educação básica para crianças e adolescentes das com unidades remanescentes de quilombos, assim como as modalidades de EJA;

- d) Ampliar e melhorar a rede física escolar por meio de construção, ampliação, reforma e equipamento de unidades escolares;
- e) Promover formação continuada de professores (as) da educação básica que atuam em escolas localizadas em comunidades remanescentes de quilombos, atendendo ao que dispõe o Parecer CNE/CP nº 03/2004 e a Resolução CNE/CP nº 01/2004, considerando o processo histórico das comunidades e seu patrimônio cultural;
- f) Editar e distribuir materiais didáticos conforme o que dispõe o Parecer CNE/CP nº 03/2004 e a Resolução CNE/CP nº 01/2004, considerando o processo histórico das comunidades e seu patrimônio cultural (BRASIL, 2013, p. 63).

Um dos grandes desafios para a educação quilombola nas comunidades é fazer com que haja a valorização, o reconhecimento e reafirmação à tradição oral, seus costumes, crenças e resistência através das diversas formas de manifestação cultural para a construção da identidade desse povo, uma vez que estamos imersos em uma sociedade que prioriza, sobretudo, a língua escrita, deixando de lado a oralidade e memória de um povo.

Na comunidade de Caiana dos Crioulos, o que é perceptível, na visão dos moradores mais antigos, é o fato de que mesmo a cultura local enfatizando fortes traços culturais em suas tradições por meio da Ciranda, da Capoeira e da valorização da memória, a resistência é encontrada em outros ritmos musicais como o forró, o rap e o funk, por exemplo, muito apreciados pela maioria dos jovens.

No entanto, essa nova cultura são ritmos não tradicionais da comunidade, mas que atualmente compõem o universo cultural local. Com isso, boa parte desses jovens acabam perdendo a motivação em conhecer mais sobre suas tradições, devido a essa forte influência externa da nova modernidade. Para Poirier (2009):

Dar a atenção aos grupos vulneráveis é fundamental para garantir a universalização do acesso à educação e isso não deve ser feito de uma maneira isolada que possa estigmatizar os grupos, mas fazer parte de uma política geral para todos (POIRIER, 2009, s/p).

Visto que o funk e o rap possuem caráter político e social, em sua grande maioria, torna-se importante que os professores estejam atentos para essas novas linguagens incorporadas pela modernização e utilizem da melhor forma possível para a construção do conhecimento e saber escolar, de modo a apresentar sua cultura local frente a esses ritmos mais atuais, dialogando e promovendo a construção da identidade dos discentes, por meio daquilo que mais se interessam, mas sem que eles esqueçam de suas origens históricas.

Quando se é repassado nas escolas sobre a história da população negra e suas lutas, remete-se ao fato apenas da escravidão, sem denotar os valores positivos e as influências que o povo negro trouxe a toda sociedade, seja na música, nos dança, linguagem, religião ou culinária. Tudo o que é (re)passado para as crianças é uma forma de aprendizagem e vivência por que seus antepassados passaram para conquistar seus espaços hoje. Desse modo, a escola é um dos principais meios desencadeadores para trabalhar esses saberes, proporcionando uma aproximação desses sujeitos com seus espaços, como remete Fernandes e Souza (2016):

A 'escola se constitui em espaço privilegiado de formação identitária, sendo assim lócus importante de intervenção nos rumos da construção da identidade negra' e não negra, por isso a necessidade e importância de trabalhar essas questões desde cedo com as crianças da Educação Infantil, principalmente (FERNANDES; SOUZA, 2016, p.117).

De modo interdisciplinar, podemos perpassar os conhecimentos acerca da cultura afro-brasileira de uma comunidade quilombola na área de Língua Portuguesa, Matemática, Artes, História, Geografia, Educação Física e Ciências. Conhecimentos esses que envolvem o saber cultural, os saberes tradicionais nas mais simples situações em que a criança vivencia em sua comunidade.

Valer-se de conhecimentos sobre as ervas medicinais, agricultura familiar na lavoura, na distância entre uma cova e outra, as danças e músicas que envolvem suas noites como a ciranda, capoeira e coco de roda, as receitas para se fazer o sabão, a linguagem e as formas de expressão de algumas comunidades remanescentes quilombolas, tudo para tornar a aula mais prazerosa e não distanciar a criança de sua realidade social local.

No entanto, Santos (2008) alega que a escola pouco colabora para o repasse e compartilhamento desses conhecimentos, gerando um processo conflituoso. A partir daí, temos escolas em comunidades quilombolas que não perpassam a herança afro-brasileira para a afirmação da criança negra e, desse modo, “diferenças tornam-se invisíveis e a escola não procede ao enfrentamento do preconceito” (LEITE, 2009, p. 158). Conforme Fernandes (2013), observam-se preconceitos e discriminações na transição do jovem negro da escola do quilombo para a escola da cidade, na continuidade de seus estudos, gerando assim o fracasso e a evasão escolar.

A escola quilombola deve se constituir num espaço de resgate de memórias e

construção/reafirmção de identidades, mesmo que em Caiana dos Crioulos não tenha sua história por escrito, mas demarcada pelas memórias dos idosos, o que faz manterem-se vivas as histórias e origens de um povo que teve sua trajetória marcada pela resistência e resiliência. Logo, a transição do seu lugar de pertença para uma nova sede gera implicações simbólicas, no sentido de retrocederem os valores identitários, gerando, por consequência, a não-aceitação de si próprio, ao que o outro induz sobre ele através do preconceito. Pavão (2010) traz uma reflexão no que diz respeito à escola como espaço de dominação e/ou silenciamento do diverso:

[...] de um lado, uma organização oficial do sistema escolar que define conteúdos e funções, organiza, separa, hierarquiza os espaços; de outro, os sujeitos, os/as educandos/as, professores/as e funcionários/as, que criam inter-relações fazendo da escola um processo de permanente construção sociocultural (PAVÃO, 2010, p. 11).

Percebemos a importância dos professores nesse processo educacional, que podemos aproveitar de diversos recursos para proporcionar uma educação igualitária para todos. É papel da escola mudar todos esses fatores, a começar da exclusão e desigualdade, pois não podemos permitir que esses estereótipos cheguem negativamente em nossas crianças. Devemos trabalhar com a diversidade, lutando contra o racismo a partir da infância. Com base nesse argumento, Silva (2012) nos remete a uma educação quilombola em que:

A diferença reside em conseguir socializar os conhecimentos gerais já normatizados e convencionados nos sistemas de ensino e aqueles conhecimentos que a comunidade entende serem importantes, mas ainda não são vistos ou aprendidos por meio da escola. Educação Escolar Quilombola é um instrumento de luta, de identificação, de acolhimento dos conhecimentos locais e universais, de valorização da pessoa, da afirmação enquanto sujeitos de direitos, conforme mencionado (SILVA, 2012, p.167).

Todo esse contexto nos remete a refletir que a educação escolar quilombola precisa estar posta às definições curriculares na prática, propondo a valorização e afirmação da identidade e respeito às tradições culturais, pois políticas públicas não existem apenas para ficarem no papel em seus capítulos e parágrafos, mas sim, devem ser postas em prática visando à inclusão em todos os espaços educacionais.

O que temos observado é que, mesmo com tais políticas e legislações de implementação às questões voltadas à educação quilombola, há um grande número

de comunidades remanescentes quilombolas que não possuem escolas, o que leva crianças e jovens a deslocarem-se para outras comunidades vizinhas ou até mesmo para a cidade, esta, de difícil acesso, distantes de suas realidades, sem contar a inadequação e insuficiência de transportes para deslocá-los.

Pensar numa educação escolar quilombola de qualidade, é pensar no aluno, seu bem-estar, seu modo de aprender perante suas diferenças e especificidades. É tratá-lo de forma igualitária, respeitando suas características, compreendendo seus processos educacionais, culturais e relações cotidianas, oportunizando-os ainda aos questionamentos acerca da desconstrução dos mitos em relação à superioridade e inferioridade nas sociedades como um todo.

Todavia, antes de pensarmos em reconstruir esse pensamento em nossos alunos, precisamos ver esse trabalho em prática com nossos professores, que enfrentam dificuldades não só pela falta de formação e informação, mas também nos aspectos relacionados à escola; à falta de estrutura e recursos; número excedente de alunos numa mesma sala; e até mesmo um acompanhamento diferenciado como aporte ao seu trabalho.

De acordo com Nilma Lino Gomes, na época em que ela refletiu sobre a questão racial no Brasil, fazia quatro anos após a sanção da Lei 10.639/2003, mas, [...] “ainda encontramos muitas resistências de secretarias estaduais, municipais, escolas e educadores(as) à introdução da discussão que ela apresenta” (GOMES, 2008, p. 69).

Atualmente, percebemos que essa lei não foi completamente contemplada, principalmente, no que diz respeito aos benefícios como alimentação e transporte escolar, uma alimentação articulada aos costumes locais da comunidade e da acessibilidade e melhores condições nas vias de deslocamento, muitas vezes, em situações precárias. No entanto, mesmo diante desses pormenores, já temos um grande avanço no que se refere ao ensino e aprendizagem dos alunos.

Segundo Silva (2007, p. 496), “as relações sociais, de modo notável relações de trabalho, relações étnico-raciais fazem parte da vida das pessoas, tanto pela vivência direta, quanto pela experiência de outros que as expõem em relatos, em recomendações”. Desse modo, quando pensamos em uma educação igualitária, naquela em que é levado todo o conhecimento de mundo da criança em consideração e o respeito ao seu modo de pensar, vemos o quão é essencial tratarmos essas questões em sala de aula, principalmente, focando em obras literárias afro-brasileiras

nas quais o alunado passe a se identificar com equidade e reflexão, já que somos todos iguais, independente de gênero, raça e classe social. Para Videira (2007):

[...] para a promoção de uma educação igualitária [...] as relações raciais em território brasileiro devem ser questionadas [...] à medida que o sistema de ensino se mostra inadequado para o segmento negro da população [...] e o espaço escolar mostra-se inadequado para receber crianças negras (VIDEIRA, 2007, p. 98).

Isso nos possibilita um novo pensar à luz da educação escolar quilombola, pois não basta conhecermos as legislações que regem a educação, torna-se necessário dialogarmos com a realidade local na qual nos encontramos, para fazer uma “educação diferente”, não no sentido pejorativo e excludente da palavra, mas que desenvolva na escola novos espaços pedagógicos que propiciem a valorização das identidades brasileiras, visando a um currículo que leve o aluno a conhecer suas origens e ancestralidades sem sair do contexto escolar propriamente dito.

Caiana dos Crioulos é uma comunidade quilombola rica em cultura, e tal riqueza está no próprio fazer dos moradores, seja na receptividade com pessoas de outras localidades a partir de visitas em seus patrimônios históricos, seja expressada na ciranda e no coco de roda, manifestações artísticas mantidas pelos grupos protagonizados por homens e mulheres.

Por isso, defendemos a importância da inclusão da literatura na escola de quilombo a partir da temática afro-brasileira. Entendendo que a literatura é um saber que propicia esse conhecimento, iremos utilizá-la como mediadora e representação para a construção da identidade da criança negra.

Na próxima sessão, discutiremos acerca da construção da identidade da criança negra na educação quilombola, verificando aspectos relacionados às questões étnico-raciais e inclusão destas no contexto educacional.

CAPÍTULO 3

“LELÊ EM CAIANA DOS CRIoulos”²¹: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO MEDIADORA NO PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA

FIGURA 38 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O CAPÍTULO 3



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

A nuvem traz como destaque as palavras-chave que referenciam os conceitos apresentados nos tópicos 3.1 e 3.2. A infância é um momento de construção da identidade da criança. É por meio dessa fase que ela descobre o mundo e faz algumas escolhas no que se refere ao jeito de ser e estar com o outro. Mediante essas inquietações, torna-se importante discutir a identidade negra na educação quilombola com crianças, para que, a partir das discussões, possamos possibilitar a afirmação identitária dessas crianças.

Nessa sessão, iremos abordar o conceito de “representação” segundo Chartier (1999) e como os textos literários propiciam a formação leitora e a construção da identidade das crianças, já que:

torna-se relevante compreender que o texto literário pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do leitor com a sociedade [...] um instrumento capaz de envolver não só aspectos de ordem estética, mas também contextuais (COSTA, 2014, p. 225).

A literatura afro-brasileira deve ser trabalhada em sala de aula, apresentando a importância de se debater com as crianças os textos e obras literárias afins no

²¹ Título criado pelo aluno G., do 5º Ano, em uma atividade sobre a obra literária afro-brasileira: “O cabelo de Lelê”.

contexto escolar, enfatizando que “o texto literário pode ser usado como uma das formas de autoconhecimento, conhecimento do outro, da realidade e do tempo em que vivemos, assim como do passado e da nossa herança cultural” (COSTA, 2014, p. 226), mostrando ainda os desafios de educar e ensinar a questão étnico-racial na perspectiva do povo negro e a contribuição social e cultural na educação escolar, trazendo o debate da identidade negra dentro do quilombo.

Pelos seus conceitos e pensamentos acerca da literatura afro-brasileira, autores como Silva (2010), Zilberman (1985), Coelho (2000), Ianni (2011) e Fernandes e Sousa (2016) também terão destaque neste capítulo.

3.1 “O MEU CABELO E A MINHA COR”²²: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

Figura 39 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O TÓPICO 3.1



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

A nuvem apresenta palavras que se destacarão ao longo do tópico, contextualizando os elementos principais a serem discutidos. O conceito de criança perpassa por várias vertentes, por está intimamente ligado aos parâmetros da Constituição de 1988, ao Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA de 1990 - e à Lei de Diretrizes e Bases, Lei 9.394/96 (Art. 29-31).

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI, por exemplo, é um documento que propõe orientar os direitos das crianças de 0 a 6 anos. Ele retrata que o lugar do ser “criança” é considerado como um lugar social, onde ela exerce seu papel de cidadã, seja na escola ou na vida, já que é um sujeito em constante

²² Trecho de uma atividade final, relacionada à história que mais gostou, criado pela aluna G. - 5º Ano.

construção, independentemente de sua cor, raça, gênero ou classe social. Para isso, torna-se necessário:

o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.; o direito a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil; o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética; a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma; o atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade (BRASIL, 1998, p.13).

O RCNEI (BRASIL, 1998) sugere uma concepção de criança como sujeito de natureza singular, social e histórica, participante de uma organização familiar numa sociedade. Ela passa a ser marcada pelo meio social ao qual está inserida, capaz de sentir, pensar e compreender o mundo de um modo próprio. A partir daí, constrói o conhecimento de acordo com as interações com as pessoas e o meio em que vivem, fruto de um intenso trabalho de criação, de significação e ressignificação (BRASIL, 1998). Segundo Kramer (2003):

[...] a idéia de infância aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a sua inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto ('de adulto') assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa de ser cuidada, escolarizada e preparada para uma função futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade (KRAMER, 2003, p.19).

Referente a isso, passou-se a ter uma preocupação maior com a criança, diminuindo os índices de mortalidade. A partir daí, as crianças da burguesia passaram a ser beneficiadas, enquanto que as crianças do povo tiveram seus direitos educacionais negados, sendo levadas a trabalhar. Entretanto, as evoluções temporais, após as revoluções da época, trouxeram profundas modificações à educação e hoje a criança é vista como um sujeito de direitos, com suas necessidades cognitivas, emocionais, psicológicas e é merecedora de todo o respeito.

Atualmente, a infância é tida como tema central em várias áreas do conhecimento, como a Sociologia, Pedagogia, Psicologia, entre outras. Sendo

discutida em diversos segmentos para a promoção de direitos e deveres para a criança, bem como, pelo fato de procurar compreendê-la em seu desenvolvimento na fase inicial até a vida adulta. No entanto, muita coisa ainda falta melhorar, a exemplo das condições em que vivem: situação de vulnerabilidade social; sendo violentadas; sem acesso à escola e a um ensino de qualidade; e sendo excluídas socialmente da sociedade.

Faz-se importante, desde a infância, ocorrer uma relação entre família e escola, já que esta última, exerce função primordial na formação do sujeito, possibilitando-lhe a construção de valores e condutas, bem como a afirmação de identidades. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

A identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar e da história pessoal. Sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas pela criança, nas quais ela, alternadamente, imita e se funde com o outro para diferenciar-se dele em seguida, muitas vezes utilizando-se da oposição (BRASIL, 1998, p. 13).

Perante as questões étnico-raciais existente do país, os significados de pertencimentos tornam-se visíveis, permitindo o reconhecimento e identificação de modo que a negritude possa ter sua liberdade de expressão exercida. Em diálogo com professores da Escola Firmo Santino, percebeu-se que pelo fato de trabalharem numa escola quilombola, priorizam a questão da identidade por meio de

temáticas voltadas à cultura afro-brasileira, para que compreendam a importância do negro na formação do povo brasileiro, além do respeito às diferenças de raça, cor e religião e ainda manter viva essa cultura que tem tanta riqueza (ZUMBI DOS PALMARES, 2019 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA).

A questão da criança negra e não-negra no espaço escolar pode contribuir ora para uma construção identitária positiva, ora para o enfraquecimento dessa. Do mesmo modo que a escola eleva a valorização da criança, ao mesmo tempo, torna-se um espaço de medo e fuga para aquelas que têm sua identidade frustrada. Não basta a escola apenas escancarar seus portões para a entrada das diversidades étnicas, religiosas, de gênero, sexualidade, ela também deve fazer jus ao seu papel de democratizadora e igualitária. A esse respeito, Cavalleiro (1991) afirma que:

Para a promoção de uma educação igualitária, compromissada com o desenvolvimento de todos os cidadãos, as relações étnicas em território brasileiro devem ser questionadas. Esta é uma discussão impreterível na medida em que o sistema de ensino mostra-se inadequado para o seguimento negro da população (CAVALLEIRO 1991, p. 49).

Em conversa com o professor regente, foi questionado se ele havia percebido ou vivenciado cenas de preconceito e racismo em relação à cor da pele entre as crianças na sua sala. Ele respondeu:

Não! Assim porque se aconteceu, foi muito sutil, que não deu pra perceber. Inclusive esse ano, eu tenho um cuidado, porque a única menina branca, dos olhos verdes, ela... (não sei nem se fala isso, se tá correto) é a mais capacitada da sala, é a 'mais inteligente', que pega todos os conteúdos, que pega tudo, é a primeira, ela é 10! Então as notas delas são sempre 10, 10... é tanto que quando ela erra um conteúdo eu faço questão de frisar que ela errou, pra que os outros vejam que ela não está sendo a melhor, então tô sempre colocando que ela é igual, eu percebo que ela fica hiperativa, quando tô explicando pra outro, ela já fica à frente, 'Isso eu já sei, eu já sei disso professor, já vi ano passado' (fala a menina), então eu falo, 'Sim, você já viu, mas será que todos sabem? Tem que rever novamente! Esse ano vai aumentar um pouco mais! Você viu resumido, esse ano você vai ver mais coisa...', porque ela pega muito rápido! (ZUMBI DOS PALMARES, 2019 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA).

Para a promoção dessa educação, compromissada com todos, as relações raciais devem ser indagadas. Se o sistema educacional não se mostra adequado para atender à população negra, ele não terá condições éticas alguma de receber crianças negras. A realidade é que infelizmente ainda temos em nossa educação reprodutores do racismo, do preconceito.

A literatura afro-brasileira vem como um alibi para contribuir com a inclusão da criança negra em sala de aula, no sentido de levá-la a valorizar-se e encontrar-se em meios aos textos literários que coloque o negro em lugar de destaque. A partir daí, essa criança se encorajará para não se inibir diante de sua cor e reconhecer-se como tal. Cavalleiro (1991, apud Videira, 2007) vem nos mostrar como agir em situações em que a criança negra passe por preconceito e discriminação:

os profissionais da escola devem valorizar cada reclamação de ocorrência de discriminação e preconceito no espaço escolar; as vítimas dessas situações não devem ser culpadas por tal acontecimento; quem ofendeu, humilhou ou ironizou o outro indivíduo, pautado no seu pertencimento racial, deve ser levado a entender a sua

atitude como negativa; a criança que traz a reclamação, quando ofendida pelas atitudes de amigos e/ou professores, deve receber afeto e ter a certeza de que poderá contar com o respeito de todos (CAVALLEIRO, 1991, apud VIDEIRA, 2007, p.106).

A escola precisa tomar seu lugar de democrática e agir como tal, de articular a com a criança negra e sua identidade, mostrando que ela é protagonista no meio em que vive e que tem por direito seu espaço de representação, de cultura, de sociedade, de conhecimento, de saber, de povo.

Segundo Hall (2006), até o século XX, vivíamos numa sociedade sólida. Todavia, a partir do final desse século, as paisagens culturais, antes consistentes diante das questões de gênero, raça, sexualidade, classe social, agora modificada, abalaram a ideia de quem somos e como somos enquanto sujeitos, isto é, nossas identidades pessoais. Isso se deveu à descentralização do sujeito, tanto de lugar quanto de mundo, causando uma crise de identidade no indivíduo diante da transformação da modernidade.

[A identidade] é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

Outro aspecto relevante a essas transformações ocorre devido aos fenômenos da globalização que parecem estar interferindo na identidade das sociedades atuais, perante as mudanças constantes, diferenciando-se assim das sociedades tradicionais. O sujeito na pós-modernidade passa a ter sua identidade inconstante, de acordo com as condições as quais está na sociedade. Ele passa a ser moldado e submisso a um padrão que muda constantemente.

Desse modo, a sociedade passa a ser caracterizada pela diferença, perante as várias e diversas posições do sujeito. Segundo Hall (2005), a identidade não é mais inata, mas sim, sujeita às mudanças que a sociedade produz, através de processos inconscientes, em constantes mutações. Sendo assim, não nascemos completos, sempre teremos algo a ser preenchido a partir do meio (HALL, 2005).

Isso remete a um fator importante voltado às vivências com diferentes etnias, religiões, costumes, que proporcionam no sujeito criança o conhecimento de si e o respeito às diferenças do outro. De acordo com Hall (2005), a identidade passará a

ser construída com o tempo e as interações com o outro, com o mundo no qual a criança está inserida. Não algo que passa a existir no momento em que essa nasce.

Com isso, encontrará no outro, respostas que procura para si mesma. Desse modo, a literatura afro-brasileira contribuirá não apenas para a construção da identidade da criança, mas também para o professor que é o principal mediador desse processo. Ainda conforme Hall (2005),

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação “com outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. G.H Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção ‘interativa’ da identidade do eu. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2005, p. 11).

Mediante essas questões que Hall (2005) traz, faz-se necessário pensar a identidade da criança negra no contexto escolar, para que haja a valorização e discussão sobre essa questão étnica, principalmente porque a escola é um espaço que tem crianças negras e não-negras.

Assim, serão as influências externas que representarão os valores pré-estabelecidos adquiridos durante sua trajetória desde a fase infantil até a adulta, em constante movimento diante das necessidades do momento, considerando o fator histórico, cultural, espacial e temporal (HALL, 2005).

Toda essa descrição de identidade do sujeito se adapta à identidade negra, esta, resultante do diálogo e negociação das etnias. Para Gomes (2002), a identidade negra pode ser:

[...] entendida como um processo contínuo, construído pelos negros nos vários espaços — institucionais ou não — nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos. Nesse percurso, os negros deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura, sua história, seu corpo e sua estética. Muitas vezes esses olhares chocam-se com a sua própria visão e experiência da negritude. Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, diante das diversas maneiras como estas são tratadas pela sociedade (GOMES, 2002, p.2).

Através desse pensamento, percebemos o quão importante é o espaço escolar para que a criança construa, seja através da literatura ou em outras áreas do conhecimento, sua identidade, já que esta está em constante processo de edificação. No ambiente escolar, as crianças se deparam com os olhares não só para seu corpo, mas também para sua própria cultura, para isso, torna-se necessário minimizarmos os efeitos nocivos do racismo nessa nova geração e a literatura afro-brasileira tem esse cumprimento positivo.

Conforme o professor regente da turma, em relação à abordagem e importância da utilização dos textos literários afro-brasileiros, relata:

Eu percebo deficiência na escrita e leitura e utilizo a literatura normal, como qualquer outro texto que é trabalhado dentro da literatura. Eu me atrevo a usar alguns livros, slides, com os livrinhos, faço atividade relacionado com pintura e desenho, historinhas, tirinhas, contos, leitura oral dirigida [...] (ZUMBI DOS PALMARES, 2019 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA).

Mais uma vez, reiteramos a importância não só do professor, mas da escola como um todo, na escolha das obras literárias utilizadas em sala de aula, optando por aquelas que contribuam para a formação de uma identidade. Que propiciem o contato com a diversidade e as especificidades da cultura africana, abolindo uma visão estereotipada, preconceituosa e discriminadora. Para Munanga (2005):

[...] não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p. 16).

Os textos literários afro-brasileiros podem contribuir e influenciar no processo de formação e construção da identidade das crianças, sejam elas negras ou não-negras, já que tais materiais são fonte de significados e representação para a edificação do mundo real do sujeito. Sob a ideia de representação que esses textos promovem, segundo Chartier (1990, p. 16), o objeto da história cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Esse objeto decorre de uma definição dupla de “cultura”. A primeira, enquanto obras e gestos que configuram e justificam uma apreensão estética, atua como um princípio de classificação e de demarcação intelectual do mundo; a segunda, enquanto práticas comuns, “sem qualidades”, que exprimem a maneira pela qual uma comunidade produz sentido, vive e pensa sua relação com o mundo (Chartier, 1999; 2002). A ideia relacionada às representações coletivas, partindo daquilo que organizamos e classificamos no nosso mundo social para o mundo real, bem como na apropriação desse, está baseada nas práticas de produção de sentido.

Nessa perspectiva, corroboramos, por meio da literatura afro-brasileira, com a representação que os textos promovem às crianças. Essa representação diz respeito ao que ela é e ao que passará a ser, na descoberta do seu “eu”, suas origens e heranças históricas, no conhecimento de elementos dos ancestrais que lhes favorece o orgulho e valorização ao pertencimento racial. É a partir da representação das obras literárias, que a criança perceberá o discurso e a imagem evidenciada em valores históricos, culturais e de identidade. Para Coelho (2000),

[...] a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido à sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e de beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção [...] a finalidade dessas histórias é confirmar a necessidade de se suportar a dor ou correr riscos para conquistar a própria identidade (COELHO, 2000, p. 55).

Durante muitos séculos, a Literatura Infantil foi vista por meio de um sentido pedagogizante, diante de um apelo comercial e não como algo que despertasse a criatividade, o raciocínio e o prazer de ler na criança. Ela surgiu com a tarefa educativa da escola, para contribuir na formação do aluno para o futuro cidadão. Hoje, apesar de todos os avanços, a Literatura afro-brasileira encontra-se num grande abismo, ainda em um processo de diálogo e reconstrução, embora o negro ainda seja mostrado como uma figura excluída socialmente.

A lei 10.639/03 veio como uma política de diversidade para contribuir na perspectiva de abordagem da literatura para crianças e sua negritude, a partir do rompimento de estereótipos quando se trata de personagens negros, determinando a obrigatoriedade da história da África no currículo escolar.

Proporcionando às crianças o conhecimento de personagens negros, passando a ter uma visão positiva no que se refere à contribuição de um povo que

A nuvem retrata não apenas as palavras-chave que serão destacadas neste tópico, mas também a própria imagem enfatizando a importância da leitura de textos literários afro-brasileiros para a emancipação do sujeito-leitor.

A literatura passou por um breve percurso histórico diante de revoluções ocorridas por volta do século XVIII²³, sobretudo na França, diante de uma nova organização que se configurava baseada nas ideias iluministas em oposição ao sistema feudal na época. A partir desse século, a escola foi vista como espaço de interesse da burguesia.

Segundo Zilberman (1985), foi nesse contexto que apareceram os primeiros livros infantis, pois antes disso não havia infância, entendida como um espaço separado do mundo adulto: as crianças faziam parte dos mesmos processos naturais da existência dos mais velhos. Com essa nova valorização da infância, houve a necessidade de criar obras voltadas a esse público específico.

Foi a partir da obra “Coração”, de Edmondo de Amicis, em 1886, que passou a remeter visões e reflexões sobre a alma humana, sofrimento, paixões e alegrias. No Brasil, por volta de 1891, essa mesma obra vem traduzida por Valentim Magalhães, e é dividida entre os sentimentos de surpresa e fascinação. A partir dessa época, tal obra adentra às escolas da burguesia pelos diversos públicos e diferentes faixas etárias, por meio dela ocorria a reflexão do trabalho, patriotismo e atitudes como a generosidade e o respeito.

A literatura, na época, caracterizou-se por trazer sérios problemas na relação com a criança perante a escola. Um dos fatores existentes para esse fato, foi descaracterizar a literatura como arte, passando a ser um meio de dominação sobre as crianças, já que eram consideradas seres puros e inocentes, diante do mundo que as cercava. Para Zilberman (1985), o afastamento da criança do mundo exterior era relevado pela sua fragilidade natural e biológica, passando a ser dependente do adulto.

Por volta do século XIX, com a implantação da Imprensa Régia, novas configurações foram elaboradas para a literatura. As ações encontraram alcance no século XX, com a produção literária de Monteiro Lobato, em que as crianças deixam de ter suas vozes silenciadas, pois os personagens infantis, construídos por esse autor, davam voz e participação às crianças (FILHO, 2011).

²³ Conhecido como o “Século das Luzes”, os ideais iluministas inspiraram as Revoluções Francesa e Industrial, marcando a época.

A criação de sua personagem “Emília”, uma boneca de pano, na obra “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, foi importante nessa época. Posteriormente, durante o período de ditadura militar, a literatura passou por inúmeras transformações tecnológicas na sociedade, devido as reorientações pedagógicas para a educação da infância naquele contexto.

A literatura infantil trouxe uma diversidade de valores do mundo contemporâneo, a partir do papel do ser humano na sociedade, bem como na formação do povo nos contextos sociais e culturais e, o mais importante, a voz e a vez da criança nas páginas dos livros literários. Logo, a literatura não se resumiu a ser apenas um recurso pedagógico, mas um meio de desenvolvimento do lúdico, cognição, aprendizagem e formação de um pensamento libertador diante daquilo que a criança lê, serviu para prepará-la para um mundo repleto de diversidades.

Outros autores como Pedro Bandeira (2009), Carlos Queiroz Telles (2000), Lúcia Pimentel (2010), Ziraldo (2019), Roseana Murray (2019) trazem em suas obras²⁴ as vozes das crianças. São narrativas perpassadas por transcrições de conflitos existentes no cotidiano, através de uma linguagem mais aproximada do mundo infantil, refletido a partir do universo literário, sobre os valores que a arte proporciona. Nota-se que:

o processo de mudança sofrido na concepção de literatura infantil, ou seja, de instrumento pedagógico de concepção moralizante do passado, ela passa a espelhar a sociedade com suas relações, necessidades, questionamentos e padrões estéticos (FILHO, 2009, p.36).

Torna-se necessário ressaltar que a literatura infantil exerceu seu papel na construção de um novo mundo para a criança, permeado de fantasias e ludicidades. É possível o mergulho pela imaginação através das obras literárias, já que elas despertam a construção de valores pelas crianças, que passam a serem vistas como seres em formação.

Segundo a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, o quilombo se constitui em um patrimônio cultural brasileiro, pelo fato de portarem referência e identidade à ação e à memória dos seus grupos, incluindo:

²⁴ O fantástico mistério de feiurinha (BANDEIRA, 2009); Chegou o grande dia (TELLES, 2000); A maior boca do mundo (GOES, 2010); Aventuras de Junin (ZIRALDO, 2019); Um cachorro para Maya (MURRAY, 2019).

I - As formas de expressão; II - Os modos de criar, fazer e viver; III - As criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, s/p).

Nas publicações no Brasil até 1888, o/a personagem negro/a era geralmente caracterizado como “uma figura semelhante a feras que servia apenas para o trabalho pesado, [...] um pobre ser humano rebaixado de seus anseios justos, devido a uma instituição iníqua” (RABASSA, 1965, p. 99). Enquanto professores/as, questionamos “o porquê” daqueles livros de contos de fadas conterem como personagens principais príncipes e princesas brancos/as, com cabelos lisos, na maioria das vezes claros e compridos. Alguns contos de fadas podem até seguir ainda esse protótipo, porém, outras obras literárias²⁵ já mudaram esses padrões, não só na questão racial, mas também de gênero, até mesmo em outras artes²⁶, a exemplo do cinema, dramaturgia, literatura infantil e música existe a valorização dos negros a partir dos seus personagens. Rosemberg (1985, apud SOUZA, 2016) afirma que

a literatura infantil, não obstante de outros gêneros, é em si mesma um campo eficaz de criação de estereótipos e padrões e de reprodução de valores convencionados se configurando como um gênero que também atua na construção ideológica (ROSEMBERG, 1985, apud SOUZA, 2016, p. 5).

Diante desses pressupostos, percebemos que a literatura infantil desempenha um importante papel no que diz respeito à ampliação de conhecimentos, tanto de mundo quanto o enciclopédico, podendo favorecer releituras da realidade. É a partir dela que a criança desenvolve, por exemplo, reflexões, o raciocínio, a criatividade e até mesmo uma percepção crítica diante de situações diversas, reelaborando os conceitos e preconceitos impostos pela sociedade.

Ao questionar as crianças a respeito do gosto por “livros de historinhas”, diante das respostas, duas delas nos chamaram a atenção: “sim, porque é muito divertido ler, quando eu estou lendo eu me sinto dentro da historinha” (Maria Laryssa, 11 anos, 5º Ano, material coletado do Questionário).

²⁵ A princesa e o sapo; A bonequinha preta; Meu crespo é de rainha; Obax; Bruna e a galinha d’Angola; A História do Rei Galanga Meu avô, um escriba, entre outras.

²⁶ Gilberto Gil, Erika Januza, Thaís Araújo, Lázaro Ramos, Zumbi dos Palmares, Carmem Lúcia Campos, Lima Barreto, Conceição Araújo, Carlinhos Brown, Whoopi Goldberg, entre tantos outros.

A outra foi com relação à história que mais gostou de ouvir, e uma criança relatou o seguinte: “eu li uma historinha que se chamava Mina dos Quilombos, eu gostei porque ele fala de alguns quilombos e que os meninos da história fizeram um livro falando sobre os quilombos” (Genilson, 11 anos, 5º Ano, material coletado do Questionário). Isso nos leva a perceber a importância da inclusão de obras e textos literários afro-brasileiros na vida dessas crianças para que possam representar-se através dos personagens e construir sua própria identidade e afirmação de sua cor.

Essas histórias, na maioria das vezes, quando não contadas na escola, são contadas por eles e para eles, por meio de narrativas orais, prezando suas tradições e costumes. São “carregadas de valor afetivo, contadas por pretas velhas, associadas à ingenuidade, ao primitivismo, apresentando uma estereotipia e simplificação características” (GOUVÊA, 2005, p.84). A representação desses textos para a construção da identidade dessas crianças é de suma importância para o desenvolvimento intelectual, pessoal e cognitivo, além de ajudá-la a representar-se de modo que encontre significado para sua vida, perante sua realidade, já que, segundo Bettelheim (2007),

para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas, para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (BETTELHEIM, 2002, p. 5).

De acordo com Silva (2010, p. 78), “o ato de ler e ouvir histórias possibilita a criança expandir seu campo de conhecimento, tanto na língua escrita, quanto na oralidade”. Nesse contexto, o professor desempenha papel fundamental e determinante para o êxito do processo, cabendo-lhe a verificação dos interesses literários de seus alunos, pois é através da leitura que se pode fazer a internalização das informações e é por meio dela que se adquire a habilidade de ver as coisas com novos significados e perspectivas, além do fato de que é uma forma de nos apropriarmos da realidade na qual estamos inseridos, promovendo assim a construção significativa da nossa identidade.

Por meio da leitura, o indivíduo, desde muito cedo, passa a conhecer mais de si próprio pelo fato de querer tentar se adequar aos padrões aos quais o teor da história infere. Sem contar que é através da troca de informações com o meio que passamos a iniciar um processo de construção de identidade, a querer nos adaptar aos padrões pré-estabelecidos pela sociedade, bem como às crenças, valores e estética. Segundo Vygotsky (1988), as características e atitudes do indivíduo encontram-se perpassadas a partir do contato, troca e relação com o outro.

A literatura como proposta educacional, no contexto da sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental, apresenta-se não apenas em relação à leitura de textos literários, mas também na aquisição de metalinguagens, isto é, um meio usado para descrever algo sobre outras linguagens, favorecendo ainda os aspectos linguísticos, a concentração, estética dos textos, a sensibilidade, imaginação, além do conhecimento e saberes das diferentes culturas, povos e lugares mais diversificados, até então desconhecidos pela criança, seja do meio real ou fictício.

Contudo, nossa concepção de literatura vai a partir disso, pois o conceito de literatura e suas modalidades, segundo o dicionário, trata “das artes da linguagem, do uso estético da linguagem escrita, arte literária, conjunto de obras literárias de valor estético em prosa ou em verso pertencentes a um país, épocas, gênero e etc.” (FERREIRA, 2011, p. 557). Partindo do pressuposto da literatura afro-brasileira, esta se destaca por abranger edições de livros temáticos que descrevem, reafirmam e tentam ressignificar os ideais e costumes afro-brasileiros dos negros.

Muitas vezes, a literatura é vista em si, como disciplina, utilizada apenas para ensinar ou repassar um determinado conteúdo, quando na verdade a utilizamos para fazer com que nosso aluno reflita sobre sua própria história, sua realidade e passe a respeitar o outro como a si mesmo, bem como construa e reafirme sua própria identidade.

Segundo Zilberman (1985), a Literatura Infantil surgiu a partir da ascensão da ideologia burguesa no século XVIII, quando houve a preocupação especial com a infância. Por isso, segundo a autora, a Literatura Infantil seria um “gênero incompreensível sem a presença de seu destinatário, a Literatura Infantil não poderia surgir antes da infância” (ZILBERMAN, 1985, p. 13).

De acordo com Araújo e Silva (2013), podemos conceituar a literatura infantil como obras dirigidas às crianças ou não, mas que agradam e as encantam pelo caráter estético e artístico que apresentam. Podem ser escritas em prosa ou poesia,

num léxico especial, tratando de temas do interesse da criança e respeitando suas características. Para Filho (2009, apud COELHO, 2000), literatura infantil é:

antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário ou o real, os ideais e sua possível/ impossível realização (COELHO, 2000 apud FILHO, 2009, p. 22).

Trabalhar com a literatura infantil em sala de aula, segundo Maia (2007), possibilita a criação de condições para que se forme um leitor plural, é mais que uma atividade inserida na proposta curricular, ela possibilita diversas discussões em sala de aula perante os temas atuais, como também permite que a criança amplie sua visão diante do mundo no qual está inserida, dialogando com a sociedade, através da leitura.

Além do mais, é um meio de transpor o viés do livro didático, isto é, uma tentativa de ampliar os recortes desse instrumento, já que é um caminho o qual o professor escolhe. Em entrevista com o professor, foi questionado como trabalha com literatura afro em sala de aula, como é a participação e recepção dos alunos na sala em relação à literatura afro e quais dificuldades as crianças apresentam, em se tratando da leitura e escrita. Segundo ele:

Sim, trabalho! A dificuldade não é isso, em relação à literatura afro. O cabelo de Lelê, por exemplo, tem um vídeo, não é zombando, é porque acham engraçado. Com relação à leitura e escrita, é a deficiência mesmo. Eu tenho dois alunos que escrevem e leem péssimos, mas eles não têm interesse em avançar. Isso é no geral, não é que seja a quilombola. A escola pública no geral, independente de ser quilombola ou não, ela não tem nenhum atrativo para que o aluno se sinta bem na escola. O aluno de hoje não é aluno de 20 anos atrás, que escola pra ele era uma diversão, você pegava um caderno há 30 anos atrás, segurava como uma joia, isso hoje... o menino hoje tem um celular moderno, vê o mundo! Aí você vai ficar trancado, dentro de quatro paredes, ouvindo uma pessoa lá na frente, no quadro, com um giz, falando com um livro, escrevendo e lendo, aulas expositivas e dialogadas. Outra coisa também que impede esse desenvolvimento, do aprendizado do ano, o professor trabalha em duas ou três escolas... (eu ainda quero dizer isso na televisão, risos) não venha me dizer que o professor faz um trabalho de qualidade, que ele não faz! A gente tenta, dar o melhor dentro das condições e do cansaço físico e mental que você tem. Agora, enquanto o Estado não proibir e dizer: 'olha, tu vai ser proibido de arrumar outra atividade fora, você vai ser exclusivo, T-40, da escola, trabalhando manhã dando aula e tarde planejando naquela escola, e seu salário será X, sustentar sua família, se divertir! Mas esse professor 'taxista', nós somos professores 'mototáxi',

corremos de uma escola pra outra. Muitas vezes, levamos o material errado, de uma escola pra outra... a educação não decola, não tem como, impossível! Porque uma turma, independente da quantidade de alunos, precisa de planejamento, nós não temos tempo de planejar. Você vai pegar uma atividade, um texto, vai corrigir um por um, refazer, e o professor não tem mais tempo. Ah, e por que você escolheu essa profissão? Ah escolhemos e foi o destino que nos preparou! Só que há uma deficiência governamental, grande, enorme, 100% em cima disso aí, não tem como. O professor já dá os seus 100%! Você corre pra várias escolas, pra desenvolver trabalhos, porque com uma só não dá, aí o aluno é penalizado, infelizmente é! Não tempo pra nada! (ZUMBI DOS PALMARES, 2019 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA).

Isso nos remete ao fato de que o professor, apesar da dupla ou muitas jornadas de trabalho, falta tempo e oportunidade de se atualizar e reciclar. Há tantos meios e caminhos (a literatura, o lúdico, jogos e brincadeiras) para sairmos da mesmice, do cansaço mental e físico que atingem não só o professor, mas também os alunos, pois chega uma época do ano (especialmente no final) que grande parte das crianças não tem um rendimento na aprendizagem tão positivo. A leitura de textos, a própria literatura afro-brasileira, vem como um aporte para o aluno ler por prazer, identificando-se e representando-se por meio dos personagens das histórias.

Assim, a leitura passa a colaborar com a emancipação do sujeito, tornando-o um ser crítico, consciente e reflexivo por meio do caráter estético que encontra nos livros de literatura, além de constituir na criança o desenvolvimento intelectual, psicológico e afetivo.

Por meio dessa aproximação – Criança e Literatura –, que ela é capaz de transformar imagens simbólicas em algo representativo, pela riqueza de motivações, sugestões e de recursos que esse universo oferece ao seu desenvolvimento, sem deixar de conectá-la com a realidade.

Outro fator predominante que contribui, junto ao ato de ler, para a construção da identidade do indivíduo é o modo de como contamos as histórias para os alunos, inclusive em se tratando dos nossos antepassados. A partir daí, temos a oportunidade de inserir hábitos de leituras e livros de Literatura Infantil com um contexto que permite conhecermos um pouco de nossas heranças, bem como a valorização do negro na sociedade.

No entanto, infelizmente, a visão de grande parte das obras literárias propostas para a criança representa o negro de forma preconceituosa e discriminatória, frente a essa sociedade tomada por valores europeus, retratando a pessoa como um ser inferior e discriminado, perante sua cor e seu contexto histórico. Segundo Chartier

(2002), essas representações produzidas pelo discurso de poder são lançadas nas identidades por meio de práticas e signos, logo, advindas de um modelo culturalmente estabelecido.

Desse modo, surgem questionamentos que possibilitam uma reflexão de como esse trabalho é desenvolvido e como é executado nas escolas, já que essa temática não é devidamente contemplada, nem trabalhada em sala de aula como realmente deveria ser, por meio de reflexões que favoreçam o pensamento crítico dos estudantes em formação e a construção e valorização da sua própria identidade. Consideramos que para se trabalhar com a literatura na escola, principalmente a partir desta perspectiva que tomamos como referência, a questão étnico-racial do povo negro, é preciso que se repense tais aspectos apresentados.

Um aspecto relevante de como o professor deve abordar a literatura infantil na qual os negros sejam representados como personagens centrais, é estimular o educando a identificar-se, abordando no contexto da Educação Quilombola o modo de afirmação do povo negro e sua representação por meio dos textos literários. Isso nos leva a perceber a importância do professor neste processo: levar ao educando a um ser formador de opiniões, e não “mais um” que colabora ou ajuda a arraigar um pensamento preconceituoso e discriminador.

A história do negro é ensinada na maioria das vezes apenas nos conteúdos das disciplinas de história, literatura e artes como está prescrito nas leis vigentes (10.639/2003 e 11.645/2008). No entanto, precisamos entender que, independente de qualquer área/disciplina, podemos abordar a literatura em suas diversas multimodalidades, a partir das contribuições culturais e históricas do povo negro no trabalho com as crianças nos anos iniciais.

Diante do exposto, percebemos a importância de empreender discussões sobre a questão racial na educação básica a partir de suas realidades e experiências locais, pois, às vezes, é perpassado o conhecimento de modo mecânico, apenas como uma leitura sem fundamento e significado, incapaz de proporcionar o prazer de ler à criança.

Por isso a importância da presença dos textos literários na Educação Básica, na formação leitora, em especial, voltados à Literatura afro-brasileira para levar às crianças a valorização do ser humano, ajudando-as na reflexão quanto às semelhanças, diferenças étnicas-sociais e relações familiares, desde o seu cabelo até a cor da sua pele, características herdadas de seus familiares. Segundo Ianni (2011),

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. Um sistema no sentido de — obras ligadas por denominadores comuns, com — notas dominantes peculiares desta ou daquela fase, deste e daquele gênero (IANNI, 2011, p.183).

A literatura negra está em constante processo de transformação ao longo de seu tempo, não surgiu de uma hora para outra, de um(a) determinado(a) autor(a) específico(a) da época, mas de uma gama de autores(as) que dialogaram perante o leque literário.

Por volta do século XXI, ampliou-se a produção literária que versasse sobre a cultura e o povo negro, com autores negros que trabalhassem no campo da literatura afro-brasileira. Passou a ser escrita por negros que escreviam sobre sua cor, raça, o significado de sua existência para a formação do povo brasileiro, por meio da cultura, costumes, mitos, religiosidade e até mesmo, aspectos voltados à discriminação e racismo. Sendo assim, pôde contemplar desde a ressignificação histórica do povo negro, passando pela escravidão, lutas e vitórias até o reconhecimento de heróis como Zumbi dos Palmares e Ganga Zumba.

A produção afro-brasileira em sala de aula, além de representar a história, a origem e conquistas do povo negro, contribui para que a criança do quilombo construa e/ou reafirme sua identidade, valorizando-a, desde a cor da sua pele até as heranças físicas e culturais. Atua como meio de abolir atitudes preconceituosas e discriminadoras no âmbito educacional.

Torna-se indispensável à inserção de temáticas desse tipo, que dialoguem com os diversos grupos étnicos, pois a ausência faz com que a criança chegue a sua idade adulta com aspectos de rejeição à sua origem racial. Segundo Fernandes e Sousa (2016, p. 106):

A identidade é algo em processo, permanentemente inacabado, e que se manifesta através da consciência da diferença e contraste com o outro, pressupondo, assim, a alteridade. Ou seja, 'o sujeito se constrói a partir de marcas diferenciais provindas dos outros'. Assim, a identidade é sempre construída em um processo de interação e de diálogo que estabelecemos com os outros (FERNANDES; SOUSA, 2016, p. 106).

Por isso a importância de se trabalhar em sala de aula o conto e reconto de histórias que protagonizam o negro, suas lutas e vitórias pelo que consideravam de mais importante – a liberdade, mas, acima de tudo, como uma autoafirmação e valorização a sua origem, cultura e identidade, no respeito à diversidade étnico-racial e na ressignificação dos valores difundidos.

Com o advento da LDB 9394/96 e, em seguida, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1998, foram lançados alguns objetivos, deste último, para o ensino fundamental no intuito de gerar um bom desenvolvimento no processo de formação pessoal, social, intelectual e cognitiva da criança, para que sejam capazes de:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1998, p. 7).

A partir desses elementos, houve a preocupação de questões que envolvessem a pluralidade cultural e étnica do povo brasileiro, para a formação do sujeito em sua formação identitária, bem como o respeito às diversidades, diferenças sociais, éticas e culturais. Tais elementos passaram a ser abordados nos temas transversais dos PCN e a partir das Leis 10.639/03 e 11.645/08, alterando a Lei 9.394/96, em seu artigo 26-A, no acréscimo para a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas áreas de educação artística, de literatura e histórias brasileiras.

Segundo Filho (2009, p. 41), essas discussões não foram voltadas apenas à presença desses textos, mas à sociedade de uma forma geral, de maneira global, já que “a literatura para as crianças, hoje, guarda características primordiais da arte, ou seja, olhar a sociedade e desenvolver para ela uma matéria passível de discussão e mudança”, já que esses temas não precisam vir necessariamente em obras específicas, mas em ações e/ou cenas contidas nessas para trazer à tona tais discussões.

No contexto da sociedade brasileira, no que se refere às produções sobre o povo negro, ocorreram dois tipos de postura: uma que afirmava a resistência e luta desse povo e outra advinda do preconceito. A literatura afro-brasileira vem com uma particularidade própria no sistema significativo em que o imaginário se forma, articula-se e transforma-se no curso do tempo. Essa literatura negra, em contrapartida com a denominação afro-brasileira ou afrodescendente, vem trazer a questão negra diluída na diversidade a partir do prefixo “afro”. A pesquisadora Zilá Bernd (2011) acredita que:

o conceito de 'literatura afro-brasileira' associa-se a uma articulação entre textos dada por um modo negro de ser e sentir o mundo, transmitido por um discurso caracterizado por determinados elementos, como, por exemplo, a escolha lexical, os símbolos utilizados, a construção do imaginário e o desejo de resgatar uma memória negra (BERND, 2011, p. 20).

O discurso da literatura negra remete à identidade, afirmação da cor, da desconstrução e reconstrução identitária dentro do sistema de significações, que coloca a figura do negro como protagonista principal nos textos literários. E não é só uma questão de pele, mas sim, uma questão em que podemos expressar sentimentos de nacionalidade enraizados na história do africano no país, trazendo o lado do Brasil que é camuflado. No entanto, a perspectiva da literatura negra recai sob os olhares de uma perspectiva do dominado e do oprimido, porém, ela vem trazendo o personagem positivo retratando sua cultura, suas heranças e história.

A literatura negra ou afro-brasileira surge na tentativa de mostrar, perante obras literárias afins, a identidade negra. Ela vem marcada por um “eu-enunciador”²⁷, seja negro ou não, explicando as lutas e dramas dos povos negros sob um olhar artístico, distanciado daquele que considera a inferiorização da figura do negro. Bernd (1988) afirma que havendo uma negação do “eu” do negro, de valores, consciência de toda a comunidade em que pertence, passa a perder o seu valor diante da ordem colonialista.

A importância do uso da expressão “literatura afro-brasileira” está no fato de possibilitar uma nomeação para uma arte literária que traz consigo um condicionamento específico e diferenciado no campo da literatura nacional. O negro é aquele que é olhado, já o não-negro, passa a ser aquele que olha. A maioria dos livros

²⁷ Eu-enunciador: uma imagem do enunciador construída pelo sujeito produtor da fala (SÁ, 2013).

de literatura infantil retrata o negro de forma inferior, de modo a colocá-lo numa posição apenas de escravos, amos, empregados e nunca protagonizando esse negro como uma figura lutadora, representando a partir do texto literário sua própria história, a sua e a identidade a de um povo.

A literatura afro-brasileira é vista a partir de um embate racial, pois o que se tinha em mente é que todo africano era escravo e todo branco considerado livre. Muitas vezes na literatura brasileira o negro aparece como uma figura inferiorizada com relação ao branco.

Ao mesmo tempo que isso ocorre, permite entender que para a escritura desses livros não necessariamente eles têm que ser escritos por negros, mas por aqueles que têm sentimentos e afirmação da negritude. Podemos ser negros e não termos a confirmação enquanto tais e podemos ser brancos, tendo a afirmação da negritude diante das nossas raízes e heranças culturais.

É por meio desses aspectos que buscamos refletir sobre a representação do negro na Literatura, e os impactos nos currículos da Educação Básica na legislação, com ênfase na Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, para que essas crianças desses níveis passem a construir sua própria identidade e afirmação de sua cor, já que podemos considerar a Literatura Infantil como meio de possibilidade real das crianças poderem encontrar seus valores, desenvolver seu raciocínio e conviver com o diferente. Fazer dessa diferença o respeito ao outro e a si próprio a partir dos valores éticos e morais.

A literatura afro-brasileira vem contribuir para o desenvolvimento da competência leitora da criança, como também possibilita as experiências culturais, estéticas e de cunho intelectual diante da diversidade e de questões sociais.

A Literatura Infantil durante muito tempo permeou pelos valores dos clássicos europeus como: a Cinderela, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, entre outras. Já na perspectiva da cultura negra, acontecia em momentos isolados e pouco representativos na escola, apenas em datas comemorativas como o Dia da Consciência Negra e o da Abolição da Escravatura. Para tanto, torna-se dever da escola promover esse tipo de conhecimento para seus alunos, pois,

mais que pensar a reorganização das disciplinas, há que se pensar como o cotidiano escolar – em seus tempos, espaços e relações – pode ser visto como um espaço coletivo de aprender e conhecer, respeitar e valorizar as diferenças, o que é fundamental para a

construção da identidade dos envolvidos no processo educacional (BRASIL, 2006, p. 79).

É importante salientar que a lei 10.639/03 traz a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira permitindo uma nova abordagem para o ensino passando a discutir estigmas²⁸ históricos como a discriminação, racismo ou preconceito, possibilitando a criança o posicionamento diante dessas questões. Por isso, há a preocupação de profissionais da educação para tratar desses assuntos em sala de aula, já que esses textos têm o papel de orientar as crianças para construção do seu pensamento crítico e do respeito às diferenças raciais.

É no espaço escolar que a criança, nos primeiros anos de sua inserção, iniciará a construção de sua subjetividade, já que ocorrerão seus primeiros contatos com estereótipos, preconceitos e racismos. Contudo, a criança encontrará dificuldades ao se identificar enquanto negra, perante os estigmas negativos, caso haja a ausência dessa abordagem. Quando nos calamos diante de atitudes consideradas preconceituosas no âmbito escolar, estamos contribuindo para o desrespeito, a inferioridade e o desprezo entre as crianças.

Se isso deve ser posto na realidade da escola como um todo, numa escola quilombola esse debate deve ser ampliado e chamado a atenção ao pertencimento da criança negra, já que ela está tanto na comunidade quanto na escola, e, estando no espaço educacional, como educadores/as, devemos trabalhar com a identidade através do texto literário, já que este permite a construção do conhecimento, além da representação e autoidentificação.

O trabalho com a literatura afro-brasileira, além de contrapor com essas ideias, permitirá o contato com produções ainda desconhecidas e rejeitadas pela escola, propiciando a todos o conhecimento de uma África rica em seu continente multicultural, com imagens positivas do negro, rompendo com a ideia de miséria, fome, que tem o negro como inferiorizado e vítima da destruição dos brancos.

A educação é uma ferramenta importante na formação desses indivíduos. Sem ela, não haverá transformação social. Torna-se necessário a reformulação dos currículos não apenas nas escolas, mas também nas universidades, principalmente nos cursos de licenciatura em Pedagogia, Letras, História e Geografia, para que os

²⁸ Segundo Erving Goffman estigma é “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena” (GOFFMAN, 2004, p. 4), isto é, relacionado com a identidade social dos sujeitos e dos grupos sociais.

profissionais sejam capacitados no ensino e aprendizagem dessas culturas, para assim, abrirem espaço na discussão e abordagem das questões étnico-raciais, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

A literatura afro-brasileira está tendo um grande enfoque na educação, pois, além de ser uma metodologia que auxilia o trabalho pedagógico docente, permite que a criança, seja ela negra e não-negra, passe a identificar-se perante os personagens das obras literárias, a fim de ela se sinta representada por meio do que abordam de positivo. É salutar que essa produção literária permita o reconhecimento por parte do aluno enquanto sujeito étnico-racial quilombola.

A literatura por essa abordagem é tida como uma ferramenta de combate ao preconceito e discriminação racial, já que o discurso literário vem afirmar a valorização histórica, heranças dos ancestrais, identidade e afirmação do povo negro dentro da educação quilombola. Ademais, é indiscutível que a literatura afro-brasileira constrói valores junto à criança negra do quilombo e atua na construção da sua identidade.

CAPÍTULO 4

AÇÕES EDUCATIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

FIGURA 41 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O CAPÍTULO 4



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

A nuvem acima representa as palavras-chave que serão destacadas e abordadas neste capítulo, já que este item objetiva descrever minuciosamente as oficinas por meio de ações pedagógicas que propiciaram a preparação para os encontros com as crianças do 5º ano, por intermédio da literatura afro-brasileira e de sua representação para a construção da identidade da criança quilombola. Ademais, apresentaremos o caderno pedagógico digital²⁹, juntamente com as atividades propostas nas oficinas. Neste item, serão apresentados também os desafios e superações que acompanharam o momento de intervenção deste estudo.

Inicialmente será conceituada a ideia proposta para a turma, em se tratando das oficinas por meio de ações pedagógicas desenvolvidas através de obras literárias afro-brasileira e ainda a justificativa das escolhas dessas. Ainda nesse contexto, será explicitada a motivação por parte de algumas crianças em participar das atividades, bem como os desafios encontrados por outras, já que a turma tem uma faixa etária bem diversificada (de 10 a 17 anos). No entanto, nada impediu de todos participarem das atividades propostas.

²⁹ O material completo pode ser conferido nos Apêndices.

As oficinas foram organizadas em três tópicos. Mostram o desenvolvimento e resultado de cada uma e a participação das crianças e a relação destas com a temática estudada. O intuito é verificar se na educação quilombola a literatura, a partir da realidade das oficinas, contribuiu para que os discentes pudessem entender e se identificar.

Vale destacar que as oficinas foram divididas em dez encontros. No primeiro, realizamos a coleta de dados por meio dos questionários aplicados com os(as) alunos(as). E os demais foram divididos e distribuídos para as três obras literárias (3 encontros cada). Para critério de escolha das obras, partimos daquelas que mais pudessemos extrair significados e sentidos para os(as) alunos(as) quanto à temática abordada e quanto ao nosso objetivo em investigar, no contexto da educação quilombola, como a criança negra e não negra, da escola mencionada, constrói sua representação identitária em relação ao seu pertencimento étnico, através dos textos literários afro-brasileiros.

Dentre uma gama de obras literárias, escolhemos as seguintes: “O cabelo de Lelê”, por tratar de estudos étnico-raciais, partindo da africanidade, das origens advindas de seus ancestrais, desde a cor do cabelo até a cor da pele, bem como da própria história local; “Minha mãe é negra sim”, além desses aspectos mencionados, por tratar também das questões familiares no que diz respeito ao preconceito escolar, aceitação e reafirmação de sua cor; e “O menino marrom”, para enfatizarmos o contexto sociocultural e o reconhecimento e valorização do outro, independente do gênero, classe e aspecto étnico-racial.

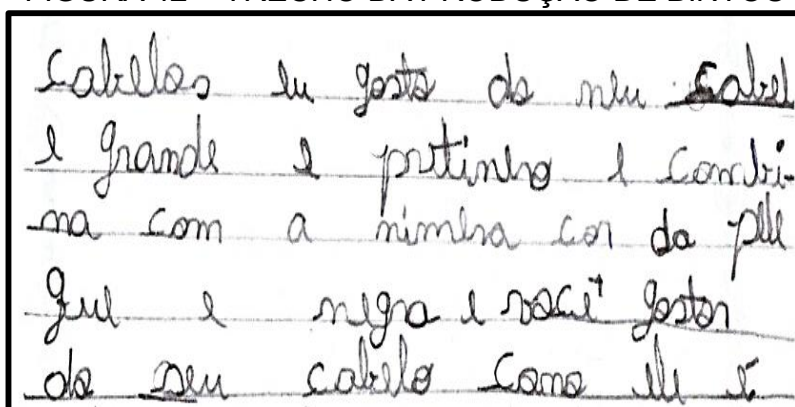
Ao final, mostraremos o que foi possível perceber com as oficinas e com o diário de campo. Enfatizaremos como foi pensado o caderno, cada ponto sistematizado e ainda os aprendizados fundamentais ressaltados a partir das relações étnico-raciais no contexto da educação quilombola no que diz respeito à construção da identidade das crianças por meio da literatura afro-brasileira.

A seguir, traremos a descrição de cada oficina, bem como refletiremos sobre nossa prática mediante as ações em sala.

4.1 “UMA VEZ LELÊ FOI EM CAIANA DOS CRIoulos”³⁰: OFICINA LITERÁRIA DA OBRA “O CABELO DE LELÊ” – VALÉRIA BELÉM

“[...] eu gosto do meu cabelo grande e pretinho e combina com a minha cor da pele que é negra e você gosta do seu cabelo como ele é [...]” (BINTOU, 2019).

FIGURA 42 – TRECHO DA PRODUÇÃO DE BINTOU



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Gostar de si, de sua identidade, identificar-se como negra, vivenciar essa negritude dentro de uma realidade quilombola é diferente para as crianças que não estão em uma realidade quilombola e que são negras. A partir da fala de Bintou (2019), uma menina negra do quilombo de Caiana dos Crioulos, identificamos e vivenciamos também a experiência de educar e pesquisar no campo da educação e das relações étnico-raciais com a questão quilombola.

Sua fala nos remete ao que ela sente enquanto negra, em como se percebe na sua negritude. Vivenciar essa experiência não é para todas as crianças negras, mas, pode abrir uma condição de possibilidade para pensar a questão da identidade étnico-racial, na perspectiva do povo negro, a partir do quilombo.

A experiência como educadora e pesquisadora da temática racial, a partir da infância em uma comunidade quilombola, conduziu-me a perceber determinados aspectos que foram importantes na montagem e organização deste trabalho. A fala de

Bintou (2019) direciona-nos a pensar como a criança negra no quilombo constrói sua identidade. Na posição social de educadora, refleti como a literatura,

³⁰ Trecho de uma das atividades da criança sobre a obra literária “O cabelo de Lelê”.

enquanto gênero que educa, permite-nos pensar essa relação de identidade e negritude no quilombo.

Vemos um pouco das falas das crianças e das experiências com elas no decorrer desta pesquisa. Houve a seleção de alguns trechos importantes para contemplar em nossa análise. Após a aplicação e análise dos questionários, percebi, quase por unanimidade, que todos gostavam de ler histórias. Houve apenas um que respondeu “não”, como mostra o quadro a seguir:

QUADRO 2 - DEMONSTRATIVO REFERENTE A DUAS QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO

ALUNO (A)	VOCÊ GOSTA DE LIVROS DE HISTORINHA? POR QUÊ?	QUAL A HISTORINHA QUE VOCÊ LEU, OUVIU OU PARTICIPOU QUE MAIS GOSTOU?
Menina bonita do laço de fita	“Sim. Porque as histórias são muito legais porque ajuda nois a cidisenvover mais, deixa a gente mais com as leitura disenvonvida mais e porisso qui eu gosto dos livros de histórinhas”.	“Eu gostei mais da istorinha a raposa e as uvas porque eu achei muito engrasada e divertida”.
Menino Marrom	“Sim. As pessoas também aprendem cais historinhas”.	“Eu li uma historinha que sichama mina do quilombos eu gostei porque ele fala de agus quilombos é que os meninos da história fiseram um livro falando çobre os quilombos”.
Lelê	“Sim. Porquê é engraçado e romântico”.	“Os três porquinhos que o lobo asobra a casa do primeiro porquinho e nu segundo também e nu três não conseguiu porquê era de tijolo”.
Bintou	“Sim. Porque é muito divertido ler quendo eu estou lendo eu mim sinto dentro da historinhas”.	“Eu gosto da historinha minas de quilombo”.
Galanga	“Sim. Porque cidistraí”.	“Aventuras de Pretepam”.
Ifá	“Sim. Porque a pessoa aprende mas”.	“Da raposa e as uvas”.
Obax	“Sim. Porque mim ensina brincadeira, escreve melhor, aprede mais palavra e muitas coisas mais”.	“Da Cinderela”.
Eno	“Sim. É um foma de apede muita coisa”.	“A raposa e as uva”.
Yomi	“Sim. Por quê fazen apende”.	“Em uma”.
Yakuba	“Não. Eu não gosto de lei não”.	“Né uma não”.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2019).

Por meio das respostas aos questionários, compreendi que teria que trazer algo

diferente ao que eles estavam acostumados. Algo na leitura que os atraísse e que eles pudessem sentir-se representados por meio dos personagens negros das histórias.

Em contato com alguns livros na biblioteca da escola, percebi que não havia uma diversidade de obras literárias afro-brasileiras, a não ser duas que me chamaram atenção por conta da temática afro: “Minas de Quilombos”³¹, obra citada nos encontros e no questionário; e “Só um minutinho”³². Os demais livros eram didáticos e, em sua maioria, falavam da África de um modo geral.

O professor regente da turma me deixou à vontade para planejar e desenvolver as oficinas com a turma. Permitiu-me que ficasse durante o tempo que fosse preciso para executar as atividades. Assim como o professor, o diretor também demonstrou total cobertura quanto à disponibilidade do Datashow da escola e de outros instrumentos tecnológicos. Como me programei para dez encontros, dividi-os em três momentos para cada obra literária; e no último, planejei o momento de culminância, para fazermos uma confraternização e um apanhado de tudo o que foi realizado.

A primeira oficina com a obra literária “O CABELO DE LELÊ”, de Valéria Belém, com duração de três aulas, teve como objetivo levar as crianças a respeitarem as diferenças a partir da cor da pele e do cabelo. Reconhecendo seu pertencimento étnico e características herdadas dos seus ancestrais.

Antes de tudo, retratei para as crianças e adolescentes o motivo pelo qual estava desenvolvendo este trabalho com eles e por meio de oficinas literárias. Sem citar nomes, aproveitei suas respostas dos questionários para explicar a importância da leitura de obras literárias afro-brasileiras em suas vidas.

Mostrei que é por meio dessas manifestações que nós quilombolas passamos a nos identificar com os personagens para aceitação e afirmação de nossa cor, sem contar o conhecimento que passamos a obter da nossa própria história.

Dei início à oficina por meio da “dinâmica do espelho”, como um meio de acolhimento e motivação. O que se deu através de uma caixa pequena confeccionada,

³¹ Contada em quadrinhos, o gibi “Minas de Quilombos” é uma história dos(as) quilombinhos(as) criado pela Redeh – Rede de Desenvolvimento Humano, que apresenta a realidade de meninos e meninas, jovens e mulheres quilombolas que, espalhados(as) por todo país, lutam pela construção da cidadania, de contar sua verdadeira história, preservando suas culturas e terras.

³² Com autoria de Yuyi Morales e tradução de Ana Maria Machado, “Só um minutinho” conta a história de uma vovó negra bem ativa que recebe a visita do Senhor Esqueleto, na verdade, a morte, que vem buscá-la. Mas ela é muito esperta e vai adiando o momento da partida, arrumando coisas para sua festa de aniversário e pedindo-lhe para esperar um minutinho.

contendo um espelho em seu interior. No momento em que apresentei a caixa, fiz uma breve introdução do que eles poderiam encontrar lá. Falei que se tratava da foto de uma pessoa muito bonita, querida por todos, muito importante e inteligente.

Também reforcei para cada um que eles não poderiam dizer ao outro o que viu. Deveriam apenas apresentar o que encontrou por meio de características dessa pessoa, proporcionando que a criança pudesse enxergar sua beleza, fazendo uma autoanálise de quem é e do que conseguia ver.

A cada vez que uma criança se via, começava a sorrir, achando até engraçada a situação. Alguns ainda tímidos se recuaram e não quiseram falar sobre o que viam; enquanto outros, passaram a descrever-se como pessoas bonitas e que gostaram do que viram, por se tratar deles(as) mesmos(as).

Passamos a refletir sobre o quão é importante termos a certeza de quem somos, para que viemos, nossa importância neste mundo e que ninguém é igual, visto que cada um tem sua característica própria.

FIGURA 43 - UMA DAS ATIVIDADES DA OFICINA: DINÂMICA DO ESPELHO



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 44 - UMA DAS ATIVIDADES DA OFICINA: DINÂMICA DO ESPELHO



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Dando continuidade, convidei-os para ouvirem uma música de Chico César “Alma não tem cor”. Assim que começou a melodia, a maioria se pôs a rir, relevei o momento e deixei-os, para que percebessem que havia pessoas ali que tinham interesse em escutar a música.

Logo que a música acabou, passei a fazer perguntas do tipo: O que o cantor quis dizer com “alma não tem cor”? Quem concorda com o cantor? Por quê? E quem discorda? Por quê? Alguns responderam que a música falava sobre cultura, que não tem distinção em nossas cores de pele, que cada um tem sua cor.

FIGURA 45 - TRECHO DA MÚSICA: ALMA NÃO TEM COR

“Alma não tem cor” - Chico César

Alma não tem cor
 Porque eu sou branco
 Alma não tem cor
 Porque eu sou preto
 Branquinho, neguinho
 Branco, negão

Percebam que a alma não tem cor
 Ela é colorida, sim
 Ela é multicolor
 Percebam que a alma não tem uma só cor
 Ela é colorida, sim
 Ela é multicolor
 Azul, amarelo
 Verde, verdinho, marrom

Disponível em: <http://qnint.sbg.org.br/novo/index.php?hash=tema.105>

Acesso em: 30 de maio de 2019.

As questões e a canção geraram uma certa “discussão” em seguida, quando se perguntaram se a alma realmente tinha cor, pois estavam trazendo o sentido da palavra “alma” para algo que assombra, como se fosse “fantasma”; até afirmaram que era branca ou transparente, que não conseguiam ver, associando-a ao que aparece nos desenhos animados, quando alguém se veste com um lençol para assustar.

Diante dessa polissemia de leituras, expliquei com qual sentido o compositor da música usou o vocábulo “alma”. Falei que ele retratava nosso interior, quem somos ou quem gostaríamos de ser. Por meio das discussões, perguntei se sabiam qual país possui a segunda maior população negra do planeta. De imediato, falaram em um coral: “África!”. Passei a explicar que, embora haja essa informação, sabemos que o Brasil é um país com um grande número de pessoas negras, tanto nas cidades quanto em comunidades quilombolas.

Dando sequência, perguntei sobre o conhecimento das manifestações da cultura afro-brasileira, em se tratando da música, dança, religião, culinária, entre outras manifestações. Eles partiram do que vivenciam em sua comunidade, a começar pelas comidas: a feijoada, beiju, tapioca, macaxeira, banana, cana, etc. Quanto à questão da música e dança, retrataram a quadrilha, a ciranda, a capoeira, o coco de roda. O que me deixou empolgada, pelo fato de estarem valorizando sua cultura.

Sobre religião, um aluno levou na brincadeira e demonstrou certo preconceito a algumas religiões, falando com ar de riso sobre “macumba” e “catimbó”. Nesse instante, os próprios colegas falaram que ele estava sendo preconceituoso e que deveria respeitar mais os outros se ele mesmo quisesse o respeito. Ressaltei que muito da nossa cultura, herdamos dos povos africanos, seja na culinária, nas danças, nas músicas. Enfatizei a riqueza que temos em nosso país e que foram trazidas da África pelo negros.

Em relação ao que já ouviram sobre a África, boa parte dos alunos falou da questão sobre escravidão, fome e miséria. Com isso, mostrei que o país vai muito além dessas informações no sentido positivo, sejam em suas vestimentas, danças, cultura de um modo geral. Chamei-lhes a atenção até mesmo para as palavras que utilizamos em nosso dia a dia, quando desconhecemos suas origens. Todavia, muitas delas são advindas da África. A título de exemplo temos o acarajé, angu, banzo, cacimba, cachimbo, berimbau, dentre tantas outras.

Para concluir essa discussão, mostrei que a literatura tem o papel de retratar culturas, origens, negritude, identidades, assim como há uma imensidão de obras

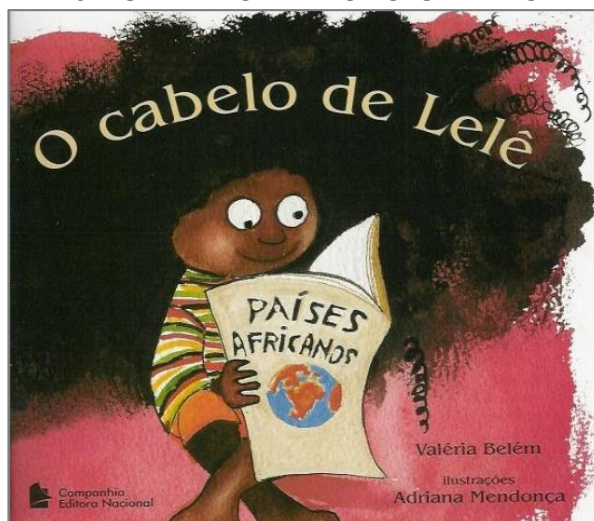
literárias que tratam o negro não mais como escravo, como alguém inferior na sociedade; mas sim como aquele que lutou pelos seus direitos e pela conquista de sua liberdade, a fim de poder ser reconhecido e valorizado.

Percebi que eles desconheciam obras dessa temática. Lembraram apenas da última trabalhada em sala “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado. Tinham o conhecimento apenas de fábulas e contos de fadas. Assim, eu trouxe como exemplo, principalmente nessa última categoria, que grande parte dos personagens não eram negros, já que eles só apareciam de modo inferiorizado em relação a outros papéis. Entretanto, atualmente, contamos com obras literárias afro-brasileiras que representam o negro como uma figura importante em sua atuação na sociedade, como alguém que protagoniza papéis nas histórias, cuja narrativa retrata sua luta e resistência de modo positivo.

A partir dessas considerações, apresentei a capa da primeira obra que íamos trabalhar, explorando cada detalhe expresso. Mencionei a autora, a ilustradora. Perguntei o que viam diante da imagem apresentada em Datashow e as respostas foram: “uma menina de cabelão cacheado que parece uma mola”; “uma menina atenciosa lendo sobre os países africanos”, “tá gostando do que tá lendo por causa da fisionomia dela”. Assim, apresentei-lhes “O cabelo de Lelê”.

Continuei com as perguntas: “Do que será que essa história vai tratar?”. Eles prontamente respondem que se trata “do mundo que Lelê faz parte dele”; “que ela é da África por causa da cor e do cabelo que tem”. Eles até citaram uma colega da sala a qual, apesar dela não ser da África, tinha as mesmas características de Lelê.

FIGURA 46 - CAPA DO LIVRO: O CABELO DE LELÊ



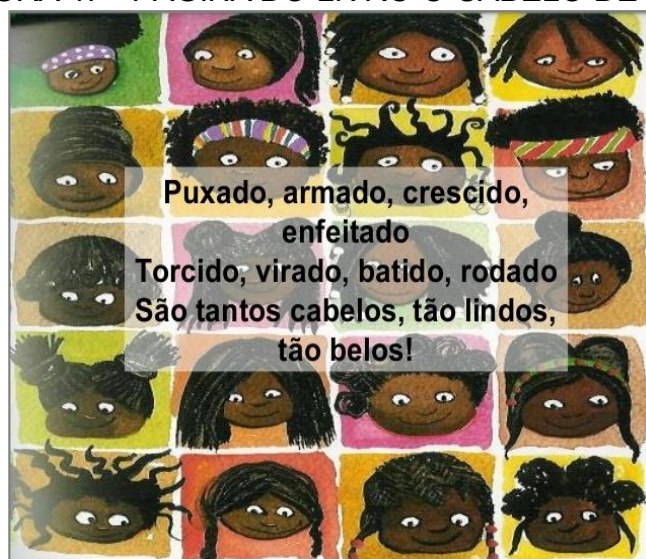
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

A partir desse momento, trouxe uma questão para a turma. Perguntei se só havia negros no quilombo ou não. Eles responderam que há brancos, negros e pardos. Mais uma vez, trouxeram a colega como exemplo de menina negra africana, mediante suas características físicas. Enquanto alguns alunos entenderam que a história se refere a uma menina africana, diante de sua fisionomia e por conta dos traços africanos. Outros falaram que ela não necessariamente é da África, que pode muito bem não morar lá, mas escolher esse país para poder falar e assim o conhecer. Através dessa discussão, trouxe para eles a importância de obtermos o conhecimento quanto ao lugar em que moramos, seja cidade, bairro ou comunidade.

É importante saber o porquê da existência do lugar, como também da nossa história a partir dele. Para isso, procuramos livros, documentários ou outras fontes. Foi quando eles citaram as matriarcas de Caiana dos Crioulos, “Dona Edite” e “Cida”, pessoas ilustres da comunidade, conhecidas por suas histórias no grupo de Ciranda e Coco de Roda.

Após esse momento, passamos a ler a história por meio de slides e Datashow, para melhor visualização da turma. A cada página do livro, trazíamos uma discussão: da origem de seu cabelo, da cor da sua pele, dos seus familiares, etc. Até que um aluno disse que o cabelo de Lelê era “duro e que “não passava o pente”. Passamos a descrever as características do que é realmente duro, daquilo em que não podemos adentrar, seja uma mesa da sala, cadeira, porta, quadro, diferente do cabelo de Lelê que era crespo e encaracolado.

FIGURA 47 - PÁGINA DO LIVRO O CABELO DE LELÊ

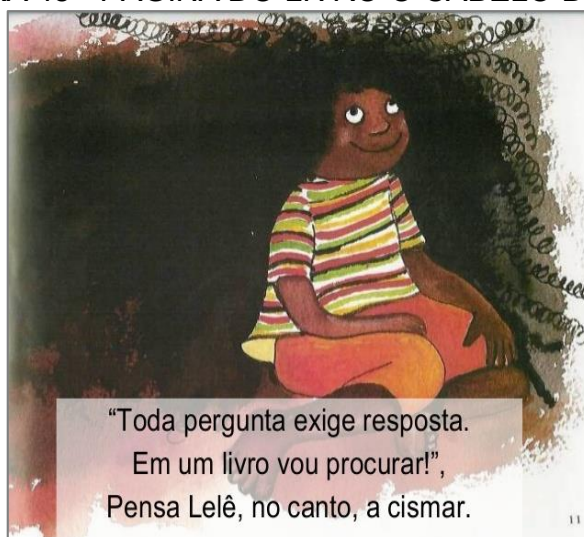


Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Com isso, começamos a analisar a textura de nossos cabelos e perceber que não são duros e sim penetráveis; porém, cada um tem sua textura: lisos, crespos, cacheados ou ondulados. E isso advém de heranças genéticas, familiares e/ou da forma como os tratamos. Nesse momento, passamos a admirar o cabelo da colega da sala e da forma que a mesma costuma utilizar, com turbantes, presilhas, broches, dentre outros adereços.

Diante da fisionomia de Lelê a cada página, eles deduziram que ela não estava satisfeita com seu cabelo, quando, na verdade, ela indagava o porquê de suas características físicas, principalmente seu cabelo. O que, segundo a turma, era para descobrir de onde veio. Assim, ela, ora “cortaria os cabelos”, ora “fazia tranças”, na expectativa de que pudesse obter alguma resposta por meio disso.

FIGURA 48 - PÁGINA DO LIVRO O CABELO DE LELÊ



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Diante disso, passaram a indagar o motivo pelo qual o cabelo de Lelê é assim: “porque não penteia”, “porque é grande demais”. Talvez no livro ela encontrasse as respostas para suas perguntas. Ela descobre que sua beleza é parte das heranças de seus familiares e que cada cachinho retrata um pedaço de sua história. Após toda a exploração com a obra literária, desde a capa até a última página, eles concluíram que Lelê apresenta aquelas características devido às suas heranças familiares, advindas de seus ancestrais e que seu cabelo é prova de toda essa história.

Nesse momento, eles se perguntam por que a colega da sala (que possuía as mesmas características de Lelê) tem aquelas características, especialmente falando da cor da pele e cabelo. Ela responde: “porque puxei a meus pais, meus avós e ao

pessoal da minha família”. Falei para a turma da importância de conhecermos nossa história, para sabermos mais de nossa origem e a que/quem estamos relacionados.

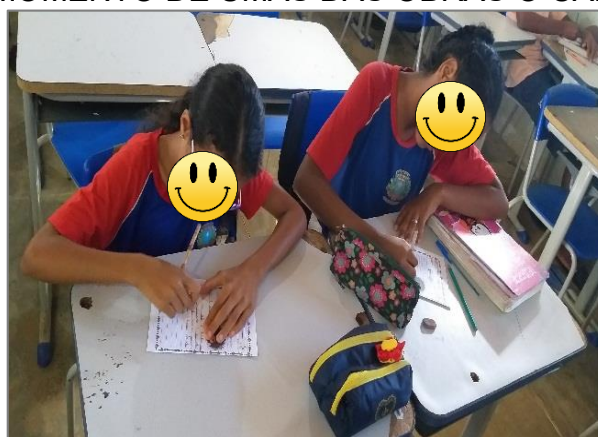
FIGURA 49 - EXPOSIÇÃO EM DATASHOW DA OBRA O CABELO DE LELÊ



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

A partir desse momento, trouxemos elementos relacionados a questões voltadas ao aspecto local, para que mostrassem como se sentiam morando no quilombo, sendo uma criança daquela comunidade. Alguns falaram que gostavam de morar ali, pois foi onde aprenderam a ser quem são. Outros disseram que em Caiana não havia nada que os atraísse, por isso que muitos foram morar fora (Rio de Janeiro e São Paulo), a fim de conquistarem melhores condições de vida. Dando sequência, propus que, diante de tudo o que vimos, eles criassem uma outra narrativa envolvendo a personagem de Lelê. Cada um deveria elaborar um texto com ilustrações, dando-lhe um outro final, de forma criativa, a partir do que foi apresentado. Vários elementos foram destacados e tivemos histórias fantásticas a respeito.

FIGURA 50 - MOMENTO DE UMAS DAS OBRAS O CABELO DE LELÊ




Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 51 - TRECHO RETIRADO DA ATIVIDADE DE MENINO MARROM

Vamos criar?

De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!



Lelê em caiana dos crioulos.

Duma vez Lelê foi em caiana dos crioulos. Ela foi na escola de caiana para estudar. Para ela foi difícil estudar na primeira dia os meninas da sala dela, porque as meninas chamavam ela de muitas coisas de cabelo de lenda de cabelo de Brankia. um dia as meninas perceberam que Lelê era bonita de jeito que ela era e Lelê também.

Educação e Trans

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Na obra literária “O cabelo de Lelê”, a personagem nunca foi a Caiana dos Crioulos, mas na imaginação de Menino Marrom houve essa possibilidade, pois ele utilizou o imaginário literário para pensar Lelê em Caiana. Nessa fala, a criança demonstra em suas palavras identidade, alteridade e representação.

O Menino Marrom traz a personagem de Lelê dentro de Caiana dos Crioulos, na própria escola. Percebemos o quanto a história representou para ele, pois talvez sua produção apresente traços de algo que viveu e/ou presenciou. Outra atividade que também chamou a atenção foi a de Obax (2019):

FIGURA 52 - TRECHO RETIRADO DA ATIVIDADE DE OBAX

As

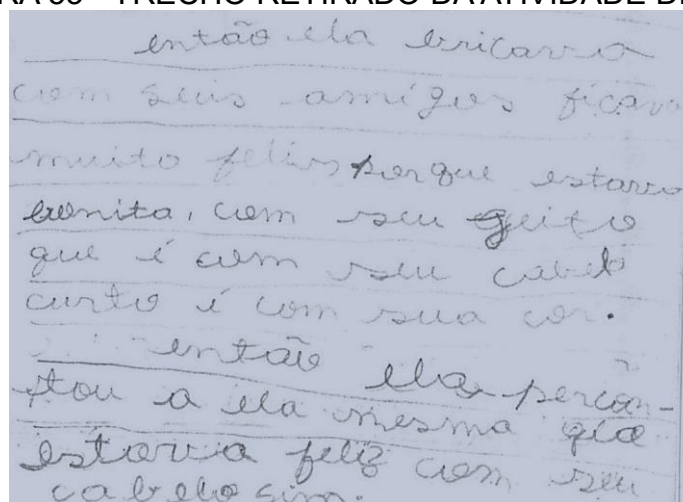
As pessoas não tem que se importa com que as pessoas fala mas tem de se sente bem com a roupa com o cabelo com tudo que você gosta.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Obax (2019) traz uma reflexão e percepção quanto ao que a pessoa é. E isso independente de suas características físicas, seu modo de ser e se vestir; não importa a opinião alheia, o que na verdade interessa é ela ser como quer e gostar de si, incluindo suas particularidades. Isso nos leva a refletir acerca da importância da inclusão de textos literários afro-brasileiros na vida das crianças, especialmente quilombolas, pois além de representarem-se por meio das histórias, ao mesmo tempo fazem reflexões necessárias à construção de suas opiniões e pensamentos.

Isso evidencia a importância de o educador buscar a compreensão do que é educação quilombola, a fim de propor atividades que tenham significado para os(as) alunos(as), uma vez que é fundamental partir da realidade social na qual os discentes estão inseridos.

FIGURA 53 - TRECHO RETIRADO DA ATIVIDADE DE LELÊ

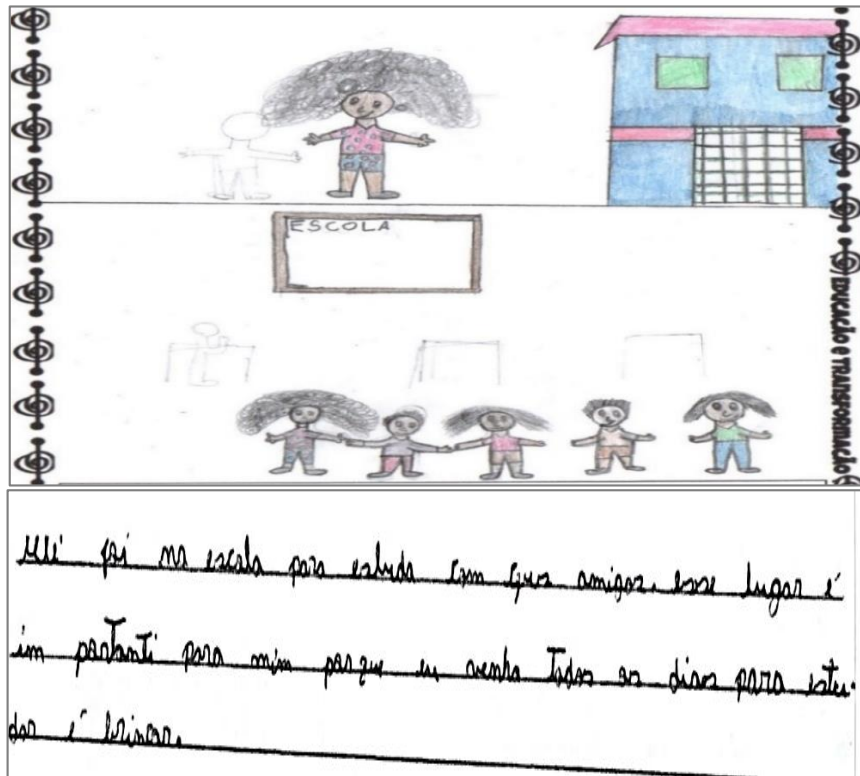


Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Lelê em sua atividade se representa de tal forma que, ao lermos cada palavra escrita, identificamos que ela quis descrever a si mesma por meio da história. Ela também foi trazida como referência pela turma durante as discussões. Momento em que (re)afirmou sua identidade: “porque puxei a meus pais, meus avós e ao pessoal da minha família”.

Em forma de desenho, as crianças e adolescentes também exerceram a criatividade, enfatizando aquilo que não conseguiram expressar no texto escrito. Percebi que cada um, da forma como compreenderam, puseram em seu desenho a sutileza através de cada detalhe. Eis alguns desenhos que expõem essas peculiaridades:

FIGURA 54 - ATIVIDADE DE MENINO MARROM



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 55 - ATIVIDADE DE LELE



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 56 - ATIVIDADE DE OBAX



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 57- ATIVIDADE DE MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 58 - ATIVIDADE DE BINTOU



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

A maioria dos alunos relatou que o lugar que eles mais gostavam na comunidade era a escola, a exemplo de Menino Marrom (2019). Os discentes afirmaram isso pelo fato de se tratar de um espaço em que aprendem a ler, escrever e a tornar-se cidadãos críticos e reflexivos na sociedade, diante do conhecimento de mundo que já têm, correlacionando-o com o que advém da escola.

Outras crianças trouxeram, através de seus desenhos, lugares que mais marca(ra)m sua territorialidade em Caiana dos Crioulos. Obax (2019) retratou o Reino Encantado como o lugar que mais gosta, para decifrar as palavras que existem lá.

Menina bonita do laço de fita (2019) trouxe Lelê na casa de familiares, tomando banho no rio, estando na escola, na própria comunidade ou dançando quadrilha. Bintou (2019) representou Lelê na Capela de Santa Luzia, lugar que mais frequenta com sua família, ou seja, houve a representação de vários lugares que possuem algum significado e representatividade para essas crianças.

Após a atividade, demos continuidade por meio de roda de conversa com eles e falamos sobre a influência africana no Brasil. Tratamos das manifestações culturais, da alimentação, das palavras utilizadas no cotidiano e da religião expondo imagens e vídeos que caracterizam essas influências. Ficaram encantados com tanta beleza em sua diversidade, pois alguns só conheciam a África pelos aspectos de miséria e fome, aspectos comumente mostrados na mídia.

Passamos a comparar o que havia na África, seus produtos agrícolas (banana e café), comparando aos existentes em Caiana. Nesse momento, Eno (2019) trouxe à discussão as frutas (manga, banana, jaca, dentre outras) que seu tio colhia por trás de sua casa, a fim de vendê-las na feira. Também falou acerca do carro que transporta pessoas da comunidade para a cidade, cada qual com seus produtos para comercializar e tirar dali seu sustento.

Nesse momento da oficina, apresentei à turma, por meio do mapa-múndi, os cinco continentes – a América, a Europa, a Ásia, a África e a Oceania, ressaltando que eles são divididos em países, cada um com seus costumes e tradições, suas festas, músicas e danças, suas religiões e seu jeito de ser, pois ninguém é igual a ninguém e é isso que dá graça à vida.

Com isso, cada criança recebeu um mapa da África impresso como apoio para as discussões que realizamos no momento da explicação.

FIGURA 59 - MOMENTO DA CONSTRUÇÃO DO MAPA IMAGINÁRIO DA ÁFRICA

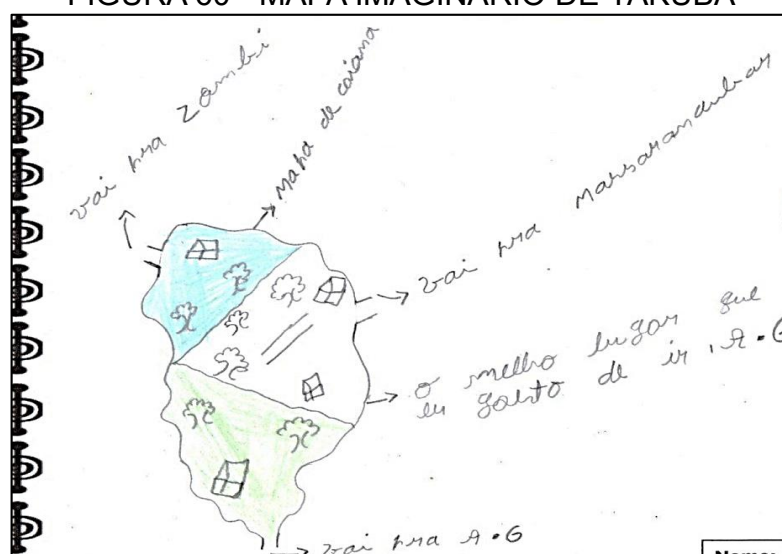


Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Em seguida, solicitei que reproduzissem o mapa da África e criassem o de Caiana, conforme conhecessem, com algumas localidades dentro da comunidade, expondo uma frase que pudesse correlacionar ambos os mapas.

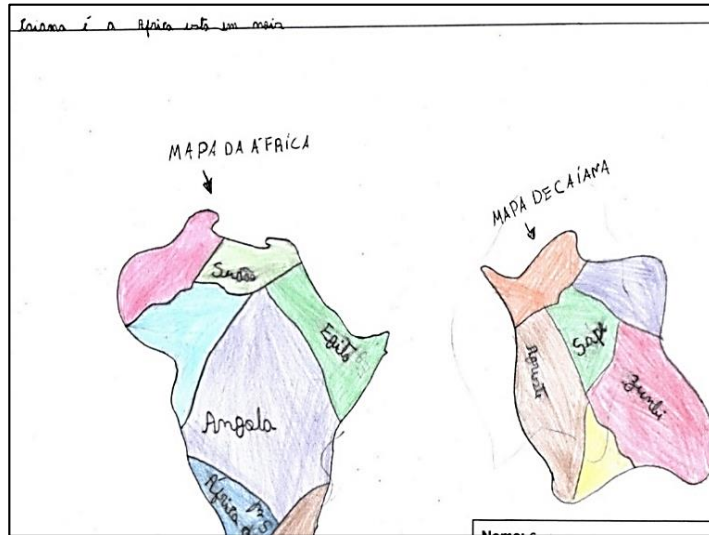
A seguir, alguns exemplos de mapas imaginários de Caiana dos Crioulos construídos pelas crianças:

FIGURA 60 - MAPA IMAGINÁRIO DE YAKUBA



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 61 - MAPA IMAGINÁRIO DE MENINO MARROM



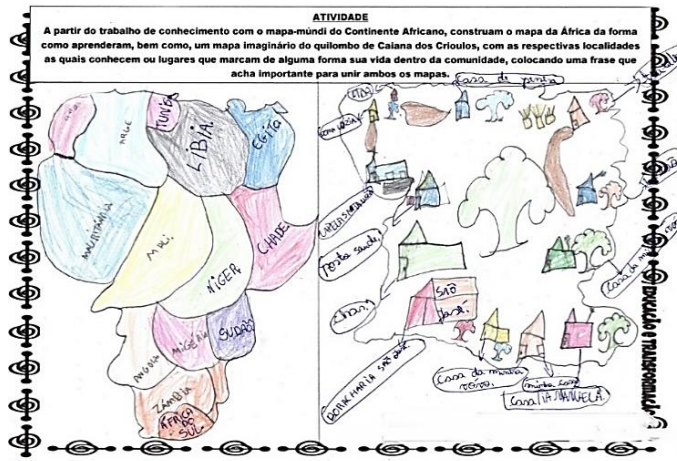
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 62 - MAPA IMAGINÁRIO DE YOMI



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 63 - MAPA IMAGINÁRIO DE BINTOU



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 64 - MAPA IMAGINÁRIO DE OBAX



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Acredito que, mesmo diante do convívio diário com o professor, com a exposição e explicações dos conteúdos, se não tiramos um momento para realizar um trabalho desse tipo, fica difícil perceber e compreender se as crianças quilombolas se afirmam perante sua etnia, alteridade e territorialidade.

Partindo da realidade retratada pelo professor na entrevista e diante do que observei, entendi que a literatura inserida naquela turma muito contribuiu para a construção de suas identidades, pois as crianças, além de conhecerem a vasta gama de obras literárias afro-brasileiras, puderam se envolver com os personagens. Conheceram mais sobre suas origens e passaram a se aceitar como realmente são, estabelecendo relações de respeito por si e pelos outros, visto que passaram a valorizar mais as características de cada um e a diversidade existente entre as pessoas, lugares, regiões e países.

A obra literária afro-brasileira “O cabelo de Lelê” trouxe grande significado para as crianças, apesar de ser uma história votada para o público infantil. Todavia, levamos em consideração a faixa etária da turma, exploramos de todas as formas cada página, executando atividades de produção escrita e desenhos.

Um fato singular foi a percepção positiva que passaram a ter acerca do seu lugar, da sua comunidade, já que acabei ouvindo de alguns que não gostavam de morar em Caiana, pelo fato de “ser chato e não ter nada”. Mas, foi por meio da literatura que tive a oportunidade de mostrar as riquezas da comunidade, através da personagem Lelê, bem como da inclusão de cada um deles na história; trazendo uma

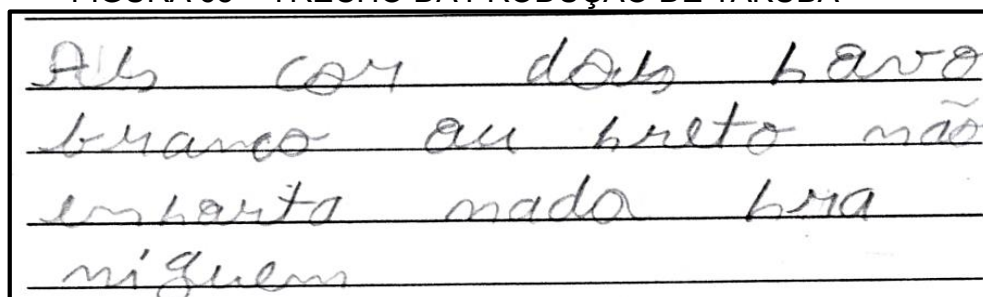
representação do texto para colaborar com a construção da identidade e afirmação da etnia desses alunos.

No próximo tópico, trarei o desenvolvimento da segunda oficina realizada com a obra “Minha mãe é negra sim”, obra de Ziraldo. Semelhante a anterior, a ação didática estará voltada também a questões afro-brasileira, suas heranças culturais e ancestralidade para a construção de suas identidades, afirmação da cor da pele e valorização de seu local de origem.

4.2 “AS COR DOS POVO BRANCO OU PRETO NÃO IMPORTA NADA PRA NINGUÉM”³³: OFICINA LITERÁRIA DA OBRA “MINHA MÃE É NEGRA SIM” – PATRÍCIA MARIA

“As cor dos povo branco ou preto não importa nada pra ninguém” (YAKUBA, 2019).

FIGURA 65 – TRECHO DA PRODUÇÃO DE YAKUBA



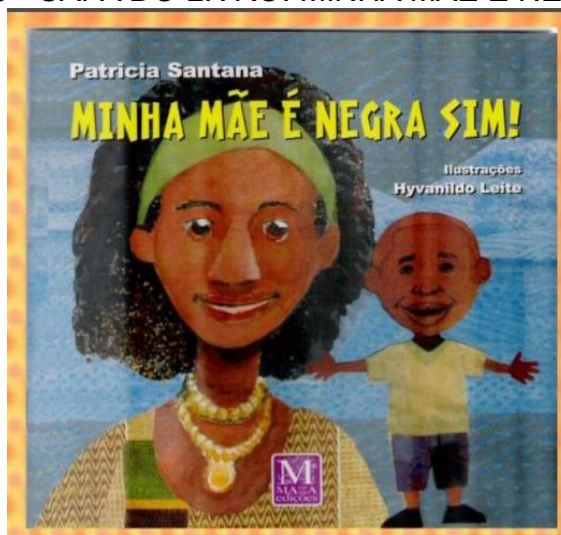
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Em várias situações de nossas vidas, deparamo-nos com pessoas que possuem atitudes discriminatórias, seja pela cor da pele, classe social ou quaisquer “diferenças” criadas no pensamento delas. A frase de Yakuba (2019), descrita em uma das atividades, faz-nos refletir que não deve existir nenhuma discriminação, especialmente quanto à cor da pele, pois quem define quem somos, são nossas heranças, trazidas desde nossos ancestrais. E são essas especificidades que fazem com que reconheçamos nossas características físicas, aceitando-as da forma como são. Isso é o que constitui nossa identidade.

Essa segunda oficina, com duração de três aulas, teve como objetivo o reconhecimento e a valorização da herança, da ancestralidade e da cultura africana e afrodescendente como formadora da nossa cultura.

³³ Trecho de uma das atividades da criança sobre a obra literária “Minha mãe é negra sim”.

FIGURA 66 - CAPA DO LIVRO: MINHA MÃE É NEGRA SIM!



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Iniciamos fazendo uma contextualização da última oficina realizada por meio da obra “O cabelo de Lelê” e das demais obras afro-brasileiras, as quais os discentes haviam lido e/ou tomado conhecimento ao longo de sua vida estudantil até aquele momento. Em seguida, apresentei à turma o vídeo “Cultura Africana”³⁴, o qual mostrava a África como berço da humanidade, alguns povos, a forma como vivem, a diversidade de animais existentes no país, religião, cultura, tradições e costumes.

Logo após, apresentei para as crianças uma caixa surpresa contendo materiais referentes à história, a fim de levantar os conhecimentos prévios dos alunos acerca da temática. A caixa “passeou” entre as crianças para que elas pudessem identificar qual narrativa seria contada, mediante as características levantadas de acordo com os materiais que estavam em seu interior (boneco preto, imagens de família, da escola, caderno de desenho). De início, não conseguiram identificar qual o título real da história “Minha mãe é negra sim!”, entretanto, perante o levantamento dos conhecimentos prévios através dos objetos, percebi que puderam perceber do que se tratava.

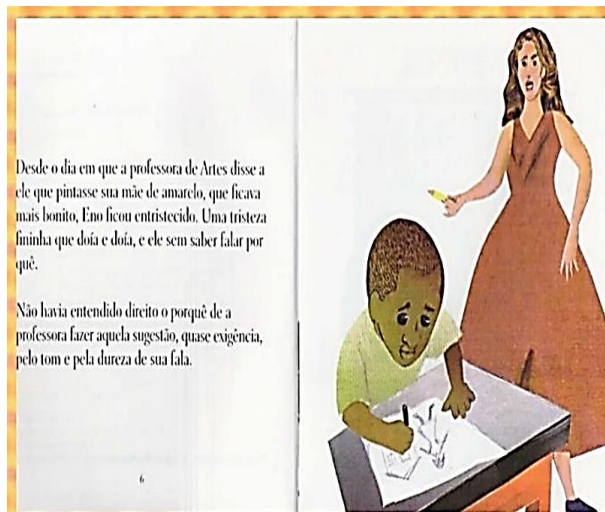
Como foi uma obra que nunca tinham ouvido ou visto, mesmo caso da obra “O cabelo de Lelê”, apresentei a capa, autores, ilustradores e começamos a explorar a partir disso. Eles apresentaram argumentos do tipo: que se tratava da cor de pele de cada um deles.

No decorrer da história, perceberam que se tratava de uma criança a qual, no

³⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AUFndlibINw>. Acesso em: 10 mai. 2019.

momento da atividade sugerida pela professora de Artes, foi pedido para que desenhasse sua mãe, colorindo-a de amarelo. Todavia, de imediato o menino percebeu que sua mãe não tinha aquela cor e ficou entristecido diante da atitude exigente da professora.

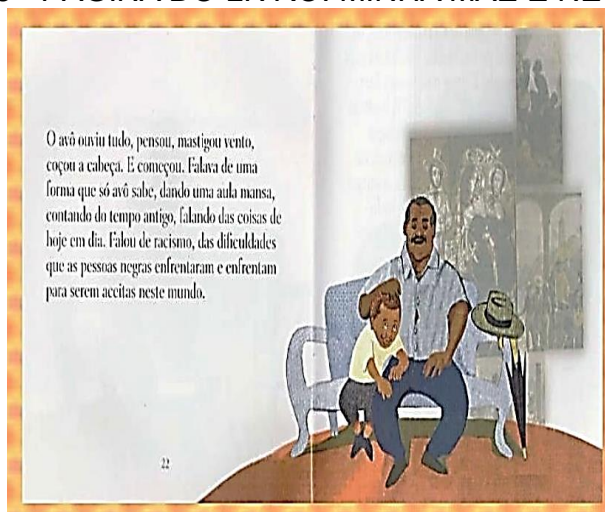
FIGURA 67 - PÁGINA DO LIVRO: MINHA MÃE É NEGRA SIM!



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Diante da roda de conversa e da demonstração de uma das últimas páginas do livro, mostrei às crianças sobre a importância de conhecermos nossas histórias e heranças dos familiares, para descobrirmos o porquê de nossas características físicas, advindas de nossos ancestrais, e assim aceitarmos quem somos. Uma criança citou como exemplo o fato de a caixa de lápis não ter sua cor, porém, ele sempre pintava seus desenhos na tonalidade do lápis que o representasse melhor.

FIGURA 68 - PÁGINA DO LIVRO: MINHA MÃE É NEGRA SIM!



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

A partir desse momento, entramos em uma discussão a respeito de duas palavras que se fazem presentes, infelizmente, ainda em nossa sociedade: preconceito e racismo. Trouxemos para a realidade não apenas da escola, mas também da vida de cada um. Na ocasião, Lelê (2019) passou a contar que em séries anteriores alguns alunos falavam a respeito do seu cabelo, chamando-o de “ruim” ou “pixaim”. Ela relatou que no início ficava triste, mas, depois percebeu que cada característica física sua, havia sido herdada de seus familiares, desde a cor da pele até as demais distinções. Segundo ela, hoje em dia não liga mais para esses comentários, visto que se aceita como é.

Após essa abordagem, continuamos com a leitura do livro por meio de slides, enfatizando o trabalho com as questões voltadas às famílias, à negritude de seus familiares e em especial de sua mãe, como uma afirmação positiva. Aproveitamos o ensejo para uma roda de conversa a respeito das “famílias” (povos) que formam o Brasil e solicitei que realizassem uma produção textual e elaborassem um desenho para ilustrar a história do livro.

FIGURA 69 - MOMENTO DAS ATIVIDADES DA OBRA: MINHA MÃE É NEGRA SIM!



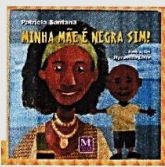
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Como as atividades das três oficinas foram semelhantes, para que nossa descrição e análise das mesmas não ficassem repetitivas, foi preferível trazer mais detalhes (inclusive de imagens) somente na primeira oficina; sem contar que, em minha percepção, foi a que mais trouxe representatividade para as crianças. Contudo, resolvi destacar nesta segunda ação algumas amostras, a exemplo das atividades de Bintou (2019) e Menina bonita do laço de fita (2019). E isso foi feito sem desmerecer as demais, mas, sim, porque conferiram maior visibilidade no momento da oficina.

FIGURA 70 - ATIVIDADE DE BINTOU

VAMOS PRODUZIR?

Produzam um texto, elaborando um desenho que ilustre a obra trabalhada em sala, apresentando à turma seu sentimento quanto à história, destacando a mensagem mais importante mostrada pelo autor.



A autora Patrícia Santana
 nós encina a mensagem im-
 que me passou em sua
 vida ela que nos ensina
 que nós devemos respe-
 tar os cores das pessoas
 e eu assim que a profes-
 sa Guiné escolheu a cor de
 desaba de uma Guiné pintada

a sua mãe de preto e
 por que ele escondia a sua
 mãe tinha uma história nos anos
 tra que devemos respeitar a cor
 das pessoas e da sua própria
 mãe e assim de uma lhi ensinam a
 trabalhar importância de pessoas negras
 fim. A A


Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Em suas palavras, Bintou (2019) trouxe uma reflexão acerca da mensagem transmitida pela autora no decorrer de cada página da história, diante do respeito e valorização do outro como ele é, independentemente de cor, raça e/ou classe social. E é isto que nós, enquanto docentes, precisamos ter em mente para passar aos nossos alunos: a valorização do outro perante suas especificidades, em especial, com relação à cor da pele.

FIGURA 71 - ATIVIDADE DE MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

VAMOS PRODUZIR?

Produzam um texto, elaborando um desenho que ilustre a obra trabalhada em sala, apresentando à turma seu sentimento quanto à história, destacando a mensagem mais importante mostrada pelo autor.



A autora e Patrícia Santana
 ele fala que amãe dele em negra sim
 por que ele tem toda a raça
 sendo ele si com a idosa negra
 por que entãtãem min com a de
 do e com nega por que uma
 negra se mais minha família
 etudo minha turã da dorãncia com
 negro por que amãe dele e negra
 ca. e mais que eu e meu irmão

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Nessa atividade, *Menina bonita do laço de fita* (2019) identifica-se e reafirma-se como negra, e não apenas perante suas características físicas, mas principalmente pelo fato de ser “uma mistura”, segundo ela, do branco com o negro. Isso mostra o quanto essa obra significou na vida dessa criança, pois muitas vezes, erroneamente, achamos que uma simples fala num parágrafo de um livro não produz significados.

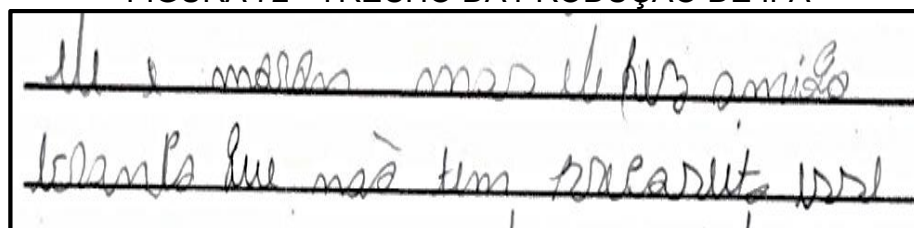
Observamos o quanto a literatura afro-brasileira pode despertar na criança não apenas o desejo e prazer pela leitura, mas também pode vir a incentivar a (re)afirmação de sua identidade, uma vez que a criança se vê representada nas falas dos personagens. E é isso que torna o leitor um protagonista da sua própria história.

Na próxima e última oficina, trataremos o desenvolvimento da obra “O menino Marrom”, obra de Ziraldo. Focalizaremos a questão étnico-racial por meio dos dois personagens principais e suas heranças históricas e culturais, além do forte sentimento de amizade existente entre os dois.

4.3 “AS CORES FORMA MARRON?³⁵: OFICINA LITERÁRIA DA OBRA “O MENINO MARRON” – ZIRALDO ALVES PINTO

“[...] ele é marrom, mas ele fez amigo branco que não tem preconceito” (Ifá, 2019).

FIGURA 72 - TRECHO DA PRODUÇÃO DE IFÁ



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Esse trecho, de uma das atividades realizadas com a obra “O menino marrom”, traz uma reflexão sobre o que a criança pensa a respeito do laço de amizade entre duas pessoas de etnias diferentes. Embora a pessoa negra não tenha tantos relacionamentos de amizade com pessoas brancas, a criança acredita, com base na história, que para a pessoa negra essa construção amigável foi possível. A narrativa evidencia que o amigo cor-de-rosa não teve nenhum preconceito em relaciona-se com o menino marrom. E vemos situações dessa natureza acontecer muitas vezes em sala

³⁵ Trecho de uma das atividades da criança sobre a obra literária “O menino marrom”.

de aula ou na vida habitual de qualquer criança.

Enquanto professora de outras séries, já presenciei algumas atitudes de preconceito entre alunos. A exemplo de uma criança negra tinha dificuldades de relacionar-se com os outros colegas de sala, já que estes não realizavam trabalhos juntos e mantinham um certo distanciamento daquela criança. Embora na época realizasse trabalhos que integrasse e envolvesse a todos, percebi a resistência de alguns.

Esse tipo de comportamento, talvez, tenha sido gerado da relação familiar em casa, sendo reproduzido na escola. Com isso, percebo o quanto a literatura pode contribuir para mitigar e extirpar situações como essa. São narrativas como “O menino marrom”, por exemplo, que contribuem para que Ifá (2019) e tantos outros alunos possam desmistificar esse pensamento e/ou atitudes preconceituosas. A exemplo do que Ifá (2019) pôde perceber após a leitura da obra.

Dando continuidade aos trabalhos, esta terceira oficina, com duração de 03 (três) encontros, teve o intuito de conscientizar o alunado para o respeito às diferenças e à diversidade étnico-cultural, enfatizando suas contribuições para a construção identitária dos discentes.

Inicialmente, realizamos a dinâmica “Marcas de que eu sou”, na qual pedi para a turma fazer uma caminhada pela sala, contudo, ficaram inibidos. Por isso, em seus lugares, solicitei que fechassem os olhos e fossem imaginando como é a vida em uma floresta, como funciona, que tipos de vida identificamos nesse ambiente. Pedi para cada um(a) imaginar como são os animais que vivem na floresta ou até mesmo aqueles que vivem em Caiana dos Crioulos.

Sugeri que eles se concentrassem em apenas um animal; e que pensassem naquele que mais se identificavam. Perguntei o que teria nesse animal que mais lhe chamava a atenção. Pedi que imaginassem suas características, a forma como ele vive ou reage ao ataque do predador, etc. Solicitei que cada um(a) parasse por um instante e fosse incorporando, seja na prática ou mentalmente, o jeito do animal que escolhera, procurando ser fiel à sua forma de caracterizá-lo.

Deixei os alunos vivenciarem por um instante os animais escolhidos. Em seguida, falei-lhes que em toda floresta tem um predador, um caçador que ataca ou persegue um determinado animal; por isso pedi que cada um assumisse seu papel. Tracei uma simulação para que imaginassem mentalmente outras situações que acontecem na floresta, como por exemplo: uma forte tempestade, uma grande seca,

uma longa noite, assim os estimulei para vivenciarem essas realidades.

Para uma reflexão, pedi que descrevessem qual era a personalidade do animal escolhido, destacando as reações, comportamento (o que é bom e o que não é) fazendo comparação, tentando perceber as semelhanças da personalidade do animal e com a sua personalidade, pois talvez aquela forma de pensar fosse como cada um age em suas atitudes perante a sociedade.

Fiquei surpresa pelas escolhas, porque a maioria escolheu o leão. Segundo eles, pelo fato de ser o rei da floresta, como reage em uma briga “feito um leão” (IFÁ, 2019) ou devido ao “coração gigante em proteger a floresta” (IFÁ, 2019). Outra criança escolheu o elefante, já que é “um animal grande e ajuda a molhar os outros com sua tromba” (BINTOU, 2019); enquanto que duas delas escolheram a girafa pelo fato de “gostarem de observar as situações” (OBAX; MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA, 2019).

Diante das manifestações, falei-lhes que podemos ser e agir como qualquer um animal, pois cada um de nós tem sua forma de reagir em situações distintas. Compartilhando das ideias construídas através da dinâmica, provoquei-lhes ainda a curiosidade, escrevendo na lousa a frase de Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar” (Autobiografia: “O longo caminho para a liberdade”, 1995).

Diante de várias discussões, fiz perguntas desafiadoras do tipo: Alguém sabe dizer sobre o que a frase está falando? Que tipo de sentimento ela provoca em cada um de nós? Quem já sofreu algum tipo de preconceito dentro ou fora da escola? Como foi sua reação?

Seguimos com uma roda de conversa para exemplificar situações semelhantes ao que a frase queria dizer. Nesse momento, uma das crianças descreveu que já sofreu um preconceito dentro da escola quando alguém a chamou de “macaco”. Ela relatou que não reagiu de imediato, muito menos chamou alguém que o defendesse, mas que não gostou de ser chamado assim.

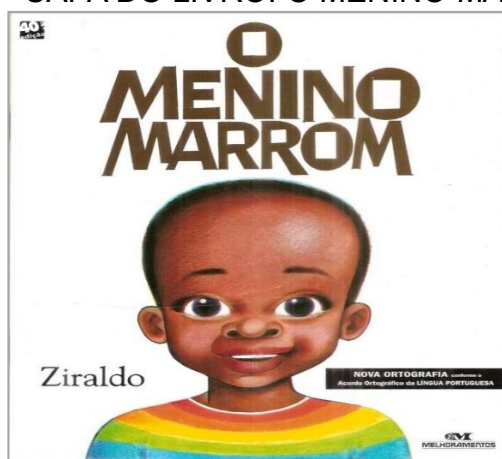
FIGURA 73- MOMENTO DA RODA DE CONVERSA



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Diante das questões lançadas, convidei-os a assistirem ao vídeo “África na Escola, Lei 10.639/03”³⁶, com discussões a respeito dos aspectos gerais da lei e da inclusão dos conteúdos afro-brasileiros na escola, para que fosse ensinada, além da cultura e da história, a literatura. Em seguida, comecei a apresentar história do Menino Marrom.

FIGURA 74 - CAPA DO LIVRO: O MENINO MARROM



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

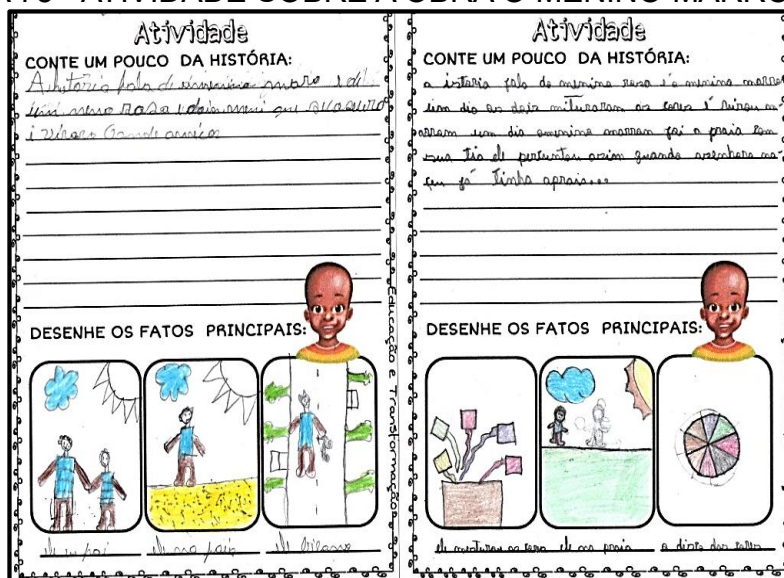
Seguindo o padrão das outras oficinas, fomos explorando a capa do livro e dessa vez não contei através de slides, mas com o próprio livro. Solicitei que produzissem um resumo do texto, destacando as partes principais por meio de desenhos e ilustrações.

Cada um apresentou ao restante da turma um breve resumo da história do livro e de como a obra lhe marcou, conforme duas atividades exemplificadas a seguir. Em

³⁶ “África na Escola lei 10.639”, postado por Luísa Andrade de Sousa. Duração: 7min14seg. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9EgXH-GPgFE>. Acesso em: 10 mai. 2019.

uma delas, embora não descreva textualmente o relato da obra, pode-se expor, através do desenho, o que Eno (2019) entendeu a respeito da narrativa; assim como a outra criança, nomeada de Menino Marrom, (2019).

FIGURA 75 - ATIVIDADE SOBRE A OBRA O MENINO MARROM



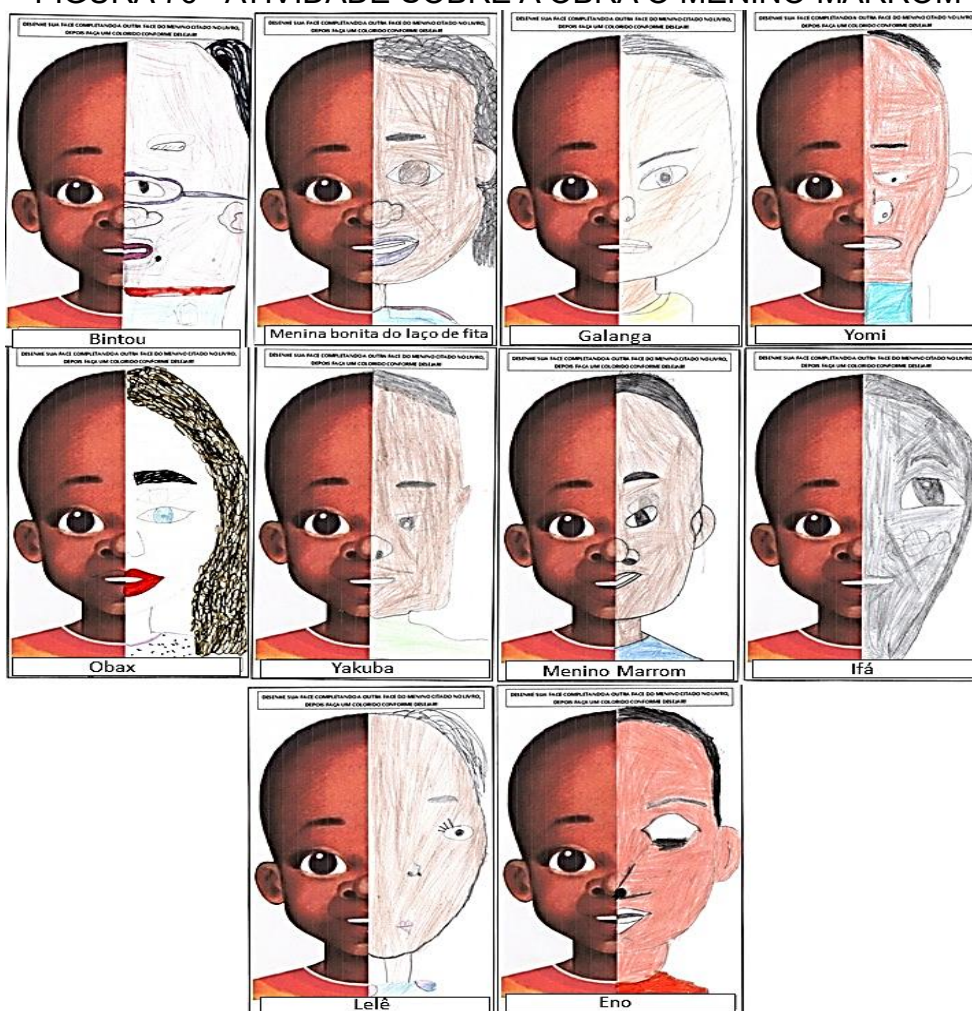
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Após uma breve roda de conversa e apresentação dos desenhos que representaram a obra, realizei um levantamento de questões significativas ao texto. Uma das atividades, em minha opinião, mais importantes, não desmerecendo as outras, foi realizada no momento em que os desafiei a desenharem suas faces, complementando a outra metade da face do menino citado no livro.

Percebi nessa atividade uma forma de demonstrar a importância de valorizarem e respeitarem o outro diante das características físicas, buscando caminhos para uma convivência harmoniosa, já que todos nós somos iguais em direitos e deveres.

Poderia escolher uma ou outra para mostrar o que alcançamos como objetivo para esta atividade, porém, é inegável que todas atingiram a proposta, pois expuseram ali seu verdadeiro “eu”, suas características físicas e sua própria identidade através do desenho.

FIGURA 76 - ATIVIDADE SOBRE A OBRA O MENINO MARROM



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Essa atividade dos discentes é um exemplo de construção da própria identidade, da representação, da afirmação da cor e da aceitação de quem realmente eles são. Pude perceber que foi a lição em que mais se mantiveram concentrados, preocupados em representar cada detalhe de si e também demonstraram preocupação com o outro, quando se dispuseram a ajudar o(a) colega que necessitava de auxílio para ter suas características destacadas.

Essa atitude dos alunos veio a confirmar o fato de que a Literatura Afro-Brasileira tem esse “poder” de levar as pessoas a se encontrar, aceitar as suas e as diferenças do outro e, sobretudo, valorizar esse outro, perante suas singularidades, na representação étnico-racial, já que o texto literário tem a capacidade de ser usado como um meio para a interlocução do leitor com a sociedade.

Após a realização de todas as oficinas, preparei um momento final de confraternização com a turma, com bolo e refrigerante. Essa interação serviu para

simbolizar aquele momento e para fazermos um apanhado do que ficou para eles, do sentido e da representação que a literatura afro-brasileira propiciou às suas vidas.

Nesse último momento, voltamos a todas as oficinas para relembrarmos um pouco das histórias, do que foi realizado e do ficou de significado para cada um. Através de uma produção textual, pedi aos discentes que referenciassem a obra da literatura afro-brasileira que mais gostaram e que os marcou enquanto quilombolas; que destacassem o que tal narrativa trouxe de mais importante e de que modo a obra permitiu-os refletir sobre sua cor, identidade, origem, diversidade e sobre o respeito às diferenças e à valorização de si e do outro.

Para complementar, solicitei que destacassem, através de uma cena e/ou personagem relacionado à história, o que mais lhes representou, além de teceram comentários, por escrito, a respeito da importância que a literatura passou a ter em suas vidas e o que as oficinas literárias trouxeram de reflexão para a construção de suas identidades, (re)afirmação de cor e de pertencimento étnico enquanto quilombolas.

FIGURA 77- ATIVIDADE DA ALUNA LELE

data: 7/5/12019

NOME: Lele

PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILOMBOLA: "O CABELO DE LELE", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARRON", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFLETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!

o meu cabelo é diferente
Sou negra sim tanto
o cabelo crespo e zamboni
sou negra e quilombola
porque sou diferente
também sou negra e
assim como sou
o cabelo de lele
parece cabelo mais
meu cabelo é curto
mas sou negra
foi diferente porque é

Ser uma scaintra quilombola
 bola porque gosta da minha
 cor mas importa gente
 falar mal minha cor
 porque ser negra é ser
 é ser a melhor de toda
 não troco por outra
 cor. não

por tanto o cabelo
 de lele parece com o
 tipo o cabelo de lele
 e negra, e meu cabelo
 é diferente mais sou
 negra porque não
 falei mal da sua
 cor porque é diferente
 não.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

FIGURA 78 - ATIVIDADE DA ALUNA BINTOU

NOME: Bintou	Escolha a história que eu escolhi: minha mãe e negra sim foi a gostei do enfeitado com a cor dos outros eu gostei de todas histórias que nós trabalhamos mais a main que mim tácal foi minha mãe e negra sim a parte da história mais que eu gostei foi a parte que o avô conversou com o mimmes.
PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILMBOLA: "O CABELO DE LELE", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARROM", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFLETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!	
<p>A minha mãe e negra Sim eu gostei da história minha mãe e negra sim foi que minha mãe e negra e eu gostei muito da cor dela por que eu tam- bem mim sinto negra e eu gosto muito de ler e que no seguinte capítulo do cabelo tem um número alto de pessoas negras a cor negra sim liga para mim a lutar e respeito de zumbi do pal- mar de foi um grande</p>	
Data: 15/07/2019	

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Como meio de finalizar e refletir acerca de todas as oficinas, após uma roda de conversa acerca do que a literatura afro-brasileira proporcionou na vida de cada um após esses momentos, fizemos discussões e reflexões orais, mas que nem todos participaram, então decidi elaborar uma breve atividade para que expusessem qual a importância que a literatura passou a ter e o que trouxe de ensinamento para que pudessem refletir sobre a construção identitária e o pertencimento étnico enquanto quilombola.

FIGURA 79 - ATIVIDADE DO ALUNO MENINO MARROM

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA QUE A LITERATURA PASSOU A TER EM SUA VIDA E O QUE ESTAS OFICINAS LITERÁRIAS TROUXERAM COMO REFLEXÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, REAFIRMAÇÃO DE SUA COR E SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO ENQUANTO QUILMBOLA!
<p>a literatura trouxe a ideia de respeito ao per- meo negro com identidade sua e a valoriza não tem vergonha de assumir e como negra cabelo das pessoas não se da cor do cabelo as pessoas dizem coisa dela de maneira que eu não quero ser de mes- ma que as outras pessoas eu gostei muito por que eu amo muito mais não me preocupo tanto respeito as outras pessoas de fato que não.</p>

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

As respostas foram surpreendentes, a partir delas, percebi que a missão foi cumprida e os objetivos alcançados. Embora no início tenha havido uma certa resistência de alguns em participar, principalmente nas atividades envolvendo a oralidade, percebi que puderam transpor todos os conhecimentos adquiridos anteriormente.

As oficinas evidenciaram a possibilidade da literatura afro-brasileira funcionar como um instrumento que pode contribuir para despertar não apenas o prazer em ler histórias de povos negros, mas também de conhecer a herança cultural de sua família e ancestrais, (re)afirmação de sua cor enquanto negro(a) quilombola e, principalmente, de fazer com que a criança sinta-se representada através das histórias, colocando-se como protagonista no mundo literário e na vida real em sua comunidade.

4.4 CADERNO PEDAGÓGICO DIGITAL

FIGURA 80 - NUVEM DE PALAVRAS QUE COMPÕEM O TÓPICO 4.4



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

Nesta última sessão, será apresentada uma síntese do nosso produto didático, juntamente com a metodologia planejada e aplicada durante as oficinas literárias; os objetivos e desenvolvimentos previstos no plano de intervenção; e o destaque de fatores que refletem na elaboração de um material exclusivo e adequado à realidade em questão.

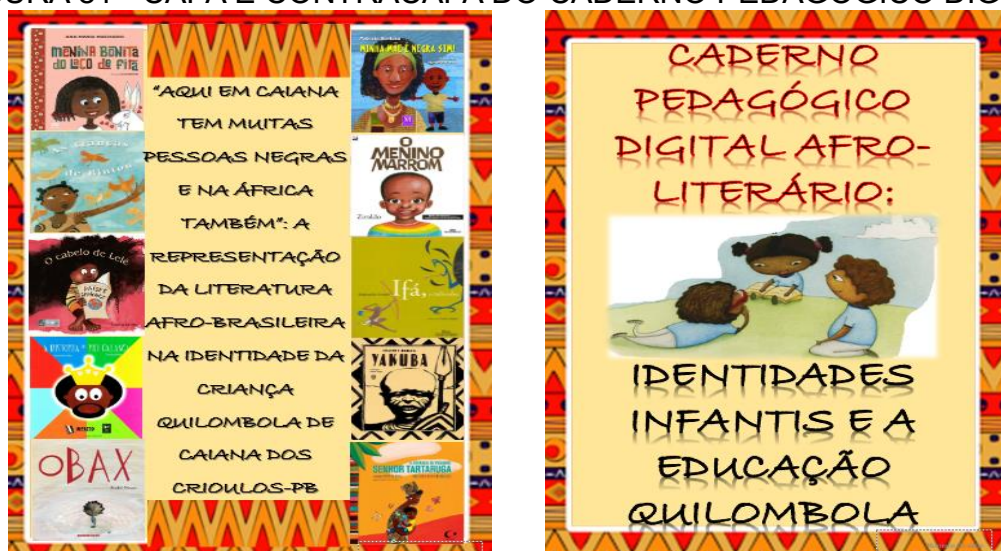
Vimos que a literatura afro-brasileira é uma importante ferramenta que, além de permitir o gosto e prazer pela leitura, possibilita com que o leitor passe a se

representar e se reconhecer perante o que está sendo lido.

Visando a isso, elaboramos um Caderno Pedagógico Digital que se originou a partir de uma pesquisa aplicada desenvolvida na Escola Firmo Santino da Silva localizada na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande – PB. Vale destacar que ele constitui o produto final desta dissertação do Pós-Graduação em Formação de Professores- UEPB, já que apresentar um material didático, fruto de nossa prática e intervenção sem sala de aula, é um dos requisitos desta Programa do Mestrado Profissional.

Desse modo, a seguir tem-se uma prévia da elaboração desse produto, destaca-se que o material na íntegra será disponibilizado nos Apêndices desta dissertação e em formato de mídia de CD-ROM, quando este trabalho for depositado na Biblioteca vinculada ao nosso Programa.

FIGURA 81 - CAPA E CONTRACAPA DO CADERNO PEDAGÓGICO DIGITAL



Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

Trata-se de uma proposta intervencionista no contexto da Educação Quilombola, contendo todo o planejamento das oficinas trabalhadas, juntamente com atividades interdisciplinares, baseadas e organizadas nas obras literárias afro-brasileiras: “O Cabelo de Lelê”, de Valéria Belém; “O menino marrom”, de Ziraldo; e “Minha mãe é negra sim!”, de Patrícia Maria. Objetiva servir como um aporte pedagógico para os professores, visto ser algo inovador no que diz respeito à abordagem das relações étnico-raciais, uma vez que contribui para que o docente leve o aluno a se autoafirmar enquanto quilombola perante sua cor.

FIGURA 82 - SUMÁRIO DO CADERNO PEDAGÓGICO DIGITAL



The image shows a table of contents for a digital pedagogical notebook. The title is 'SUMÁRIO' and the items are listed with corresponding page numbers. The items are: 'SENSIBILIZAÇÃO AFRO-LITERÁRIA' (07), 'ROTEIRO LITERÁRIO' (08), 'PROPOSTA DE OFICINAS PARA OBRAS LITERÁRIAS AFRO-BRASILEIRAS' (09), '1ª OBRA LITERÁRIA: O CABELO DE LELÊ' (10), '2ª OBRA LITERÁRIA: MINHA MÃE É NEGRA SIM' (59), '3ª OBRA LITERÁRIA: O MENINO MARROM' (87), and 'ATIVIDADES DE REFLEXÃO SOBRE AS OBRAS LITERÁRIAS' (119). The table is set against a background with a colorful geometric pattern.

SUMÁRIO	
SENSIBILIZAÇÃO AFRO-LITERÁRIA	07
ROTEIRO LITERÁRIO	08
PROPOSTA DE OFICINAS PARA OBRAS LITERÁRIAS AFRO-BRASILEIRAS	09
1ª OBRA LITERÁRIA: O CABELO DE LELÊ	10
2ª OBRA LITERÁRIA: MINHA MÃE É NEGRA SIM	59
3ª OBRA LITERÁRIA: O MENINO MARROM	87
ATIVIDADES DE REFLEXÃO SOBRE AS OBRAS LITERÁRIAS	119

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2019).

O Caderno Pedagógico Digital foi pensado para orientar o docente na educação das crianças da escola quilombola Firmo Santino, nas questões raciais através da literatura. Contudo, nada impede de que seja utilizado por outros professores, de outras escolas e espaços.

Esperamos que ele auxilie no trabalho docente, visto que contém sugestões e orientações pedagógicas com relação às questões da identidade quilombola. Vale destacar que o mesmo pode ser usado tanto na sala de aula do 5º ano, anos iniciais do Ensino Fundamental, quanto em outros níveis de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura afro-brasileira, trabalhada em sala de aula como uma ferramenta pedagógica, é de suma importância para desenvolver não apenas o gosto e prazer pela leitura de obras literárias em que aporte o(a) negro(a) como personagem principal, mas também por permitir com que o leitor passe a conhecer mais sobre a história dos povos brasileiros e africanos; respeitando e valorizando sua cultura, heranças de seus ancestrais, tradições de uma comunidade e principalmente representando-se quem é, na construção de sua identidade. Além disso, é um recurso essencial para a evolução do pensamento ideológico na desconstrução da discriminação e preconceito racial, possibilitando o resgate de valores étnicos e de territorialidade.

Partindo da necessidade de compreender como crianças e adolescentes moradoras de comunidade quilombola se percebem enquanto negras e não-negras, tivemos como questão de pesquisa perceber como se dá a construção da identidade dessas crianças, qual sua representação étnica acerca de personagens históricos negros dentro da literatura afro-brasileira, bem como a afirmação de sua cor, na Escola Firmo Santino da Silva, localizada em Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB.

Mediante isso, tivemos como objetivo geral, investigar, no contexto da educação quilombola, como a criança negra e não negra dos anos iniciais da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande – PB constrói sua representação identitária em relação ao seu pertencimento étnico, através dos textos literários afro-brasileiros.

Na realização das oficinas, fizemos destaque das três obras literárias que nos deram suporte para intervir didaticamente com a turma: “O Cabelo de Lelê”, de Valéria Belém; “Minha mãe é negra sim!”, de Patrícia Maria; e “O menino marrom”, de Ziraldo. Trabalhamos através de dinâmicas; músicas, exploração da capa do livro e questionamos o que a imagem lhes sugeria.

Tudo isso feito por meio de rodas de conversa em sala, a fim de ouvirmos o que as crianças pensavam a respeito. Trouxemos manifestações culturais, alimentação, palavras, religião de povos africanos e expusemos isso por meio de imagens que caracterizavam essas influências. Abordamos ainda a obra através da contação de história e do levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos acerca da temática abordada no livro. Mostramos elementos relacionados às questões

voltadas ao aspecto local, para que falassem como se sentiam morando no quilombo, sendo uma criança daquela comunidade. Desenvolvemos atividades de produção textual e de desenho para a recriação da narrativa envolvendo os personagens, bem como as próprias crianças. De início, foi difícil, visto que as crianças reagiram com certa resistência em desenvolver as atividades, mas depois foram aceitando, conforme fomos seguindo com a proposta.

Como se observou ao longo deste trabalho, além desta dissertação, também desenvolvemos um produto didático: um caderno pedagógico que detalha nossas ações, bem como as atividades desenvolvidas durante cada uma das três oficinas. O material traz propostas e ações pedagógicas através de oficinas temáticas, a fim de serem desenvolvidas com os alunos, para uso da inclusão étnico-racial por meio da representação que os textos e as obras literárias proporcionam, além de trabalhar as identidades das crianças. Todas as oficinas foram organizadas passo a passo, como apoio para o professor quilombola, para o trabalho com o público discente, a partir da inserção da literatura afro-brasileira e de sua representação da identidade das crianças.

Diante disto, podemos salientar que atingimos os nossos objetivos específicos que residiram em discutir sobre a educação quilombola no contexto das relações étnico-raciais em interfaces dialógicas com as discussões acerca da identidade, representação e infância; bem como na problematização de como a Literatura Afro-brasileira contribui, no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola quilombola, para a construção da identidade da criança negra e não-negra.

A importância deste trabalho para a área da educação como prática pedagógica é de grande visibilidade, principalmente na Educação Quilombola, pois permite aos professores não apenas uma nova visão de trabalhar a literatura afro-brasileira durante todo ano, já que, na maioria das vezes, só é abordado o tema em datas comemorativas específicas como a Abolição da Escravatura e Consciência Negra. Um estudo nessa perspectiva possibilita às crianças conhecerem mais de suas histórias, de seus antepassados, representando-se etnicamente através de personagens das histórias, na descoberta e construção de sua identidade, suas origens e heranças histórico-culturais.

A partir da aplicação do produto didático em sala, estivemos corroborando com nosso objeto de pesquisa para a construção da identidade dos educandos por meio da representação que as obras literárias afro-brasileiras proporcionaram. Vimos que

as crianças puderam conhecer mais as histórias de seus antepassados, aceitando-se da forma como são e valorizando o outro a partir de suas singularidades. Todas essas questões estiveram visíveis a cada atividade desenvolvida, leitura compartilhada e a cada diálogo promovido por meio de discussões que ora partiam da pesquisadora, ora, do alunado.

Além disso, cremos que o produto didático que foi desenvolvido, bem como as considerações teóricas que nortearam este estudo servirão como um aporte metodológico e teórico, para os profissionais da educação abordarem as questões étnico-raciais. Servirá, portanto, para os professores que lidam com a educação quilombola e, principalmente, para os professores não quilombolas, uma vez que precisam conhecer a realidade desse povo, suas histórias, origens e culturas, trazendo para a sala de aula questões que envolvam não só a discriminação e o racismo, mas também os avanços e progressos que o negro conquistou até hoje em nossa sociedade, perpassando essas informações de forma concisa e reflexiva para os alunos.

Produzir uma pesquisa envolvendo a literatura em uma perspectiva afro-brasileira numa escola quilombola, trouxe-nos a compreensão de modo amplo sobre a educação quilombola a partir do texto literário na concepção da própria identidade da criança negra, além de contribuir para o campo de estudos étnicos e dos estudos que versam sobre a educação quilombola.

Este trabalho abre perspectivas não apenas para o Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, já que este permite aplicar e vivenciar essa prática, mas também para o ensino como um todo; no sentido de apontar que a literatura afro-brasileira pode ser trabalhada em sala de aula numa escola quilombola não somente em datas comemorativas específicas, mas sim, durante todo o ano letivo, no sentido de pensar, refletir e interpretar como a criança traduz a sua identidade.

Vimos que por meio deste estudo e sobretudo da nossa intervenção didática possibilitamos a percepção de como as crianças da escola se posicionaram com relação à sua etnia, identidade e se como se referiram a si na comunidade, a partir da utilização de textos/obras literárias afro-brasileiras. Ficou evidente a participação de todas. No entanto, algumas não se integraram totalmente, talvez pela faixa etária na série, ou pela maneira como a proposta foi abordada, ou até mesmo pela falta de costume perante o desenvolvimento de trabalhos como esse em sua vida escolar. O

que pode ter causado inibições em diversas situações nas abordagens das obras. Com exceção desses pontos, avaliamos que a pesquisa foi proveitosa e significativa, ficando para apreciação de outros profissionais para que possa ser cada vez mais aprimorada.

Através deste trabalho, enquanto professora-pesquisadora, percebemos o quanto nós educadores podemos fazer a diferença na educação, proporcionando aos nossos alunos momentos que os levem a pensar, refletir e posicionar-se diante de toda e qualquer situação, seja de discriminação, preconceito ou de valorização da sua cor e de suas origens. Finalmente, acreditamos que é por meio da representação das obras literárias afro-brasileiras que a criança e/ou adolescente tem a oportunidade de se utilizar da imaginação para adentrar nos personagens e reconhecer-se a partir desses.

Espero que, com este trabalho, eu possa contribuir com a Comunidade de Caiana dos Crioulos e a Escola Firmo Santino da Silva, bem como, que abra possibilidades para o debate sobre a Educação Quilombola na perspectiva da literatura, dando continuidade aos estudos literários das questões afro numa outra dimensão, em especial, ao Estudo e Memória, Currículo e Oralidade.

Nesta foto a seguir, fica meu sentimento de gratidão pela escola por ter aberto suas portas para a realização desta pesquisa; pelo Gestor Irineu, que tanto contribuiu e facilitou nos momentos em que mais precisamos; a Diocélio, professor regente da turma, que me deu total confiança e credibilidade com sua turma; aos alunos do 5º ano da Escola Firmo Santino da Silva da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, que me permitiram adentrar em seu espaço para a realização deste trabalho tão rico, o qual ficará como suporte pedagógico para demais profissionais da educação e de outras áreas. Gratidão a todos!



REFERÊNCIAS

- A COR DA CULTURA. **Jackson do Pandeiro (1919-1982)**. Disponível em: <http://antigo.acordacultura.org.br/herois/herois/jacksonadopandeiro#:~:text=Jos%C3%A9%20Gomes%20Filho%2C%20o%20Jackson,ritmistas%20da%20hist%C3%B3ria%20da%20MPB>. Acesso em: 16 set. 2020.
- AGUIAR, V. T. de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- ALMEIDA, Alfredo W. B de. "Os Quilombos e as Novas Etnias". *In: O'DWYER, Eliana C. (Org.). Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, pp. 22.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner. 1999. Os quilombos e as novas etnias. *In: LEITÃO (Org.) Direitos Territoriais das Comunidades Negras Rurais*. São Paulo, Instituto Socioambiental.
- ALMEIDA, Alfredo W. B de. (1996), "Quilombos: sematologia face a novas identidades". *In: Sociedade Maranhense de Direitos Humanos & Centro de Cultura Negra do Maranhão (Orgs.). Frechal terra de preto: quilombo reconhecido como reserva extrativista*, São Luís, s. ed., pp. 11-19.
- ARAÚJO, Marcele Juliane Frossard de. **Estigma social**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociologia/estigma-social/> . Acesso em: 16 set. 2020.
- ARAÚJO, Érica Cibelle de Sousa. SILVA, Amanda Paula. Literatura infantil e formação de leitores: uma proposta de leitura do livro "Dolores Dolorida". **III COBESC**, Campina Grande, 2011.
- ARRUTI, José Maurício. Conceitos, normas e números: uma introdução à educação escolar quilombola. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 23, jan/abr de 2017.
- BANDEIRA, Pedro. **O fantástico mundo de feiurinha**. São Paulo: 3. ed. Editora Moderna, 2009.
- BELÉM, V. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. Ilustrações: Adriana Mendonça. São Paulo: Col. IBEP Jr, 2. ed., 2012.
- BERND, Zilá. **Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: 22. ed. Paz e terra, 2007.
- BRASIL. Resolução n. 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 jul.

2010^a, p. 13. Disponível em:

http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_04_14.pdf . Acesso em: 16 set. 2020.

BRASIL. Resolução nº. 8, de 20 de novembro de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. **Diário Oficial da União**. Brasília: DF, 21 nov. 2012, seção 1, p. 26-30. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11970-221112resol-8-cne-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 abr. 2018.

BRASIL. **Texto - referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília, DF: CNE/CEB. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8527-texto-referencia-diretrizes-curriculares-educacao-quilombola-cne2011-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 16 set. 2020.

BRASIL. **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD; SEPPIR, junho, 2009.

BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola**. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana**. Brasília/DF: SECAD/ME, 2004.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Brasília, 2003.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Brasília, 2008.

BRASIL. **Leis, Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB - Lei 9.394/96**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BRASIL. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais** Brasília: SECAD, 2006.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. *In*: CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *In*: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-80.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary Del Priore. Brasília: EdUnb, 1999.

COELHO, Nelly N. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

COSTA, Maria Suely da. O texto literário na interlocução: cultura, raça e identidade. *In*: ARRUDA, Luciene Vieira de; BEZERRA, Rosilda Alves; CHAGAS, Waldeci Ferreira (Orgs.). **Interfaces dos saberes, formação docente e diversidade cultural**. João Pessoa: Ideia, 2014.

DESLANDES, S.F. *et al.* **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Maria Cecília de Souza Minayo (org.). Petrópolis: Vozes, 1994.

DIOUF, S. A. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000. Editora da UFPR Disponível em:
http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf. Acesso em: 03 ago. 2018.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FERNANDES, M. C. R. **Mbaétaraca: uma experiência de educação de jovens quilombolas no município de Nilo Peçanha – BA**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 63., abr., 2016, p. 103-120.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa**. Coordenação de Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos. Ilustrações: Axel Sande. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FIABANI, Adelmir. O quilombo antigo e o quilombo contemporâneo: verdades e construções. Associação Nacional de História – ANPUH. **XXIV Simpósio Nacional de História**, 2007, p. 7.

FILHO, José Nicolau Gregorin; PINA, Patricia Kátia da Costa; MICHELLI, Regina Silva. **A Literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011.

GOES, Lúcia Pimentel. **A maior boca do mundo**. 12. ed. Editora Ática, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, LTC, 1981.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639. *In*: CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOMES, Lino Nilma. **Educação e identidade negra**. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002 p.2

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

HASENBALG, Carlos. Discurso sobre a raça: pequena crônica de 1988. *In*: HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do V. **Relações raciais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Rio Fundo: IUPERJ, 1992.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octávio. Literatura e Consciência. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.) **Literatura e Afrodescendência**: Antologia Crítica. v. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG (Humanitas), 2011.

KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil**: A arte do disfarce. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. Portugal, **Etnográfica**, v. IV (2), 2000, p.333-354.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia Científica**: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2009.

LEWGOY, Alzira Maria B; SCAVONI, Maria Lucia. Supervisão em Serviço Social: a formação do olhar ampliado. **Revista Texto & Contextos**. EDIPUCRS, Porto Alegre, v.1, nº 1, nov. 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Ilustração de Claudius. 9. ed. São Paulo: Ática, 2011.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARIOSIA, G. S; REIS, M. da G. dos. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. **Estação Literária**. Londrina, Vagão. v.8 parte A, dez. p. 42-53, 2011.

MARQUES, Carlos Eduardo. GOMES, Lílian. A constituição de 1988 e a ressignificação dos quilombos contemporâneos: **Limites e potencialidades**. São Paulo, RBCS, v. 28, n. 81, fev., 2013.

MINAYO, M. C.de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-29.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. *In: SCHWARCZ, Lília Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Orgs.) Raça e diversidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Estado Ciências, 1996.

MUNANGA, Kabenguele. (Org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MURRAY, Roseana. **Um cachorro para Maya**. 1. ed. Editora Lago de Histórias, 2019.

PAVÃO, M. C. **Educação escolar e construção identitária na comunidade quilombola de Abacatal - PA**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2010.

POIRIER, Marie Pierre. Por uma Infância sem Racismo. **Correio Brasiliense**: 29/04/2010.

RABASSA, G. **O Negro na ficção brasileira**: meio século de história literária. Trad. Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

ROSA, Sonia. **O menino Nito** – então homem chora ou não? Ilustração: Victor. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

ROSEMBERG, FÚLVIA. **Literatura Infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

SANTANA, Patrícia. **Minha mãe é negra sim!** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

SANTOS, A. S. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do movimento negro. *In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Ana Cristina Conceição. **Escola, Família e comunidade quilombola na afirmação da identidade étnica da criança negra**. 2008. Dissertação (Universidade Federal de Alagoas). Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2008. 122p.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, v. 30, n.3, 2007.

SILVA, J. P. da. **A construção da identidade da criança negra**: a literatura afro como possibilidade reflexiva. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia)

- Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010, 78p.

SILVA, G. M. da. **Educação como processo de luta política**: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Stuart Hall e Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, J. P. da. **A construção da identidade da criança negra**: a literatura afro como possibilidade reflexiva. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010, 78p.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31 a 42.

SILVESTRE, Diego de Oliveira. MOREIRA, Alecsandra P. da Costa. Uso, vivência e conservação do meio ambiente em populações tradicionais: o caso da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande (PB). **Cadernos do Logepa**. João Pessoa. v. 6, n. 2, p. 180-202, jul./dez. 2011 - ISSN: 2237-7522.

SOUZA, Jáise do Nascimento. **Literatura infantil**: uma história puxa outra. Centro Infantil Maria Dilma Lacerda de Lima - Parnamirim/RN, outubro, 2016.

TELLES, Carlos Queiroz. **Chegou o grande dia**. São Paulo: 1. ed. Editora Moderna, 2000.

TRINDADE, Solano. **Literatura negra ou literatura afro-brasileira?** Uma reflexão sobre a poesia de autoria negra. 7º SBECE, 2017. Disponível em: http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1494252183_ARQUIVO_TEXTOCOMPLETOSBECE2017.pdf. Acesso em: 6 de nov. de 2018.

VIDEIRA, Piedade Lino. Criança negra e discriminação étnica na escola e movimentos pela Educação Popular. **Padê**, Brasília, v.1, n. 2, p. 89-111, jul./dez., 2007.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.

ZILNERMAN, R. **A Literatura Infantil na Escola**. Porto Alegre. 5. ed. Global, 1985.

ZIRALDO. **O Menino Marrom**. (ilustrações do autor) – 45. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.

ZIRALDO. **Aventuras de Junin**. 1. ed. Editora Globinho, 2019.

APÊNDICES



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PESQUISADORA: ÉRICA CIBELLE DE SOUSA ARAÚJO**

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Esta entrevista faz parte de um projeto de pesquisa que tem como título “AQUI EM CAIANA TEM MUITAS PESSOAS NEGRAS E NA ÁFRICA TAMBÉM”: A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA DE CAIANA DOS CRIoulos-PB”. A pesquisa é fruto do programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB e está sob a orientação da professora Dr^a Patrícia Cristina de Aragão. Nosso objetivo é investigar, no contexto da educação quilombola, como a criança negra e não negra dos anos iniciais da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB, constrói sua representação identitária em relação ao seu pertencimento étnico, através dos textos literários afro-brasileiros. Os dados deste questionário serão analisados, interpretados e irão compor o *corpus* da dissertação. Todo o material coletado será guardado sob a responsabilidade da pesquisadora.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Escolaridade - Curso de Graduação e Pós-Graduação que concluiu:

Local de nascimento:

Tempo de atuação como docente:

Tempo de atuação na Escola Firmo Santino da Silva:

Você se considera: () Parda () Preta () Branca () Outras Qual? _____

ENTREVISTA

1. Para você, o que é ser professora em uma escola quilombola? Há algum diferencial?
2. Como são organizadas as atividades escolares na sua turma, em se tratando do planejamento, avaliação, etc.?
3. Você desenvolve alguma ação pedagógica com a temática negra em sala de aula? De que tipo?
4. A escola costuma desenvolver ações pedagógicas sobre a comunidade, ressaltando a afirmação da identidade quilombola?
5. Que tipo de atividades geralmente são realizadas pela escola?
6. Como é a participação das crianças de suas salas nessas atividades?

7. Você já percebeu ou vivenciou cenas de preconceito e racismo em relação à cor da pele entre as crianças na sua sala? Você já percebeu esse tipo de preconceito tanto em relação às crianças que são do quilombo, como as que não são quilombolas?
8. Na sua opinião, a criança que é do quilombo tem alguma dificuldade de se identificar como quilombola ao falar de seu pertencimento? Por quê?
9. Na sua opinião, o que precisa ser feito para trabalhar com as crianças ações pedagógicas que visem reafirmar seu pertencimento étnico-racial?
10. Você trabalha com literatura afro em sala de aula? Como é a participação e recepção dos alunos na sala em relação à literatura afro? As crianças têm dificuldade de escrita, leitura? Que tipo de dificuldade elas apresentam?
11. Que sugestões você indicaria e que pudessem ser feitas para trabalhar a identidade da criança quilombola na sua sala de aula?



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PESQUISADORA: ÉRICA CIBELLE DE SOUSA ARAÚJO**

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

Esta entrevista faz parte de um projeto de pesquisa que tem como título “AQUI EM CAIANA TEM MUITAS PESSOAS NEGRAS E NA ÁFRICA TAMBÉM”: A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA DE CAIANA DOS CRIoulos-PB”. A pesquisa é fruto do programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB e está sob a orientação da professora Dr^a Patrícia Cristina de Aragão. Nosso objetivo é investigar, no contexto da educação quilombola, como a criança negra e não negra dos anos iniciais da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB, constrói sua representação identitária em relação ao seu pertencimento étnico, através dos textos literários afro-brasileiros. Os dados deste questionário serão analisados, interpretados e irão compor o *corpus* da dissertação. Todo o material coletado será guardado sob a responsabilidade da pesquisadora.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____
 Idade: _____ Ano: _____
 Lugar aonde mora: _____
 Sua mãe trabalha em que? _____
 Seu pai trabalha em que? _____
 Qual sua religião? _____
 Você se considera: () Parda () Preta () Branca () Outras
 Qual? _____

QUESTIONÁRIO

1. Você gosta da comunidade onde você mora? Por quê?

2. Para você, qual a importância da comunidade Caiana dos Crioulos?

3. Qual a importância da Escola Firmo Santino da Silva em sua vida?

4. Quando você não está na escola, que tipo de atividades você faz na sua comunidade?

5. Você já passou pela experiência de preconceito por morar num quilombo? Como ocorreu?

6. Você participa de alguma festividade da sua comunidade? Qual?

7. Para você, é importante morar num quilombo?

() SIM () NÃO

Por quê?

8. Você gosta de livros de historinhas?

() SIM () NÃO

Por quê?

9. Qual a historinha que você leu, ouviu ou participou que mais gostou?

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

PROPOSTA DE OFICINAS PARA AS OBRAS LITERÁRIAS AFRO-BRASILEIRAS – 5º ANO

1ª OBRA LITERÁRIA: O CABELO DE LELÊ – Valéria Belém

OBJETIVO:

- Respeitar as diferenças a partir da cor da pele e do cabelo, reconhecendo seu pertencimento étnico e características herdadas dos seus ancestrais.

TEMPO DA OFICINA: 03 (três) aulas

ROTEIRO DA OFICINA:

1. Acolhimento e motivação: apresentação e trabalho com a dinâmica do espelho. A professora confeccionará uma caixa contendo um espelho em seu interior, apresentando-a, para que as crianças afirmem o que se encontra dentro da caixa. E vejam que se refere à foto de uma pessoa muito bonita, querida por todos e muito inteligente. A partir desse momento, cada criança, sem falar o que está vendo para o colega, irá se ver e dirá uma característica dessa pessoa que nesse caso, será a própria criança. O objetivo é que a mesma enxergue sua beleza, fazendo uma autoanálise de quem é e do que consegue ver.
2. Para introduzir a oficina, convidar as crianças para ouvirem o áudio da música “Alma não tem cor”, de Chico Cesar. Duração: 4min15seg. A letra da música “Alma não tem cor” está disponível em:
http://www.chicocesar.com.br/disco_ver.php?titulo=Aos%20Vivos%20

Alma não tem cor
 Porque eu sou branco?
 Alma não tem cor
 Porque eu sou negro?
 Branquinho
 Neguinho
 Branco negão
 Percebam que a alma não tem cor
 Ela é colorida
 Ela é multicolor
 Azul amarelo
 Verde verdinho marrom

3. Para verificar a compreensão das crianças quanto à música de Chico Cesar, levante questionamentos como: O que o cantor quis dizer com “alma não tem cor”? Quem concorda com o cantor? Por quê? E quem discorda? Por quê? Vocês sabem qual país possui a segunda maior população negra do planeta? Quem conhece manifestações da cultura afro-brasileira (na música, na dança, na religião, na culinária etc.)? Dê alguns exemplos. O que vocês já ouviram sobre a África? Muitas palavras usadas no nosso dia a dia vieram da África, vocês saberiam dizer algumas delas?

4. Explorar a capa do livro, perguntando o que a imagem lhes sugere; se a história se passa no Brasil; qual a ideia que eles têm sobre o livro; se conhecem a personagem. Propor uma roda de conversa para ouvir o que as crianças pensam a respeito.
5. Em seguida, fazer a contação da obra literária “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém, através de slides e exposição de uma boneca para referenciar Lelê. Após a contação da história, a professora fará algumas indagações à turma, que por sua vez responderá de maneira informal as seguintes questões: Como é o cabelo de Lelê? Quais são as características principais de Lelê? Por que Lelê apresenta tais características? Qual será a razão de Lelê apresentar tais características? Na sala de aula existe algum colega que apresente tais características? Justifique sua resposta.
6. Trazer elementos relacionados a questões voltadas ao aspecto local, para que falem como se sentem morando no quilombo, sendo uma criança daquela comunidade.
7. Criar uma outra história envolvendo a personagem Lelê. Os alunos devem contar sobre a Lelê criada por cada um deles e expor isso em ilustrações também, para que deem um outro final, de forma criativa, à história a partir do que lhes foi apresentado.
8. Roda de conversa com eles sobre a influência africana no Brasil: Manifestações culturais, Alimentação, Palavras, Religião, expondo imagens que caracterizam essas influências.
9. Mostrar, num mapa-múndi, os cinco continentes – a América, a Europa, a Ásia, a África e a Oceania, ressaltando que eles são divididos em países, cada um com seus costumes e tradições, suas festas, músicas e danças, suas religiões e seu jeito de ser, pois ninguém é igual a ninguém e é isso que dá graça à vida.
10. Cada criança receberá um mapa da África impresso como apoio para as discussões em que a professora trabalhará no momento da explicação.
11. Solicitar às crianças que produzam um texto e elaborem um desenho que ilustre a história do livro. Cada desenho deverá ser apresentado ao restante da turma. Deverá estar acompanhado de um breve resumo da história do livro e do que tal obra marcou em si, expressando seu sentimento quanto à história no sentido de destacar qual a mensagem mais importante mostrada pelo autor.

2ª OBRA LITERÁRIA: MINHA MÃE É NEGRA SIM - Patrícia Maria de Souza Santana

OBJETIVO:

- Reconhecer e valorizar a herança, ancestralidade, cultura africana e afrodescendente como formadora da nossa cultura.

TEMPO DA OFICINA: 03 (três) aulas

ROTEIRO DA OFICINA:

1. O professor poderá introduzir o momento, apresentando às crianças o vídeo “Cultura Africana”, postado por Jacqueline Lima. Duração: 8min08seg. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=AUfNdlibINw> .
2. Para levantar os conhecimentos prévios dos alunos acerca da temática, apresentar uma caixa surpresa contendo materiais referentes à história, a qual deverá passar pelas crianças para que elas possam identificar qual narrativa será contada, mediante as características identificadas de acordo com os materiais que estarão no interior da caixa.
3. Ler o livro para os alunos, destacando cada parte e mostrando as imagens por meio de slides.
4. Como uma afirmação positiva, trabalhar as questões voltadas às famílias, à negritude de seus familiares, em especial, de sua mãe.
5. Conversar com as crianças sobre as “famílias” (povos) que formam o Brasil: os índios, o negro, o colonizador europeu, os imigrantes italianos, japoneses, árabes, judeus etc. Explicar que esses povos foram se cruzando, para formar a grande família brasileira, a qual tem as características de suas origens. Lembrar aqui as contribuições desses povos nas festas, na música, na culinária, nas histórias etc. Destacar a importância do respeito à diversidade étnico-cultural que compõe o Brasil.
6. Solicitar às crianças que produzam um texto e elaborem um desenho que ilustre a história do livro. Cada desenho deverá ser apresentado ao restante da turma, acompanhada de um breve resumo da história do livro e o que tal obra marcou em si, expressando seu sentimento quanto à história no sentido de destacar qual a mensagem mais importante mostrada pelo autor.

3ª OBRA LITERÁRIA: O MENINO MARRON – Ziraldo Alves Pinto

OBJETIVO:

- Conscientizar as crianças para o respeito às diferenças, à diversidade étnico-cultural na contribuição para a construção de sua identidade.

TEMPO DA OFICINA: 03 (três) aulas

ROTEIRO DA OFICINA:

1. Dinâmica: Marcas do que eu sou - Pedir para a turma fazer uma caminhada pela sala e ir imaginando como é a vida em uma floresta. Como funciona a floresta; Que tipos de vida identificamos na floresta. Pedir para cada um(a) imaginar como são os animais que vivem nesse ambiente. Motivar para que cada um(a) vá se concentrando em apenas um animal. Imaginando suas características, a forma como ele vive, como reage ao ataque do predador, etc. Pedir para que cada um(a) pare por um instante e que vá incorporando o jeito do animal que escolheu, procurando ser fiel a sua forma de caracterizá-lo. A professora deixará os participantes vivenciarem por um instante os animais escolhidos. Em seguida, dirá que em toda floresta tem um predador, um caçador que ataca ou persegue um determinado animal. Dizer para cada um assumir seu papel. A professora motiva para a simulação ainda de outras situações que acontecem na floresta, como por exemplo: uma forte tempestade, uma grande seca, uma longa noite, estimulando os participantes vivenciarem essas realidades. Feito isso, pedir para cada criança escrever numa folha os seguintes passos: Descrever qual é a personalidade do animal escolhido e que encenou; destacar as reações, comportamento (o que é bom e o que não é tão bom); Pedir para fazerem uma comparação, tentando perceber as semelhanças da personalidade do animal e com a sua personalidade. Após isso, compartilhar as ideias construídas.
2. A professora provocará a curiosidade de todas as crianças escrevendo na lousa a frase de Nelson Mandela – “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele ou por sua origem ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender. E se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto”. Em seguida, a professora fará algumas perguntas desafiadoras: alguém sabe dizer sobre o que essa frase está falando? Que tipo de sentimento ela provoca em cada um de nós? Quem já sofreu algum tipo de preconceito dentro ou fora da escola? Como foi sua reação?
3. Convidar as crianças para assistirem ao vídeo “África na Escola lei 10.639”, postado por Luísa Andrade de Sousa. Duração: 7min14seg. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9EqXH-GPgFE>. Sugere-se que o professor inicie a apresentação para os alunos aos 0min48seg, a partir da questão: “O que sabemos sobre a África?” para que sejam discutidos elementos em questão.
4. Em seguida, apresentar a história à classe, contando-a em círculo, apresentando tanto as imagens impressas quanto a parte escrita do livro, por meio da contação de história;

5. Propor um roda de conversa por meio de levantamento de questões relevantes ao texto. Em seguida, os alunos foram desafiados a desenharem suas faces complementando a outra metade da face do menino citado no livro, como um meio de demonstrar a importância de valorizar e respeitar o outro diante das diferenças, buscando caminhos para uma convivência harmoniosa na qual todos nós somos iguais em direitos e deveres.
6. Solicitar às crianças que produzam um resumo do texto, destacando as partes principais por meio de desenhos e ilustrações. Cada desenho deverá ser apresentado ao restante da turma, acompanhado de um breve resumo da história do livro e do que tal obra marcou em si.
 - Ao final, haverá a produção de um caderno contendo a reprodução feita pelas crianças de cada história, destacando o que trouxe de referência para elas, expressando seus sentimentos quanto às histórias, no sentido de destacar qual mensagem mais importante mostrada pelo autor.



Érica Cibelle de Sousa Araújo

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande, Especialização em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal da Paraíba, Graduanda no curso de Letras Espanhol pela Universidade Federal da Paraíba e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores – UEPB.

E-mail: erica.cibelle@hotmail.com



Patrícia Cristina de Aragão

Possui Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (1989), Graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (1990), Mestrado em Economia pela Universidade Federal da Paraíba (2001) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Atualmente é professora titular da Universidade

Estadual da Paraíba, atuando no curso de História, no Mestrado Profissional em Formação de Professores e no Mestrado de Serviço Social. Professora de Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores – UEPB.

E-mail: patriciacaa@yahoo.com



Literatura Afro-brasileira: é a arte de representar quem somos por meio das singularidades étnicas contidas em nós!

Érica Cibelle

CADERNO
PEDAGÓGICO
DIGITAL AFRO-
LITERÁRIO:



IDENTIDADES
INFANTIS E A
EDUCAÇÃO
QUILOMBOLA

APRESENTAÇÃO

A literatura afro-brasileira é uma importante ferramenta que além de permitir o gosto e prazer pela leitura, possibilita com que o leitor passe a se representar e se reconhecer perante ao que está sendo lido. Visando isso, elaboramos um Caderno Pedagógico Digital que originou-se a partir de uma pesquisa aplicada desenvolvida na Escola Firmo Santino da Silva localizada na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande – PB, como produto final de dissertação do Pós-Graduação em Formação de Professores-UEPB.

Tratando-se de uma proposta intervencionista no contexto da Educação Quilombola, nele contém todo o planejamento das oficinas com as obras literárias afro-brasileiras, juntamente com as atividades desenvolvidas interdisciplinares, baseadas e organizadas nas obras literárias afro-brasileiras: “O Cabelo de Lelê” de Valéria Belém, “O menino marrom” de Ziraldo e “Minha mãe é negra sim!” de Patrícia Maria.

Tem por objetivo servir como um aporte pedagógico não só em questão de o aluno se auto afirmar enquanto quilombola, perante sua cor, mas também, de os professores utilizarem de tal modo em sua prática docente como algo inovador no que diz respeito a abordagem das relações étnico-raciais.

O Caderno Pedagógico Digital foi pensado para orientar o docente na educação das crianças da escola quilombola Firmo Santino, nas questões raciais através da literatura, para que auxilie no trabalho a partir de sugestões e orientações pedagógicas, com as questões relativas a identidade quilombola na sala de aula do 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, assim como, em outros níveis de ensino.

SUMÁRIO

SENSIBILIZAÇÃO AFRO-LITERÁRIA

07

ROTEIRO LITERÁRIO

08

**PROPOSTA DE OFICINAS PARA OBRAS
LITERÁRIAS AFRO-BRASILEIRAS**

09

**1ª OBRA LITERÁRIA: O CABELO DE
LELÊ**

10

**2ª OBRA LITERÁRIA: MINHA MÃE É
NEGRA SIM**

59

**3ª OBRA LITERÁRIA: O MENINO
MARROM**

87

**ATIVIDADES DE REFLEXÃO SOBRE AS
OBRAS LITERÁRIAS**

119

SENSIBILIZAÇÃO AFRO-LITERÁRIA

A Literatura Afro-Brasileira abordada em sala de aula, além de ser considerada uma ferramenta essencial para o enriquecimento ideológico na desconstrução do preconceito racial, permite o resgate de valores, de identidade e territorialidade.

Sua prática na Educação Quilombola é de suma importância, pois permite que as crianças passem a representar-se diante dos personagens negros, no respeito ao que ela é e ao que passará a ser, na descoberta do seu “eu”, suas origens e heranças históricas, na afirmação de sua cor, ao mesmo tempo que reconhece e valoriza suas heranças históricas e culturais.

A literatura negra surge como uma erradicação ao racismo, preconceito e discriminação, seja étnico-racial e/ou social. Além disso, traz questões relevantes a incorporação da cultura africana em sala de aula, assim como as origens históricas e culturais do povo negro.

A escola precisa tomar seu lugar de democrática e agir como tal, de articular a com a criança negra e sua identidade, mostrando que ela é protagonista no meio em que vive e que tem por direito, seu espaço de representação, de cultura, de sociedade, de conhecimento, de saber, de povo.

Por isso a importância do professor mediador neste processo, de inclusão e construção étnico-racial, com seu papel de educador e incentivador de mentes críticas e reflexivas.

ROTEIRO LITERÁRIO

A partir da organização de um planejamento por meio de um roteiro literário passamos a desenvolver as oficinas na turma do 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos.

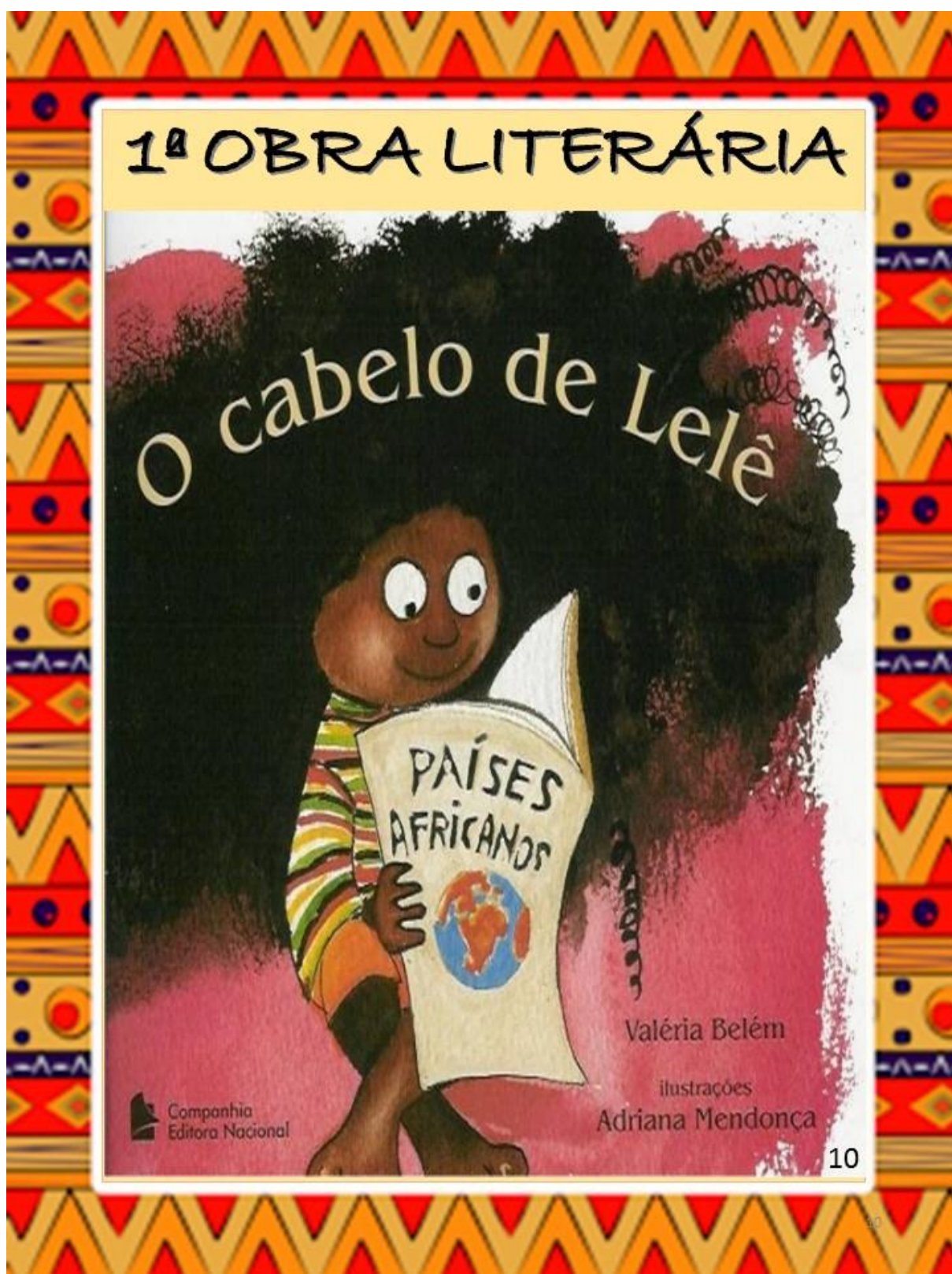
Para a realização de um total de dez encontros, procuramos fazer um levantamento na amplitude literária para assim, fazermos a escolha de três delas, levando em consideração as temáticas abordadas em relação às questões étnico-raciais. São elas: “O cabelo de Lelé” de Valéria Belém, “Minha mãe é negra sim” de Patrícia Santana e “O menino marrom” de Ziraldo.

Por meio delas, executamos um planejamento que com o objetivo de fazer com que as crianças passem a respeitar as diferenças a partir da cor da pele e do cabelo, reconhecendo seu pertencimento étnico e características herdadas dos seus ancestrais, além da construção da sua identidade quilombola e aceitação do seu “eu”.

Trabalhamos através de oficinas literárias por meio das obras, cada uma tendo três encontros ficando o último para reflexões de todas as obras na percepção e significado delas para as crianças.

Assim, ao final de todo o trabalho realizado, elaboramos um caderno digital contendo todos os momentos realizados nas oficinas, tornando-se um apoio pedagógico docente na abordagem de temáticas e questões étnico-raciais, por meio da literatura afro-brasileira.

PROPOSTA DE
OFICINAS PARA
OBRAS
LITERÁRIAS
AFRO-
BRASILEIRAS EM
TURMAS DO 5º
ANO DOS ANOS
INICIAIS DO
ENSINO
FUNDAMENTAL





VALÉRIA
BELEM

SOU JORNALISTA, ESCRITORA E APAIXONADA PELO QUE FAÇO. EDITO SUPLEMENTOS ALMANAQUE E CAMPO DO JORNAL O POPULAR (GO). PELO TRABALHO DESENVOLVIDO NO ALMANAQUE, RECEBI UM PRÊMIO DA SOCIETY FOR NEWS DESIGN (SND), DE NOVA YORK. TENHO DUAS FILHAS, SABRINA E KAREN, QUE ME FAZEM ACREDITAR QUE A VIDA PODE SER MÁGICA TODO OS DIAS. SOU BRASILEIRA DE CARTEIRINHA: MINHA MÃE É CEARENSE; MEU PAI, TOCANTINENSE; NASCI NO RIO DE JANEIRO E MOREI ALGUNS ANOS EM SÃO PAULO E BRASÍLIA. FINALMENTE, VIM PARA GOIÂNIA, ONDE CASEI E TIVE MINHAS FILHAS. QUER MAIS BRASILEIRO QUE ISSO? MEU SONHO É TOCAR O CORAÇÃO DAQUELES QUE LÊEM MEUS LIVROS; ASSIM COMO JÁ FUI TOCADA POR VÁRIOS AUTORES. ESPERO QUE O LEITOR CURTA ESTA VIAGEM TANTO QUANTO EU!

VALÉRIA BELEM



ADRIANA
MENDONÇA

SOU ARTISTA PLÁSTICA, ILUSTRADORA E PROFESSORA UNIVERSITÁRIA. TRABALHO EM UM JORNAL DE GOIÂNIA CHAMADO O POPULAR, EM QUE DESENVOLVO OS DESENHOS DO SUPLEMENTO INFANTIL ALMANAQUE. PARA ILUSTRAR, FAÇO PESQUISAS EM DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO, HISTÓRIA, ARTES, ANTROPOLOGIA,... MISTURANDO VÁRIAS TÉCNICAS, COMO GRAVURAS, PINTURAS, DESENHOS E COLAGENS, CONSTRUO AS IMAGENS DOS LIVROS EU ILUSTRO. É ASSIM QUE VOU COLORINDO NÃO SÓ OS LIVROS, MAS TAMBÉM OS MEUS DIAS.

ADRIANA MENDONÇA



1ª OBRA LITERÁRIA: O CABELO DE LELÊ – Valéria Belém

OBJETIVO: Respeitar as diferenças a partir da cor da pele e do cabelo, reconhecendo seu pertencimento étnico e características herdadas dos seus ancestrais.

TEMPO DA OFICINA: 03 (três) aulas

ROTEIRO DA OFICINA:

- Acolhimento e motivação: apresentação e trabalho com a dinâmica do espelho, onde a professora confeccionará uma caixa contendo um espelho em seu interior, apresentando-a para que as crianças, introduzindo e afirmando sobre o que se encontra dentro da caixa refere-se à foto de uma pessoa muito bonita, querida por todos e muito inteligente. A partir desse momento, cada criança, sem falar o que está vendo para o colega, irá se ver, e dirá uma característica dessa pessoa que nesse caso, será a própria criança, proporcionando para que a mesma enxergue sua beleza, fazendo uma autoanálise de quem é e do que consegue ver;
- Para introduzir a oficina, convidar as crianças para ouvirem o áudio da música “Alma não tem cor”, de Chico Cesar. Duração: 4min15seg. A letra da música “Alma não tem cor” está disponível em:
http://www.chicocesar.com.br/disco_ver.php?titulo=Aos%20Vivos%20
- Para verificar a compreensão das crianças quanto à música de Chico Cesar, perguntar às mesmas: O que o cantor quis dizer com “alma não tem cor”? Quem concorda com o cantor? Por quê? E quem discorda? Por quê? Vocês sabem qual país possui a segunda maior população negra do planeta? Quem conhece manifestações da cultura afro-brasileira (na música, na dança, na religião, na culinária etc.)? Dê alguns exemplos. O que vocês já ouviram sobre a África? Muitas palavras usadas no nosso dia-a-dia vieram da África, vocês saberiam dizer algumas delas?;

- Após, explorar a capa do livro, perguntando o que a imagem lhes sugere, se a história se passa no Brasil, qual a ideia que eles têm sobre o livro, se conhecem a personagem..., por meio de uma roda de conversa para ouvir o que as crianças pensam a respeito;
- Em seguida, faremos a contação da obra literária “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém através de slides e exposição de uma boneca para referenciar Lelê. Após a contação da história, a professora fará algumas indagações à turma, que por sua vez responderá de maneira informal as seguintes questões: Como é o cabelo de Lelê? Quais são as características principais de Lelê? Por que Lelê apresenta tais características? Qual será a razão de Lelê apresentar tais características? Na sala de aula existe algum colega que apresente tais características? Justifique sua resposta;
- Trazer elementos relacionados a questões voltadas ao aspecto local, para que falem como se sentem morando no quilombo, sendo uma criança daquela comunidade;
- Criar uma outra história envolvendo a personagem Lelê, na elaboração de um texto contando da Lelê criada por cada um deles, de forma individual e com ilustrações, para que deem um outro final, de forma criativa, da história a partir o que foi apresentado;
- Roda de conversa com eles sobre a influência africana no Brasil: Manifestações culturais, Alimentação, Palavras, Religião, expondo imagens que caracterizam essas influências;
- Mostrar, num mapa-múndi, os cinco continentes – a América, a Europa, a Ásia, a África e a Oceania, ressaltando que eles são divididos em países, cada um com seus costumes e tradições, suas festas, músicas e danças, suas religiões e seu jeito de ser, pois ninguém é igual a ninguém e é isso que dá graça à vida;
- Cada criança receberá um mapa da África impresso como apoio para as discussões em que a professora trabalhará no momento da explicação;
- Solicitar às crianças que produzam um texto e elaborem um desenho que ilustre a história do livro. Cada desenho deverá ser apresentado ao restante da turma, acompanhada de um breve resumo da história do livro e o que tal obra marcou para si, expressando seu sentimento quanto à história no sentido de destacar qual a mensagem mais importante mostrada pelo autor. 13

ATIVIDADE

1

ESCOLA _____

DATA _____

SÉRIE _____

Educação



Transformação

ALUNO(A) _____

Vamos criar?

- De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!



EDUCAÇÃO e TRANSFORMAÇÃO

ESCOLA municipal firma positiva da Silva
 DATA 07/06/2019 SERIE 5ª ano



ALUNO(A) BINTOU

Vamos criar?

- De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!



Lelê e vários cabelos

oi eu sou leli e tenho um
cabelos cacheados e eu estou
na casa da minha prima
e eu e ela estamos vendo
revistas de pessoas africanas
de cabelos africanos todos
cabelos são lindos tem
vários tipos de cabelos tem
cabelos crespos, cacheados e gal

do meu e também tem cabelos
 lisos, aramados, embaralhados,
 e também tem cabelos de ~~varios~~
 cores. preto, loiro, guastamba eu
 sou negra tem cabelos sacui
 ades que parecem molinha
 hoje eu e minha prima
 aprendemos que tem varios tipos
 de cabelos de varias cores de
 cabelos eu gosto do meu cabelo
 e grande e pretinho e combina
 na com a minha cor da pele
 que e negra e sou? gosto
 do meu cabelo como ele e
 um grande. ? beijos de lili e
 da minha prima

ESCOLA Fernus Santino da Silva
 DATA 21/06/2019 SERIE 5º



ALUNO(A) LELÊ

Vamos criar?

- De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!



O cabelo de Lelê

Lelê era uma menina
 que não gostava de ver
 seu pequeno cabelo era
 curto e não gostava então
 ela decidiu pegar o livro
 Sobre PAÍSES AFRICANOS.

para procurar tipo
 de cabelo então ela achou
 muitos tipos de cabelos

curto e ela decidiu fazer tipo
de cabelos turban, tinas,
plimfle, encolado de todo.

Cachinhos, potara cheia
de tirainha e então ela
descobriu que não importa
cabelo nenhum então ela
se alegrava porque tinha
esse cabelo curto.

então ela brincava
com seus amigos ficava
muito feliz porque estava
bonita, com seu jeito
que é com seu cabelo
curto e com sua cor.

então ela percebeu
que a ela mesma que
estava feliz com seu
cabelo sim.

ESCOLA Escola Samba da Sítia
 DATA 07/06/2019 SERIE 5ª ano



ALUNO(A) MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

vamos criar?

- De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!



O cabelo de Lelê e o xixi do

Lelê é uma menina muito alegre
e inteligente, ela gosta de cantar e
se perguntando de donde vêm
os cabelos cachinhos e então ela
respondeu que curra em lixão
planta de donde vem o cabelo
foi aqui ela percebeu que os seus
cabelos cachinhos vêm da
suas zambéias que limba o cabelo

da quali muito que pocho a gamulia.
 porque a gamulia dereter o
 cabelo da que legito pla o
 cabelo de lili e muito cochiado.
 e tambem muito bonito o cabelo
 de la ita ca chi ado que tam ben
 e o cabelo de la e meio curto.
 mais não tem em portancia e gasta
 do cabelo de la a com ta e a gasta o
 não o cabelo de la porisso ela tem
 que gosta do gulo qui o cabelo
 de la e não comeme mas de la ita
 estuta e entel gente que vai varios
 tipos de mo de lo nu cabelo de la por que
 ela acha seu cabelo muito bonito
 mo de os seus cachos que la acham
 bonito. porisso de la vai varios
 cascos no seu lindo cabelo.

ESCOLA Municipal Firmino Santana da Silva Educação e Transformação
 DATA 07/06/2019 SÉRIE 5ª

ALUNO(A) OBAX

Vamos criar?

- ☐ De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!



Lelê e os cabelos
cacheados

Lelê estava em casa quando
 uma duvida se perguntou por
 que meu cabelo é assim por
 que é tão cacheado porque
 é tão cheio a minha mãe
 disse ter um livro vou
 perguntar nesta casa sera
 que não tem nenhum livro
 ser um livro esta valen

do de pais Africano olha
esta valada dos cabelos
entede o meu cabelo
é rose por causa da
minha família meu
cabelo é lindo do
jeito que é todo mundo
tem cabelo diferente do
jeito que é é bonito
eu sei que as pessoas
vão gostar de mim
do jeito que sou. As
pessoas não tem que
se importa com que as
pessoas fala mas tem
de se sente bem com
a roupa com o cabe-
lo com tudo que você
gosta.

ESCOLA _____

DATA 8/08/2013

SÉRIE 5º

Educação



Transformação

ALUNO(A) ENO _____

Vamos criar?

- De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!



LELE E SEU CABELO

Em uma vez LELÊ ela tinha um
cabelo muito cacheado e ela se achava
do modo o cabelo para o cabelo com uma
ra de uma fita e um dia ela ficou em
cota e se achava e ficou muito boni-
ta e ela ficou muito feliz e achava
felicidade e ela ficou muito feliz

[]

ESCOLA _____

DATA 07/10/12 SERIE 5ª ANA

Educação

ALUNO(A) GALANGA

Vamos criar?

- De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!



lele e seu cabelo

*lele e seu cabelo um grande
 muito bonito e ela não ligou
 e ela ficou feliz com os seus
 a amiga e ela ficou feliz
 de e ela foi por isso e tem
 casa em corte e seu cabelo
 muito sua mãe não quer*

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

ESCOLA Escola Municipal da Silva Educação
 DATA 7/6/2019 SÉRIE 5ª Transformação

ALUNO(A) YAKUBA

Vamos criar?

- De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!

O cabelo de Lelê
é muito grande.



O cabelo de Lelê é
muito cheio de cachinho
em Maladinho e ela tem
uma penteadeira e
fica de cabeça baixa
pensando o que faz
com o cabelo dela
em debruço da deidade e
começa fazer muito mandala

ESCOLA Escola Estadual da Silva
 DATA 07/04/2019 SÉRIE 5ª ano

ALUNO(A) YOMI

Vamos criar?

De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!

dele e o seu cabelo enrolado

*dele gosta do seu cabelo enrolado e fazia
 muita cachinha e ela pensava sande visha
 brrr cachinha enrolado*

27



ESCOLA Escola Municipal Eurico Cordeiro Educando
 DATA 07/11/2019 SERIE 9º



ALUNO(A) IFÁ

Vamos criar?

- De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!



O cabelo de Lelê

O cabelo de Lelê é muito grande e cacheado e Lelê que via o seu cabelo sempre se admirava mas o seu cabelo ai Lelê leu o livro da abóia da nana e viu que era um livro e ela começou a ler e ela ai viu o livro que tanto queria ai disse muito feliz ai o seu cabelo ficou da sua que ela que viu

ESCOLA Fimma Santana da Silva Educação
 DATA 10/07/2019 SÉRIE 5ª Anos Transformação

ALUNO(A) MENINO MARROM

Vamos criar?

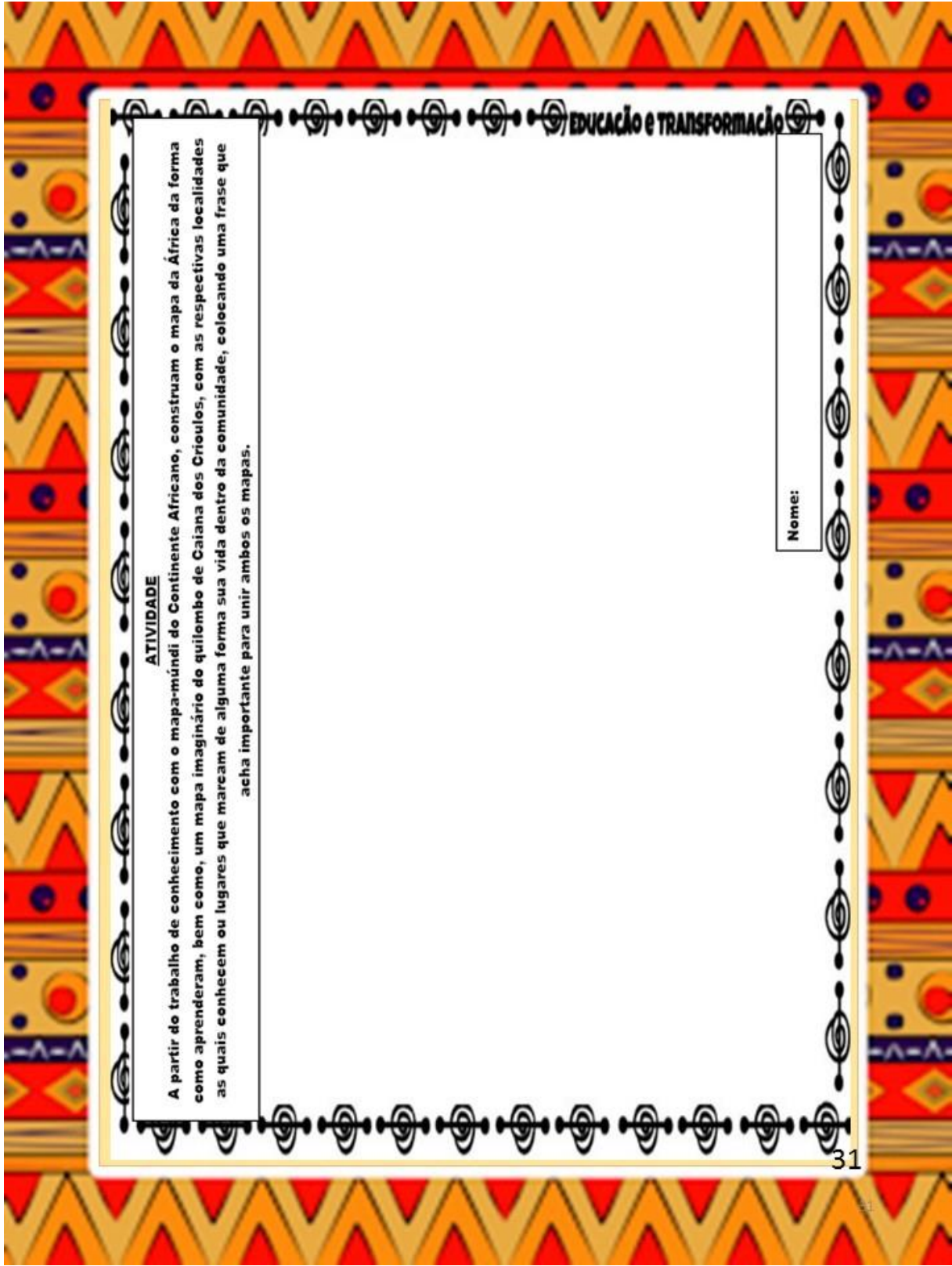
De acordo com o que foi exposto a respeito da obra literária O CABELO DE LELÊ, produza um texto baseado no que ouviu, envolvendo a protagonista, mudando o final da história, conforme desejar!

Leli em saia dos cabelos.

Uma vez leli foi em saia dos cabelos. Ela foi na escola de saia para estudar. Para ela foi difícil estudar no primeiro dia as meninas da sala dela. Porque as meninas chamavam ela de muitas coisas de cabelo de bucha de cabelo de bambu. Um dia as meninas perceberam que leli era bonita de jeito que ela era l' leli Também o

29

ATIVIDADE 2



ATIVIDADE

A partir do trabalho de conhecimento com o mapa-múndi do Continente Africano, construam o mapa da África da forma como aprenderam, bem como, um mapa imaginário do quilombo de Caiena dos Crioulos, com as respectivas localidades as quais conhecerem ou lugares que marcam de alguma forma sua vida dentro da comunidade, colocando uma frase que acha importante para unir ambos os mapas.

Nome: _____

ATIVIDADE

A partir do trabalho de conhecimento com o mapa-múndi do Continente Africano, construa o mapa da África da forma como aprenderam, bem como, um mapa imaginário do quilombo de Caiana dos Crioulos, com as respectivas localidades as quais conhecem ou lugares que marcam de alguma forma sua vida dentro da comunidade, colocando uma frase que acha importante para unir ambos os mapas.

Uma raiz de Caiana



Nome: IFA

Amor com toda a herança de Gênia

ATIVIDADE

A partir do trabalho de conhecimento com o mapa-múndi do Continente Africano, construa o mapa da África da forma como aprenderam, bem como, um mapa imaginário do quilombo de Calana dos Crioulos, com as respectivas localidades as quais conhecem ou lugares que marcam de alguma forma sua vida dentro da comunidade, colocando uma frase que acha importante para unir ambos os mapas.



Nome: MENINA BONITA DO LAGO DE FITA

ATIVIDADE

A partir do trabalho de conhecimento com o mapa-múndi do Continente Africano, construíam o mapa da África da forma como aprenderam, bem como, um mapa imaginário do quilombo de Calana dos Crioulos, com as respectivas localidades as quais conhecem ou lugares que marcam de alguma forma sua vida dentro da comunidade, colocando uma frase que acha importante para unir ambos os mapas.

Mapa da África



A África a maioria é negro

Mapa do quiloma dos Crioulos



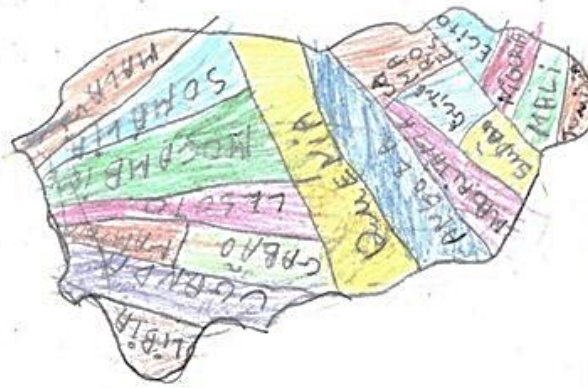
Como é uma vila

Nome: **OBAX**

ATIVIDADE

A partir do trabalho de conhecimento com o mapa-múndi do Continente Africano, construa um mapa da África da forma como aprenderam, bem como, um mapa imaginário do quilombo de Caiava dos Crioulos, com as respectivas localidades as quais conhecem ou lugares que marcam de alguma forma sua vida dentro da comunidade, colocando uma frase que acha importante para unir ambos os mapas.

MAPA DA ÁFRICA



MAPA DE CAIAVA DO GRIOULOS

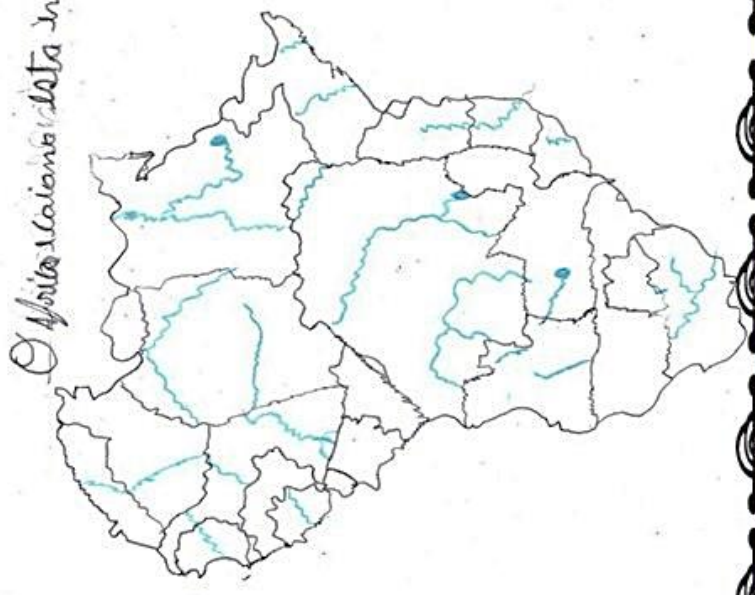


Nome: LELE

CAIAVA DOS CRIoulos é quase a mesma história da África

ATIVIDADE
A partir do trabalho de conhecimento com o mapa-múndi do Continente Africano, construa o mapa da África da forma como aprenderam, bem como, um mapa imaginário do quilombo de Caiena dos Crioulos, com as respectivas localidades as quais conhecem ou lugares que marcam de alguma forma sua vida dentro da comunidade, colocando uma frase que acha importante para unir ambos os mapas.

O Norte Caiense está em nós

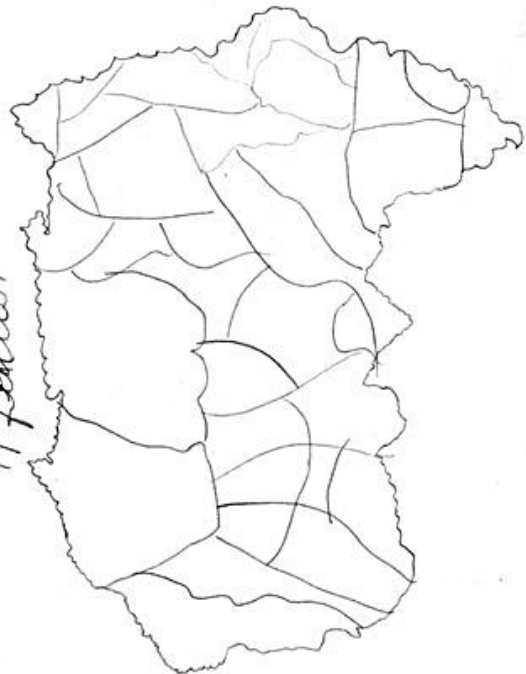


Nome: ENO

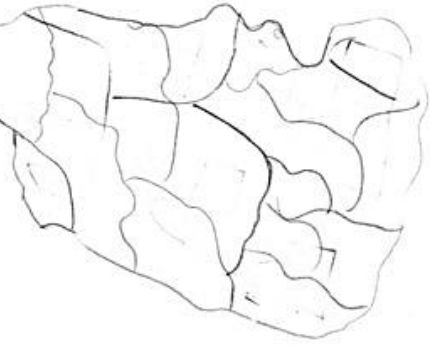
ATIVIDADE

A partir do trabalho de conhecimento com o mapa-múndi do Continente Africano, construa o mapa da África da forma como aprenderam, bem como, um mapa imaginário do quilombo de Galanga dos Crioulos, com as respectivas localidades as quais conhecem ou lugares que marcam de alguma forma sua vida dentro da comunidade, colocando uma frase que acha importante para unir ambos os mapas.

A Zênitar



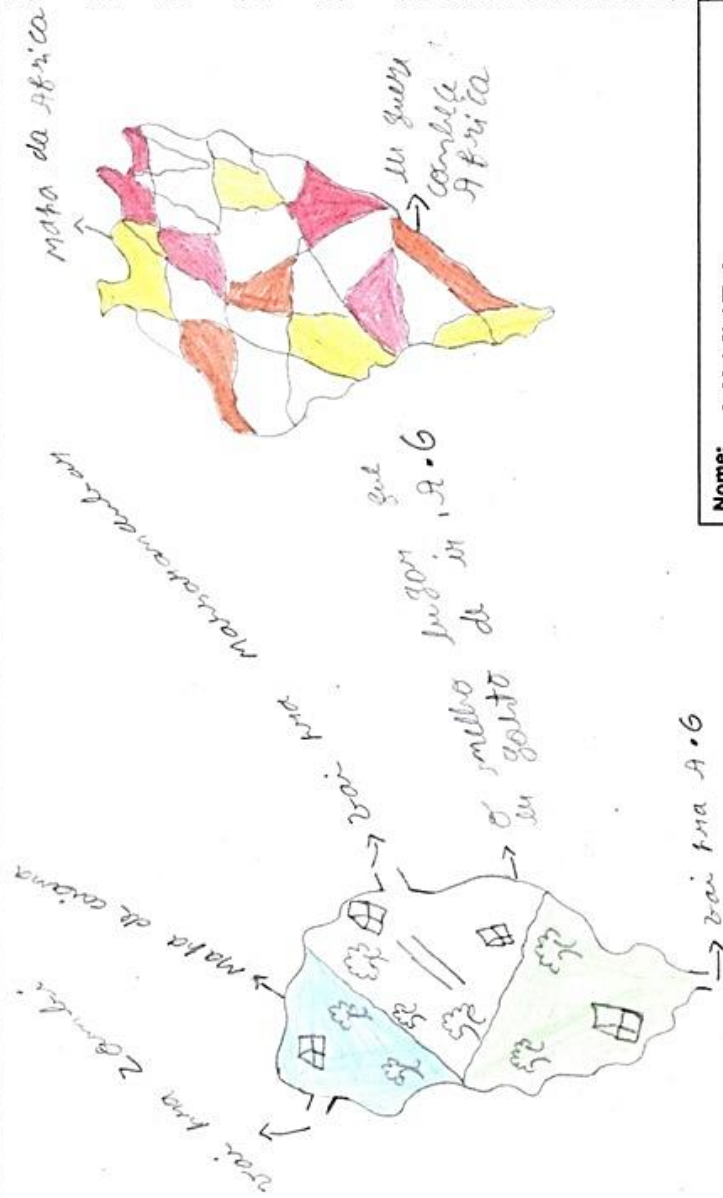
*Mobo
Coiotas*



Nome: GALANGA

ATIVIDADE

A partir do trabalho de conhecimento com o mapa-múndi do Continente Africano, construíam o mapa da África da forma como aprenderam, bem como, um mapa imaginário do quilombo de Calana dos Crioulos, com as respectivas localidades as quais conhecem ou lugares que marcam de alguma forma sua vida dentro da comunidade, colocando uma frase que acha importante para unir ambos os mapas.



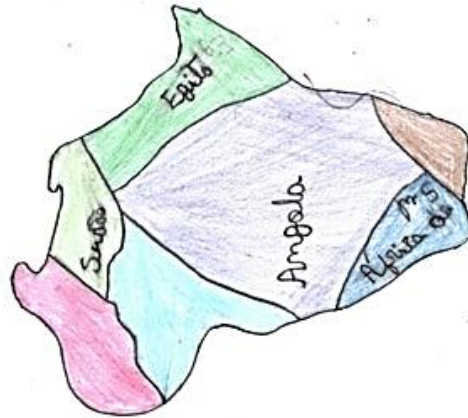
Nome: **YAKUBA**

ATIVIDADE

A partir do trabalho de conhecimento com o mapa-múndi do Continente Africano, construa o mapa da África da forma como aprenderam, bem como, um mapa imaginário do quilombo de Caiena dos Crioulos, com as respectivas localidades as quais conhecerem ou lugares que marcam de alguma forma sua vida dentro da comunidade, colocando uma frase que acha importante para unir ambos os mapas.

União é a base de um país

MAPA DA AFRICA



MAPA DE CAIENA



Nome: MENINO MARROM

ATIVIDADE

A partir do trabalho de conhecimento com o mapa-múndi do Continente Africano, construem o mapa da África da forma como aprenderam, bem como, um mapa imaginário do quilombo de Calana dos Crioulos, com as respectivas localidades as quais conhecem ou lugares que marcam de alguma forma sua vida dentro da comunidade, colocando uma frase que acha importante para unir ambos os mapas.

A história de calana e africa são iguais



Nome: YOMI

ATIVIDADE

3

RECONTE A HISTÓRIA DE LELÊ, EM FORMA DE DESENHO, DENTRO DO QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALGUM LUGAR DA COMUNIDADE QUE MAIS GOSTE. DEPOIS DESCREVA O QUE A PERSONAGEM ESTÁ FAZENDO!

NOME:

RECONTE A HISTÓRIA DE LELÊ, EM FORMA DE DESENHO, DENTRO DO QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALGUM LUGAR DA COMUNIDADE QUE MAIS GOSTE. DEPOIS DESCREVA O QUE A PERSONAGEM ESTÁ FAZENDO!



NOME: MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

DATA: 10/05/2019

RECONTE A HISTÓRIA DE LELE, EM FORMA DE DESENHO, DENTRO DO QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALGUM LUGAR DA COMUNIDADE QUE MAIS GOSTE. DEPOIS DESCREVA O QUE A PERSONAGEM ESTÁ FAZENDO!

A Lele está com nigo e com mimbra irmã Leticia. Ela está em caiana dos crislos. Ela está com nigo e com mimbra irmã Leticia. Ela está em caiana dos crislos.



NOME: BINTOU

RECONTE A HISTÓRIA DE LELÊ, EM FORMA DE DESENHO, DENTRO DO QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALGUM LUGAR DA COMUNIDADE QUE MAIS GOSTE. DEPOIS DESCREVA O QUE A PERSONAGEM ESTÁ FAZENDO!



NOME:

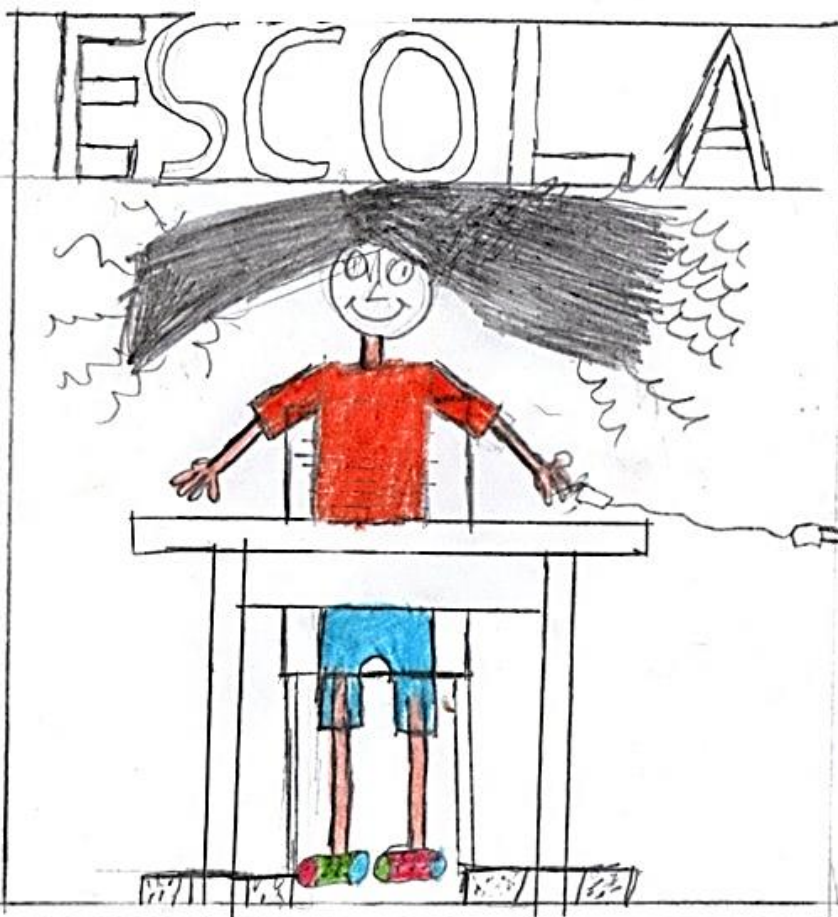
Daniel de Santos

RECONTE A HISTÓRIA DE LELÊ, EM FORMA DE DESENHO, DENTRO DO QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALGUM LUGAR DA COMUNIDADE QUE MAIS GOSTE. DEPOIS DESCREVA O QUE A PERSONAGEM ESTÁ FAZENDO!



NOME: GALANGA

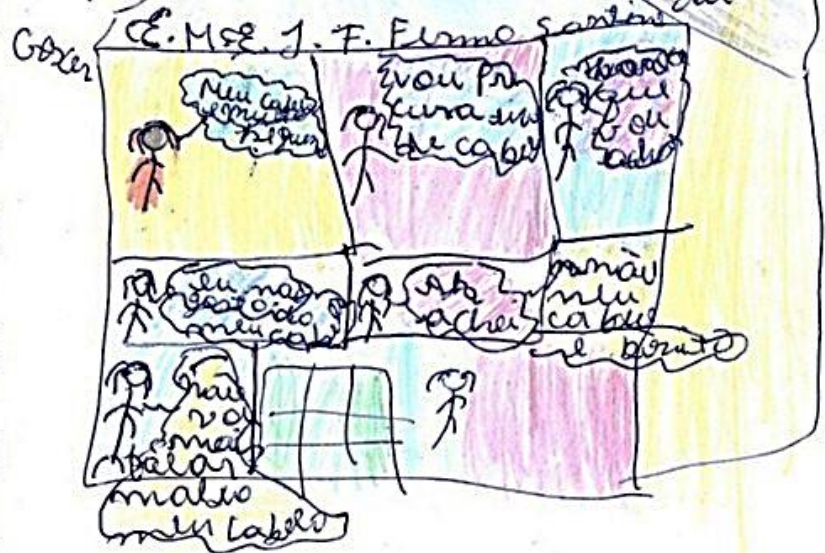
RECONTE A HISTÓRIA DE LELÊ, EM FORMA DE DESENHO, DENTRO DO QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALGUM LUGAR DA COMUNIDADE QUE MAIS GOSTE. DEPOIS DESCREVA O QUE A PERSONAGEM ESTÁ FAZENDO!



NOME: ENO

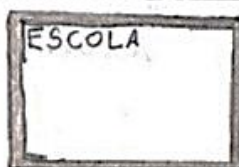
RECONTE A HISTÓRIA DE LELÊ, EM FORMA DE DESENHO, DENTRO DO QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALGUM LUGAR DA COMUNIDADE QUE MAIS GOSTE. DEPOIS DESCREVA O QUE A PERSONAGEM ESTÁ FAZENDO!

A Escola É tudo pra mim estudar, ler, escrever e para alguma coisa quando



NOME: LELÊ

RECONTE A HISTÓRIA DE LELÊ, EM FORMA DE DESENHO, DENTRO DO QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALGUM LUGAR DA COMUNIDADE QUE MAIS GOSTE. DEPOIS DESCREVA O QUE A PERSONAGEM ESTÁ FAZENDO!

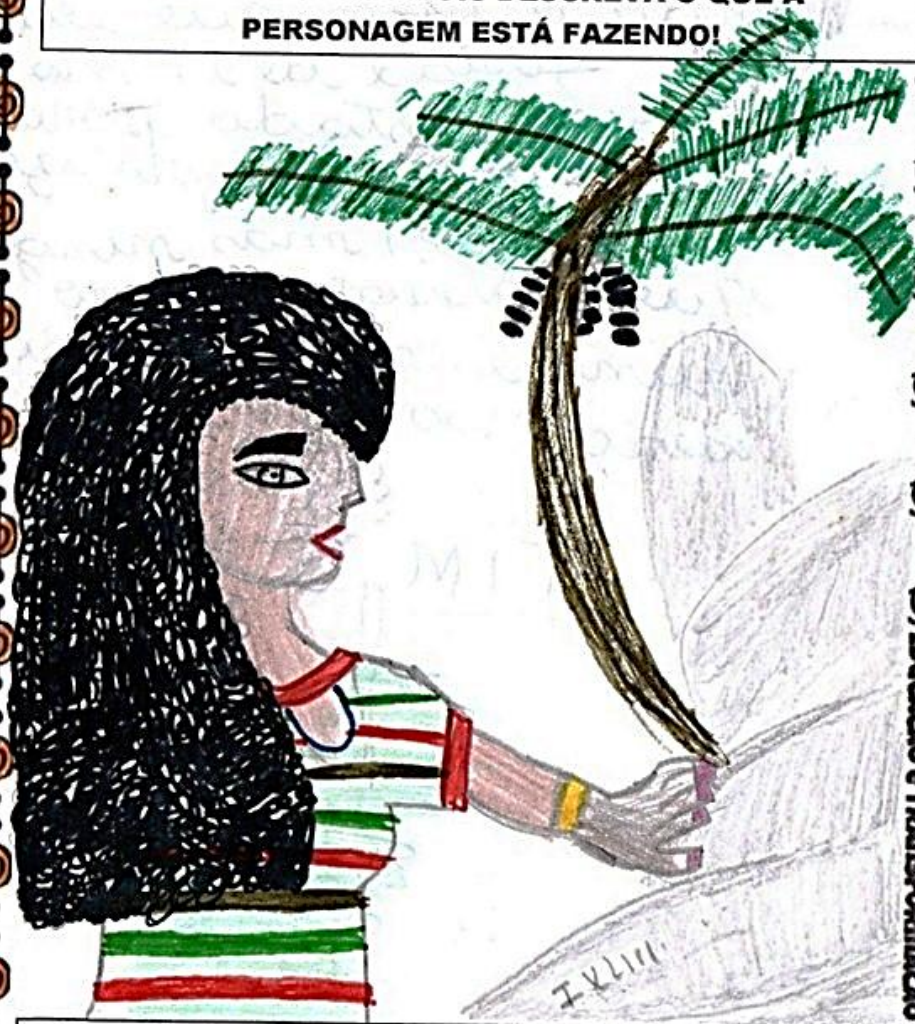


NOME: MENINO MARROM

Eu fui na escola para estudar com meus amigos esse lugar é
im portante para mim porque eu souba todos os dias para estudar
e ler.

MENINO MARROM

RECONTE A HISTÓRIA DE LELÊ, EM FORMA DE DESENHO, DENTRO DO QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos EM ALGUM LUGAR DA COMUNIDADE QUE MAIS GOSTE. DEPOIS DESCREVA O QUE A PERSONAGEM ESTÁ FAZENDO!



NOME: OBAX

A História de Lelé!

Lelé gosta muito de andar e lugar que ela mais gosta é de ir no Reino encantado para desifrar as palavras que existem lá, mas ninguém que passaram no reino encantado não desifra as palavras.

FIM

OBAX

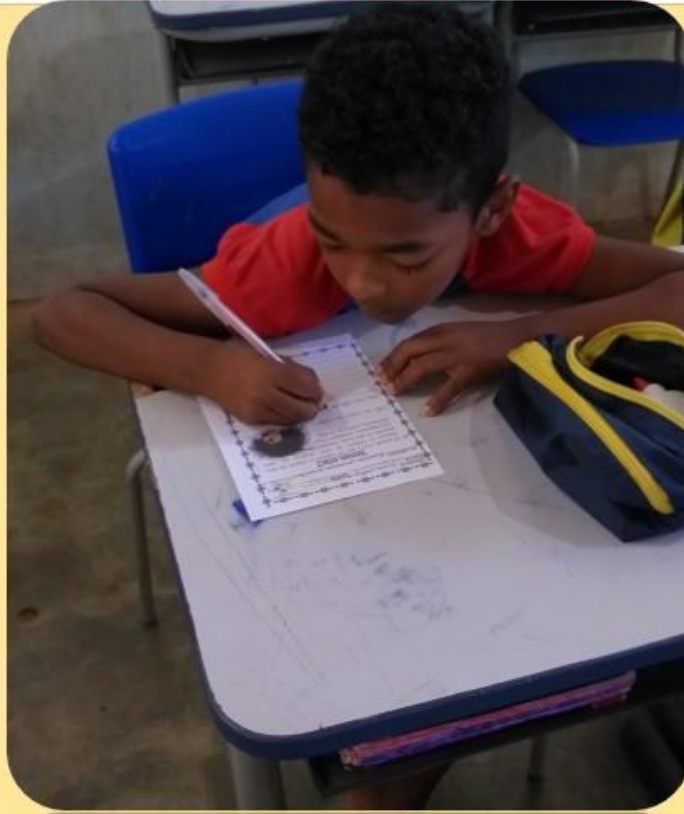


MOMENTOS
DAS
ATIVIDADES









2ª OBRA LITERÁRIA

Patricia Santana

MINHA MÃE É NEGRA SIM!

Ilustrações
Hyvanildo Leite

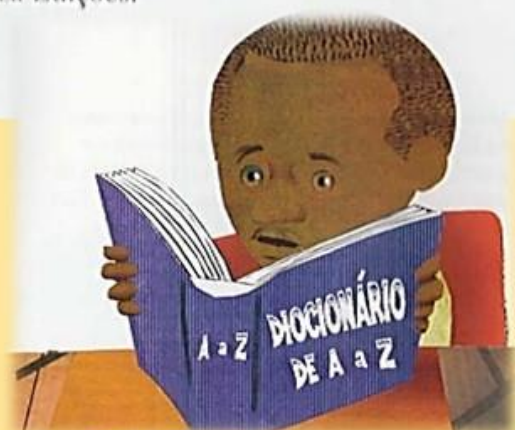


59

PATRÍCIA SANTANA



Diretora da Escola Municipal Florestan Fernandes, em Belo Horizonte, e mãe de Victor e Maíra dos Palmares. Autora dos livros *Professor@s negr@s: trajetórias e travessias* (ensaio) e *Entremeio sem babado* (literatura infantil), publicados pela Mazza Edições.



HYVANILDO LEITE

Mineiro de Teófilo Otoni, artista plástico formado pela Escola de Belas Artes da UFMG. Ilustrador, quadrinista e professor, encontra nos filhos, Davi e Danilo, a inspiração para suas ilustrações e obras plásticas. Sob forte influência dos quadrinhos, suas ilustrações mostram uma linguagem dinâmica que permite ao leitor a rápida compreensão do conteúdo.



2ª OBRA LITERÁRIA: MINHA MÃE É NEGRA SIM - Patrícia Maria de Souza Santana

OBJETIVO: Reconhecer e valorizar a herança, ancestralidade, cultura africana e afrodescendente, como formadora da nossa cultura.

TEMPO DA OFICINA: 03 (três) aulas

ROTEIRO DA OFICINA:

- O professor poderá introduzir o momento, apresentando às crianças o vídeo “Cultura Africana”, postado por Jacqueline Lima. Duração: 8min08seg. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=AUfNdlibiNw> ;
- Apresentação da caixa surpresa contendo materiais referentes à história para levantar os conhecimentos prévios dos alunos acerca da temática, na qual, deverá passar pelas crianças para que as mesmas possam identificar qual história será contada, perante as características levantadas de acordo com os materiais que estarão no interior da caixa;
- Ler o livro para os alunos, agora parando em cada parte, mostrando as imagens por meio de slides;
- Trabalhar as questões voltadas às famílias, a negritude de seus familiares, em especial, de sua mãe, como uma afirmação positiva;
- Conversar com as crianças sobre as “famílias” (povos) que formam o Brasil: os índios, o negro, o colonizador europeu, os imigrantes italianos, japoneses, árabes, judeus etc. Explicar que esses povos foram se cruzando, para formar a grande família brasileira, que tem as características de suas origens. Lembrar aqui as contribuições desses povos nas festas, na música, na culinária, nas histórias etc. Destacar a importância do respeito à diversidade étnico-cultural que compõe o Brasil;
- Solicitar às crianças que produzam um texto e elaborem um desenho que ilustre a história do livro. Cada desenho deverá ser apresentado ao restante da turma, acompanhada de um breve resumo da história do livro e o que tal obra marcou para si, expressando seu sentimento quanto à história no sentido de destacar qual a mensagem mais importante mostrada pelo autor. 61

ATIVIDADE

1

ESCOLA _____
 DATA _____ SÉRIE _____
 ALUNO(A) _____



VAMOS PRODUZIR?

Produzam um texto, elaborando um desenho que ilustre a obra trabalhada em sala, apresentando à turma seu sentimento quanto à história, destacando a mensagem mais importante mostrada pelo autor.



EDUCAÇÃO e TRANSFORMAÇÃO

ESCOLA Fátima Santana da Silva Educação
 DATA 10/16/2019 SERIE 5^o ano

ALUNO(A) MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA Transformação

VAMOS PRODUIZIR?

Produzam um texto, elaborando um desenho que ilustre a obra trabalhada em sala, apresentando à turma seu sentimento quanto à história, destacando a mensagem mais importante mostrada pelo autor.



A autora é Patrícia Santana
 e falou que amei de ler e gostei
 porque ela tem toda a raça
 certo ela se reconhece negra
 porque entã também minha mãe
 se reconhece negra porque eu sou
 negra se não minha mãe
 estudo mistura da dorância com
 negro porque amei a voz e a
 ca. Um livro que me fez pensar

ESCOLA _____
 DATA _____ SÉRIE _____
 ALUNO(A) ENO _____




VAMOS PRODUZIR?

Produzam um texto, elaborando um desenho que ilustre a obra trabalhada em sala, apresentando à turma seu sentimento quanto à história, destacando a mensagem mais importante mostrada pelo autor.



O livro trata o racismo e
 que não nos importa para
 nós a cor da pele de ninguém

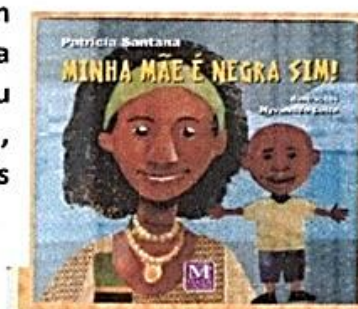
EDUCAÇÃO e TRANSFORMAÇÃO

ESCOLA Fernando Santinho da Silva Educação
 DATA 20/06/2019 SERIE 5º 

ALUNO(A) LELÊ

VAMOS PRODUZIR?

Produzam um texto, elaborando um desenho que ilustre a obra trabalhada em sala, apresentando à turma seu sentimento quanto à história, destacando a mensagem mais importante mostrada pelo autor.



Quero fazer a cor
 que eu e também
 não falar mãe do
 cor também em falando
 a Professora falou
 que era para pintar
 de amarelo porque
 parece que a profes-
 sora não gostou
 da cor preta.

ESCOLA Miraim
 DATA 10/06/19 SÉRIE 5º ano
 ALUNO(A) YOMI



VAMOS PRODUZIR?

Produzam um texto, elaborando um desenho que ilustre a obra trabalhada em sala, apresentando à turma seu sentimento quanto à história, destacando a mensagem mais importante mostrada pelo autor.



A cor não importa

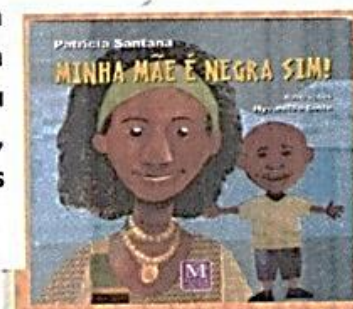
ESCOLA Pinheiro Santinho do Edifício
 DATA 10/06/2018 SÉRIE 5ª



ALUNO(A) YAKUBA

VAMOS PRODUZIR?

Produzam um texto, elaborando um desenho que ilustre a obra trabalhada em sala, apresentando à turma seu sentimento quanto à história, destacando a mensagem mais importante mostrada pelo autor.



Als com dois bava
 branco ou preto não
 importa nada pra
 ninguém

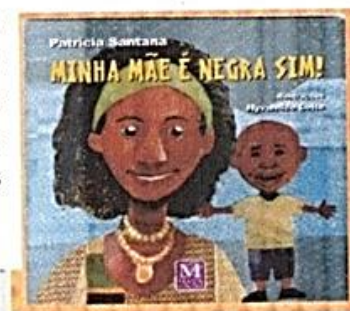
ESCOLA Escola Cantina do Silva
 DATA 10/06/2019 SERIE 5ª



ALUNO(A) MENINO MARROM

VAMOS PRODUZIR?

Produzam um texto, elaborando um desenho que ilustre a obra trabalhada em sala, apresentando à turma seu sentimento quanto à história, destacando a mensagem mais importante mostrada pelo autor.



A Mensagem da Tere é que as pessoas negras não devem ser discriminadas como as outras pessoas dizem sobre a cor negra é a pessoa negra deve contar de jeito que ela é e se com cores com a cor cinomente da Tere.

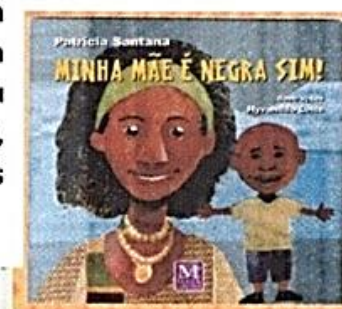
ESCOLA municipal frans santana de silveira
 DATA 10/06/2019 SERIE 5º ano



ALUNO(A) BINTOU

VAMOS PRODUZIR?

Produzam um texto, elaborando um desenho que ilustre a obra trabalhada em sala, apresentando à turma seu sentimento quanto à história, destacando a mensagem mais importante mostrada pelo autor.



A autora patricia santana
 nós ensina a mensagem em
 que me passou em sua
 vida ela que nos ensina
 que nós devemos respe
 tar as cores das pessoas
 e eu acho que a professo
 ra Gúria escolheu a cor de
 desenho de uma gueria pintada

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

ESCOLA _____
 DATA _____ SERIE _____

Educação

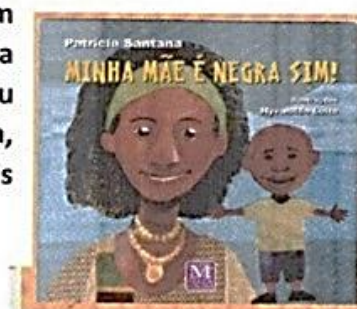


Transformação

ALUNO(A) OBAX _____

VAMOS PRODUZIR?

Produzam um texto, elaborando um desenho que ilustre a obra trabalhada em sala, apresentando à turma seu sentimento quanto à história, destacando a mensagem mais importante mostrada pelo autor.



ela está certa, ele tem
 que entender a cor da
 mãe, ele tem que fazer
 o que ele sabe, não
 mais o que as pessoas
 dizem, pense ele neg
 o que é a verdade
 está do mesmo jeito
 a moral pra nós.

Educação e Transformação

ATIVIDADE

2



ILUSTRAÇÃO

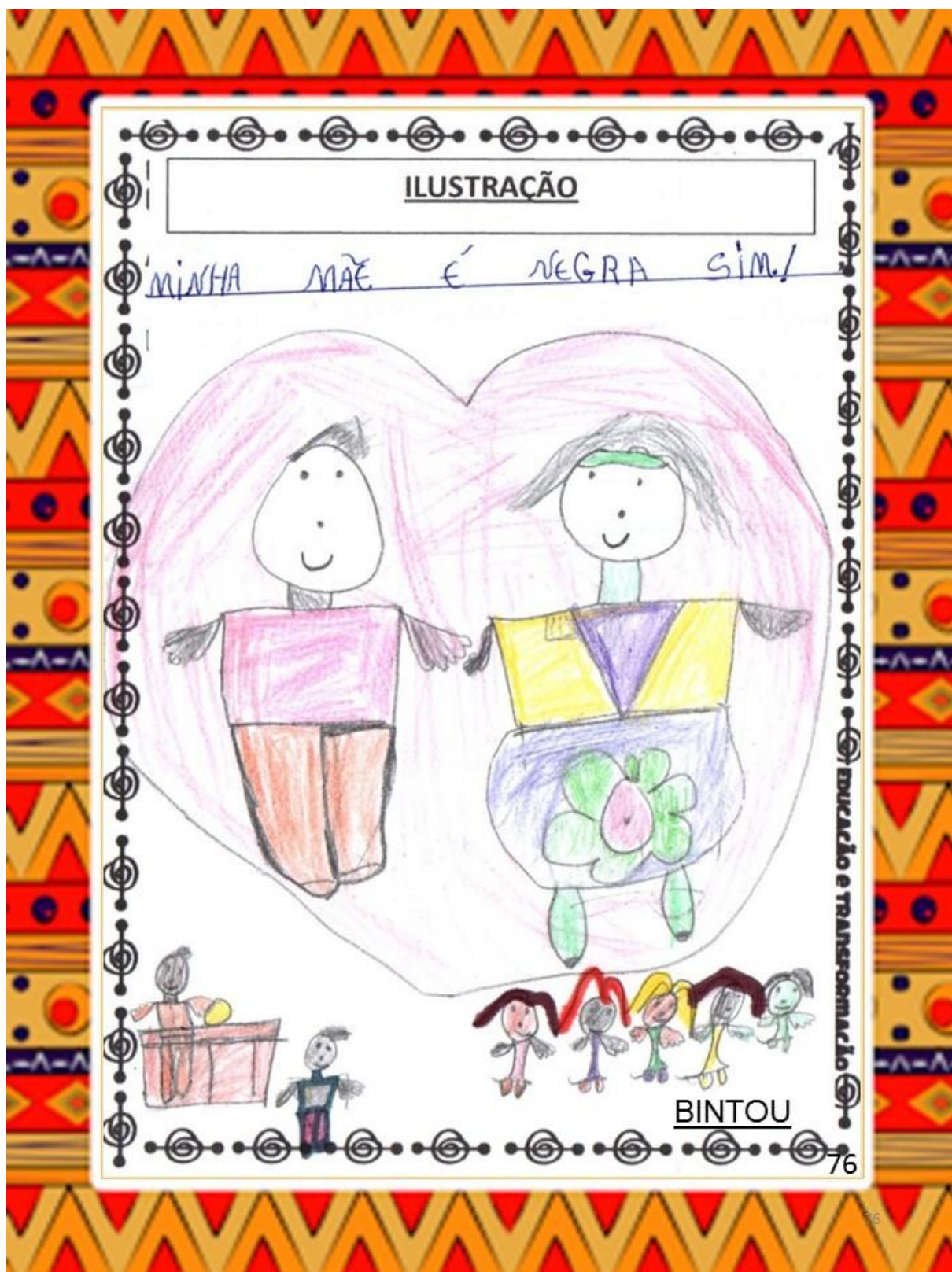
ILUSTRAÇÃO



GALANGA



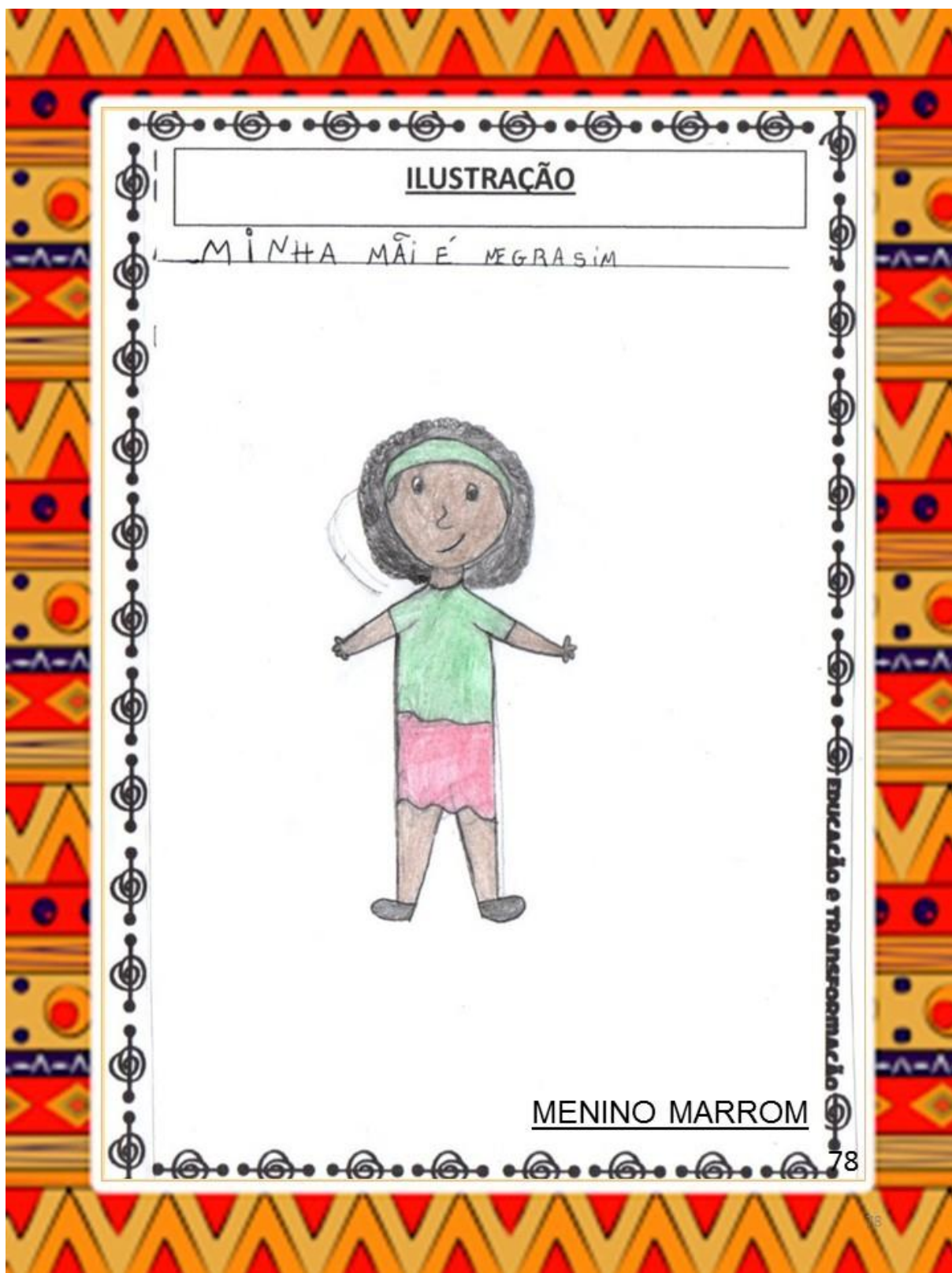
ENO

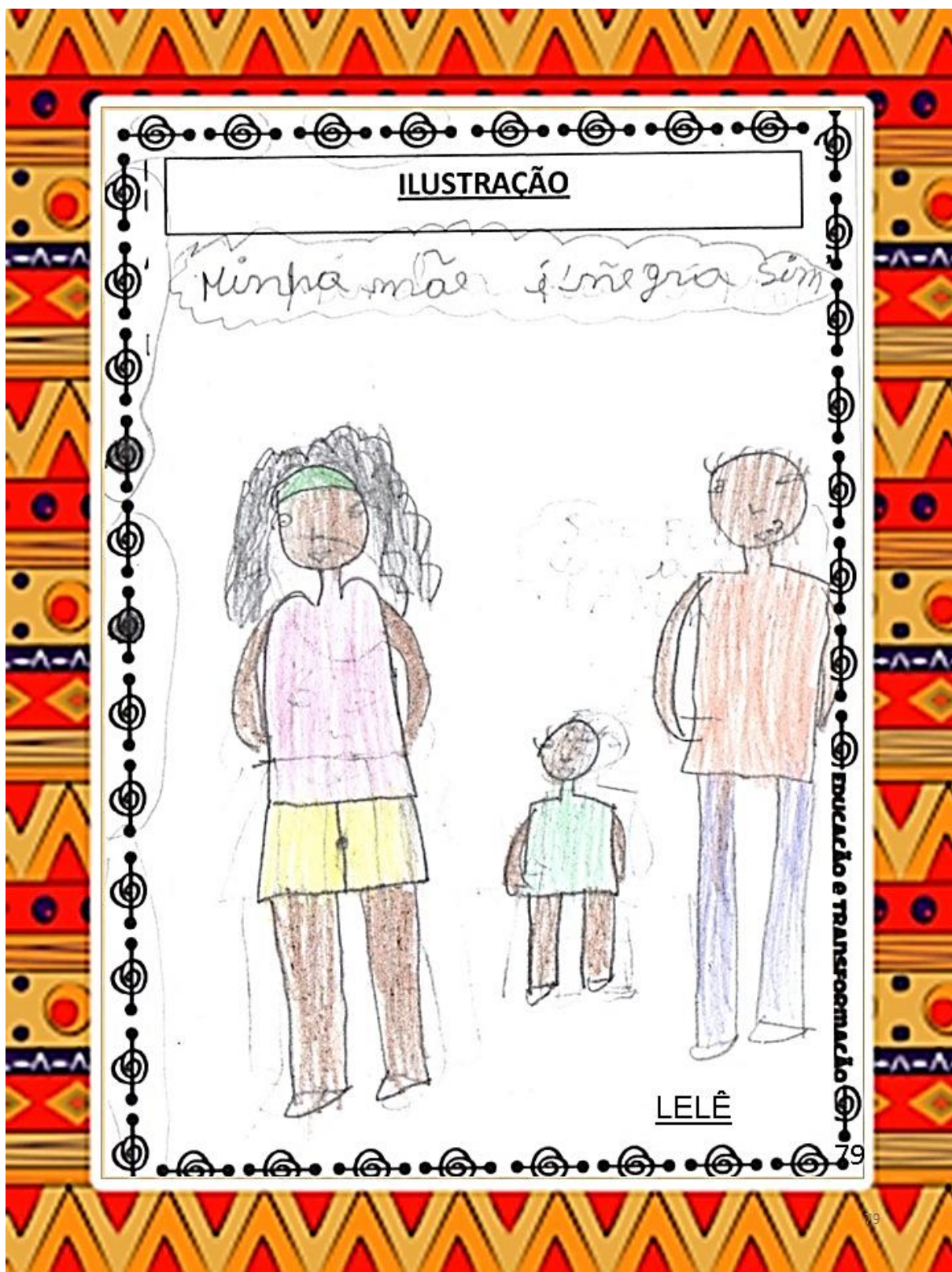


a sua mãe de preto e mamã
por que ele coincidiu a sua
mãe minha essa história nos amos-
tra que devemos respeitar a cor
das pessoas e da sua própria
mãe. O avô de um dia ensinou a
nós a importância da pessoa negra.

Fim. A A

BINTOU





ILUSTRAÇÃO

Minha mãe é negra sim

LELÊ

ILUSTRAÇÃO

Minha mãe é negra sim



YAKUBA

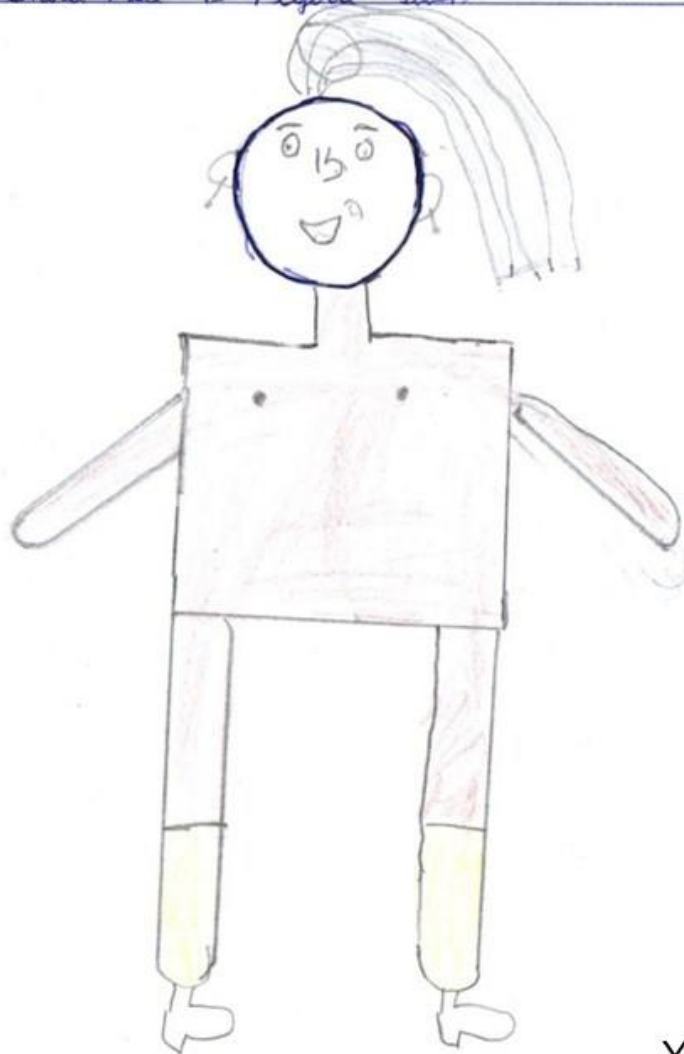
80



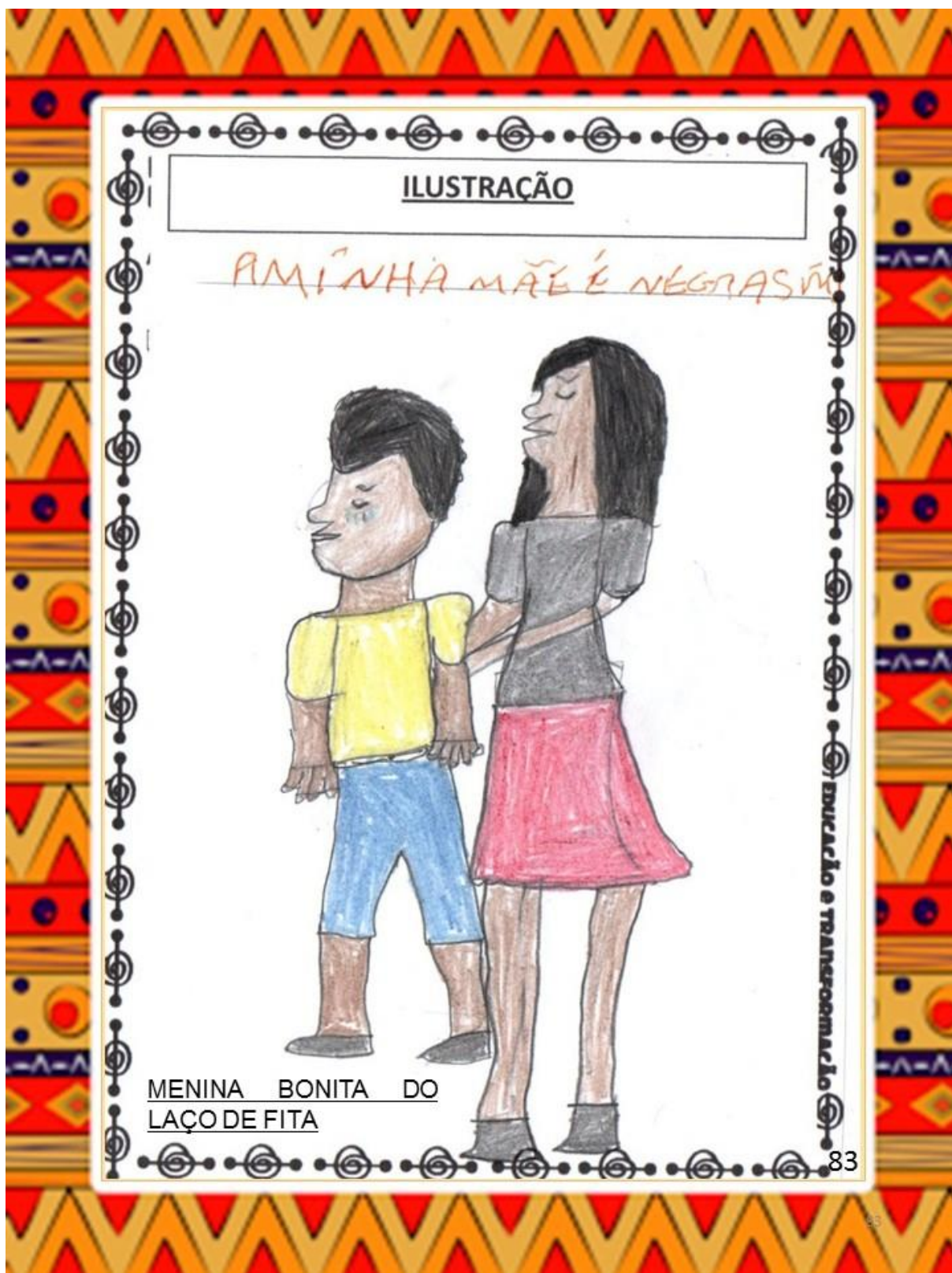


ILUSTRAÇÃO

Minha Mãe É Muito Sim!



YOMI

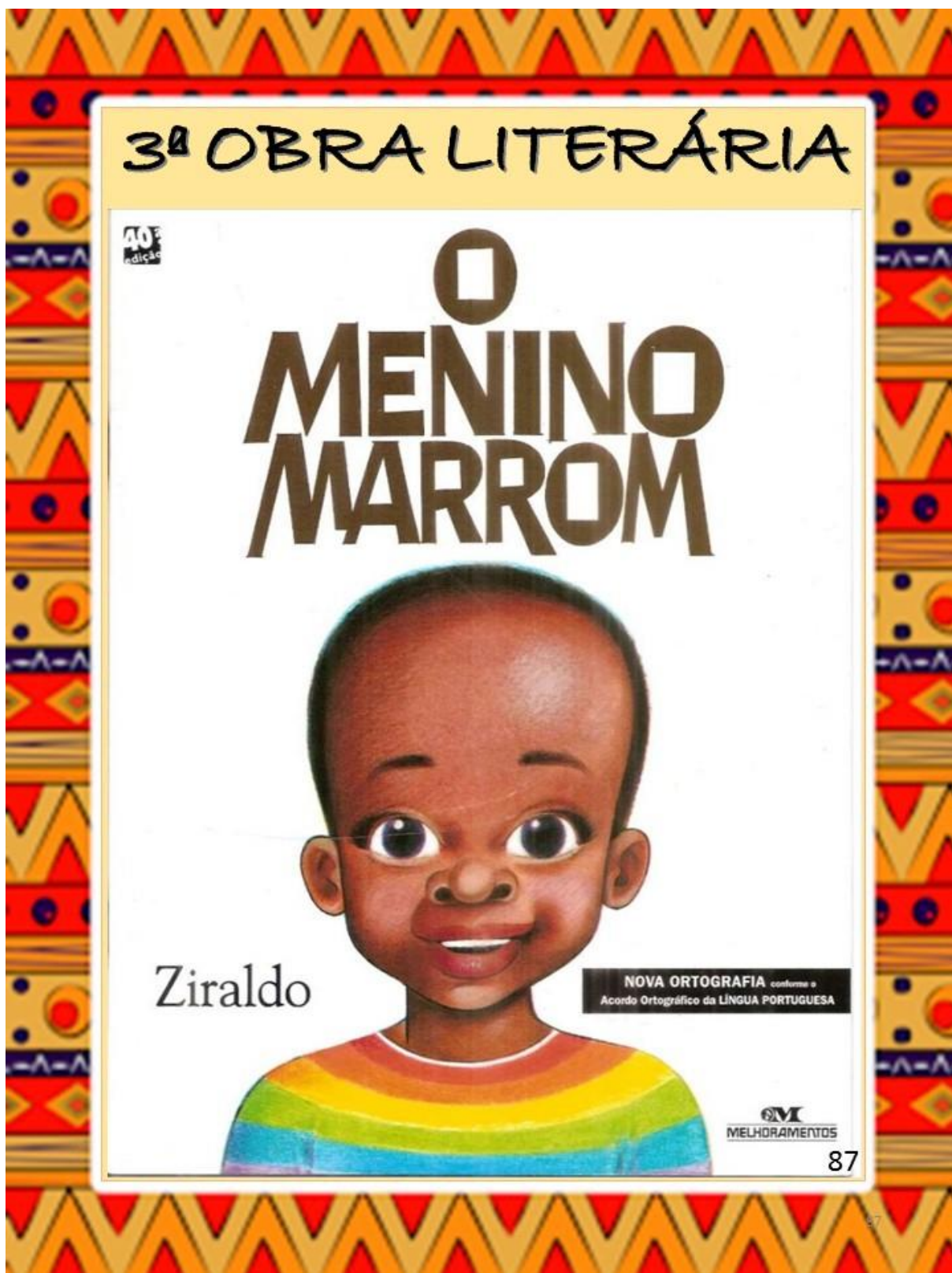




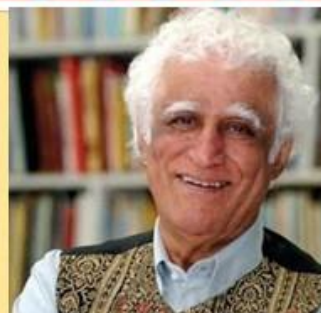
MOMENTOS
DAS
ATIVIDADES







ZIRALDO



Ziraldo é um cartunista, desenhista, jornalista, cronista, chargista, pintor e dramaturgo brasileiro. É o criador do personagem de quadrinhos infantil "O Menino Maluquinho". Foi um dos fundadores da revista humorística "O Pasquim". Ziraldo Alves Pinto nasceu em Caratinga, Minas Gerais, no dia 24 de outubro de 1932. Seu nome vem da combinação dos nomes de sua mãe, Zizinha e o de seu pai Geraldo. Desde criança já mostrava seu talento para o desenho. Com seis anos teve um desenho seu publicado no jornal Folha de Minas. Estudou no Grupo Escolar Princesa Isabel. Em 1949 foi com a avó para o Rio de Janeiro, onde estudou por dois anos no MABE (Moderna Associação de Ensino). Em 1950 retornou para Caratinga e concluiu o científico no Colégio Nossa Senhora das Graças. As obras de Ziraldo já foram traduzidas para diversos idiomas e publicadas em revistas conhecidas internacionalmente, como a inglesa Private Eye, a francesa Plexus e a americana Mad. Em 2004, Ziraldo ganhou, com o livro "Flicts," o Prêmio Internacional Hans Christian Andersen. Em 2008, Ziraldo recebeu o VI Prêmio Ibero Americano de Humor Gráfico Quevedos. Em 2009, foi lançado o livro "Ziraldo em Cartaz", que reúne cerca de 300 ilustrações para peças elaboradas pelo cartunista. Em 2016, Ziraldo recebeu a Medalha de Honra da Universidade Federal de Minas Gerais.



3ª OBRA LITERÁRIA: O MENINO MARRON – Ziraldo Alves Pinto

OBJETIVO: Conscientizar as crianças para o respeito às diferenças, à diversidade étnico-cultural na contribuição para a construção de sua identidade.

TEMPO DA OFICINA: 03 (três) aulas

ROTEIRO DA OFICINA:

- Dinâmica: Marcas do que eu sou - Pedir para a turma fazer uma caminhada pela sala e ir imaginando como é a vida em uma floresta. Como funciona a floresta... Que tipos de vida identificamos na floresta... Pedir para cada um(a) imaginar como são os animais que vivem na floresta. Motivar para que cada um(a) vá se concentrando em apenas um animal. Imaginando suas características, a forma como ele vive na floresta, como reage ao ataque do predador etc. Pedir para que cada um(a) pare por um instante vá incorporando o jeito do animal que escolheu, procurando ser fiel na sua forma de caracterizá-lo. A professora deixará os participantes vivenciarem por um instante os animais escolhidos. Em seguida dirá que em toda floresta tem um predador, um caçador que ataca ou persegue um determinado animal. Dizer para cada um assumir seu papel. A professora motiva para a simulação ainda de outras situações que acontecem na floresta, como por exemplo: uma forte tempestade, uma grande seca, uma longa noite, estimulando aos participantes para vivenciarem estas realidades. Feito isso pede a cada criança para escreverem numa folha os seguintes passos: Descrever qual é a personalidade do animal escolhido que ele pessoalmente escolheu e encarnou; destacando as reações, comportamento (o que é bom e o que não é tão bom); Pedir para fazerem uma comparação, tentando perceber as semelhanças da personalidade do animal e com a sua personalidade. Após, compartilhamento das ideias construídas;

- A professora provocará a curiosidade de todas as crianças escrevendo na lousa a frase de Nelson Mandela – “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele ou por sua origem ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender. E se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. Em seguida a professora fará algumas perguntas desafiadoras: alguém sabe dizer sobre o que essa frase está falando?; que tipo de sentimento ela provoca em cada um de nós?; quem já sofreu algum tipo de preconceito dentro ou fora da escola?; como foi sua reação?...
 - Convidar as crianças para assistirem ao vídeo “África na Escola lei 10.639”, postado por Luísa Andrade de Sousa. Duração: 7min14seg. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9EgXH-GPgFE> Sugere-se que o professor inicie a apresentação aos alunos aos 0min48seg, a partir da questão: “O que sabemos sobre a África?” para que sejam discutidos elementos em questão;
 - Em seguida, apresentar a história à classe, contando-a em círculo, apresentando tanto as imagens impressas, como toda parte escrita do livro por meio da contação de história;
 - Roda de conversa por meio de levantamento de questões relevantes ao texto. Em seguida, os alunos foram desafiados a desenharem suas faces complementando a outra metade da face do menino citado no livro, como um meio de demonstrar a importância de valorizar e respeitar o outro diante das diferenças, buscando caminhos para uma convivência harmoniosa na qual todos nós somos iguais em direitos e deveres;
 - Solicitar às crianças que produzam um resumo do texto, destacando as partes principais do mesmo por meio de desenhos e ilustrações. Cada desenho deverá ser apresentado ao restante da turma, acompanhada de um breve resumo da história do livro e o que tal obra marcou para si.
- Ao final, produção de um caderno contendo a reprodução feita pelas crianças de cada história destacando o que trouxe de referência para elas, expressando seus sentimentos quanto às histórias no sentido de destacar qual a mensagem mais importante mostrada pelo autor.**

ATIVIDADE 1

ESCOLA _____
DATA _____ SÉRIE _____
PRO _____
ALUNO(A) _____

Educação e Transformação

Atividade

CONTE UM POUCO DA HISTÓRIA:

DESENHE OS FATOS PRINCIPAIS:



92

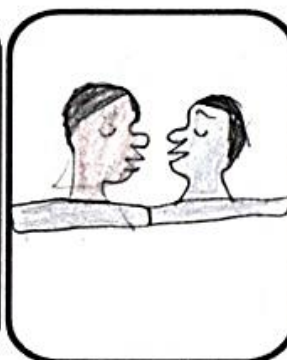
ESCOLA Fim do Sarampo das águas
 DATA 12/06/2018 SÉRIE _____
 PRO erica
 ALUNO(A) MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA



Atividade

CONTE UM POUCO DA HISTÓRIA:

A história conta sobre o menino
 menino também sobre um
 menino da sua. Ele já conhecia
 insira um amigo e os outros
 ele era mais e nunca
 de chorar e de se fazer. Foi aqui
 em dia e se desentendeu com
 menino. Foi aqui e se tornou
 de se fazer progresso da vida
 que não era a coisa mais fácil.
DESENHE OS FATOS PRINCIPAIS:



ele com pai e se conheciam. Ele brincando

Educação e Transformação

ESCOLA Municipal F.S.S
 DATA 12/6/19 SERIE 5º
 PRO Erica
 ALUNO(A) OBAX



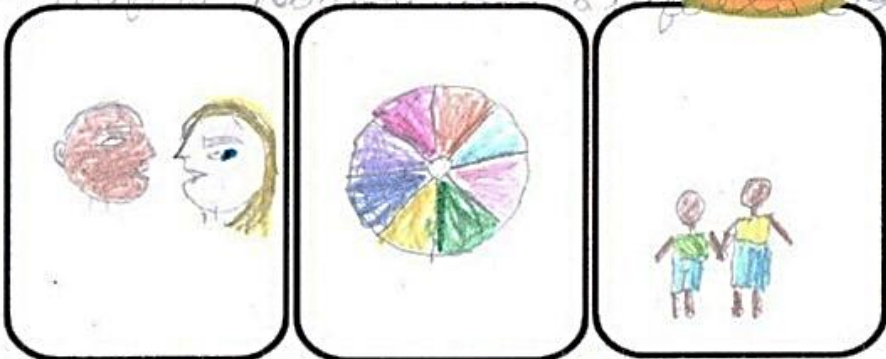
Atividade

CONTE UM POUCO DA HISTÓRIA:

tinhas das meninas que tinham
 cor rosa e o outro tem cor
 marrom. a menina ficou muito
 envergonhada e a mamãe
 misturou com e ficou marrom
 de lá controla pra professora
 e a professora tirou um
 disco colorido e mostrou
 a professora pagou
 que ela não tinha ali
 voltou marrom e disse mãe

DESENHE OS FATOS PRINCIPAIS:

na da época ele viveu em
 indígena por isso



ela no olho a disco ali com pai

ESCOLA _____
 DATA 12/10/14 _____ SERIE 5ª ANO
 PRO _____
 ALUNO(A) YOMI

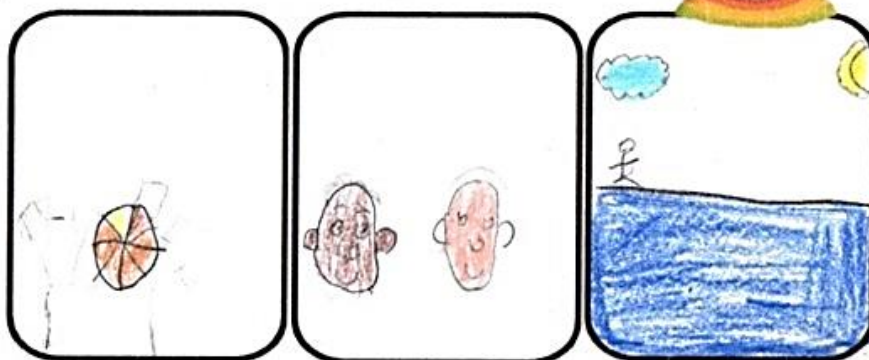


Atividade

CONTE UM POUCO DA HISTÓRIA:

A História fala sobre o menino marim e ele com um vil um menino com de para e o menino marim queria se o amigo dele

DESENHE OS FATOS PRINCIPAIS:



dele _____ menino marim e menino na lua
 menino para

Educação e Transformação

ESCOLA Escola Municipal Fátima Cantino
 DATA 11/06/2013 SÉRIE 5º
 PRO escola
 ALUNO(A) IFÁ



Atividade

CONTE UM POUCO DA HISTÓRIA:

ele não é todo ele é marrom
 ele é mais ou menos ele tem amigos
 tem uma que não tem cabelo ele tem
 memórias quando ele não dela porque
 ele tem um pente e pente pente
 pente pente e tem uma e pente ele
 pente não e adivida se quem ele
 foi para praia e se divertiu

DESENHE OS FATOS PRINCIPAIS:



dieta as duas amigos ele na praia
e alterando

ESCOLA _____
 DATA 21/01/2019 _____ SERIE 2a _____
 PRO _____
 ALUNO(A) ENO _____

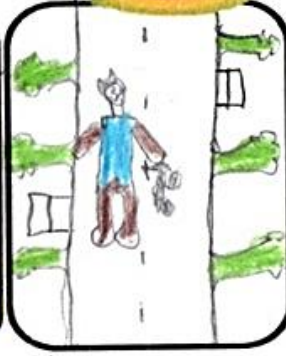


Atividade

CONTE UM POUCO DA HISTÓRIA:

A história fala de um menino que se mudou para a cidade grande com os seus pais.

DESENHE OS FATOS PRINCIPAIS:



o pai e a mãe o menino

Educação e Transformação

ESCOLA Municipal Euzébio Santana da Silva
 DATA 12/06/2019 SERIE 5ª Anos
 PRO Ed. EA
 ALUNO(A) MENINO MARROM

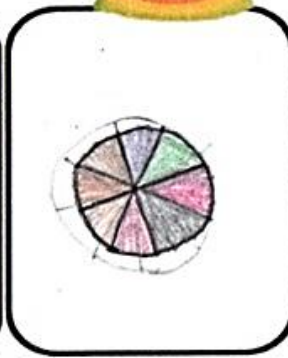
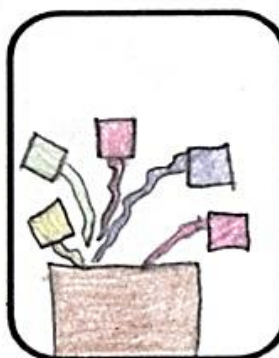


Atividade

CONTE UM POUCO DA HISTÓRIA:

a historia fala de menina rosa e o menino marrom
 um dia os dois misturaram as cores e ficaram
 com um dia amarelo marrom foi a praia com
 sua tia de pescar assim quando esqueceram
 seu pai tinha a praia...

DESENHE OS FATOS PRINCIPAIS:



ele misturou as cores ele na praia a filha dos pais

Educação e Transformação

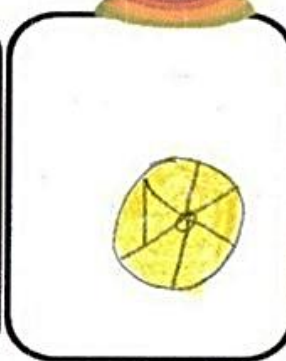
ESCOLA Fazenda Santana do Sul Educação
 DATA 15/06/2019 SERIE 5º e
 PRO _____
 ALUNO(A) YAKUBA 2 Transformação

Atividade

CONTE UM POUCO DA HISTÓRIA:

uma vez havia um menino
 muito pobre e muito cor
 de rosa e uma cor

DESENHE OS FATOS PRINCIPAIS:



na ilha na ilha a ilha

Educação e Transformação

ESCOLA municipal firma antiga da Silva
 DATA 12/06/2019 SERIE 5.º ano
 PRO Sica
 ALUNO(A) BINTOU

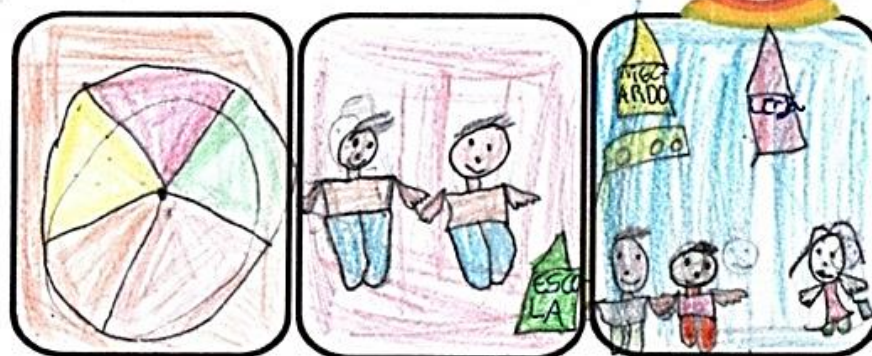


Atividade

CONTE UM POUCO DA HISTÓRIA:

A história relata sobre o primeiro
 menino suammino com o
 rosa que a cor dos dois
 meninos era diferentes mas
 eles eram amigos e aí eles
 resolveram fazer uma experiência
 com tintas de varias cores
 e na sua experiência as cores
 misturadas seguir a cor
 marrom e o menino marrom
 ficou muito feliz

DESENHE OS FATOS PRINCIPAIS:



DISCO COLORIDO PAI E FILHO INDO PARA AMIGOS OLHANDO
ESCOLA MULHER IDOSA

100

Educação e Transformação

ESCOLA _____
DATA _____ SÉRIE _____
PRO _____
ALUNO(A) GALANGA



Atividade

CONTE UM POUCO DA HISTÓRIA:

*o menino andava com um
menino de resaca de muito
e falava muito*

DESENHE OS FATOS PRINCIPAIS:



Prainha

Educação e Transformação

ESCOLA Fimé Santana da Silva
 DATA 10/06/2019 SERIE 5º
 PRO _____
 ALUNO(A) LELÊ

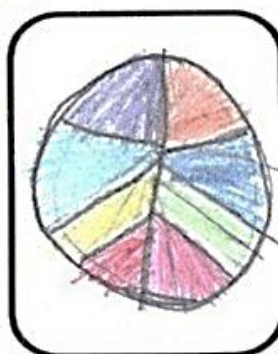


ATIVIDADE

CONTE UM POUCO DA HISTÓRIA:

Eu entendi que o menino
 MARIEM que ele FEZ um
 trabalho de cores e ele
 pensava que as cores
 não ficam Mariem quando
 ele trava pensando com
 seu amigo para não
 ser a sala e o menino
 Mariem disse que ia
 quando a professora falou
 quem descoloriu ele

DESENHE OS FATOS PRINCIPAIS:



O Disco de cores
 e o menino
 Mariem
 O Pai e o filho
 Mariem

que foi marrism e a
professora falou que
mãe era marrism,
que era Branco.

LELÊ

ATIVIDADE

2

DESENHE SUA FACE COMPLETANDO A OUTRA FACE DO MENINO CITADO NO LIVRO,
DEPOIS FAÇA UM COLORIDO CONFORME DESEJAR!



NOME: _____

105

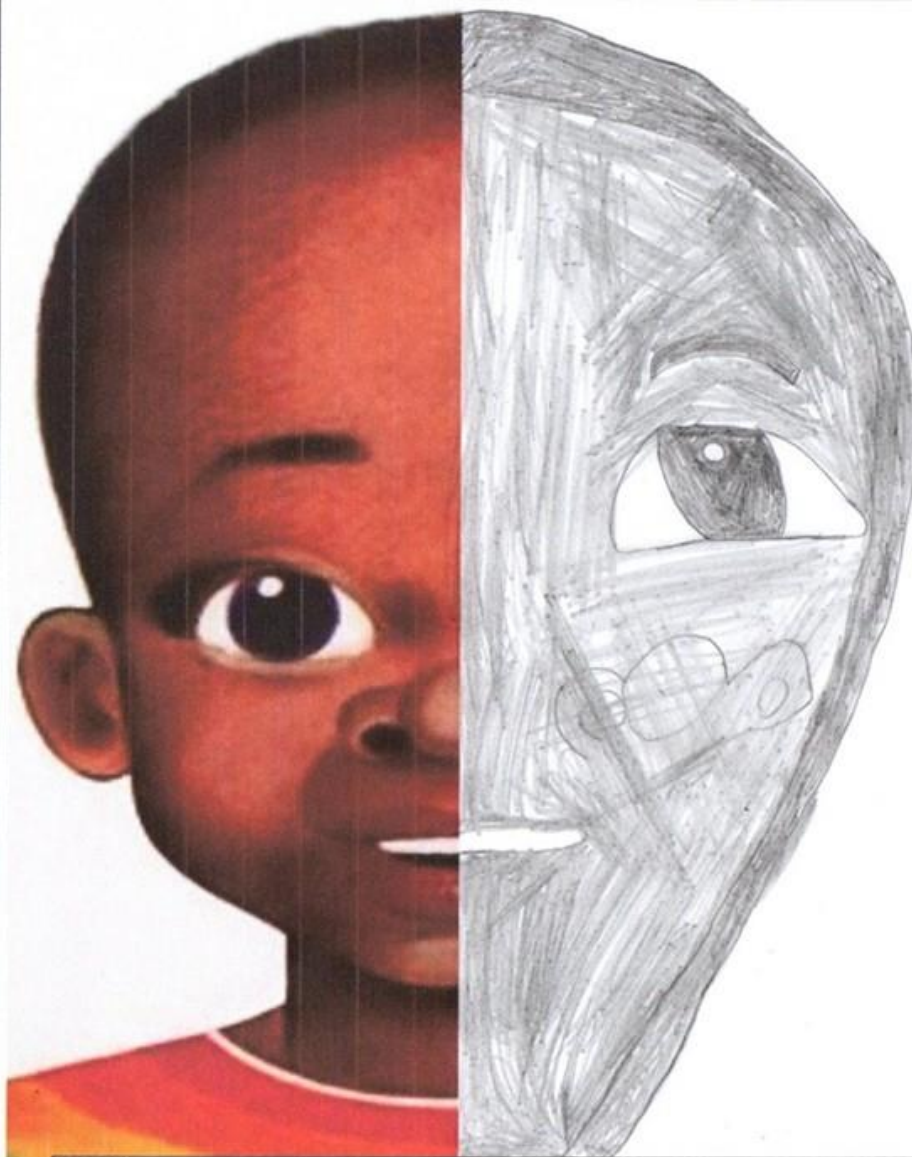
DESENHE SUA FACE COMPLETANDO A OUTRA FACE DO MENINO CITADO NO LIVRO,
DEPOIS FAÇA UM COLORIDO CONFORME DESEJAR!



NOME: MENINO MARROM

106

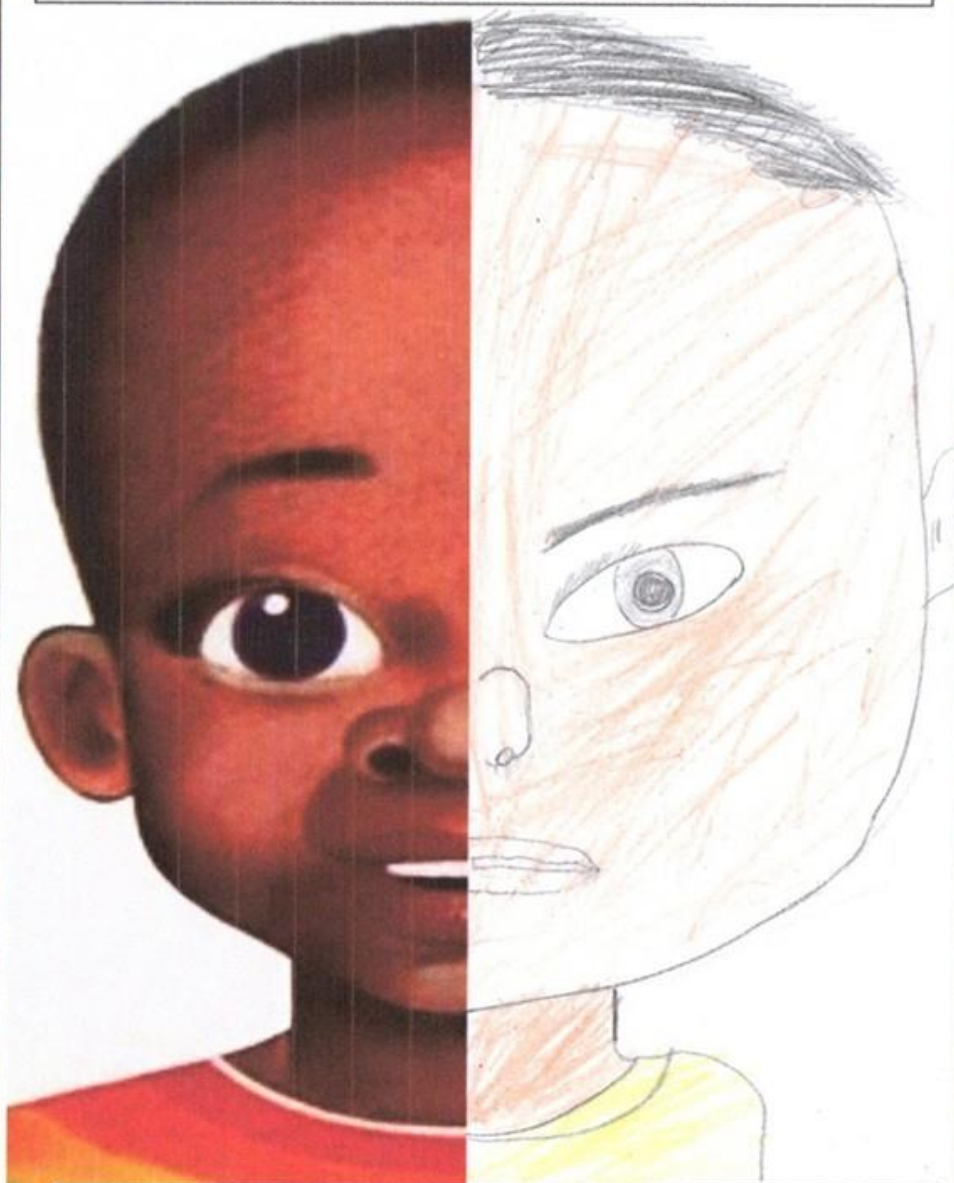
DESENHE SUA FACE COMPLETANDO A OUTRA FACE DO MENINO CITADO NO LIVRO,
DEPOIS FAÇA UM COLORIDO CONFORME DESEJARI



NOME: IFÁ

107

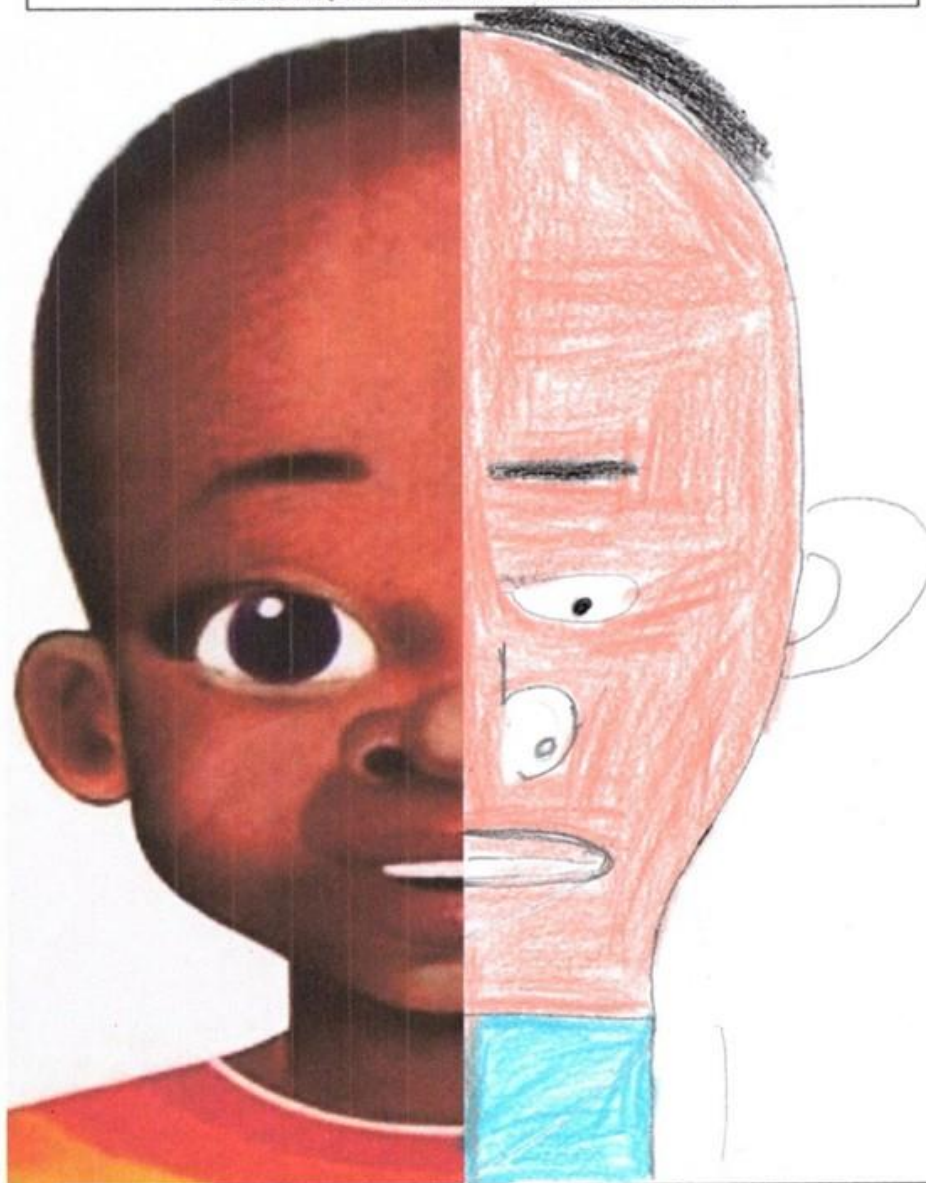
DESENHE SUA FACE COMPLETANDO A OUTRA FACE DO MENINO CITADO NO LIVRO,
DEPOIS FAÇA UM COLORIDO CONFORME DESEJARI



NOME: GALANGA

108

DESENHE SUA FACE COMPLETANDO A OUTRA FACE DO MENINO CITADO NO LIVRO,
DEPOIS FAÇA UM COLORIDO CONFORME DESEJARI!



NOME: YOMI

109

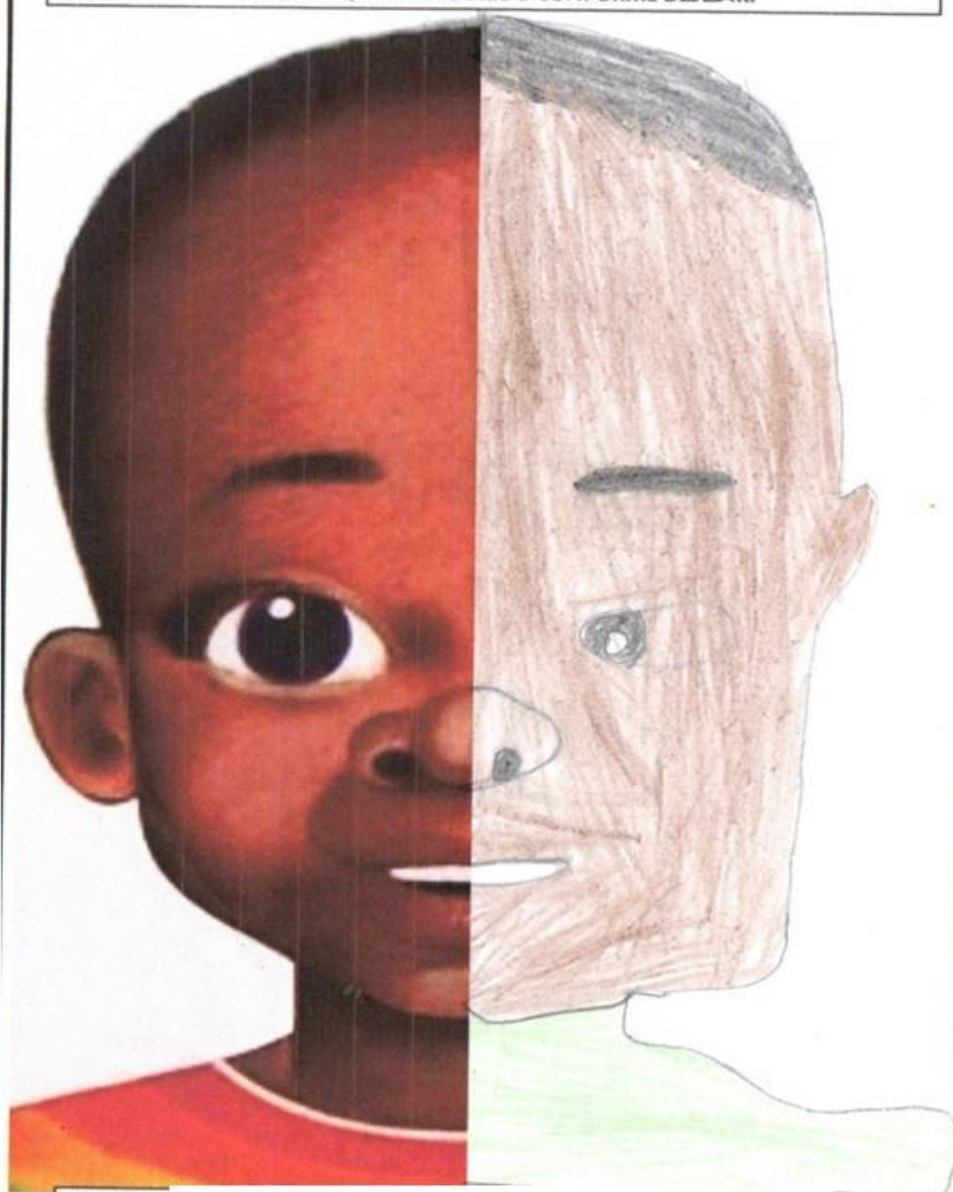
DESENHE SUA FACE COMPLETANDO A OUTRA FACE DO MENINO CITADO NO LIVRO,
DEPOIS FAÇA UM COLORIDO CONFORME DESEJAR!



NOME: OBAX

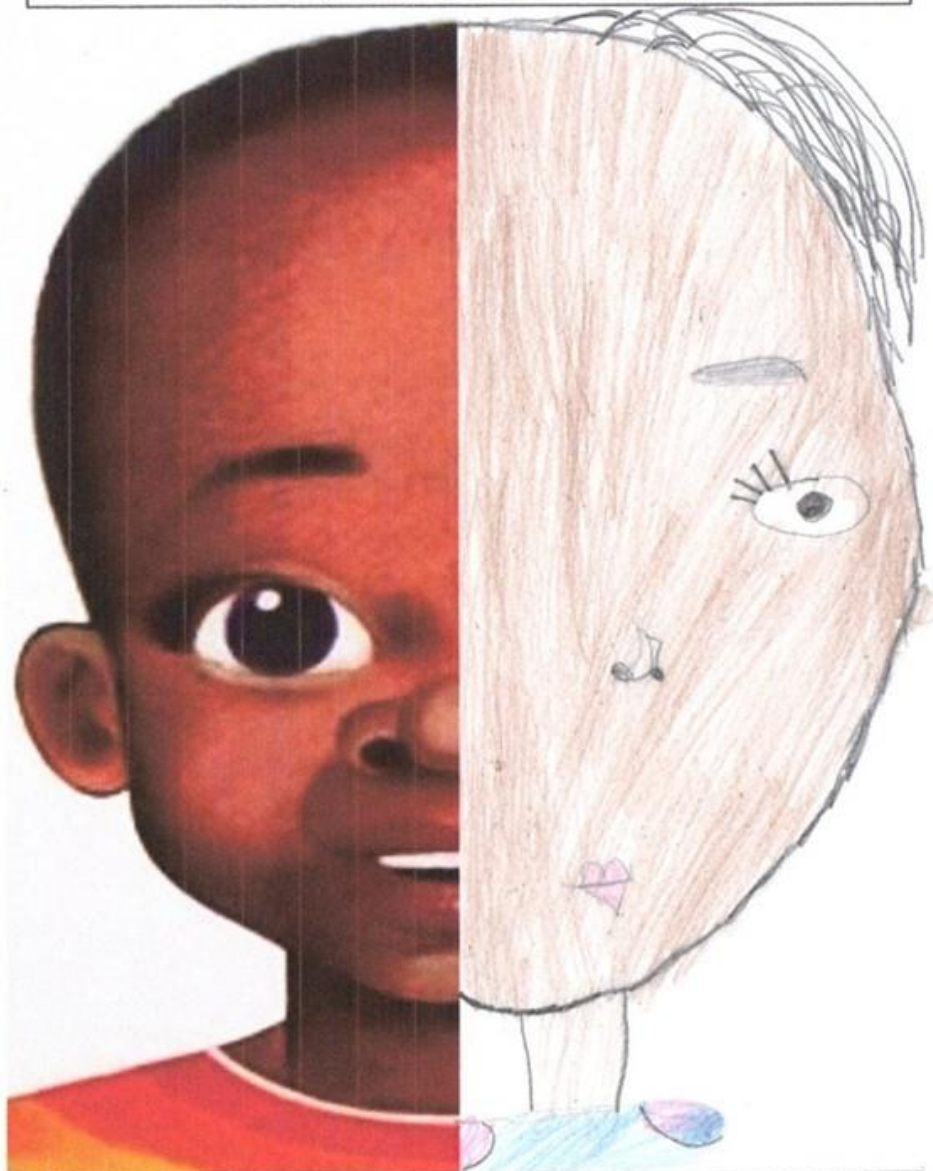
110

DESENHE SUA FACE COMPLETANDO A OUTRA FACE DO MENINO CITADO NO LIVRO,
DEPOIS FAÇA UM COLORIDO CONFORME DESEJARI



NOME: YAKUBA

DESENHE SUA FACE COMPLETANDO A OUTRA FACE DO MENINO CITADO NO LIVRO,
DEPOIS FAÇA UM COLORIDO CONFORME DESEJARI



NOME: LELÊ

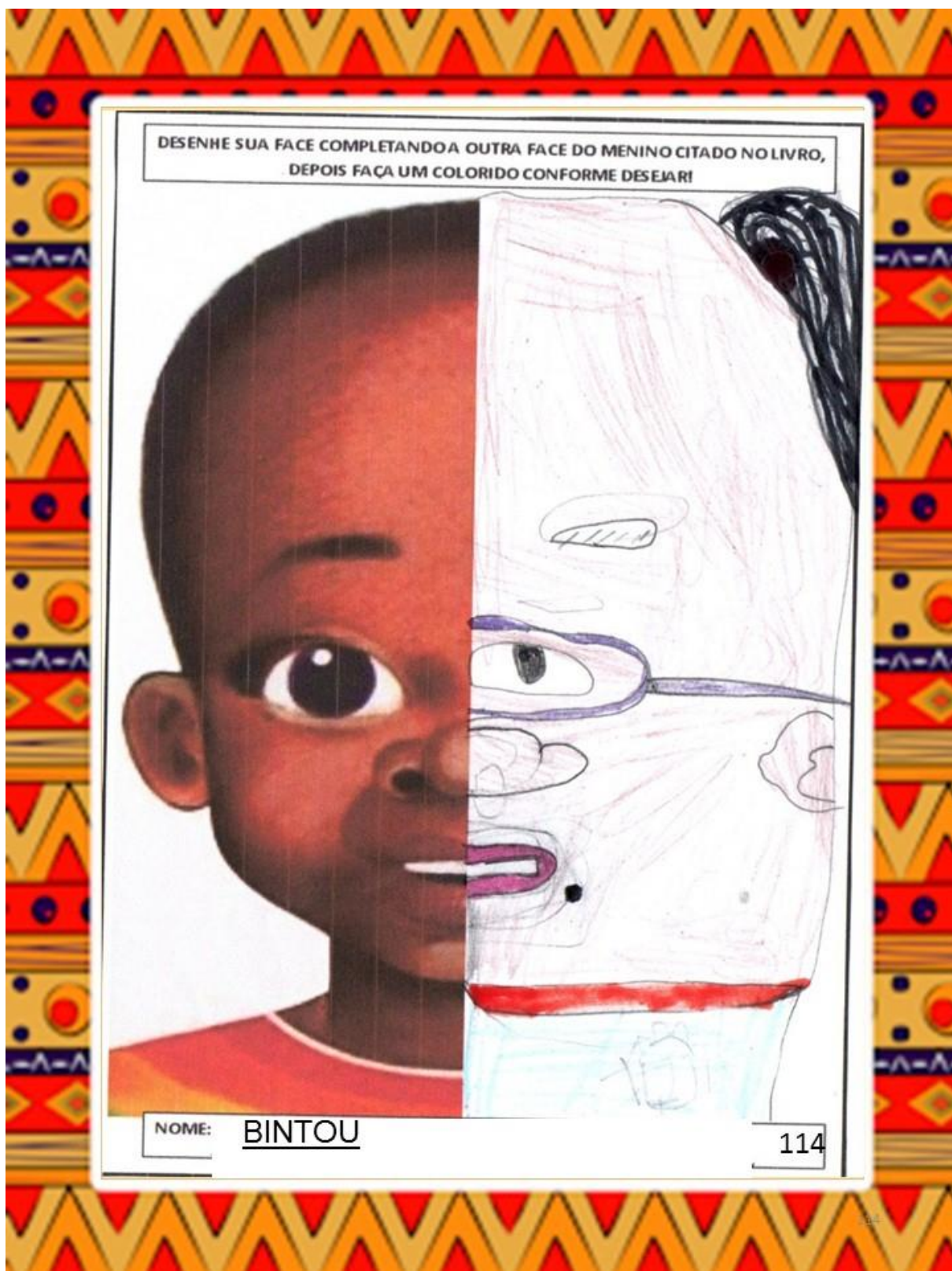
112

DESENHE SUA FACE COMPLETANDO A OUTRA FACE DO MENINO CITADO NO LIVRO,
DEPOIS FAÇA UM COLORIDO CONFORME DESEJAR!

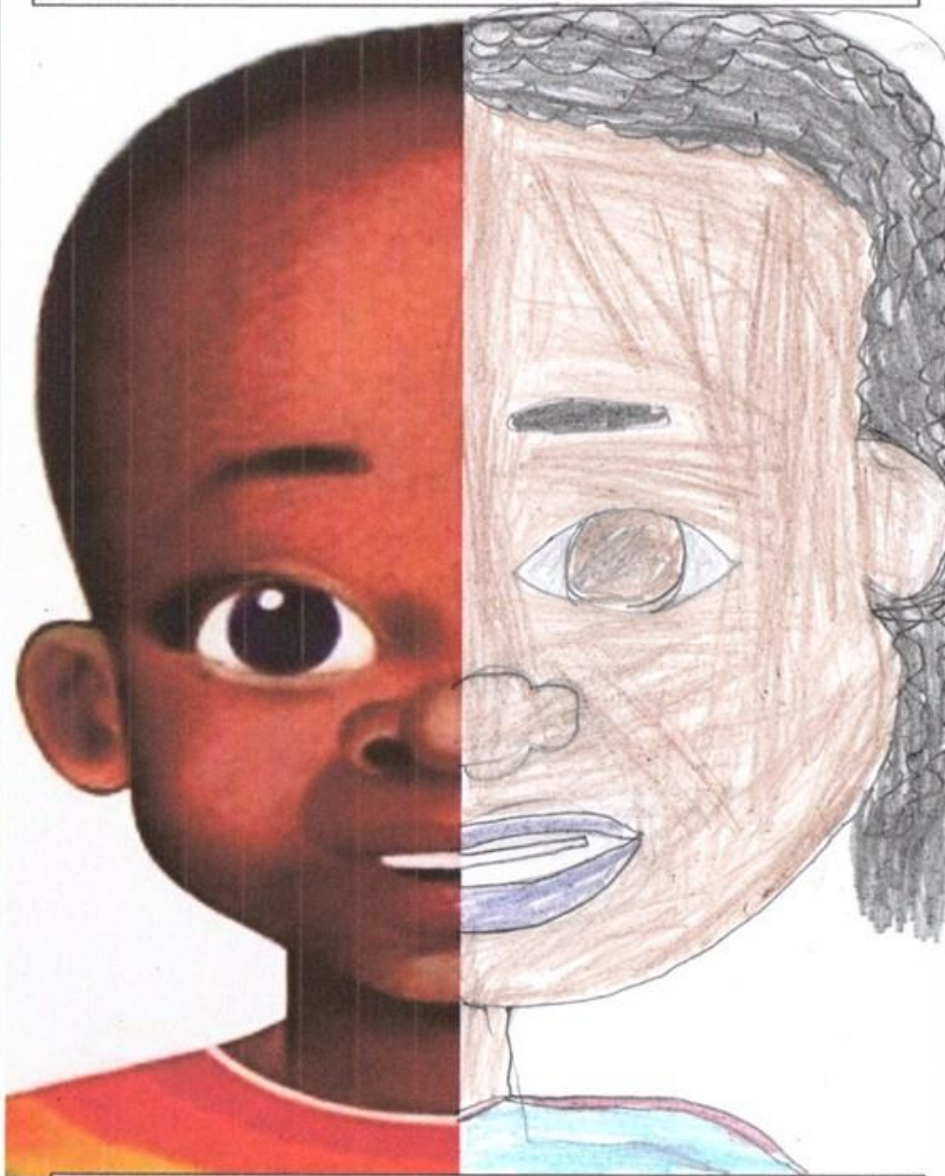


NOME: ENO

113



DESENHE SUA FACE COMPLETANDO A OUTRA FACE DO MENINO CITADO NO LIVRO,
DEPOIS FAÇA UM COLORIDO CONFORME DESEJARI



NOME: MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

115



MOMENTOS
DAS
ATIVIDADES



117



ATIVIDADES DE REFLEXÃO SOBRE AS OBRAS LITERÁRIAS



ATIVIDADE

1

NOME:

IFÁ

PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILOMBOLA: "O CABELO DE LELÊ", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARROM", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFELETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!

a menina Marom

a menina Marom era um
menino amarelo que não
tinha cabelo preto com
ninhos e ninhos também
não tinha com ele e
todo mundo falava com
ele e ele se ria muito
e nunca a nunca uma
briga com nenhum um
briga com nenhum um
que ela é bem saltitante e
também namora família

também tem desde minha mãe
tio a minha avó a minha
madrinha e meu irmão e
minha irmã.

IFÁ

123

NOME:

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILOMBOLA: "O CABELO DE LELÊ", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARROM", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFELETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!

~~Minha mãe é negra~~
 NEURASIN
 a história que eu gosto mais foi
 minha mãe é negra sim porque
 minha mãe é negra e meu pai é
 branco minha família é mista
 metade negra e metade branca, mulato
 eu tenho a minha que um pouco
 dela é moreno e o outro pouco dela
 é branco, pela razão de eu ser
 mais do que branco, eu sou e
 minha mãe é negra e minha mãe é
 negra e minha mãe é negra e
 negra e minha mãe é negra e

Educação e Transformação

Nem negras também por que tu tem
orgulho nasce negra e aminta família
também orgulho das negras.
mais mais que marca platinadas
tá a qui comita mãe de negras
tu usa que eu gostei mais

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

NOME

BINTOU

PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILOMBOLA: "O CABELO DE LELÊ", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARROM", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFLETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!

A minha mãe é negra.

Sim eu gostei da história - minha
mãe é negra sim por que minha
mãe é negra e eu gosto muito
da cor dela por que eu tam-
bem mim sinto negra e eu
gosto muito de ler e aqui no
quilombo caíram dos cristãos tem
por número altar de pessoas
negras a cor negra simbra-
liza para mim a lutar e
separação de zumbi dos pal-
mares ele foi um grande

Nome da história que eu escolhi
minha mãe e negra sim foi a história
de respeito com a cor dos outros
eu gostei de todas histórias que
nós trabalhamos mais a mais que
minha mãe foi minha mãe e negra
sim a parte da história mais
que eu gostei foi a parte
que o avô conversou com o
ninho.

Data: 15/07/2019

BINTOU

127

NOME:

OBAX

PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILOMBOLA: "O CABELO DE LELÊ", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARROM", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFLETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!

As cores formam marrom?
 um menino ele tinha
 a cor marrom ele viveu na
 escola a professora mandou
 ele fazer o desenho da mãe
 dele é ele pintou de marrom
 e a professora mandou
 apagar e pintar de salmão
 e quando ele fez em
 casa ele falou pro avô
 dele ele fez uma mistu-
 ra de cor e deu marrom
 ele pintou de marrom

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

120

O que me fez ver que ele
pintou a cor que a mãe
dele tinha isto deixou uma
reflexão muito importante
pra vida de nós.

OBAX

NOME:

LELÊ

PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILOMBOLA: "O CABELO DE LELÊ", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARROM", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFLETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!

O meu cabelo e minha cor
 Sou negra sim tenho
 o cabelo crespo e também
 sou negra e quilombola
 porque aceito ser negra
 porque sou bonita e
 também gosto de
 ser assim como sou
 já o cabelo de Lelê
 parece comigo mais
 meu cabelo é curto
 mais sou negra
 por orgulho porque é

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

Ser uma scainera Guilom.
 Vela porque gosta da cor
 mas não importa gente
 falar mal minha cor
 porque ser negra é ser
 é ser a melhor de toda.
 não troco por outra
 cor.

por então o cabelo
 de lllê parece comi go
 tipo o cabelo de é grande
 e negro, e meu cabelo
 é alguns mais sou
 negra porço não
 fale mal da sua
 cor porque é muito
 rio.

LELÊ

NOME:

ENO

PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILOMBOLA: "O CABELO DE LELÊ", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARROM", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFLETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!

O menino roxo

A itari que eu mais gostei
foi o Menino Marrom foi que
Milkê que lendo eu era criança
eu fiquei muito com olho pague
a minha mãe e a minha avó
do minha mãe e minha avó
porque eu tive muitas dificuldades

NOME: **YAKUBA**

PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILOMBOLA: "O CABELO DE LELÊ", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARRON", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFELETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!

*a cabelo de lelê
 Lelê ditou a história
 muito especial pra
 todo mundo da
 quilabara da tem
 cabelo muito grande
 e bem em maladinho*

NOME: GALANGA

PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILOMBOLA: "O CABELO DE LELÊ", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARROM", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFELETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!

*literária a minha me seguiu
 sempre se sou eu e o homem
 praticando a minha fé em zombando
 imaginando o que eu sou e o que
 sou eu.*

FIM

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

NOME: **MENINO MARROM**

PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILOMBOLA: "O CABELO DE LELÊ", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARROM", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFLETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!

minha família negra é um

A história que eu mais gostei foi minha mãe
 e minha mãe eu gostei porque ela da cor negra
 e eu que as outras pessoas dizem porque minha mãe
 não diz e acredita em coisas da família da mãe
 pai por que a família dele é Toda negra e da minha
 mãe eu que não acredito mais em coisas e
 eu tenho muito orgulho de fazer parte dessa
 família.

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

YOMI

PRODUZA UM TEXTO REFERENTE À OBRA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA QUE MAIS GOSTOU E QUE MARCOU SUA HISTÓRIA ENQUANTO QUILOMBOLA: "O CABELO DE LELÊ", "MINHA MÃE É NEGRA SIM" OU "O MENINO MARROM", DESTACANDO O QUE A HISTÓRIA TROUXE DE MAIS IMPORTANTE PARA VOCÊ, NA SUA VIDA, QUE O(A) FEZ REFLETIR SOBRE SUA COR, IDENTIDADE, ORIGEM, DIVERSIDADES, BEM COMO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E VALORIZAÇÃO DE SI E AS DO OUTRO!

os cabelos dos negros

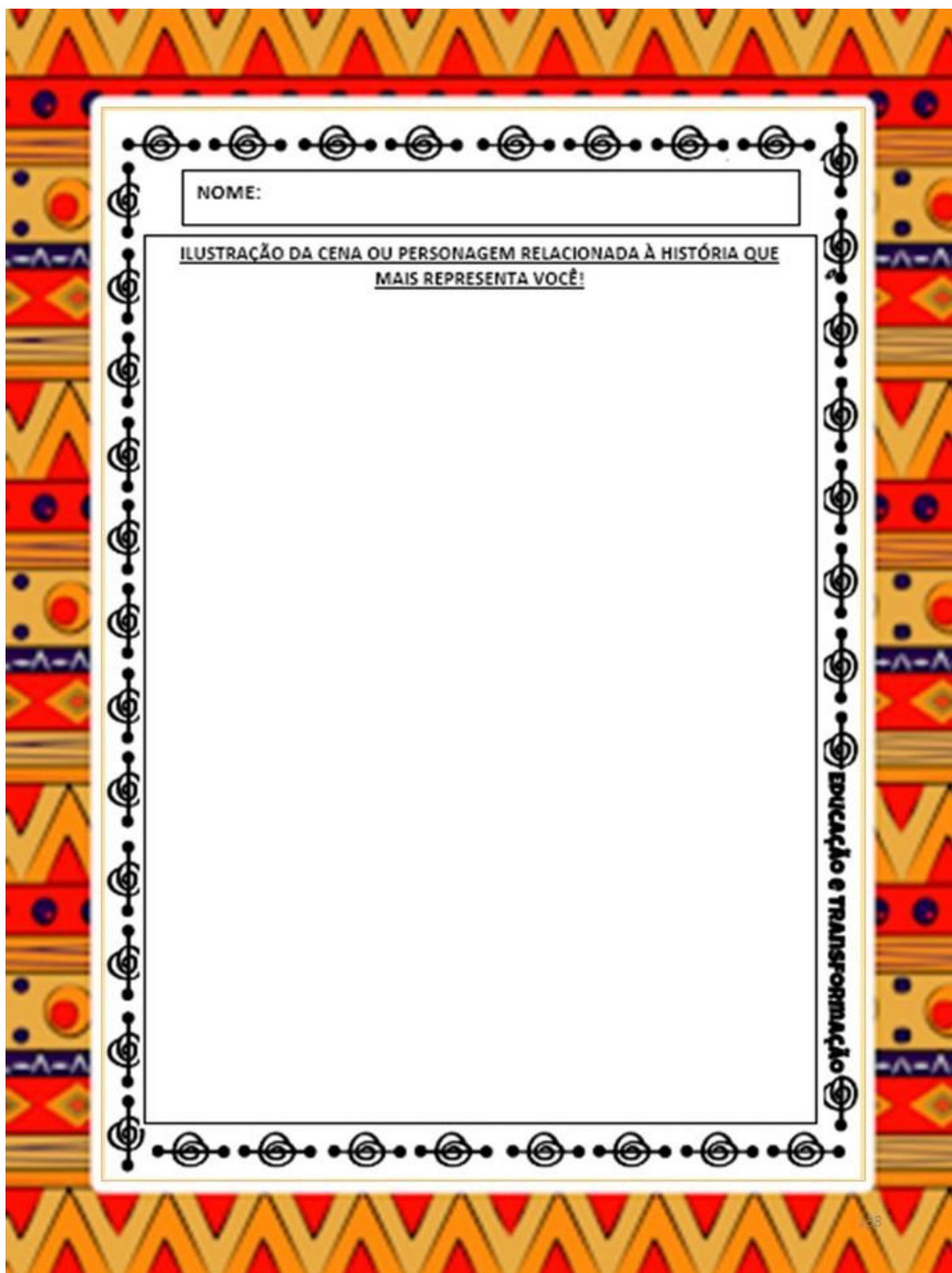
A minha mãe é negra sim
Por que refletiu o os cabelos
dos brancos

Educação e Transformação



ATIVIDADE

2



NOME: _____

ILUSTRAÇÃO DA CENA OU PERSONAGEM RELACIONADA À HISTÓRIA QUE
MAIS REPRESENTA VOCÊ!

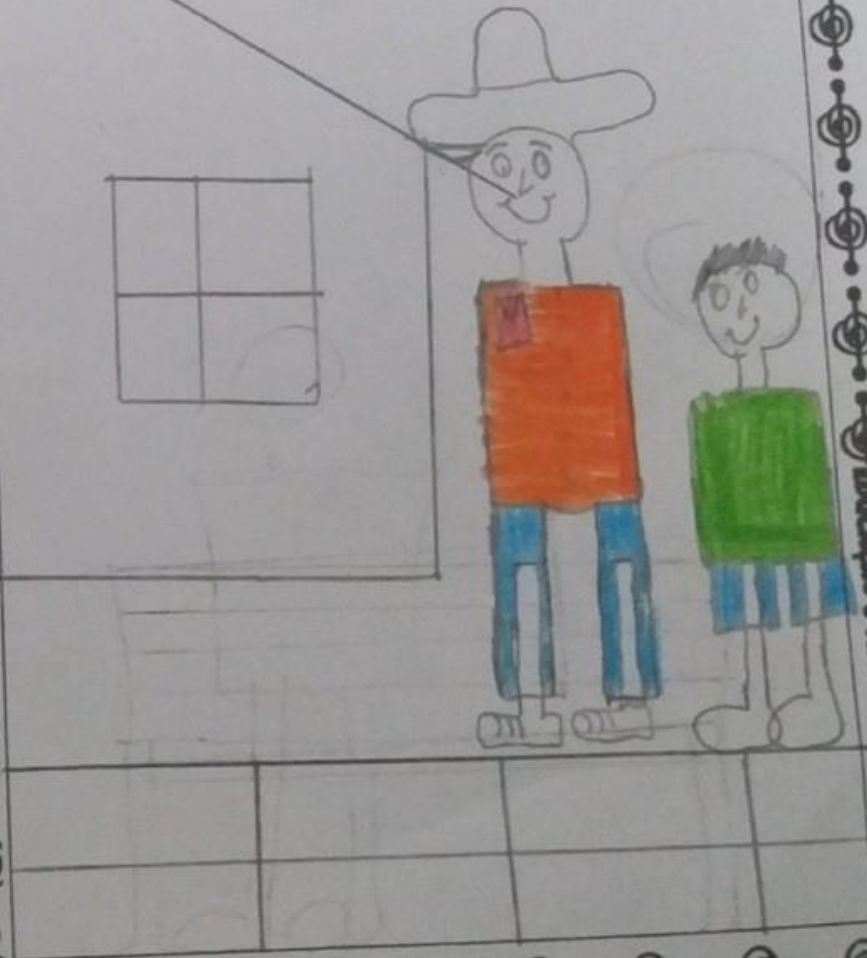
EDUCAÇÃO e TRANSFORMAÇÃO



NOME: ENO

ILUSTRAÇÃO DA CENA OU PERSONAGEM RELACIONADA À HISTÓRIA QUE MAIS REPRESENTA VOCÊ!

El Moisés Marrom




EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO



NOME: **OBAX**

ILUSTRAÇÃO DA CENA OU PERSONAGEM RELACIONADA À HISTÓRIA QUE MAIS REPRESENTA VOCÊ!

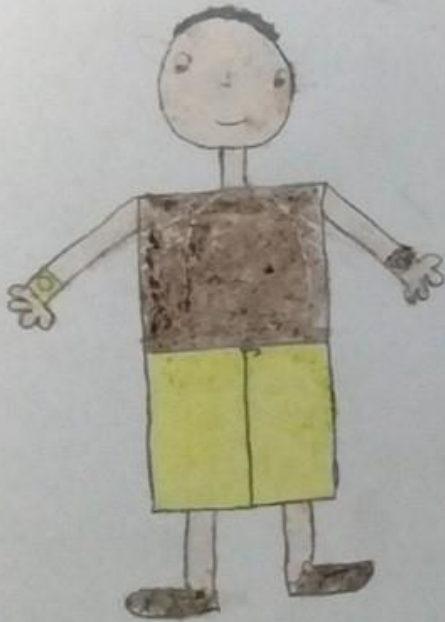
O menino marrom



EDUCAÇÃO e TRANSFORMAÇÃO

NOME: IFÁ

ILUSTRAÇÃO DA CENA OU PERSONAGEM RELACIONADA À HISTÓRIA QUE MAIS REPRESENTA VOCÊ!



NEGRINHO MAROM

Educação e Transformação

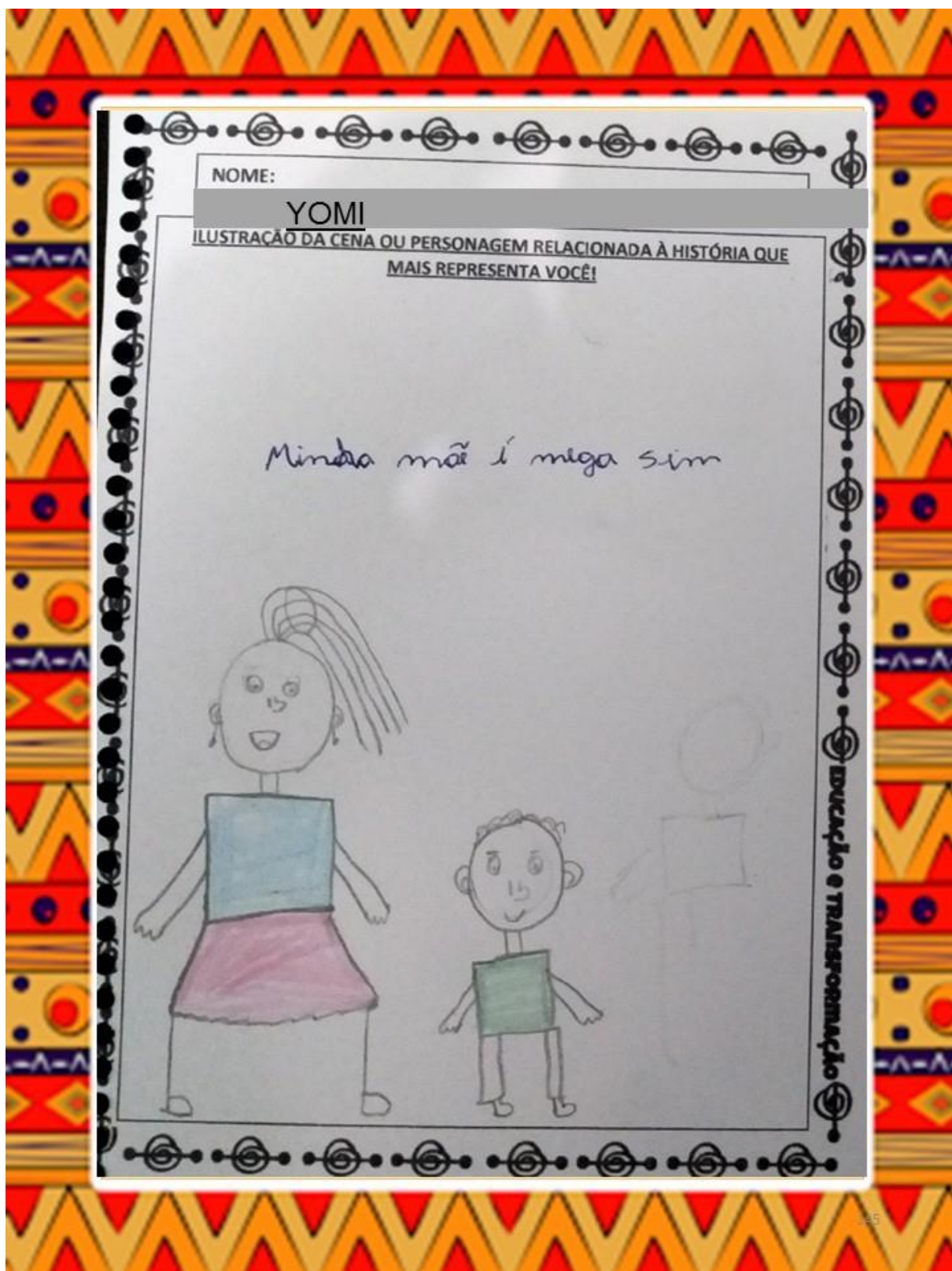
AMINHAMÃE NEGRABU

NOME: MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

ILUSTRAÇÃO DA CENA OU PERSONAGEM RELACIONADA À HISTÓRIA QUE
MAIS REPRESENTA VOCÊ!



EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO



NOME:

BINTOUILUSTRAÇÃO DA CENA OU PERSONAGEM RELACIONADA À HISTÓRIA QUE
MAIS REPRESENTA VOCÊ!

minha mãe e minha
Sina



NOME: MENINO MARROM

ILUSTRAÇÃO DA CENA OU PERSONAGEM RELACIONADA À HISTÓRIA QUE
MAIS REPRESENTA VOCÊ!

Minha mãe negra sim



NOME: GALANGA

ILUSTRAÇÃO DA CENA OU PERSONAGEM RELACIONADA À HISTÓRIA QUE
MAIS REPRESENTA VOCÊ!

A minha mãe e meus irmãos



EDUCAÇÃO e TRANSFORMAÇÃO

ATIVIDADE

3

NOME: MENINO MARROM

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA QUE A LITERATURA PASSOU A TER EM SUA VIDA E O QUE ESTAS OFICINAS LITERÁRIAS TROUXERAM COMO REFLEXÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, REAFIRMAÇÃO DE SUA COR E SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO ENQUANTO QUILOMBOLA!

a literatura trouxe ideias de respeito as pessoas negras não individualiza sua cor a natureza não tem vergonha de assumir-se como negro rebelde dos processos não sei da cor do cabelo as pessoas dizem cor do cabelo de mesma gente que ela é não quer ser da mesma que os outros pessoas eu gostei muito por que ensina muitas coisas não nos preconceitos. Já respeito os outros pessoas da gente que não.

NOME LELÊ

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA QUE A LITERATURA PASSOU A TER EM SUA VIDA E O QUE ESTAS OFICINAS LITERÁRIAS TROUXERAM COMO REFLEXÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, REAFIRMAÇÃO DE SUA COR E SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO ENQUANTO QUILOMBOLA!

Este é um comentário da
 professora que não gostei
 porque me deu a impressão
 de que ela não se importa
 com a cor da pele e nem
 com a cor dos cabelos
 dela, e também a cor
 da sua pele não deve
 ser considerada a sua cor,
 que ela é branca linda
 e não me dá a impressão
 de ser

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

e também gostei de tra-
balhar com minha profe-
sora das histórias
do cabelo de Lele, Minha Mãe,
a negra sim, e também
venenime marrum,
porque minha cor é
bonita.

data: 15/07/2019

LELÊ

NOME: **MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA**

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA QUE A LITERATURA PASSOU A TER EM SUA VIDA E O QUE ESTAS OFICINAS LITERÁRIAS TROUXERAM COMO REFLEXÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, REAFIRMAÇÃO DE SUA COR E SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO ENQUANTO QUILOMBOLA!

A literatura é muito importante
 pra gente pois é nela que se
 a literatura passou a ter
 leitura, ensinamento sobre
 as negras tem been falando
 bre a cultura mais principamen
 te sobre as negras e as negras
 não muito valorizadas no
 BRASIL mais lentamente se
 que não gosta de carregar
 esse preconceito com as negras

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

elas não gostam da raça negra porque
as brancas são tuas brancas tem
as brancas que não gostam de negro
mas tem as brancas que não
tem preconceito com as negras
tipo eu não tenho preconceito
com negras porque eu também
sou negra e tenho muito
orgulho por ser negra e não
tenho nenhum preconceito com
negra também sou negra. ♡

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

NOME: BINTOU

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA QUE A LITERATURA PASSOU A TER EM SUA VIDA E O QUE ESTAS OFICINAS LITERÁRIAS TROUXERAM COMO REFLEXÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, REAFIRMAÇÃO DE SUA COR E SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO ENQUANTO QUILOMBOLA!

O conhecimento que a professora Erica que nós tivemos trouxe uma lição de vida que a literatura é muito importante fiz com que eu valorizo a minha cor e conheço a realidade de outras pessoas dependendo de sua cor e de seu jeito de ser devemos respeitar e eu também gostei dos livros que nós estamos trabalhando nos os livros do O cabelo-

de luni e o minime marem e
nimbra mat e negra sim
eu goste de conducer mas
solere a literatura eu aprindin
bastanter agora eu realmente si
e gul e importanta a litura
agora eu si mais preferin
bem a litura eu goste muito
da professora lica obrigada
por tudo.

BINTOU

NOME: OBAX

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA QUE A LITERATURA PASSOU A TER EM SUA VIDA E O QUE ESTAS OFICINAS LITERÁRIAS TROUXERAM COMO REFLEXÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, REAFIRMAÇÃO DE SUA COR E SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO ENQUANTO QUILOMBOLA!

A professora Erica ela ensinou
as ser de jeito que nos
nomes todos mas é meque,
os livros ensinou a respei-
ta uns aos outros eu
sou quilombola sim a
literatura trouxe respeito
trouxi o que aoutora de
mimi trouxe tudo de
lugar eu aprende que
todos tem a cor

negra ninguém não tem
a cor negra que eu
sei que todo mundo
tem a cor negra por
isso eu tenho a
cor negra .

OBAX

NOME:

YOMI

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA QUE A LITERATURA PASSOU A TER EM SUA VIDA E O QUE ESTAS OFICINAS LITERÁRIAS TROUXERAM COMO REFLEXÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, REAFIRMAÇÃO DE SUA COR E SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO ENQUANTO QUILOMBOLA!

A literatura fala, nada se
fica e foi legal por que ela
se fala nada literária do
quilombola

Educação e Transformação

NOME: GALANGA

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA QUE A LITERATURA PASSOU A TER EM SUA VIDA E O QUE ESTAS OFICINAS LITERÁRIAS TROUXERAM COMO REFLEXÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, REAFIRMAÇÃO DE SUA COR E SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO ENQUANTO QUILOMBOLA!

o livro ensina para eu
 apreender várias coisas também
 em atitudes si q: ler e im- por
 tam- ti não te: q: falar - a
 quanto i: o: lanti: tem q: ler
 Felisi ac: tito q: o: lanti: e.

NOME: YAKUBA

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA QUE A LITERATURA PASSOU A TER EM SUA VIDA E O QUE ESTAS OFICINAS LITERÁRIAS TROUXERAM COMO REFLEXÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, REAFIRMAÇÃO DE SUA COR E SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO ENQUANTO QUILOMBOLA!

temo de melhito um
a a arte não tiver
brilhante com as
povo branco au bruto
temo de anilita como
mais branco temo
de anilita a cor
que Deus deu

NOME: ENO

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA QUE A LITERATURA PASSOU A TER EM SUA VIDA E O QUE ESTAS OFICINAS LITERÁRIAS TROUXERAM COMO REFLEXÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, REAFIRMAÇÃO DE SUA COR E SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO ENQUANTO QUILOMBOLA!

A literatura foi para mim
um meio de vida, um meio de
fala, de expressão, de comunicação
em um mundo de tanta violência
e discriminação. Foi um meio
de luta.

NOME: IFÁ

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA QUE A LITERATURA PASSOU A TER EM SUA VIDA E O QUE ESTAS OFICINAS LITERÁRIAS TROUXERAM COMO REFLEXÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, REAFIRMAÇÃO DE SUA COR E SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO ENQUANTO QUILOMBOLA!

a literatura trouxe muitas
leis e a aprendemos muito
e os valores da quilombola
e aprendemos muitas coisas
boa

EDUCAÇÃO e TRANSFORMAÇÃO



ANEXOS




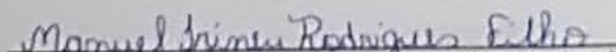
ESTADO DA PARAÍBA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE ALAGOA GRANDE
 SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
 ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL
 FIRMO SANTINO DA SILVA
 Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande – CEP: 58.388-000
 Lei Municipal 707/2001 – INEP: 25117130
 CNPJ: 05.100.472/0001-30

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Estamos cientes da intenção da realização do projeto intitulado "A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" desenvolvida pela aluna Érica Cibelle de Sousa Araújo do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba sob a orientação da Prof^ª Dra. Patrícia Cristina de Aragão.

Alagoa Grande, 24 de Setembro de 2018.


 PREFEITURA MUNICIPAL DE ALAGOA GRANDE
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL
 FIRMO SANTINO DA SILVA
 Rua 30 - Craiana Alagoa Grande - PB
 INEP: 25117130


 Assinatura e carimbo do responsável institucional



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE ALAGOA GRANDE
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
Rua Cônego Firmino Cavalcante, s/n, Centro, Alagoa Grande - PB,
Cep: 58388-000

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Estamos cientes da intenção da realização do projeto intitulado "A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" na Escola Municipal Firmo Santino da Silva, desenvolvida pela aluna Érica Cibelle de Sousa Araújo do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba sob a orientação da Prof^ª Dra. Patrícia Cristina de Aragão.

Alagoa Grande, 21 de Setembro de 2018.

Assinatura e carimbo do responsável institucional

MÔNICA DE FÁTIMA SILVA CAVALCANTE PEREIRA
SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

OBS: menor de 18 anos ou mesmo outra categoria inclusa no grupo de vulneráveis)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Joselinha Bezerra de Almeida Silva em pleno exercício dos meus direitos autorizo a participação do(a) Emily Thais de Almeida Brasil de 77 anos na a Pesquisa "A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB".

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho "A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB". terá como objetivo geral Investigar, no contexto da educação quilombola, como incide a construção da identidade da criança negra e não negra da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande – PB por meio da representação de textos literários afro-brasileiros.

Ao responsável legal pelo (a) menor de idade só caberá a autorização para que realizemos alguns instrumentos de coletas de dados como preenchimento de questionários, bem como, registros fotográficos para o momento de realização das ações e, não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O Responsável legal do menor participante da pesquisa poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários

deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 3315-3373 com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual da Paraíba, junto a Conep- Plataforma Brasil

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

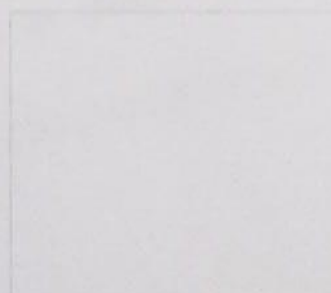
Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do Pesquisador Responsável Érica Cibelle de S. Araújo

Assinatura do responsável Josénilda Bezerra de Almeida S. Brasil
legal pelo menor

Assinatura do menor de idade Emily Thaís de Almeida Brasil

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do participante da pesquisa).



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Freswille dos Santos de Araujo, AUTORIZO o(a) Prof(a) Érica Cibelle de Sousa Araújo, coordenador(a) da pesquisa intitulada: A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Érica Cibelle de Sousa Araújo, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 17 de Julho de 2018

Freswille dos Santos de Araujo

Assinatura do participante da pesquisa

Érica Cibelle de Sousa Araújo

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR
RESPONSÁVEL EM CUMPRIR OS TERMOS DA RESOLUÇÃO
466/12 DO CNS/MS**

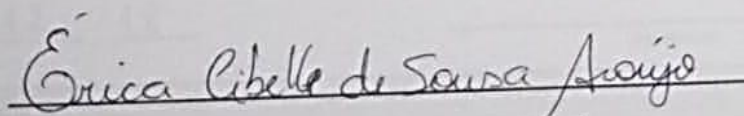
Pesquisa: A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB

Eu, Érica Cibelle de Sousa Araújo, estudante do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, portador(a) do RG: 3029661 SSDS-PB e CPF: 070.160.644-41, comprometo-me em cumprir integralmente as diretrizes da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

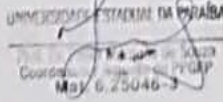
Por ser verdade, assino o presente compromisso.

Campina Grande - PB, 14 de dezembro de 2018.


Pesquisador (a) responsável

MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Título do Projeto de Pesquisa: IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIOLLOS-PB			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 20			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: ERICA CIBELLE DE SOUSA ARAUJO			
6. CPF: 070.160.644-41		7. Endereço (Rua, n.º): Rua Ernesto Cavalcante, 436 Centro Casa ALAGOA GRANDE PARAIBA 58388000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 83991452772	10. Outro Telefone:
		11. Email: erica.cibelle@hotmail.com	
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: <u>14 / 12 / 18</u>		<u>Erica Cibelle de Sousa Araujo</u> Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB		13. CNPJ: 12.671.814/0001-37	14. Unidade/Orgão:
15. Telefone: (83) 3315-3373		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autoriza sua execução.			
Responsável: <u>Fábio Marques de Souza</u>		CPF: <u>214.857.258-01</u>	
Cargo/Função: <u>Coordenador Adjunto</u>			
Data: <u>14 / 12 / 18</u>		Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA

Titulo da Pesquisa: A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB

Eu, Patrícia Cristina de Aragão, Professora do Programa de Pós-Graduação em Formação de professores da Universidade Estadual da Paraíba, portador(a) do RG: 941371SSP-PB e CPF: 395233064-72, declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em acompanhar seu desenvolvimento no sentido de que se possam cumprir integralmente as diretrizes da Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande, 14 de dezembro de 2018

Patrícia Cristina de Aragão

Pesquisador Responsável

Orientador

Érica Cibelle de Sousa Araújo

Orientando

**TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR
RESPONSÁVEL EM CUMPRIR OS TERMOS DA RESOLUÇÃO
466/12 DO CNS/MS**

**Pesquisa: A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A
REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS
EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB**

Eu, Érica Cibelle de Sousa Araújo, estudante do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, portador(a) do RG: 3029661 SSSDS-PB e CPF: 070.160.644-41, comprometo-me em cumprir integralmente as diretrizes da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

Campina Grande - PB, 14 de dezembro de 2018.

Érica Cibelle de Sousa Araújo
Pesquisador (a) responsável

Termo de Assentimento (TA)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB". Neste estudo pretendemos: Investigar, no contexto da educação quilombola, como incide a construção da identidade da criança negra e não negra da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande – PB por meio da representação de textos literários afro-brasileiros. O motivo que nos leva a estudar esse assunto partiu da necessidade de averiguar como as crianças de 5º ano, inseridas na escola quilombola Firmo Santino da Silva, sejam negras ou não-negras, de Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande-PB, constroem sua identidade perante a representação propiciada a partir de textos e obras literárias de temática afro-brasileira, visto que torna-se necessário, no contexto escolar quilombola, o debate sobre as questões étnico-raciais de pertencimento histórico e cultural e afirmação de sua etnia. Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): observação, entrevista semiestruturada, preenchimento de questionários, catalogação de títulos literários afro-brasileiros e elaboração de um caderno pedagógico contendo ações/atividades/oficinas. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autônizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização, no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada, sendo que seu nome ou o material que indique sua participação será mantido em sigilo. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Este termo foi elaborado em conformidade com o Art. 228 da Constituição Federal de 1988; Arts. 2º e 104 do Estatuto

da Criança e do Adolescente; e Art. 27 do Código Penal Brasileiro; sem prejuízo dos Arts. 3º, 4º e 5º do Código Civil Brasileiro.

Eu, Genilson Pereira da Nascimento, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações junto ao pesquisador responsável listado abaixo ou com a acadêmica Érica Cibelle de Sousa Araújo, telefone: (83) 99145-2772 ou ainda com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual da Paraíba, telefone (83) 3315-3373. Estou ciente que o meu responsável poderá modificar a decisão da minha participação na pesquisa, se assim desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Alagoa Grande, 17 de outubro de 2018.

Genilson Pereira da Nascimento
Assinatura do(a) menor ou impressão dactiloscópica.

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do participante da pesquisa).

Assinatura: Genilson Pereira da Nascimento
Nome legível: _____
Endereço: rua Maria de Nazaré
RG: _____
Fone: _____
Data: 17/10/18

Érica Cibelle de S. Araújo
Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, DIOCELIO OTILIO BEZERRA, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Érica Cibelle de Sousa Araújo a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

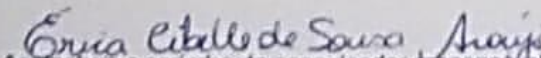
Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a) da pesquisa Érica Cibelle de Sousa Araújo e após esse período, serão destruídos e,
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução N.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 30 de janeiro de 19


Assinatura do participante da pesquisa


Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Diocélio Otávio Bezerra, AUTORIZO o(a) Prof(a) Érica Cibelle de Sousa Araújo, coordenador(a) da pesquisa intitulada: A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

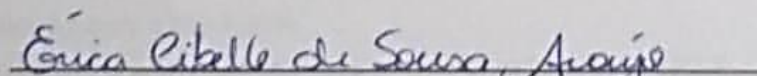
O pesquisador responsável Érica Cibelle de Sousa Araújo, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 30 de janeiro de 19.


Assinatura do participante da pesquisa


Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE DIRECIONADO PARA PROFESSORES (AS)

O (a) Senhor (a) ou você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada "A IDENTIDADE DA CRIANÇA QUILOMBOLA E A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM CAIANA DOS CRIoulos-PB", que tem como pesquisadora responsável a Mestranda ÉRICA CIBELLE DE SOUSA ARAÚJO, responsável, número de tel: (83) 99145-2772 e e-mail: erica.cibelle@hotmail.com. O motivo que nos leva a estudar esse assunto parte do desejo em observar e entender como as crianças negras e não negras de turmas de 4º e 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, inseridas na escola quilombola Firmo Santino da Silva, se percebem e autorepresentam, no ponto de vista étnico-racial, o seu universo contextual através de sua identidade e representações que constroem sobre si própria, tendo como aporte os textos literários infantis com conteúdos afro-brasileiros que envolvem personagens negros na contribuição na sala de aula para a construção de suas identidades.

Os objetivos do estudo são:

OBJETIVO GERAL

- Investigar, no contexto da educação quilombola, como a criança negra e não negra dos anos iniciais da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande – PB constrói sua representação identitária em relação ao seu pertencimento étnico, através dos textos literários afro-brasileiros.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Discutir sobre a educação quilombola no contexto das relações étnico-raciais em interfaces dialógicas com as discussões acerca da identidade, representação e infância;
- Verificar como a Literatura Infantil Afro-brasileira contribui, no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola quilombola, para a construção da identidade da criança negra e não negra;
- Propor um caderno pedagógico através de ações com oficinas temáticas com a utilização de textos literários afro-brasileiros para crianças do 4º e 5º ano da Escola Firmo Santino da Silva em Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande – PB.

A pesquisa será realizada na escola quilombola Firmo Santino da Silva na comunidade de Caiana dos Crioulos em Alagoa Grande – PB, na qual, a pesquisadora passará a ser o instrumento-chave analisando seus dados indutivamente. A pesquisa se desenvolverá a partir de algumas etapas de estudo e análise de diferentes fontes bibliográficas e documentais, bem como a partir da aplicação de alguns instrumentos de coleta de dados – entrevista semiestruturada e questionário, que serão essenciais para compreensão de nosso objeto de estudo. Os/as participantes da referida pesquisa serão as crianças das turmas do 4º e 5º Ano dos anos iniciais do ensino fundamental do turno da manhã da referida escola, bem como, as professoras regentes destas. Os instrumentos de coleta de dados serão uma entrevista semiestruturada com as professoras do 4º e 5º ano, como também a aplicação de um questionário com as crianças dessas turmas, com o propósito de perceber como é realizado o trabalho pedagógico por meio da literatura afro-brasileira em sala de aula. Por meio de uma pesquisa-ação, será realizada uma intervenção direta na sala de aula, através de planejamentos e ações educativo-pedagógicas, no contexto da coleta de dados, para possibilitar a percepção de como as crianças da escola se posicionam com relação a sua etnia, identidade e se como se referem a si próprias na comunidade, a partir da utilização de textos/obras literárias afro-brasileiras por intermédio do trabalho docente nesse processo, na recriação e afirmação de suas próprias histórias.

Fui informado (a) que a pesquisa pode oferecer riscos aos participantes, mas será delimitado considerando que se manterá o compromisso da não identificação dos sujeitos da pesquisa, por consequência, a confidencialidade das informações.

Fui informado (a) que a pesquisa poderá trazer benefícios apresentando contribuições para a construção e afirmação identitária da criança negra e não-negra e na formação da prática docente para o contexto da história da educação quilombola e dos estudos étnicos-raciais nos anos iniciais do ensino fundamental, como também, para o campo da educação e pesquisas em mestrados, trazendo novos olhares para a pós-graduação brasileira, a partir da temática explorada.

O pesquisador me garantiu:

- L. Que a minha participação é inteiramente voluntária e não remunerada.
- L. Que não sofrerei nenhum tipo de prejuízo ou penalização, caso eu não concorde em participar do estudo ex.: se o Sr (a) não concordar em participar do estudo, seu tratamento no hospital, clínica ou atendimento no geral não será alterado.

- L. Que poderei me recusar a responder qualquer pergunta, como também recusar-se a submeter a algum procedimento;
- L. Contemplar que as entrevistas serão gravadas após consentimento do voluntário.
- L. Que terei acompanhamento, assistência durante a realização da pesquisa;
- L. Que não terei nenhuma despesa por participar desta pesquisa e também não receberei pagamento algum. Entretanto, caso necessite me deslocar por causa exclusivamente da pesquisa, ou tenha algum prejuízo financeiro devido a participação do estudo, serei ressarcido.
- L. Fui informado (a) que caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da minha participação da pesquisa, serei indenizado (a).
- L. Fui informado (a) que caso eu tenha dúvidas em relação aos aspectos éticos, eu poderei consultar a equipe científica no número (083) 3315-3373 com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual da Paraíba, junto a Conep- Plataforma Brasil.
- L. Fui informado (a) que as informações que foram coletadas serão utilizadas apenas para a pesquisa e poderão ser divulgadas em eventos e publicações científicas, porém minha identificação será resguardada.
- L. Fui informado (a) que esse termo de consentimento foi elaborado em duas vias, sendo uma via para o participante da pesquisa e outra para o (a) pesquisador(a) responsável;

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato, assino e rubrico este termo de consentimento livre e esclarecido.

Campina Grande, 30 de 01 de 19.

Érica Cibello de Sousa Araújo
Pesquisador Responsável

Divaldo Roberto Marques
Professor (a)

Monuel Jimes Rodrigues
Testemunha